

L. M. MONTGOMERY

ANNE

• DE •

GREEN GABLES



autêntica

TRADUÇÃO Márcia Soares Guimarães

O livro que
inspirou a série
da **NETFLIX**
"Anne With an E"



ANNE
• DE •
GREEN GABLES

● CLÁSICOS. AUTÉNTICA ●



Outros títulos da coleção



25 contos de Machado de Assis

Nádia Mattella Gaidin

Kim

Rudyard Kipling

Memórias de um burro

Condessa de Séguir

O castelo encantado

Edith Nesbit

O diário de Cian Burrasca

Vamba

Cuore

Edmondo de Amicis

O cão dos Baskerville

Arthur Conan Doyle

Viagens de Gulliver

Jonathan Swift

A escrava Isaura

Bernardo Guimarães

A ilha do tesouro

Robert Louis Stevenson

A volta ao mundo em 80 dias

Júlio Verne

As aventuras de Tom Sawyer

Mark Twain

Clara dos Anjos

Lima Barreto

Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

Alice através do espelho

Lewis Carroll

Peter Pan

J. M. Barrie

O Mágico de Oz

L. Frank Baum

**Heidi, a menina
dos Alpes (2 vol.)**

Johanna Spyri

As mais belas histórias (2 vol.)

Andersen, Grimm, Perrault

Pollyanna

Eleanor H. Porter

Pollyanna moça

Eleanor H. Porter

L. M. MONTGOMERY

ANNE
• DE •
GREEN GABLES



Tradução: Márcia Soares Guimarães

autêntica

Copyright © 2019 Autêntica Editora

Título original: *Anne of Green Gables*

Fonte: The Annotated Anne of Green Gables. 1997, New York, Oxford, Oxford University Press. Edited by Wendy E. Barry, Margaret Anne Doody and Mary E. Doody Jones.

Fonte digital: www.gutenberg.org

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDIÇÃO GERAL E PREPARAÇÃO DE TEXTO

Sonia Junqueira

REVISÃO

Bruna Emanuele Fernandes

Júlia Sousa

CAPA

Diogo Droschi (sobre esculturas de papel de Marcelo Bicalho)

DIAGRAMAÇÃO

Guilherme Fagundes

ILUSTRAÇÕES DE PÁGINA INTEIRA

M.A. e W. A. J. Claus

Dados Internacionais de Catalogação na

Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942.

Anne de Green Gables / Lucy Maud Montgomery ; ilustração M. A. e W. A. J. Claus ; tradução Márcia Soares Guimarães. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

Título original: *Anne of Green Gables*.

ISBN 978-85-513-0600-0

1. Literatura infantojuvenil I. M. A. II. Claus, W. A. III. Título. IV. Série.
19-27226 CDD-028.5

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

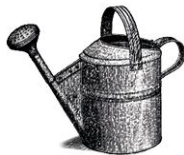
Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br





- Capítulo I – A senhora Rachel Lynde se surpreende
Capítulo II – Matthew Cuthbert se surpreende
Capítulo III – Marilla Cuthbert se surpreende
Capítulo IV – Manhã em Green Gables
Capítulo V – A história de Anne
Capítulo VI – Marilla toma uma decisão
Capítulo VII – Anne faz sua prece
Capítulo VIII – Começa a educação de Anne
Capítulo IX – A senhora Rachel Lynde fica horrorizada
Capítulo X – Anne se desculpa
Capítulo XI – Impressões de Anne sobre a escola dominical
Capítulo XII – Uma promessa solene
Capítulo XIII – As delícias da expectativa
Capítulo XIV – A confissão de Anne
Capítulo XV – Uma “tempestade em copo d’água” na escola
Capítulo XVI – Diana é convidada para um chá com resultados trágicos
Capítulo XVII – Um novo interesse na vida
Capítulo XVIII – Anne presta socorro
Capítulo XIX – Um concerto, uma catástrofe e uma confissão
Capítulo XX – Uma boa invenção que acabou mal

Capítulo XXI – Uma nova experiência em condimentos
Capítulo XXII – Anne é convidada para um chá
Capítulo XXIII – Anne fracassa em uma questão de honra
Capítulo XXIV – A senhorita Stacy e seus alunos organizam um show
Capítulo XXV – Matthew insiste em mangas bufantes
Capítulo XXVI – O clube de histórias é criado
Capítulo XXVII – Vaidade e aflição de espírito
Capítulo XXVIII – Uma infeliz Donzela dos Lírios
Capítulo XXIX – Um marco na vida de Anne
Capítulo XXX – O curso preparatório para o exame da Queen's Academy
Capítulo XXXI – Onde o riacho se junta ao rio
Capítulo XXXII – A lista de aprovados é divulgada
Capítulo XXXIII – O show no hotel
Capítulo XXXIV – Uma aluna da Queen's Academy
Capítulo XXXV – O inverno na Queen's
Capítulo XXXVI – A glória e o sonho
Capítulo XXXVII – O ceifador cujo nome é morte
Capítulo XXXVIII – A curva na estrada



A senhora Rachel Lynde morava exatamente no ponto em que a estrada principal de Avonlea descia rumo a um pequeno vale, rodeado por bétulas e brincos-de-princesa e atravessado por um riacho cuja nascente ficava lá atrás, em um bosque, na propriedade do velho senhor Cuthbert. Esse riacho era um curso de água veloz e intrincado em seu percurso pelo bosque, com cascatas e poços secretos e sombrios. Entretanto, quando se aproximava do vale da família Lynde, o riacho ficava tranquilo e bem-comportado, pois nem mesmo um mero curso de água poderia passar diante da porta da senhora Rachel Lynde sem o devido respeito ao decoro e à decência. E é bastante provável que o riacho estivesse ciente de que a senhora Rachel estaria sentada perto da janela, mantendo os olhos bem atentos a tudo e a todos que passassem por ali – fossem riachos, crianças ou qualquer outra coisa –, e que, caso ela

percebesse algo estranho ou fora do lugar habitual, nunca descansaria enquanto não descobrisse tudo a respeito.

Havia muita gente no pequeno povoado de Avonlea – e fora dele – que gostava de bisbilhotar a vida dos vizinhos, mesmo que para isso fosse preciso negligenciar os próprios assuntos; mas a senhora Rachel era uma daquelas criaturas capazes de cuidar de seus afazeres e ainda tomar conta da vida das outras pessoas. Ela era uma excelente dona de casa; sempre cumpria suas obrigações, e fazia isso muito bem. “Administrava” o Grupo de Costura, ajudava na gerência da escola dominical e era quem dava o mais valioso suporte para a Sociedade de Ajuda Humanitária da Igreja e ao Instituto para Missões Estrangeiras.

No entanto, com todas essas ocupações, a senhora Rachel ainda tinha tempo mais do que suficiente para permanecer durante horas sentada perto da janela de sua cozinha, tricotando colchas (já tinha feito dezesseis delas, como as donas de casa de Avonlea costumavam contar, sempre com muita admiração) e mantendo os olhos sempre bem atentos à estrada principal, que atravessava o vale e subia sinuosamente a colina íngreme e avermelhada mais adiante. Como Avonlea ocupava uma pequena península triangular no golfo de Saint Lawrence, com água dos dois lados, qualquer pessoa que entrasse ou saísse do povoado teria de passar por aquela estrada e, portanto, submeter-se ao julgamento severo e invisível de olhos que tudo viam.

E era assim que a senhora Rachel se encontrava certa tarde, no início do mês de junho. Os raios quentes e brilhantes do sol entravam pela janela; o pomar, na encosta abaixo da casa, estava coberto de flores brancas e cor-de-rosa, sobre as quais voavam e zumbiam muitas abelhas. Thomas Lynde – um homem pequeno e dócil, a quem o povo de Avonlea se referia como “o marido de Rachel Lynde” – estava plantando, na encosta da colina, no terreno atrás do celeiro, suas últimas sementes de nabo. E era quase certo que Matthew Cuthbert também estivesse semeando as dele no grande campo vermelho ao lado do riacho, bem mais à frente, na propriedade chamada Green Gables. A senhora Rachel sabia disso porque tinha

escutado, no fim da tarde do dia anterior – na loja de William J. Blair, em Carmody – Matthew dizer a Peter Morrisson que plantaria suas sementes de nabo naquele horário. Obviamente, Peter havia perguntado isso a ele, pois nunca se soube de nenhuma ocasião em que Matthew Cuthbert tivesse oferecido, por sua própria iniciativa, alguma informação sobre qualquer coisa relativa a sua vida.

No entanto, contrariando a previsão da senhora Rachel, lá estava Matthew Cuthbert, às três e meia da tarde de um dia de trabalho, atravessando o vale e subindo tranquilamente a colina do outro lado. E, ainda mais surpreendentemente, usando uma camisa de colarinho branco e seu melhor terno, o que era uma prova incontestável de que ele sairia de Avonlea. Além disso, viajava em sua charrete puxada pela égua alazã, o que significava que percorreria uma distância considerável. Ora, aonde Matthew Cuthbert estava indo, e por que se dirigia para tal lugar?

Caso se tratasse de qualquer outro homem em Avonlea, a senhora Rachel teria hábil e rapidamente chegado a uma ótima dedução que responderia plenamente a essas duas perguntas. No entanto, era tão raro Matthew sair de Green Gables que, sem dúvida nenhuma, ele estava fazendo aquilo por alguma razão realmente importante e extraordinária. Ele era o homem mais tímido que já existiu no povoado e odiava ter de ficar entre estranhos ou ir a qualquer lugar em que precisasse conversar. Portanto, ver Matthew Cuthbert elegantemente vestido, trajando colarinho branco e guiando a charrete era algo que não acontecia com frequência. E, por mais que a senhora Rachel se esforçasse, ela não conseguia chegar a nenhuma conclusão sobre aquilo, o que acabou por estragar sua diversão daquela tarde.

“Vou a Green Gables depois do chá; preciso descobrir, com a ajuda de Marilla, onde ele foi e por que motivo”, a digna senhora finalmente decidiu. “Geralmente, ele não vai à cidade nessa época do ano e *nunca* visita ninguém. Se estivesse precisando de mais sementes de nabo, não teria se vestido tão bem nem sairia na charrete, só para buscar mais. Mas também não estava indo rápido o suficiente para alguém supor que

pretendia procurar um médico. De fato, alguma coisa deve ter acontecido a partir da noite passada, para fazer com que ele saísse daquele jeito. Estou mesmo muito intrigada, essa é a verdade; não vou ter um minuto de paz ou sossego enquanto não souber o que levou Matthew Cuthbert a sair assim de Avonlea hoje.”

Então, conforme havia planejado, a senhora Rachel partiu depois do chá. Não precisava ir muito longe: a casa onde os irmãos Cuthbert moravam – grande, construída sobre uma área irregular e cercada por um pomar – ficava a menos de quinhentos metros acima do vale da família Lynde. No entanto, é preciso admitir que uma longa alameda deixava o caminho bem mais longo. Quando estabelecera sua propriedade, o pai de Matthew Cuthbert – tão tímido e calado quanto o filho – tinha construído a residência o mais longe possível de seus vizinhos, sem, no entanto, invadir o bosque. Green Gables foi construída na extremidade mais distante da área aberta e sempre permaneceu ali, quase invisível para quem estivesse na estrada principal, ao longo da qual todas as outras casas de Avonlea estavam tão sociavelmente situadas. Na opinião da senhora Rachel Lynde, viver naquele local afastado não era, de maneira nenhuma, *viver*.

– Isso é apenas *ficar*, essa é a verdade – ela disse para si mesma, enquanto caminhava pela antiga alameda coberta de relva e ladeada por arbustos de rosas silvestres. – Não é de admirar que Matthew e Marilla sejam ambos meio esquisitos... morando sozinhos aqui atrás... Árvores não são boa companhia; porém, se fossem, eles certamente estariam muito bem acompanhados. Não, eu prefiro ver pessoas. Mas, sem dúvida, eles parecem suficientemente satisfeitos; acho que estão acostumados a isso. Um ser humano pode se habituar a tudo, até mesmo a ser enforcado, como diz aquele provérbio sobre os irlandeses.

Nesse momento, a senhora Rachel saiu da alameda e entrou no quintal atrás de Green Gables. Era uma área muito verde, limpa e bem-cuidada, com grandes e respeitáveis salgueiros de um lado e imponentes álamos negros do outro. Não havia sequer um pedaço de galho seco ou uma pedra fora do lugar, pois, se houvesse, a senhora Rachel certamente teria visto.

Particularmente, ela achava que Marilla Cuthbert varria aquele quintal tão frequentemente quanto varria sua casa, pois estava claro que seria possível comer uma refeição, colocada diretamente sobre aquele chão, sem, contudo, ingerir nenhuma sujeira.

Educadamente, a senhora Rachel deu uma batida rápida na porta, e entrou quando Marilla autorizou. A cozinha de Green Gables era um cômodo alegre – ou, pelo menos, seria, se não fosse tão dolorosamente limpo, a ponto de ter uma aparência similar à de um lugar que nunca foi usado. As duas janelas davam vista para o leste e para o oeste, respectivamente; através da que mostrava o oeste, pela qual era possível ver o quintal, entrava um feixe da luz suave do sol de junho. Já pela do leste, podiam ser avistadas as flores brancas das cerejeiras do pomar à esquerda e, mais adiante, bétulas delgadas nas margens do riacho, que atravessava o vale verdejante e coberto por um emaranhado de videiras. Era perto dessa janela que Marilla Cuthbert se sentava, o que raramente acontecia, pois estava sempre ligeiramente desconfiada dos raios de sol, que lhe pareciam demasiadamente dançantes e irresponsáveis, em um mundo que deveria ser levado bem mais a sério. Entretanto, naquele momento, lá estava ela, sentada, tricotando.

A mesa, que ficava atrás de onde Marilla se encontrava, já estava posta para o jantar, e, antes de fechar completamente a porta, a senhora Rachel já tinha feito uma nota mental de tudo o que estava sobre ela. Havia três pratos distribuídos, indicando que sua vizinha esperava que alguém viesse com Matthew para a refeição. Porém, eram pratos de uso diário, e havia sobre a mesa apenas geleia de maçã silvestre e um só tipo de bolo; portanto, a pessoa esperada não era ninguém especial. Então, por que Matthew usava colarinho branco e saiu em sua charrete puxada pela égua alazã? A senhora Rachel já estava ficando tonta com esse enigma incomum na pacata e nada misteriosa Green Gables.

– Boa tarde, Rachel – Marilla falou imediatamente. – A tarde está realmente bonita hoje, não acha? Não quer se sentar? Como vai sua família?

Algo que, por falta de outro nome, poderia ser chamado de amizade, existia, e sempre havia existido, entre Marilla Cuthbert e a senhora Rachel, apesar – ou talvez por causa – de suas diferenças.

Marilla era uma mulher alta e magra, com muitos ângulos e nenhuma curva; seu cabelo escuro apresentava algumas mechas grisalhas e estava sempre penteado, formando um pequeno coque atrás da cabeça, preso muito firmemente por dois grampos de metal. Parecia uma mulher pouco experiente e muito rígida, o que ela realmente era. Entretanto, havia, às vezes, uma expressão em sua boca que, se tivesse sido um pouco mais praticada, poderia ser indicativa de algum senso de humor.

– Estamos muito bem – a senhora Rachel respondeu. – Mas, quando vi Matthew sair hoje, tive receio de que *você* não estivesse bem. Pensei que talvez ele estivesse indo em busca do médico.

Os lábios de Marilla se contraíram, demonstrando que ela já esperava por aquela pergunta. Ela sabia que a senhora Rachel viria, pois a visão de Matthew partindo daquela maneira tão inexplicável seria estímulo demais para a curiosidade de sua vizinha.

– Oh, não, estou perfeitamente bem, embora tenha tido uma dor de cabeça bastante desagradável ontem – disse. – Matthew foi a Bright River. Vamos adotar um garoto de um orfanato em Nova Escócia, e ele vem no trem de hoje à tarde.

Se Marilla tivesse falado que Matthew tinha ido a Bright River se encontrar com um canguru australiano, a senhora Rachel não teria ficado tão perplexa; na verdade, a mulher ficou paralisada por uns cinco segundos. Embora fosse absolutamente impensável que Marilla estivesse zombando dela, a senhora Rachel foi quase forçada a supor isso.

– Está falando sério, Marilla? – perguntou, assim que sua voz retornou.

– Sim, claro – Marilla respondeu naturalmente, como se adotar garotos de um orfanato em Nova Escócia fizesse parte de uma rotina normal de primavera em qualquer fazenda bem-administrada de Avonlea, e não uma inovação da qual nunca se tinha ouvido falar.

A senhora Rachel sentiu que havia recebido um severo golpe mental. Seus pensamentos eram só exclamações: “Um garoto! De um orfanato! Ora, com certeza, o mundo está virado de cabeça para baixo! Depois disso, nada mais me surpreenderia! Nada!”.

– Afinal de contas, como foi que essa ideia veio parar na sua cabeça, Marilla? – ela perguntou, com tom de completa reprovação. Afinal, aquela decisão havia sido tomada sem que sua opinião fosse consultada e, por isso, era digna de reprovação.

– Bem, já vínhamos pensando nisso há algum tempo... Melhor dizendo, durante todo o inverno – Marilla explicou. – A senhora Alexander Spencer esteve aqui um dia antes do Natal e nos contou que, na primavera, ia trazer uma garotinha do orfanato de Hopeton. A prima dela mora lá, e a senhora Spencer visitou esse orfanato; ela sabe tudo sobre ele. Desde então, Matthew e eu começamos a falar sobre isso, de tempos em tempos. Pensamos em buscar um garoto. Matthew está envelhecendo, sabe como é... Já tem 60 anos... Não é mais tão ágil como era antes e, além do mais, está com problemas sérios no coração. Você sabe como é desesperadamente difícil contratar trabalhadores para nos ajudar: nunca se acha ninguém, a não ser aqueles adolescentes franceses estúpidos. E, assim que você consegue ensiná-los a fazer as coisas do jeito apropriado, vão embora para trabalhar nas fábricas de carne de lagosta enlatada, ou se mudam para os Estados Unidos. No início, Matthew sugeriu que trouxéssemos um rapaz da Inglaterra, mas eu disse “não” categoricamente. “Eles podem ser bons... não estou dizendo que não são... mas não quero meninos de rua londrinos”, falei com ele. “Ao menos, que seja um garoto nascido aqui. De qualquer modo, vamos correr um risco, mas vou me sentir mentalmente melhor, e dormir melhor à noite, se tivermos conosco um rapazinho canadense.” Por fim, decidimos pedir à senhora Spencer que escolhesse um para nós quando ela fosse buscar sua menina. E, na semana passada, quando soubemos que ela estava indo, lhe enviamos uma mensagem – pelos parentes de Richard Spencer que vivem em Carmody –, na qual pedíamos que nos mandasse um garoto apropriado e esperto, de 10

ou 11 anos. Decidimos que essa seria a melhor idade: suficientemente crescido para ser logo útil no cumprimento das tarefas e, ao mesmo tempo, suficientemente jovem para ser treinado adequadamente. Pretendemos lhe oferecer um lar e uma boa educação. Então, hoje, o carteiro trouxe da estação ferroviária um telegrama da senhora Alexander Spencer dizendo que eles viriam no trem das 17h30; por isso, Matthew foi a Bright River: para buscar o garoto. Depois de deixá-lo lá, a senhora Spencer vai seguir com a menina para a estação de White Sands.

Como a senhora Rachel tinha orgulho de sempre dizer francamente o que pensava, foi o que ela fez naquele momento, após haver definido mentalmente qual seria sua reação diante daquela notícia surpreendente.

– Escute, Marilla, vou lhe dizer sinceramente que acho isso uma grande besteira... É uma atitude arriscada, essa é a verdade. Você não sabe o que está fazendo. Está trazendo uma criança desconhecida para dentro de sua casa... de seu lar. Não sabe nada sobre esse garoto, nem sobre seu temperamento, muito menos que tipo de pais ele teve, ou em que espécie de pessoa ele pode se transformar. Ora, ainda na semana passada, li no jornal que um homem e sua esposa, moradores do oeste da ilha, levaram para seu lar um menino de um orfanato, e, durante a noite, o garoto pôs fogo na casa... e fez isso *de propósito*, Marilla... quase transformou o casal em carvão... em sua própria cama! E sei também de outro caso em que um menino adotado costumava chupar todos os ovos da casa... e ninguém nunca conseguiu lhe tirar esse hábito. Se você tivesse me pedido um conselho... o que você não fez, Marilla... eu teria lhe dito para, por tudo o que há de mais sagrado, nem pensar em fazer uma coisa dessas... essa é a verdade.

Contudo, tais comentários “reconfortantes” pareceram não ofender nem alarmar Marilla, que continuou a tricotar tranquilamente.

– Não nego que o que está dizendo tenha algum fundamento, Rachel. Eu mesma tive algumas inquietações a esse respeito. Mas Matthew estava totalmente decidido. Vi isso claramente e, portanto, resolvi ceder. É tão raro Matthew cismar com alguma coisa que, quando isso acontece, sempre

acho que tenho a obrigação de concordar com ele. Quanto aos riscos, eles existem em praticamente qualquer coisa que seja feita neste mundo. Se pensarmos bem, há riscos até em se ter filhos próprios... nem sempre eles se tornam boas pessoas. Além disso, Nova Escócia é muito perto de nossa ilha. Não é como se estivéssemos trazendo o garoto da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Portanto, ele não pode ser muito diferente de nós mesmos.

– Bem, espero que tudo dê certo – disse a senhora Rachel, com um tom de voz que mostrava claramente suas tristes dúvidas. – Mas não diga que não avisei, caso o menino incendeie Green Gables ou jogue veneno no poço... Ouvi contar uma história que aconteceu em New Brunswick, onde uma criança de um orfanato fez isso e toda a família morreu, e com muito sofrimento; só que, nesse caso, era uma menina.

– Ora, não estamos trazendo uma menina – Marilla afirmou, como se envenenar poços fosse um comportamento exclusivamente feminino e, por isso, não fosse necessário temer que um menino fizesse isso. – Eu jamais pensaria em trazer uma garota para criarmos. Acho até admirável a senhora Alexander Spencer fazer isso, mas, pensando bem, ela não hesitaria em adotar até um orfanato inteiro, se pusesse essa ideia na cabeça.

A senhora Rachel gostaria de permanecer ali até Matthew voltar com seu órfão importado, mas, ao concluir que ainda teria de esperar umas duas horas, decidiu subir a rua para contar a novidade ao senhor Bell, o superintendente. Certamente, isso causaria uma sensação sem precedentes no povoado, e a senhora Rachel realmente adorava causar sensação. Sendo assim, foi embora, deixando Marilla um tanto aliviada, pois havia sentido suas dúvidas e medos renascerem por influência do pessimismo da vizinha.

– Por tudo o que há nesse mundo – a senhora Rachel murmurou, quando já se sentia em segurança na alameda –, parece até que estou sonhando... Ora, tenho é pena desse pobre garoto, muita pena. Marilla e Matthew não sabem nada sobre crianças e esperam que ele seja mais sábio e mais

equilibrado que seu próprio avô, se é que ele algum dia teve um avô, o que é duvidável. De qualquer modo, acho esquisito imaginar uma criança em Green Gables. Nunca houve nenhuma nesse lugar... Matthew e Marilla já eram crescidos quando a casa nova foi construída... Se é que algum dia eles foram crianças, o que também é difícil acreditar ao olharmos para eles. Não queria estar no lugar desse órfão por nada... oh, tenho muita pena dessa criança... Essa é a verdade!

Foi isso que a senhora Rachel falou, do fundo de seu coração, para os arbustos de rosas silvestres. Mas se ela pudesse ter visto a criança que esperava pacientemente na estação ferroviária de Bright River, naquele exato momento, sua piedade seria ainda maior e mais profunda.



*M*atthew Cuthbert e a égua alazã trotavam confortavelmente sobre os quase treze quilômetros de estrada até Bright River. Era uma estrada bonita, margeada por propriedades rurais bem-cuidadas e, ocasionalmente, atravessada por um bosque de abetos* ou um vale onde havia ameixas silvestres pendentes em galhos cobertos de flores. O ar estava perfumado com o doce aroma dos muitos pomares de macieiras, e os prados distantes estavam cobertos por uma névoa semelhante a um manto púrpura e pérola. Enquanto isso,

*os passarinhos cantavam como se aquele fosse
o único dia de verão em todo o ano—***

Matthew gostava de viajar assim, à sua maneira, com exceção dos momentos em que encontrava mulheres pelo caminho e tinha de acenar para elas com a cabeça. Era preciso fazer isso, porque, naquela ilha do Canadá – Prince Edward Island –, as pessoas tinham o costume de cumprimentar todos que encontrassem, independentemente de serem conhecidos ou não.

Matthew temia todas as mulheres – com exceção de Marilla e da senhora Rachel –, pois sempre tinha uma sensação desconfortável de que aquelas criaturas misteriosas estavam rindo secretamente dele. E pode até ser que ele estivesse certo quando pensava assim, pois sua aparência era mesmo estranha. Era um homem desajeitado, com cabelos grisalhos tocando os ombros caídos e com uma barba castanha, espessa e macia, que ele cultivava desde os 20 anos de idade. De fato, o aspecto que apresentava aos 20 anos era bem parecido com o que possuía aos 60, não fosse pelo tom agora acinzentado do cabelo.

Quando Matthew chegou a Bright River, não havia nenhum de sinal de trem algum. Pensou que ainda estava cedo e, portanto, amarrou seu cavalo no pátio do pequeno hotel da cidade e se dirigiu à estação ferroviária. A longa plataforma estava quase deserta. A única criatura à vista era uma garota pequena sentada sobre uma pilha de telhas em uma das extremidades dela. Porém, tendo notado que se tratava de uma *menina*, Matthew passou por ela o mais depressa que pôde, sem sequer lhe dirigir um olhar. Se tivesse feito isso, dificilmente deixaria de perceber a tensão e a expectativa que reinavam em sua postura e na expressão de seu rosto. Com certeza, ela estava sentada ali esperando por alguém, ou por alguma coisa, e, como sentar e esperar eram sua única opção naquele momento, ela fazia isso com toda a sua força e energia.

Matthew encontrou o oficial responsável pela estação, que estava fechando a bilheteria e se preparando para ir para casa jantar, e lhe perguntou se o trem das 17h30 ia demorar a passar por ali.

– O trem das 17h30 veio e foi embora há meia hora – o homem, apressado, respondeu. – Mas deixou um passageiro para o senhor... uma

menina. Está sentada ali, sobre as telhas. Pedi que ficasse na sala feminina de espera, mas ela falou que preferia ficar do lado de fora. Disse que aqui havia “mais oportunidades para usar a imaginação”. Ora, eu diria que ela parece uma personagem bastante rara...

– Não estou aguardando uma menina – Matthew afirmou, sem dar muita atenção ao que o homem dizia. – Vim buscar um garoto. Ele deveria estar aqui. A senhora Alexander Spencer ia trazê-lo de Nova Escócia para mim.

O oficial deu um assovio curto, mostrando-se admirado.

– Imagino que haja algum engano – falou. – A senhora Spencer saiu do trem junto com essa menina e a deixou sob minha guarda. Disse que o senhor e sua irmã estavam adotando a garota; que ela vinha de um orfanato e que o senhor viria buscá-la agora. Isso é tudo o que sei... e não existe nenhum outro órfão escondido por aqui.

– Não estou entendendo nada – afirmou Matthew, sem saber como agir e desejando que Marilla estivesse por perto para lidar com aquela situação.

– Bem, é melhor o senhor conversar com a menina – o oficial da estação respondeu, calmamente. – Aposto que ela vai saber explicar isso... essa garota *tem* o que dizer, está claro. Talvez eles não tivessem um menino como o que o senhor queria.

Assim dizendo, o homem foi embora rapidamente, pois estava com fome, e deixou o pobre Matthew com a tarefa de fazer o que para ele era mais difícil do que tirar um leão de seu covil, puxando-o pela barba: dirigir-se a uma menina... uma menina desconhecida... uma menina órfã... e lhe perguntar por que ela não era um menino. Lamentando-se internamente, Matthew se virou e se arrastou lentamente pela plataforma, em direção à garota.

Esta tinha começado a observá-lo no momento em que ele passara por ela, e continuava a fazer isso. Matthew não estava olhando para ela e, mesmo se estivesse, não teria visto como a menina era: uma criança de mais ou menos 11 anos de idade, usando um vestido amarelo-acinzentado muito curto, muito apertado e muito feio. Trazia na cabeça um chapéu de

marinheiro marrom, desbotado, e sobre suas costas se estendiam duas tranças grossas de cabelo indiscutivelmente ruivo. Seu rosto era pequeno, pálido, magro e coberto de sardas. A boca era grande, assim como os olhos, que pareciam verdes em algumas luzes e alguns estados de espírito, e cinzas, em outros.

Essas seriam as características vistas por um observador qualquer. Já um observador mais atento teria visto que o queixo era bastante pontiagudo e proeminente; que os olhos grandes eram cheios de ânimo e disposição; que a boca era expressiva e revelava certa doçura; que a testa era alta e larga. Em resumo, nosso observador atento e perspicaz poderia ter concluído que não era uma alma comum que habitava o corpo daquela garota solitária, a quem o tímido Matthew temia ridiculamente.

No entanto, Matthew foi poupado do sofrimento de falar primeiro, pois assim que ela concluiu que ele vinha em sua direção, levantou-se, pegando, com uma das mãos – magras e brancas –, a alça de uma bolsa de viagem velha e surrada, e estendendo a outra para ele.

– Suponho que seja o senhor Matthew Cuthbert, de Green Gables – ela disse, com uma voz peculiarmente clara e doce. – Estou muito contente em ver o senhor. Estava começando a temer que não viesse me buscar e a imaginar todas as coisas que poderiam ter acontecido para impedir sua vinda. Já tinha decidido que, se o senhor não aparecesse hoje, eu caminharia pelos trilhos até aquela cerejeira grande ali na curva e subiria nela, para passar a noite lá. Não sentiria medo algum, e penso até que seria muito agradável dormir em uma cerejeira coberta de flores brancas, sob o luar. O senhor não concorda? Poderia imaginar que estava morando em um salão de mármore, não é verdade? Mas eu tinha certeza de que o senhor viria me buscar amanhã de manhã, se não pudesse vir hoje.

Matthew tinha segurado desajeitadamente aquela mão pequena e magricela e, exatamente naquele lugar e naquele momento, havia resolvido o que faria. Ele não poderia contar para aquela criança de olhos brilhantes que tinha ocorrido um engano. Ele a levaria para casa, onde Marilla falaria com ela. De qualquer modo, a menina não poderia ficar

abandonada em Bright River, fosse qual fosse o erro cometido; portanto, todas as perguntas e explicações deveriam ser adiadas para quando ele estivesse seguramente de volta a Green Gables.

– Desculpe o atraso – ele disse timidamente. – Venha, o cavalo está ali no pátio daquele hotel. Me dê sua bolsa.

– Oh, eu posso carregar – a criança respondeu, alegremente. – Não está pesada. Todos os meus pertences materiais estão dentro dela, mas não está pesada. E se a gente não segurar de determinada maneira, a alça se desprende... Por isso, é melhor eu carregar, porque eu sei exatamente onde é que tenho de pegar. É uma bolsa muito, muito velha. Oh, estou tão contente porque o senhor veio!... Mesmo sabendo que ia ser bom dormir em cima de uma cerejeira... Temos de viajar por um bom tempo, não temos? A senhora Spencer falou que era uma distância de uns treze quilômetros. Estou satisfeita, porque adoro viajar. Oh, é tão maravilhoso pensar que vou morar com o senhor e sua irmã... e pertencer a vocês... Nunca pertenci a ninguém... pelo menos assim, de verdade. O orfanato era horrível. Fiquei lá só quatro meses, mas foi tempo suficiente. Acho que o senhor nunca foi um órfão num orfanato; então, não pode entender como é isso. É pior do que qualquer coisa que puder imaginar. A senhora Spencer falou que eu estava sendo má quando eu disse isso para ela, mas eu não queria ser má. É tão fácil ser má sem saber, não é? Elas eram boas, sabe... as pessoas lá do orfanato. Mas há tão poucas oportunidades para usar a imaginação num orfanato... só mesmo com os outros órfãos. Era muito interessante imaginar coisas sobre eles... Imaginar que a menina que sentava do seu lado era, na verdade, a filha de um conde muito importante, que tinha sido roubada de seus pais quando era muito pequena, por uma enfermeira cruel que tinha morrido antes de poder confessar seu crime. Eu costumava ficar acordada de noite, imaginando essas coisas, porque não tinha tempo pra isso durante o dia. Acho que é por esse motivo que sou tão magra... sou horrivelmente magra, não sou? Não tem nada em cima dos meus ossos. Adoro imaginar que sou bonita e cheia de carne, com curvas nos cotovelos.

A menina parou de falar; em parte, porque já estava sem fôlego, e, em parte, porque chegaram à charrete. Não disse mais nenhuma palavra até deixarem a cidade e descerem uma pequena colina íngreme, um pedaço da estrada cujo solo macio tinha sido escavado tão profundamente que as encostas, ladeadas por cerejeiras floridas e por delgadas bétulas brancas, estavam pouco acima da cabeça deles.

A menina esticou o braço e arrancou um galho da cerejeira que havia trombado em uma parte lateral da charrete.

– Isso não é lindo? Em que aquela árvore inclinada para fora da encosta, toda branca, parecendo uma renda, fez o senhor pensar? – ela perguntou.

– Bem... ah, não sei – Matthew respondeu.

– Ora, uma noiva, claro... Uma noiva toda de branco, com um lindo véu esvoaçante. Nunca vi uma, mas posso imaginar como seria. Não tenho nenhuma esperança de ser uma noiva um dia. Sou tão sem graça que ninguém jamais vai querer se casar comigo... a não ser, talvez, um missionário estrangeiro. Suponho que um missionário estrangeiro não seja muito exigente. Mas realmente espero que um dia eu possa ter um vestido branco. Esse é o meu maior desejo de felicidade na Terra... adoro roupas bonitas!... Nunca tive um vestido bonito em minha vida... pelo menos, não me lembro de nenhum... É claro que isso é um ótimo motivo para desejar um, não é? Posso imaginar que estou vestida maravilhosamente. Hoje de manhã, me senti tão envergonhada de ter que usar esse vestido velho e horroroso... Sabe, todas as órfãs tinham de usar um desses. No inverno passado, um mercador de Hopeton doou para o orfanato quase cem metros desse tecido. Algumas pessoas disseram que foi porque ele não tinha conseguido vender o pano, mas eu prefiro acreditar que foi por bondade de seu coração; o senhor não ia preferir também? Quando subi no trem, senti como se todos estivessem olhando com piedade pra mim. Mas então, simplesmente pus minha imaginação para trabalhar e pensei que estava usando o mais belo vestido azul-claro de seda... Pois quando a gente está *imaginando*, tem de pensar em coisas que valham a pena... não tem razão pra não ser assim... um vestido de seda, um chapéu grande

coberto de flores e com plumas balançando, um relógio de ouro e luvas e botas de pelica. Fiquei alegre imediatamente e apreciei a viagem de trem o máximo que pude. Depois, não senti nenhum enjoo no barco; nem a senhora Spencer, que geralmente fica enjoada. Ela disse que não teve tempo para sentir enjoo, porque tinha de me vigiar para eu não cair do barco. Falou que nunca conheceu ninguém que andasse tanto pra lá e pra cá quanto eu. Mas, se isso impediu que ela ficasse enjoada, foi bom eu ter perambulado, não foi? Tudo o que eu queria era ver todas as coisas que podiam ser vistas naquele barco, pois não sabia quando ia ter outra oportunidade... Olhe! Tem mais uma porção de cerejeiras cheias de flores! Esta ilha é o lugar mais florido de todos os que existem! Já estou amando este lugar... e estou tão contente porque vou morar aqui com o senhor e sua irmã! Sempre ouvi dizer que Prince Edward Island era o lugar mais bonito do mundo, e eu costumava imaginar que estava morando aqui, mas nunca esperei que isso se tornaria realidade um dia. É delicioso quando as coisas que a gente imagina se tornam realidade, não é?... Olhe, aquelas estradas vermelhas são tão engraçadas, não são? Quando entramos no trem, em Charlottetown, e as estradas vermelhas começaram a passar depressa por nós, perguntei à senhora Spencer por que elas eram daquela cor; ela disse que não sabia e pediu, pelo que há de mais sagrado, que eu não fizesse mais nenhuma pergunta; falou que até aquele momento eu provavelmente já tinha feito mil perguntas. Acho que tinha mesmo, mas como é que a gente vai saber as coisas, se não perguntar? E por que as estradas são vermelhas?

– Bem... ah, não sei – Matthew falou.

– É uma das coisas que tenho de descobrir algum dia. Não é maravilhoso pensar em todas as coisas que ainda temos de aprender? Isso só me faz sentir feliz por estar viva... o mundo é tão interessante... Não ia ser nem metade tão interessante se a gente soubesse tudo sobre todas as coisas, não acha? Não iam existir muitas oportunidades para a imaginação, não é? Estou falando demais? As pessoas sempre dizem que eu falo demais. O senhor prefere que eu fique calada? Se disser que sim, eu paro

de falar. Eu *consigo* parar quando decido isso, apesar de ser bastante difícil.

Matthew, para sua própria e grande surpresa, estava se divertindo. Assim como a maioria das pessoas caladas, ele gostava de gente tagarela que se encarregava de manter a conversa sem esperar que ele participasse. Contudo, ele nunca tinha pensado que gostaria da companhia de uma menina. As mulheres eram suficientemente desagradáveis em todos os sentidos, mas as meninas eram piores. Ele detestava o jeito como elas passavam por ele discreta e timidamente, desviando o olhar, como se esperassem que ele as engolissem inteiras, caso se aventurassem a dizer uma só palavra. Assim eram as meninas bem-educadas de Avonlea. No entanto, aquela pestinha sardenta era muito diferente. E, embora fosse um pouco difícil para ele – com sua inteligência meio lenta – acompanhar os rápidos processos mentais dela, Matthew pensou que, “de alguma forma, ele gostava da tagarelice daquela menina”. Portanto, falou, acanhado como de costume:

– Oh, pode falar o tanto que quiser. Eu não me importo.

– Ah, estou tão contente! Sei que o senhor e eu vamos viver muito bem juntos. Sabe, é um grande alívio poder falar quando a gente quer, sem ter de escutar que crianças devem ser vistas, e não ouvidas. Já disseram isso para mim um milhão de vezes. E as pessoas riem de mim porque uso palavras complicadas. Ora, se a gente tem ideias complicadas, tem de usar palavras complicadas para expressar essas ideias, não é?

– Bem... ah, isso parece sensato – Matthew falou.

– A senhora Spencer acha que minha língua está solta na boca. Mas não está... está presa firmemente lá no fundo. Ela disse também que sua casa se chama Green Gables. Perguntei tudo sobre o lugar onde o senhor mora. Ela falou que tem muitas árvores ao redor da casa. Fiquei mais contente do que nunca. Eu simplesmente amo as árvores. Não tinha nenhuma perto do orfanato, só uns poucos, pequenos e pobres arbustos na frente da casa; e ficavam dentro de uma espécie de gaiola pintada de branco. Parecia que elas também eram órfãs... parecia mesmo. Eu tinha vontade de chorar

quando olhava para elas. Então, eu dizia: “Oh, *pobrezinhas!* Se vocês estivessem num bosque grande, com árvores a seu redor, musgos e campânulas crescendo sobre suas raízes, pássaros cantando em seus galhos e um riacho não muito distante, poderiam crescer muito, não poderiam? Mas, no lugar em que estão, não podem. Sei exatamente como se sentem, *arvorezinhas*”. Fiquei triste quando me despedi delas hoje de manhã. A gente se apega tanto a essas coisas, não é? Tem algum riacho perto de Green Gables? Esqueci de perguntar isso pra senhora Spencer.

– Bem... ah, tem um logo abaixo da casa.

– Que ótimo! Morar perto de um riacho sempre foi um dos meus sonhos. Mas nunca achei que isso ia acontecer. Nem sempre os sonhos se tornam realidade, não é? Não seria muito bom se fosse diferente? Agora, estou me sentindo quase totalmente feliz. Só não posso ficar totalmente feliz porque... bem, que cor é essa?

Dizendo isso, a menina pegou uma de suas tranças longas e brilhantes e colocou diante dos olhos de Matthew. Ele não estava nem um pouco acostumado a decidir sobre a tonalidade de tranças de mulheres, mas nesse caso não podia haver muita dúvida.

– É vermelho, não é? – respondeu.

A menina jogou a trança sobre as costas, com um suspiro que pareceu vir do fundo de seu coração e exalar todas as tristezas de todos os tempos.

– Sim, é vermelho – ela falou, resignada. – Agora o senhor já sabe por que eu não posso ser totalmente feliz. Ninguém que possui cabelo ruivo pode. Não me importo muito com as outras coisas... as sardas, os olhos verdes e minha magreza. Consigo me imaginar sem elas. Consigo imaginar que tenho uma pele rosada e olhos da cor de violeta, lindos e brilhantes. Mas *não consigo* me ver sem o cabelo vermelho. Eu me esforço o máximo que posso... falo comigo mesma: “Agora seu cabelo é gloriosamente negro; negro como as asas de um corvo”. Mas não adianta; *sei* o tempo todo que ele é simplesmente ruivo, e isso corta meu coração. Essa tristeza vai me acompanhar pela vida toda. Uma vez, eu li um romance sobre uma garota que teve uma tristeza para a vida toda, mas não

era um cabelo vermelho. Na verdade, seu cabelo era dourado e tinha cachos que caíam sobre sua testa de alabastro. O que é uma testa de alabastro? Nunca consegui descobrir. O senhor pode me dizer?

– Bem... ah, eu... receio que não – respondeu Matthew, que já se sentia um pouco tonto. Estava com a mesma sensação que havia tido uma vez, durante um piquenique em sua juventude impetuosa, quando foi convencido por outro garoto a andar de carrossel.

– Ora, o que quer que seja, deve ser alguma coisa muito boa, porque ela era divinamente bonita. Já imaginou o que deve sentir uma pessoa divinamente bonita?

– Bem... ah, não, nunca – Matthew confessou ingenuamente.

– Eu já, muitas vezes. O que o senhor preferiria ser, se pudesse escolher: divinamente bonito, deslumbrantemente inteligente, ou angelicalmente bom?

– Bem... ah, não sei exatamente.

– Nem eu. Nunca consigo chegar a uma conclusão. Mas isso não faz realmente muita diferença, porque não é provável que um dia eu seja qualquer uma dessas coisas. Pelo menos, é certo que nunca serei angelicalmente boa. A senhora Spencer falou que... Oh, senhor Cuthbert! Oh, senhor Cuthbert!! Oh, senhor Cuthbert!!!

Não era isso que a senhora Spencer havia falado, nem se pode dizer que, naquele momento, a menina tinha caído da charrete, ou que Matthew tinha dito alguma coisa espantosa. Eles haviam apenas feito uma curva na estrada e entrado na “Avenida”.

A “Avenida”, como era chamada pelos habitantes de Newbridge, era um trecho da estrada, com quatrocentos a quinhentos metros de comprimento, completamente coberto por um arco formado de macieiras enormes, que se estendiam amplamente no ar e que foram plantadas, muitos anos atrás, por um velho fazendeiro excêntrico. Acima da cabeça dos dois, havia galhos cheios de flores brancas e perfumadas. Abaixo dos ramos, o ar estava tomado por uma penumbra arroxeadada, e, à frente, bem mais adiante,

era possível vislumbrar o céu pintado pelo pôr do sol, brilhando como o vitral de uma grande janela na extremidade da nave de uma catedral.

Tamanha beleza pareceu ter paralisado a menina. Ela se inclinou para trás na charrete, apertou suas mãos magras diante do corpo e levantou o rosto, encantada com o esplendor das flores brancas. Mesmo quando já tinham passado pela “Avenida” e estavam descendo a longa encosta, rumo a Newbridge, ela não se moveu, nem falou nada. Ainda com a expressão de êxtase no rosto, admirava o pôr do sol ao longe, a oeste, com olhos que viam imagens desfilando esplendidamente naquele cenário brilhante. Atravessaram Newbridge – um vilarejo movimentado, onde cachorros latiam para eles, meninos pequenos gritavam e rostos curiosos apareciam nas janelas para espiá-los – ainda em silêncio. Depois que deixaram mais cinco quilômetros para trás, a menina ainda não tinha pronunciado uma só palavra. Ficou evidente que ela podia se manter calada com a mesma capacidade que tinha para tagarelar.

– Suponho que você esteja muito cansada e faminta – Matthew finalmente ousou falar, atribuindo aquela mudez à única razão na qual pôde pensar. – Já não temos mais muito caminho pela frente... menos de dois quilômetros apenas.

Então, ela despertou de seu devaneio com um suspiro profundo e olhou para ele com a expressão de uma alma sonhadora que tinha viajado para muito longe, guiada pelas estrelas.

– Oh, senhor Cuthbert – sussurrou –, aquele lugar que atravessamos... aquele lugar branco... o que era aquilo?

– Bem... ah, você deve estar falando da “Avenida” – Matthew respondeu, após alguns momentos de reflexão profunda. – É um lugar bonito.

– Bonito? Oh, *bonito* não me parece ser a palavra certa para usar aqui. Nem *belo*. Essas palavras não expressam o suficiente. Oh, aquilo é maravilhoso... *maravilhoso*! É a primeira coisa que vi, em toda a minha vida, que não pode ser aperfeiçoada pela imaginação. Senti uma grande satisfação ali – pôs a mão sobre o peito – e, também, uma dor muito

estranha... era uma dor gostosa. Já sentiu alguma vez uma dor assim, senhor Cuthbert?

– Bem... ah, não me lembro de já ter sentido.

– Isso me acontece várias vezes... sempre que vejo alguma coisa realmente bela. Ora, não deveriam chamar aquele lugar maravilhoso de “Avenida”. Um nome como esse não expressa nada. Ele deveria se chamar... vamos pensar... Caminho Branco do Encantamento. Esse não é um nome bonito e criativo? Quando não gosto do nome de uma coisa ou de uma pessoa, sempre imagino um novo nome e, a partir daí, sempre penso neles assim. Tinha uma garota no orfanato que se chamava Hepzibah Jenkins, mas, para mim, ela era Rosalia De Vere. Todo mundo pode chamar aquele lugar de “Avenida”, mas para mim ele vai ser sempre o Caminho Branco do Encantamento. Temos mesmo de percorrer menos de dois quilômetros para chegarmos? Estou contente e estou triste por isso. Triste, porque essa viagem está muito agradável, e sempre fico triste quando coisas boas acabam. Pode ser até que em seguida venha algo mais agradável ainda, mas nunca podemos ter certeza sobre isso. E é tão frequente não vir alguma coisa melhor... pelo menos, essa tem sido minha experiência. Mas estou contente por pensar em chegar a Green Gables. Sabe, não me lembro de já ter morado em um lar de verdade. Só de pensar em chegar a um verdadeiro lar, sinto aquela dor gostosa de novo. Oh, aquilo não é bonito?

Tinham chegado ao topo da colina. Abaixo deles, havia um lago que, por ser muito longo e sinuoso, até parecia um rio. Uma ponte se estendia até o meio dele, e depois seguia para sua extremidade mais baixa, onde uma sequência de colinas de areia em tons de âmbar o separava do golfo azul-escuro que havia do outro lado. A água era um espelho de cores que mudavam constantemente: dos graus mais místicos de luz e sombras amarelas aos mais sublimes tons de verde e outras nuances indescritíveis, para as quais nunca foram encontrados nomes.

Para lá da ponte, estava o lago, manchado pelas sombras escuras e oscilantes dos abetos e bordos*** que compunham os bosques da margem

oposta. Aqui e ali, um galho repleto de ameixas silvestres se inclinava sobre a água, como uma moça vestida de branco, buscando, na ponta dos pés, seu próprio reflexo. Do pântano, em outra margem do lago, vinha o coro nítido e melancolicamente doce dos sapos. Em uma encosta mais além, havia uma casa cinza pequena, em meio a um pomar branco de maçãs, e, embora o céu ainda não estivesse escuro, uma luz brilhava em uma de suas janelas.

– É o lago de Barry – Matthew falou.

– Ah, não gosto desse nome também. Vou chamar esse lago de... vamos ver... o Lago das Águas Brilhantes. Sim, esse é o nome certo para ele. Sei disso por causa do arrepio. Sempre que encontro um nome que se encaixa perfeitamente, sinto um arrepio. Existem coisas que fazem o senhor sentir um arrepio?

Matthew ficou pensativo.

– Bem... ah, sim. Sempre sinto uma espécie de arrepio quando vejo aquelas lagartas brancas horrorosas que cavam buracos nos canteiros de pepinos. Odeio a aparência delas.

– Oh, não acho que esse é exatamente o mesmo tipo de arrepio. O senhor acha que pode ser? Parece que não existe muita conexão entre lagartas e lagos de águas brilhantes, existe? Mas por que é que ele tem esse nome... lago de Barry?

– Só pode ser porque o senhor Barry mora naquela propriedade ali. O nome dela é Orchard Slope. Se não fosse por aquela mata atrás dela, daqui a gente poderia ver Green Gables. Mas temos de atravessar a ponte e dar a volta pela estrada, de modo que ainda temos cerca de oitocentos metros pela frente.

– O senhor Barry tem alguma filha pequena? Quer dizer, não muito pequena... mais ou menos do meu tamanho?

– Tem uma de uns 11 anos de idade. O nome dela é Diana.

– Oh! – a menina exclamou, com um suspiro longo e profundo. – Que nome perfeitamente adorável!

– Bem... ah, não sei. Para mim, parece um nome pagão. Prefiro Jane ou Mary, ou alguma coisa assim, mais sensata. Mas, quando Diana nasceu, tinha um professor hospedado lá, e eles lhe pediram para escolher o nome da menina. Ele quis que fosse Diana.

– Então, eu queria que tivesse um professor hospedado onde eu nasci. Oh, aqui está a ponte! Vou fechar bem os olhos. Sempre tenho medo de atravessar pontes. Não consigo deixar de imaginar que, quando a gente estiver bem na metade do caminho, elas vão se partir... como se fosse um canivete sendo fechado... e nos engolir. Por isso, fecho os olhos. Mas sempre os abro de novo, quando acho que estamos perto do meio dela, porque... o senhor sabe... se a ponte *realmente* se quebrar, eu gostaria de *ver* isso acontecer. Que estrondo bonito isso ia causar! Eu sempre gosto dessa parte... do estrondo. Não é esplêndido existir no mundo tanta coisa para a gente gostar? Pronto, saímos da ponte! Agora, vou olhar para trás. Boa noite, querido Lago das Águas Brilhantes! Sempre digo boa noite para tudo o que amo, do mesmo jeito que faria se fossem pessoas. Olhe, parece que o lago está sorrindo para mim.

Quando já tinham subido a colina mais distante e feito uma curva, Matthew disse:

– Estamos bem perto de casa agora. Ali está Green Gables, sobre...

– Oh, não me conte! – ela o interrompeu, ansiosa, segurando o braço parcialmente levantado de Matthew e fechando os olhos para não ver o que ele pretendia lhe mostrar. – Deixe-me adivinhar. Tenho certeza de que vou acertar.

A menina abriu os olhos e examinou o que havia a seu redor. Estavam no topo da colina. Havia algum tempo que o sol tinha se posto, mas a paisagem ainda estava visível na luz suave do crepúsculo. A oeste, a torre escura de uma igreja se erguia em meio a um céu dourado. Mais abaixo, havia um pequeno vale e, atrás dele, uma encosta longa e levemente inclinada, com fazendas bem-cuidadas espalhadas sobre ela. Os olhos da menina passavam rapidamente, ansiosos e aflitos, de uma para outra. Por fim, pousaram demoradamente sobre uma casa branca à esquerda, muito

atrás da estrada, rodeada por um bosque com árvores floridas, iluminadas apenas pela luz suave do anoitecer. Sobre ela, no céu límpido do sudoeste, uma estrela grande e cristalina brilhava como uma luz que orienta e faz promessas.

– É aquela ali, não é? – ela disse apontando para a casa.

Matthew bateu com as rédeas no lombo da égua, admirado.

– Bem... ah, você adivinhou! Mas aposto que a senhora Spencer descreveu a casa pra você.

– Não, não é verdade... não mesmo. Tudo o que ela disse poderia se encaixar na maioria desses outros lugares. Eu não tinha a menor ideia de como ela era. Mas, assim que vi aquela, senti que era meu lar. Oh, parece que estou num sonho. Sabe, meu braço deve estar preto e roxo, do cotovelo para cima, de tanto que me belisquei hoje. A cada segundo, uma sensação horrível tomava conta de mim, e eu ficava com muito medo de tudo ser apenas um sonho. Então, eu me beliscava para ver se era tudo real mesmo... até que me dei conta de que, mesmo se fosse só um sonho, eu deveria continuar sonhando o maior tempo possível; então, parei de me beliscar. Mas é tudo real, e já estamos perto de casa!

Com um suspiro de êxtase, ela se calou outra vez. Matthew se sentiu apreensivo. Estava contente em pensar que seria Marilla quem teria de contar àquela pobre criança abandonada pelo mundo que, na verdade, aquele lar que ela tanto desejava não era para ser seu.

Percorreram o vale dos Lynde, onde já estava escuro, mas não o suficiente para a senhora Rachel não os ver de sua janela. Depois, subiram a colina e entraram na longa alameda de Green Gables. Quando chegaram à casa, Matthew estava apavorado com a proximidade do momento da revelação, e nem ele mesmo entendeu o motivo desse pânico tão forte. Não era o problema que esse engano provavelmente traria para Marilla e para ele próprio que o atormentava, mas sim a decepção que a criança sofreria. Só de pensar que aquela luz de felicidade seria extinguida dos olhos dela, ele teve a sensação extremamente desconfortável de que em breve presenciaria um assassinato; era um sentimento muito parecido com

o que tomava conta dele toda vez que tinha de matar um cabrito, ou um bezerro, ou qualquer outra criatura inocente.

O pátio já estava bem escuro quando chegaram, e as folhas dos álamos farfalhavam suavemente.

– Escute as árvores falando enquanto dormem – a menina sussurrou, enquanto ele a carregava da charrete para o chão. – Que sonhos lindos elas devem ter!

Em seguida, segurando firmemente a bolsa de viagem que continha todos os seus “pertences materiais”, a menina o seguiu para dentro da casa.



CAPÍTULO III

*Marilla Cuthbert
se surpreende*

*M*arilla veio rapidamente quando ouviu Matthew abrir a porta. Entretanto, no momento em que seus olhos pousaram sobre aquela pequena figura estranha, apertada no vestido feio, com longas tranças de cabelo vermelho e olhos brilhantes e cheios de ansiedade, ela ficou paralisada de espanto.

– Matthew Cuthbert, quem é essa? – perguntou abruptamente. – Onde está o menino?

– Não tinha nenhum menino – ele respondeu, constrangido. – Só tinha *ela*.

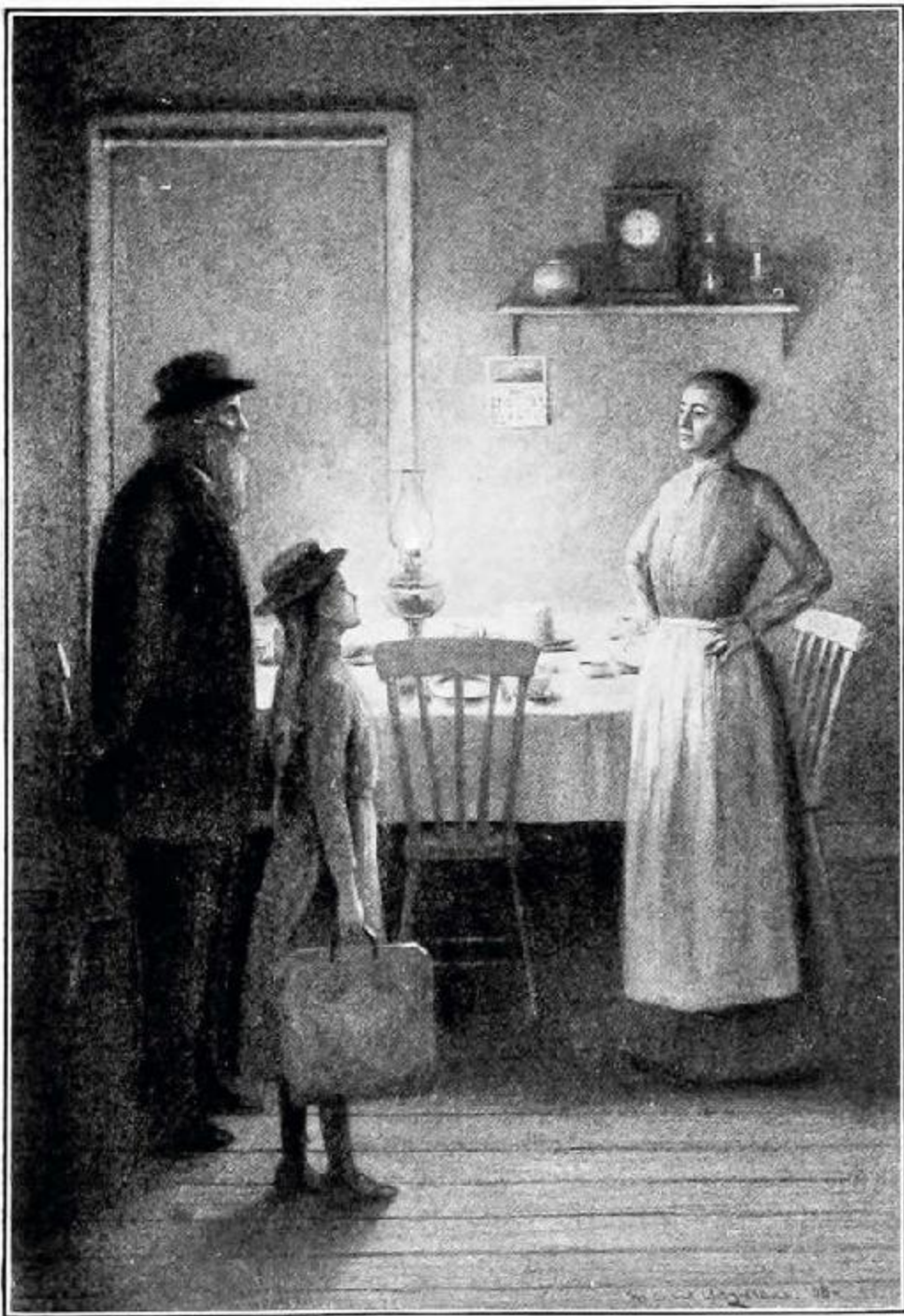
Matthew apontou com a cabeça para a menina, lembrando que ainda não tinha perguntado seu nome.

– Nenhum menino?! Mas *tinha* de haver um menino! – Marilla insistiu. – Mandamos uma mensagem dizendo pra senhora Spencer nos trazer um menino.

– Ora, ela não trouxe. Trouxe essa *menina*. Perguntei ao oficial da estação. Tive de trazer a criança para casa. Ela não podia ficar abandonada lá, fosse qual fosse o engano.

– Nossa, que bela novidade! – Marilla exclamou.

Durante esse diálogo, a menina permaneceu em silêncio, os olhos saltando de Matthew para Marilla, e vice-versa. Toda a alegria se dissipava em seu rosto. De repente, ela pareceu entender perfeitamente o significado do que havia sido dito. Imediatamente, largando sua preciosa bolsa de viagem, Anne deu um passo para a frente e apertou as mãos.



– Matthew Cuthbert, quem é essa? – perguntou abruptamente.

– Vocês não me querem! – gritou. – Não me querem porque não sou um menino! Eu deveria ter imaginado isso. Ninguém nunca me quis. Eu deveria saber que estava tudo muito bonito pra ser verdade. Eu já devia saber que ninguém nunca iria me querer. Oh, o que vou fazer agora? Vou explodir em lágrimas!

E ela realmente explodiu em lágrimas. Sentada em uma cadeira de frente para a mesa, pôs os cotovelos sobre ela e, tendo escondido o rosto com as mãos, chorou copiosamente. Marilla e Matthew olharam um para o outro, atônitos. Nenhum dos dois sabia o que dizer ou fazer. Por fim, Marilla tomou uma atitude e falou, de um modo pouco convincente:

– Ora, ora, também não é necessário chorar tanto por causa disso.

– É necessário sim! – a menina levantou a cabeça rapidamente, mostrando os lábios trêmulos e o rosto coberto de lágrimas. – Vocês também chorariam se fossem uma órfã que chegasse numa casa que ela tinha achado que seria seu lar e descobrisse que não a queriam lá porque não era um menino. Oh, essa é a coisa mais *trágica* que já aconteceu comigo!

Algo parecido com um sorriso hesitante, bastante enferrujado devido à longa falta de uso, abrandou a expressão austera do rosto de Marilla.

– Não chore mais. Não vamos colocar você para fora de casa essa noite. Vai ter de ficar aqui enquanto investigamos esse caso. Qual é o seu nome?

A menina pensou um pouco antes de responder.

– Poderiam, por favor, me chamar de Cordélia? – respondeu ansiosamente.

– Chamar você de Cordélia? É esse seu nome?

– Nã-ã-ão, não é esse exatamente meu nome, mas eu adoraria ser chamada de Cordélia. É um nome tão perfeitamente elegante...

– Céus, não estou entendendo nada do que você está dizendo. Se Cordélia não é seu nome, qual é ele, afinal?

– Anne Shirley – a dona do nome balbuciou. – Mas, oh, por favor, me chamem de Cordélia. Não vai fazer muita diferença o modo como vão me

chamar, já que vou ficar tão pouco tempo aqui, não é? E Anne é um nome tão sem romantismo.

– Sem romantismo? Que bobagem! – disse Marilla, insensível. – Anne é um nome muito bom, simples e sensato. Você não precisa ter vergonha dele.

– Oh, não tenho vergonha dele – Anne explicou. – Só prefiro Cordélia. Sempre imaginei que meu nome era Cordélia... pelo menos, nos últimos anos. Quando eu era mais nova, costumava imaginar que era Geraldine, mas agora prefiro Cordélia. Mas se for mesmo me chamar de Anne, me chame de Anne com E.

– Que diferença faz o modo como se soletra o nome? – Marilla perguntou, com outro sorriso enferrujado, enquanto pegava o bule de chá.

– Oh, faz uma *grande* diferença. *Parece* mais bonito. Quando a senhora ouve um nome sendo pronunciado, não vê esse nome na sua frente, exatamente como se ele estivesse escrito? Eu vejo. E A-n-n tem uma aparência horrível. Já A-n-n-e fica muito mais elegante. Se pelo menos puderem me chamar de Anne com E, posso tentar me conformar em não ser chamada de Cordélia.

– Tudo bem, então, Anne com E. Agora, pode nos explicar como foi que aconteceu esse engano? Mandamos uma mensagem dizendo à senhora Spencer para nos trazer um menino. Não tinha nenhum menino no orfanato?

– Oh, sim, havia uma abundância deles. Mas a senhora Spencer disse *claramente* que vocês queriam uma menina de uns 11 anos de idade. E a diretora achou que podia ser eu. Não imaginam como fiquei feliz! Não dormi a noite toda, de tanta felicidade.

Em seguida, acrescentou, olhando para Matthew:

– Por que não me disse que não me queriam e não me deixou lá na estação? Se eu não tivesse visto o Caminho Branco do Encantamento e o Lago das Águas Brilhantes, não seria tão difícil me conformar.

– Que diabos é isso que ela está dizendo? – Marilla perguntou, olhando fixamente para Matthew.

– Ela... ela está apenas se referindo a uma conversa que tivemos na estrada – Matthew respondeu apressadamente. – Vou colocar a égua no estábulo, Marilla. Deixe chá pronto para quando eu voltar.

– A senhora Spencer trouxe mais alguém, além de você? – Marilla continuou a perguntar, depois que Matthew já tinha saído.

– Trouxe Lily Jones para ela mesma. Lily tem só 5 anos de idade e é muito bonita. Tem cabelo castanho. Se eu fosse muito bonita e tivesse cabelo castanho, a senhora ficaria comigo?

– Não. Precisamos de um menino para ajudar Matthew no trabalho da fazenda. Uma menina não teria nenhuma utilidade para nós. Tire seu chapéu. Vou colocar sua bolsa e ele na mesa do *hall*.

Anne tirou o chapéu docilmente. Matthew voltou logo e os três se sentaram à mesa. No entanto, Anne não conseguiu comer. Em vão, ela beliscou o pão com manteiga e provou a geleia de maçã silvestre que estava em uma vasilha de vidro trabalhado perto de seu prato, mas não fez nenhum progresso significativo.

– Você não está comendo nada – Marilla falou secamente, olhando para a menina como se ela fosse um grande aborrecimento.

Anne suspirou.

– Não consigo. Estou no mais profundo desespero. A senhora consegue comer quando está no mais profundo desespero?

– Nunca estive no mais profundo desespero; por isso, não sei dizer – respondeu Marilla.

– Nunca? Bem, já tentou alguma vez *imaginar* que estava no mais profundo desespero?

– Não, nunca tentei.

– Então, acho que não pode entender como é. É um sentimento realmente muito ruim. Quando a gente tenta comer, parece que tem um caroço na garganta e não dá para engolir nada, nem mesmo um caramelo de chocolate. Eu tive um caramelo de chocolate um dia, dois anos atrás, e ele era simplesmente delicioso. Desde então, sonho frequentemente que tenho muitos caramelos de chocolate, mas sempre acordo bem na hora que

vou comer. Espero sinceramente que a senhora não fique ofendida porque não consigo comer. Está tudo muito gostoso, mas, assim mesmo, não consigo comer.

– Acho que ela está cansada – disse Matthew, que não tinha falado nada, desde que voltou do estábulo. – É melhor colocar a menina na cama, Marilla.

Marilla estava se perguntando onde Anne poderia dormir. Ela tinha preparado um sofá, no quartinho ao lado da cozinha, para o desejado e esperado menino. No entanto, embora o cômodo fosse limpo e arrumado, não parecia apropriado para uma menina. Obviamente, o quarto de hóspedes estava fora de questão: não colocaria lá uma criança abandonada, que só ficaria provisoriamente em sua casa. Portanto, sua única opção era o sótão do leste. Então, Marilla acendeu uma vela e disse para Anne segui-la, o que a menina fez desanimada e timidamente, pegando seu chapéu e sua bolsa ao passar pela mesa do *hall* assustadoramente limpo. Contudo, ao entrar no pequeno quarto do sótão, Anne constatou que ele estava ainda mais limpo.

Marilla pôs a vela sobre uma pequena mesa triangular e preparou a cama.

– Suponho que você tenha uma camisola, não tem? – a mulher perguntou.

Anne acenou afirmativamente com a cabeça.

– Sim, tenho duas. A diretora do orfanato me deu. São terrivelmente pequenas. Nunca tem nada suficiente lá, por isso tudo é pequeno; pelo menos, num orfanato pobre como aquele onde eu estava. Odeio camisolas pequenas; mas, mesmo dormindo com elas, a gente sempre pode sonhar que está usando uma bem comprida, adornada com rendas em volta do pescoço. É um consolo.

– Bem, troque de roupa o mais rápido que puder e vá para a cama. Vou voltar daqui a poucos minutos para buscar a vela. Não confio em você para apagá-la: provavelmente, poria fogo em tudo.

Depois que Marilla saiu, Anne olhou melancolicamente ao redor. As paredes brancas, caiadas, eram tão vazias e sem graça que a menina pensou que até elas deveriam sofrer por causa de toda aquela nudez. O chão também estava nu, com exceção de um tapete trançado, redondo – como nunca tinha visto antes – no meio do cômodo. Em um dos cantos, estava a cama; era alta, antiga, e tinha uma coluna baixa e escura em cada uma das quatro extremidades. Em outro canto, estava a mesa triangular, enfeitada com uma almofada gorda, de veludo vermelho, cheia de alfinetes fincados e dura o suficiente para entortar a ponta de um alfinete mais teimoso. Acima da mesa, tinha um espelho pequeno pendurado na parede. Entre a mesa e a cama, ficava a janela, sobre a qual havia uma cortina transparente de musselina branca. Na parede oposta, estava o lavatório: um móvel sobre o qual havia uma bacia e um jarro com água, usados para lavar as mãos e o rosto.

No todo, o cômodo apresentava uma rigidez impossível de ser descrita com palavras, mas que causava um calafrio na medula de cada osso de Anne. Com um soluço, ela tirou as roupas rapidamente, vestiu a camisola pequena e deitou-se na cama, onde escondeu o rosto no travesseiro e tampou a cabeça com as cobertas. Quando Marilla chegou para pegar a vela, várias peças de roupa pequenas e espalhadas desalinhadamente sobre o chão, além de uma certa aparência bagunçada na cama, eram os únicos sinais indicativos da presença de alguém além dela mesma.

Deliberadamente, a mulher recolheu as roupas de Anne e as colocou organizadas sobre uma velha cadeira amarela; depois, pegou a vela e se aproximou da cama.

– Boa noite – falou, um pouco desajeitada, mas não indelicadamente.

O rosto pálido e com olhos grandes de Anne apareceu sobre as cobertas com uma rapidez surpreendente.

– Como pode chamar isso de *boa* noite, sabendo que esta deve ser a pior de todas as noites que já tive na vida? – a menina falou, com ar de reprovação.

Em seguida, mergulhou na invisibilidade outra vez.

Marilla desceu lentamente e foi para a cozinha lavar a louça do jantar. Matthew estava fumando, o que era um sintoma inegável de que estava perturbado. Ele só fumava raramente, pois a irmã desaprovava duramente esse hábito, que considerava repugnante. Entretanto, em certos momentos, ele sentia necessidade de fumar, e Marilla fazia de conta que não via, porque acreditava que, às vezes, um homem precisa ter alguma forma de dar vazão a suas emoções.

– Ora, essa é uma situação realmente desagradável – desabafou, zangada. – É isso que acontece quando mandamos uma mensagem, em vez de irmos pessoalmente resolver as coisas. De algum modo, os parentes de Richard Spencer entenderam mal a mensagem. Um de nós vai ter de procurar a senhora Spencer amanhã, isso é certo. Essa menina tem de ser mandada de volta ao orfanato.

– Sim, suponho que sim – Matthew respondeu relutantemente.

– Você *supõe* que sim? Não tem certeza?

– Bem... ah, ela é uma menina muito interessante, Marilla. É uma pena devolvê-la quando sabemos que ela quer tanto ficar aqui.

– Matthew Cuthbert, não está dizendo que acha que devemos ficar com ela, está?

O espanto de Marilla não poderia ser maior nem se o irmão tivesse expressado uma predileção por ficar de cabeça para baixo, com as pernas estendidas para cima.

– Bem... ah, não... suponho que não... não exatamente – Matthew respondeu, hesitante, sentindo-se desconfortável, em busca das palavras certas. – Suponho que... dificilmente seria de esperar que ficássemos com ela.

– Devo dizer que não seria mesmo. Que benefício ela traria para nós?

– Nós poderíamos ser um benefício para ela – disse Matthew, súbita e inesperadamente.

– Matthew Cuthbert, acho que aquela criança te enfeitiçou! Posso ver clara e nitidamente que você quer ficar com ela.

– Bem... ah, ela é uma menina realmente interessante – ele insistiu. – Você devia ter ouvido as coisas que ela disse enquanto voltávamos da estação.

– Oh, ela fala muito mesmo. Percebi imediatamente. E isso não conta nada a seu favor; não gosto de crianças que têm muito a dizer. E não quero uma menina órfã; mesmo que quisesse, esta não é do tipo que eu escolheria. Tem algo nela que não compreendo. Não, ela tem de ser despachada diretamente de volta para o lugar de onde veio.

– Eu poderia contratar um garoto francês para me ajudar – Matthew sugeriu –, e ela faria companhia a você.

– Não estou precisando de companhia – Marilla falou bruscamente. – E não vou ficar com ela.

– Bem... ah, que seja como você está dizendo, claro, Marilla – ele concordou, enquanto se levantava e guardava o cachimbo. – Vou para a cama.

E para a cama foi Matthew. E para a cama, após guardar a louça, foi Marilla, de cara fechada e muito decidida. Lá em cima, no sótão do leste, uma criança solitária, desamparada e carente, chorou até adormecer.





J á era dia claro quando Anne acordou e ficou sentada na cama, confusa, olhando fixamente para a janela, por onde uma inundação de raios do sol brilhantes e alegres invadia o quarto. Lá fora, alguma coisa grande, cheia de plumas brancas parecia acenar para ela, com recortes de céu azul ao fundo.

Por um momento, ela não se lembrou de onde estava. Primeiro, sentiu um arrepio muito agradável, delicioso. Logo depois, veio uma lembrança horrível. Aquele lugar era Green Gables, e eles não a queriam lá, porque não era um menino!

Mas era de manhã, e, sim, aquela coisa do lado de fora da janela era uma cerejeira completamente florida. Imediatamente, Anne saltou da cama e atravessou o quarto. Levantou a janela de vidro, que subiu com dificuldade, rangendo, como se não tivesse sido aberta por um longo período de tempo – o que era mesmo o caso –, e ficou tão firmemente presa lá em cima que nem foi necessário escorá-la.

Anne se ajoelhou e, com os olhos brilhando de satisfação, contemplou a manhã de junho. Oh, aquilo não era maravilhoso? Aquele não era um lugar adorável? Mesmo que não fosse realmente ficar em Green Gables, ela poderia sempre imaginar que estava lá, onde havia tantas oportunidades para a imaginação.

A cerejeira que crescia lá fora era enorme e ficava tão próxima da casa que seus galhos tocavam a parede. Estava tão carregada de flores que raramente se podia ver uma ou outra folha. Nos dois lados da casa, havia pomares grandes – um de macieiras e outro de cerejeiras –, também cobertos de flores. A relva do chão era toda polvilhada de pequenas flores amarelo-ouro. No jardim mais abaixo, havia arbustos cheios de flores roxas, cujo perfume doce era levado, pela brisa da manhã, até a janela da menina.

Para além do jardim, um campo verdejante, repleto de trevos, descia até o vale, onde o riacho corria e onde grupos de bétulas brancas se erguiam de uma vegetação rasteira, formada por samambaias e musgos encantadores, além de outras plantas que crescem em bosques. Mais adiante, havia uma colina verde, onde cresciam abetos e outras espécies de pinheiros; entre essas árvores, existia uma clareira, na qual parte do sótão da casa cinza pequena, que ela tinha avistado do outro lado do Lago das Águas Brilhantes, era visível.

À esquerda havia grandes celeiros e, atrás deles, muito além de campos verdes e ligeiramente inclinados, era possível ver o brilho azul do mar.

Os olhos de Anne, que tanto apreciavam a beleza, permaneceram presos a essa paisagem, absorvendo avidamente cada detalhe. A pobre menina tinha visto muitos lugares horríveis durante sua vida, mas esse era tão lindo quanto todos aqueles com os quais havia sonhado até então.

Ela ficou ajoelhada ali, alheia a tudo que não fosse o encanto ao seu redor, até ser despertada repentinamente por uma mão sobre seu ombro. Marilla tinha entrado sem que a pequena sonhadora ouvisse.

– Você já deveria estar vestida – a mulher disse, secamente.

Marilla realmente não sabia como falar com crianças, e essa desconfortável ignorância a tornava seca e rude, quando, na verdade, não era essa sua intenção.

Anne ficou de pé e suspirou profundamente, apontando, animada, para o belo mundo lá fora.

– É uma árvore grande – Marilla respondeu. – E floresce muito bem, mas nunca dá bons frutos... são pequenos e cheios de lagartas.

– Oh, não estou falando só da árvore; é claro que ela é linda... sim, é *radiantemente* linda... e floresce perfeitamente bem. Mas eu estava falando do conjunto: o jardim, os pomares, o riacho, o bosque...o maravilhoso e adorável mundo inteiro. Uma manhã como essa não faz a senhora sentir que simplesmente ama o mundo? Posso ouvir o riacho dando risadas enquanto segue seu curso. Já percebeu como os riachos são alegres? Estão sempre rindo. Até no inverno. Uma vez, escutei um; ele dava gargalhadas debaixo do gelo. Estou tão contente de ter um riacho perto de Green Gables! Talvez a senhora ache que isso não faz a menor diferença, já que não pretende ficar comigo, mas faz sim. Sempre vou gostar de lembrar que tem um riacho em Green Gables, mesmo que eu não o veja nunca mais. Se não tivesse um, eu estaria *assombrada* pela sensação desagradável de que deveria haver um. Agora de manhã já não me sinto no mais profundo desespero. Nunca consigo ficar desesperada durante a manhã. Não é esplêndido pensar que existem manhãs? Mas estou muito triste. Fiquei imaginando mais cedo que, no final das contas, era a mim que vocês queriam, e que eu ia ficar aqui para sempre. Isso foi muito reconfortante enquanto durou. Mas a parte ruim de imaginar coisas é que chega a hora de parar, e isso dói.

– É melhor você se vestir, descer e deixar a imaginação de lado – disse Marilla, assim que teve uma chance de falar. – O café da manhã está esperando. Lave o rosto e penteie o cabelo. Deixe a janela aberta, dobre as cobertas e ponha no pé da cama. Seja tão ágil quanto puder!

De fato, Anne foi eficientemente ágil, pois apenas dez minutos depois já tinha descido. Havia trocado de roupa, penteado e trançado o cabelo,

lavado o rosto, e tinha a consciência tranquila, por achar que havia cumprido todas as ordens de Marilla. Mas, na verdade, ela tinha se esquecido de dobrar as cobertas.

– Hoje estou com muita fome – anunciou, enquanto se sentava na cadeira que Marilla havia separado para ela. – O mundo não parece mais aquele deserto enorme de ontem à noite. Estou muito contente de termos uma manhã de sol. Mas gosto muito de manhãs de chuva também. Todos os tipos de manhãs são interessantes, não acham? A gente não sabe o que vai acontecer durante o dia e, por isso, há muitas oportunidades para a imaginação. Porém, estou feliz por não estar chovendo, porque num dia ensolarado é mais fácil ficar alegre e enfrentar o sofrimento. Sinto que tenho uma boa quantidade de sofrimento pela frente para suportar. É muito bom ler sobre tristezas e se imaginar superando todas elas heroicamente, mas não é nada bom quando elas são reais, não é mesmo?

– Pelo que há de mais sagrado, cale a boca, criança! – Marilla exclamou. – Você fala demais para uma menina.

Daquele momento em diante, Anne ficou tão obediente e absolutamente calada que seu silêncio contínuo deixou Marilla ligeiramente nervosa, como se estivesse em uma situação não exatamente natural. Matthew também permaneceu calado (mas isso era perfeitamente natural), de modo que aquela foi uma refeição silenciosa.

Enquanto o café da manhã prosseguia, Anne ia ficando cada vez mais distraída, comendo mecanicamente, com os grandes olhos fixos – sem se mover um segundo e sem nada ver – no céu do lado de fora da janela. Isso deixava Marilla ainda mais nervosa, pois tinha a desconfortável sensação de que enquanto o corpo daquela criança esquisita estava ali, sentado à mesa, seu espírito estava muito distante, em alguma nuvem remota, para onde foi levada pelas asas da imaginação. Ora, quem iria querer em sua residência uma criança como essa?

No entanto, inexplicável e incompreensivelmente, Matthew queria ficar com ela! Marilla sentiu que naquela manhã ele desejava isso tanto quanto na noite anterior, e que ele continuaria desejando. Assim era Matthew:

punha uma extravagância na cabeça e se agarrava a ela com a mais inacreditável persistência silenciosa; uma persistência dez vezes mais potente e eficaz em seu próprio silêncio do que se ele falasse sobre aquilo.

Quando terminaram a refeição, Anne despertou de seu devaneio e se ofereceu para lavar a louça.

– Você consegue fazer isso direito? – Marilla perguntou, incrédula.

– Sim, muito bem, embora eu cuide de crianças ainda melhor. Tenho bastante experiência nisso. É uma pena que não haja nenhuma criança aqui para eu tomar conta.

– Não acho que eu gostaria de ter mais uma criança aqui para cuidar, além da que tenho no momento. *Você* já é problema suficiente, sem dúvida nenhuma. E não sei o que fazer com você. Matthew é o homem mais insensato que já conheci.

– Eu acho Matthew adorável – Anne falou, ligeiramente zangada. – Ele é tão compreensivo! Não achou ruim, por mais que eu tagarelasse durante a viagem... parecia até que estava gostando. Assim que olhei para ele, senti que tínhamos almas irmãs.

– Vocês são ambos muito esquisitos, se é isso que você chama de almas irmãs – Marilla afirmou, com desdém. – Sim, você pode lavar a louça. Use bastante água quente e seque tudo muito bem. Tenho muitas coisas para fazer esta manhã, porque vou precisar ir até White Sands à tarde, para falar com a senhora Spencer. Você vem comigo e vamos decidir o que fazer com você. Quando terminar o serviço com a louça, suba e arrume sua cama.

Anne lavou a louça com muita habilidade, como Marilla, que se manteve atenta a todo o processo, pôde perceber claramente. Depois, arrumou sua cama, mas não foi tão bem-sucedida nisso, pois nunca havia aprendido a arte de lutar contra um colchão de penas. Mas, de qualquer forma, o trabalho foi feito razoavelmente bem. Então, Marilla, para se livrar dela, disse que a menina podia sair de casa e se divertir até a hora do almoço.

Anne correu imediatamente para a porta, com o rosto iluminado e os olhos brilhando. Entretanto, antes mesmo de pôr os pés do lado de fora, parou repentinamente, e voltou e sentou-se à mesa. A luz e o brilho em seu rosto haviam desaparecido, como se alguém os tivesse apagado instantaneamente.

– Qual é o problema agora? – Marilla perguntou.

– Não vou me atrever a sair – a menina respondeu, com o tom de voz de um mártir que está renunciando a todas as alegrias terrenas. – Se não posso ficar aqui, é inútil eu amar Green Gables. E se eu sair agora e me familiarizar com todas aquelas árvores e flores, e com os pomares e o riacho, não vou poder deixar de amar tudo isso. Já está sendo muito difícil agora; não vou tornar as coisas ainda piores. Quero muito sair... parece que tudo está me chamando... “Anne, Anne, saia e venha até aqui... Anne, Anne, queremos alguém para brincar conosco!” Mas é melhor não ir. É inútil a gente amar as coisas, se sabemos que vamos ser afastados delas, não é? E é tão difícil evitar amar as coisas, a senhora não acha? Foi por isso que fiquei tão contente quando pensei que ia morar aqui. Imaginei que teria tantas coisas para amar, e que nada me impediria disso... Mas aquele sonho breve acabou. Agora, estou conformada com meu destino e, por isso, não vou sair... tenho medo de ficar inconformada outra vez. Por favor, qual é o nome daquele gerânio no parapeito da janela?

– Aquele é o gerânio aromático; tem cheiro de maçã.

– Oh, não estou me referindo a esse tipo de nome. Estou falando do nome que a senhora deu a ele. A senhora não lhe deu um nome? Posso escolher um, então? Posso chamar o gerânio de... vamos ver... Bonny serve... posso chamá-lo de Bonny, enquanto eu estiver por aqui? Oh, deixe, por favor!

– Ora, para mim, tanto faz. Mas qual é o sentido de dar nome a um gerânio?

– Oh, gosto que as coisas tenham nome próprio, mesmo que sejam apenas gerânios. Faz com que elas fiquem mais parecidas com pessoas. Quem sabe se não fere seus sentimentos ser chamado só de gerânio e nada

mais? A senhora não gostaria de ser chamada só de mulher o tempo todo, gostaria? Sim, ele vai se chamar Bonny. Hoje de manhã, dei um nome também para a cerejeira na minha janela. Chamei a árvore de Rainha da Neve, porque ela está tão branca... É claro que não vai estar sempre florida, mas a gente pode imaginar que vai, não pode?

– Nunca, em toda a minha vida, vi ou ouvi nada que se igualasse a isso – Marilla resmungou, enquanto saía para ir ao porão buscar batatas. – Ela é um tipo interessante, como Matthew diz. Fico sempre me perguntando o que vai dizer em seguida. Essa menina vai acabar me enfeitando também. Fez isso com Matthew. Aquele olhar que ele me lançou, quando saiu agora há pouco, repetiu tudo o que ele tinha dito, ou sugerido, ontem à noite. Eu queria que ele fosse como as outras pessoas e falasse abertamente sobre as coisas. Assim, a gente poderia argumentar com ele e alertá-lo para sua falta de bom senso. Mas o que se pode fazer com um homem que apenas *olha*?

Anne tinha recaído em seu devaneio, com o queixo sobre as mãos e os olhos fixos no céu, quando Marilla voltou de sua jornada ao porão. E assim ela deixou a menina até o almoço ser servido.

– Posso usar a charrete e a égua essa tarde, Matthew? – Marilla perguntou.

Matthew acenou afirmativamente com a cabeça e olhou melancolicamente para Anne. Marilla percebeu esse olhar e disse severamente:

– Vou a White Sands resolver isso. Anne vai comigo, e provavelmente a senhora Spencer dará um jeito de mandá-la de volta para Nova Escócia imediatamente. Vou deixar o chá pronto para você e voltar para casa a tempo de ordenhar as vacas.

Mesmo ouvindo isso, Matthew continuou calado, e Marilla teve a sensação de haver desperdiçado palavras e fôlego. Não existe nada mais insuportável do que um homem que não responde – a não ser uma mulher que não faz isso.

Matthew atrelou a égua à charrete em seu devido tempo, e Marilla e Anne partiram. Ele abriu a porteira para elas e, enquanto a charrete passava lentamente, falou, como se fosse para ninguém em particular:

– O pequeno Jerry Buote esteve aqui hoje pela manhã e eu lhe disse que talvez o contratasse para trabalhar no verão.

Marilla não respondeu, mas deu uma chicotada com tanta força na pobre alazã que a égua gorda, não acostumada com esse tipo de tratamento e, portanto, indignada, saiu zunindo pela alameda, em uma velocidade alarmante. Marilla olhou para trás, enquanto a charrete dava grandes solavancos, e viu o irritante Matthew debruçado sobre a porteira, observando-as triste e pensativamente.





— Sabe — disse Anne, como se estivesse contando um segredo —, decidi que vou gostar dessa viagem. Aprendi com minha experiência que quase sempre a gente pode gostar das coisas, se decidir firmemente que vai ser assim. É claro que temos de decidir *firmemente*. Enquanto estivermos viajando, não vou pensar sobre voltar para o orfanato. Só vou pensar na viagem. Oh, veja, tem uma pequena rosa silvestre precoce ali! Não é linda? A senhora não acha que ela deve estar contente por ser uma rosa? Não seria bom se as rosas pudessem falar? Tenho a certeza de que nos contariam coisas maravilhosas. E cor-de-rosa não é a cor mais encantadora do mundo? Eu adoro, mas não posso usar. Pessoas ruivas não podem usar cor-de-rosa, nem mesmo na imaginação. A senhora já conheceu alguém cujo cabelo era vermelho, quando essa pessoa era jovem, e depois mudou de cor, quando ela cresceu?

— Não, não sei se já conheci — Marilla respondeu secamente. — E também não acho provável que isso aconteça com você.

Anne suspirou.

– Bem, é outra esperança que vai embora. “Minha vida é um cemitério de esperanças enterradas.” Li essa frase num livro uma vez, e sempre que estou desapontada por algum motivo, repito isso para mim mesma, para me consolar.

– Sinceramente, não vejo como isso pode servir de consolo – Marilla falou.

– Ora, é porque ela me parece tão bonita e romântica... Sabe, é como se eu fosse a heroína de um livro. Adoro coisas românticas... e um cemitério cheio de esperanças enterradas é uma coisa tão romântica quanto se pode imaginar, não é? Fico muito contente de ter um. Vamos atravessar o Lago das Águas Brilhantes hoje?

– Não, não vamos passar pelo lago de Barry, se é isso que você quer dizer com seu Lago das Águas Brilhantes. Vamos pela estrada do litoral.

– Estrada do litoral é um nome bonito – disse Anne sonhadoramente. – Ela é tão bonita quanto seu nome? Assim que a senhora falou “estrada do litoral”, veio imediatamente uma imagem dela em minha cabeça. E White Sands é um nome adorável também... mas não gosto dele tanto quanto gosto de Avonlea. Avonlea é encantador. Soa nos ouvidos como uma música. Qual é a distância até White Sands?

– São uns oito quilômetros. E, já que você está evidentemente disposta a falar, então pode falar alguma coisa mais útil; me conte o que sabe sobre si mesma.

– Oh, acho que realmente não vale a pena falar sobre o que sei de mim mesma – Anne afirmou. – Se a senhora permitir, posso contar o que *imagino* sobre mim mesma; vai achar muito mais interessante.

– Não, não quero saber de seus devaneios. Fale de fatos concretos. Comece pelo início: onde você nasceu e qual é sua idade?

– Completei 11 anos em março passado – Anne respondeu, resignando-se aos fatos concretos. – Nasci em Bolingbroke, na Nova Escócia. O nome de meu pai era Walter Shirley, e ele era professor na escola de Bolingbroke. Minha mãe se chamava Bertha Shirley. Walter e Bertha não

são nomes adoráveis? Fico tão contente quando penso que meus pais tinham nomes bonitos! Seria uma verdadeira desgraça ter um pai chamado... bem, vamos dizer, por exemplo, Jedediah, não acha?

– Acho que o nome da pessoa não faz nenhuma diferença, se ela tem um bom comportamento – Marilla respondeu, sentindo-se na obrigação de ensinar um bom e útil valor moral.

– Ah, não sei... – disse Anne, pensativa. – Uma vez, li num livro que se uma rosa tivesse qualquer outro nome, ainda assim teria o mesmo perfume delicioso, mas nunca pude acreditar nisso. Não acho que uma rosa seria tão adorável se fosse chamada de mamona ou repolho. Suponho que meu pai poderia ser um homem bom, caso se chamasse Jedediah, mas tenho certeza de que esse nome seria uma cruz para ele carregar. Bem, minha mãe também era professora na mesma escola, mas quando se casou com meu pai, parou de trabalhar, claro. Um marido já é responsabilidade suficiente. A senhora Thomas disse que eles eram muito jovens e muito pobres. Moravam numa casa amarela bem pequena em Bolingbroke. Nunca vi essa casa, mas imaginei como era mil vezes. Acho que devia ter madressilvas sobre a janela da sala, arbustos com flores roxas no jardim, e lírios-do-vale perto do portão. Ah, e cortinas de musselina em todas as janelas. Cortinas de musselina deixam as casas com uma aparência tão agradável... Nasci nessa casa. A senhora Thomas disse que eu era o bebê mais feinho que ela já viu... muito magricela e pequeno, com olhos muito grandes... mas falou também que minha mãe me achava perfeitamente linda. Imagino que uma mãe pode julgar melhor do que uma mulher pobre, que veio pra fazer serviço de limpeza, a senhora não acha? De qualquer modo, fico contente que minha mãe tenha ficado satisfeita comigo. Eu me sentiria tão triste se achasse que eu tinha sido uma decepção para ela... porque ela não viveu muito tempo depois disso, sabe? Ela morreu por causa de uma doença que dava uma febre muito alta, só três meses depois que eu nasci. Queria muito que ela vivesse tempo suficiente para eu poder me lembrar de tê-la chamado de “mamãe”. Acho que seria tão doce falar “mamãe”, não seria? E meu pai morreu quatro dias depois, de febre

também. Fiquei órfã, e as pessoas ficaram completamente desorientadas, sem saber o que fazer comigo. Isso foi o que a senhora Thomas me contou. Já naquela época, ninguém me queria; parece que esse é o meu destino. Tanto meu pai quanto minha mãe tinham vindo de lugares muito distantes e todos sabiam que eles não tinham nenhum parente vivo. Por fim, a senhora Thomas disse que ficaria comigo, mesmo sendo muito pobre e tendo um marido que vivia bêbado. Ela me criou com muito sacrifício. A senhora sabe se existe alguma coisa nas pessoas criadas com muito sacrifício que faz com que elas fiquem melhores do que as outras pessoas? Porque sempre que eu fazia alguma travessura, a senhora Thomas me perguntava como eu podia ser uma menina tão má, se tinha me criado com tanto sacrifício; era assim que ela me repreendia. O senhor e a senhora Thomas se mudaram de Bolingbroke para Marysville, e morei com eles até meus 8 anos de idade. Eu ajudava a cuidar dos filhos deles... quatro eram mais novos do que eu... e posso dizer que davam muito trabalho. Um dia, o senhor Thomas morreu atropelado por um trem e a mãe dele convidou a senhora Thomas e as crianças para morarem com ela, mas disse que não me queria. A senhora Thomas me contou que ficou desorientada, sem saber o que fazer comigo. Então, a senhora Hammond, que morava lá no alto, perto do rio, disse que podia ficar comigo, já que eu era jeitosa com crianças. Aí, fui morar com ela, numa clareira cheia de tocos de árvores. Era um lugar muito solitário. Tenho certeza de que nunca teria conseguido morar lá se não tivesse tanta imaginação. O senhor Hammond trabalhava numa serraria lá perto e eles tinham oito filhos. Ela teve gêmeos três vezes. Gosto de bebês, mas gêmeos três vezes seguidas é *demais*. Falei isso claramente com a senhora Hammond, quando veio o último par. Eu costumava ficar terrivelmente exausta de carregar os bebês pra lá e pra cá. Morei lá no alto com a senhora Hammond por dois anos. Depois, o senhor Hammond morreu e ela parou de trabalhar como faxineira. Dividiu os filhos entre parentes e se mudou para os Estados Unidos. Aí, tive de ir para o orfanato de Hopeton, porque ninguém me queria. No orfanato também não me queriam; disseram que já estava

superlotado. Mas tiveram de me aceitar assim mesmo, e fiquei lá quatro meses, até o dia em que a senhora Spencer me buscou.

Anne terminou sua história com outro suspiro; dessa vez, era um suspiro de alívio. Estava evidente que ela não gostava de falar de suas experiências em um mundo que não a queria.

– Você chegou a frequentar alguma escola? – perguntou Marilla, direcionando a égua para a estrada do litoral.

– Não muito. Frequentei por pouco tempo, no último ano em que fiquei com a senhora Thomas. Quando fui morar lá em cima, perto do rio, a gente estava tão longe da escola que eu não aguentava caminhar até lá no inverno. E como as férias eram no verão, só pude ir durante a primavera e o outono. Mas é claro que eu tinha aulas no orfanato. Leio muito bem e sei muitos trechos de poemas de cor: “A Batalha de Hohenlinden”, “Edimburgo após Flodden”, “Bingen do Reno”, “A Dama do Lago” e a maior parte de “As Estações”, de James Thompson. A senhora não ama poemas que fazem a gente sentir um arrepio na espinha? Tem um poema no *Quinto Livro de Leitura* chamado “A ruína da Polônia”, que é muito emocionante. É claro que eu ainda não estava lendo o *Quinto Livro de Leitura*,**** estava no livro anterior, mas as meninas mais velhas me emprestavam os delas.

– Essas mulheres... a senhora Thomas e a senhora Hammond... elas eram boas para você? – Marilla perguntou, olhando para a menina com o canto dos olhos.

– O-o-o-h! – Anne hesitou. Seu rosto pequeno e sensível ficou muito vermelho e a testa franzida revelou seu constrangimento. – Oh, elas *queriam* ser... sei que queriam ser tão bondosas e gentis quanto fosse possível. E quando as pessoas querem ser boas para a gente, não nos importamos muito quando não são... bondosas. Tinham muitas preocupações, a senhora sabe como é. É muito complicado ter um marido sempre bêbado, não é? E também deve ser complicado ter gêmeos três vezes seguidas, não acha? Mas tenho certeza de que elas queriam ser boas para mim.

Marilla não fez mais perguntas. Anne se entregou a um devaneio silencioso pela estrada do litoral, e Marilla conduziu o cavalo distraidamente, enquanto refletia. Uma súbita piedade por aquela criança agitava seu coração. “Que vida de privações e desamparo essa criança teve! Uma vida de labuta, pobreza e abandono!” Marilla era suficientemente perspicaz para ler nas entrelinhas da história de Anne e concluir isso. “Não é de admirar que ela tenha ficado tão encantada com a perspectiva de um lar de verdade.” Achou que era uma pena a menina ter de ser mandada de volta. E se ela, Marilla, satisfizesse o incompreensível desejo de Matthew e a deixasse ficar? Ele persistia nessa ideia e Anne parecia uma boa criança, com facilidade para aprender.

“Ela fala demais”, pensou. “Mas pode ser treinada para controlar isso. E não há nada de rude ou vulgar no que ela diz. É bem-educada. Parece que só conviveu com gente de bem.”

A estrada do litoral era solitária e cheia de bosques silvestres. À direita, havia uma densa concentração de pinheiros baixos, pouco desenvolvidos por causa do solo arenoso, mas intactos, apesar de anos de luta contra os ventos do golfo. À esquerda, estavam os penhascos íngremes de rocha vermelha; em certos trechos, eles se encontravam tão perto da estrada que uma égua com menos equilíbrio que aquela alazã certamente testaria os nervos de quem estivesse na charrete. Lá embaixo, na base dos penhascos, havia rochas, desgastadas pelas ondas do mar, e pequenas enseadas arenosas, enfeitadas com pequenas pedras que mais pareciam joias marítimas. Mais além estava o oceano, brilhante e muito azul. Sobre ele, voavam gaivotas com asas cintilantes, prateadas pela luz do sol.

– O mar não é maravilhoso? – Anne falou, despertando do longo silêncio em que havia permanecido, sempre com os olhos bem abertos. – Uma vez, quando eu morava em Marysville, o senhor Thomas alugou uma charrete grande e levou todos nós para passar o dia na praia, a uns dezesseis quilômetros de nossa casa. Eu adorei cada minuto daquele dia, mesmo tendo de tomar conta das crianças o tempo todo. Depois disso, passei anos revivendo aquele dia em sonhos felizes. Mas este litoral é

ainda mais bonito do que o de Marysville! Aquelas gaivotas não são esplêndidas? A senhora gostaria de ser uma gaivota? Acho que eu gostaria... quer dizer, se eu não pudesse ser uma menina humana. A senhora não acha que seria muito bom acordar com o nascer do sol, fazer um voo rasante sobre a água, depois ficar o dia inteiro sobrevoando o lindo oceano azul e à noite voar de volta para o seu ninho? Oh, posso até me imaginar fazendo isso. Por favor, o que é aquela casa grande logo ali na frente?

– É o hotel de White Sands. O gerente dele é o senhor Kirk. Mas a temporada de turismo ainda não começou. No verão, uma grande quantidade de norte-americanos se hospeda nesse hotel. Eles acham essa praia simplesmente perfeita.

– Eu estava com medo de que fosse a casa da senhora Spencer – Anne falou tristemente. – Não quero chegar lá. De algum jeito, parece que vai ser o fim de tudo.





*N*o entanto, lá chegaram, em seu devido tempo. A senhora Spencer morava em uma casa amarela grande, na enseada de White Sands. Ela veio até a porta com uma expressão de simpatia e surpresa no rosto bondoso.

– Nossa! – exclamou. – Vocês são as últimas pessoas que eu esperava ver hoje, mas estou muito contente com a visita de vocês. Quer amarrar o cavalo no pátio, Marilla? E você, Anne, como está?

– Estou tão bem quanto se pode esperar, obrigada – Anne respondeu, sem sorrir. Parecia que uma nuvem escura e pesada pairava sobre a menina.

– Acho que vamos ficar aqui um pouco, enquanto a égua descansa – Marilla falou –, mas prometi a Matthew que voltaria para casa cedo. O fato, senhora Spencer, é que houve um erro em algum lugar e vim aqui para descobrir onde foi. Mandamos uma mensagem, Matthew e eu, pedindo que a senhora nos trouxesse um menino do orfanato. Pedimos a

seu irmão, Robert, que dissesse que queríamos um garoto de 10 ou 11 anos de idade.

– Marilla Cuthbert, não me diga isso! – falou a senhora Spencer, perturbada. – Ora, Robert mandou sua filha Nancy me dizer que vocês queriam uma menina... não foi, Flora Jane? – ela perguntou para a filha, que estava saindo e se encontrou com elas na escada da frente da casa.

– Sim, com certeza, foi o que ela disse, senhorita Cuthbert – Flora Jane confirmou, séria.

– Sinto muito, de verdade! – a senhora Spencer se desculpou. – Isso é muito ruim, mas não foi culpa minha, senhorita Cuthbert. Fiz o melhor que pude e achei que estava seguindo suas instruções. Nancy é terrivelmente avoada. Tenho de chamar a sua atenção várias vezes, por ser tão distraída.

– A culpa foi nossa – Marilla falou, resignada. – Deveríamos ter vindo pessoalmente, em vez de mandar uma mensagem importante como essa para ser passada de boca em boca, como fizemos. Enfim, o erro foi cometido, e a única coisa a fazer agora é corrigi-lo. Podemos mandar a menina de volta para o orfanato? Imagino que vão aceitá-la, não vão?

– Creio que sim – a senhora Spencer respondeu, pensativa. – Mas acho que não vai ser necessário mandá-la de volta para lá. A senhora Peter Blewett esteve aqui ontem e me falou sobre o quanto ela queria ter me pedido para lhe trazer uma menina para ajudá-la. A senhora Peter tem uma família grande e tem sido difícil encontrar ajuda. Anne vai ser a garota perfeita para ela. Isso é o que chamo de um engano nitidamente providencial.

Marilla não pareceu achar que a Providência tinha muito a ver com aquilo. Ali estava uma oportunidade inesperadamente boa de se livrar daquela órfã indesejada, mas ela não se sentia grata por isso.

Ela conhecia a senhora Peter Blewett só de vista – era uma mulher pequena, com uma expressão mal-humorada no rosto e nem um grama de carne supérflua sobre os ossos –, mas já tinha ouvido falar dela. Diziam que a senhora Peter era “terrível, tanto no trabalho quanto no comando”.

As criadas demitidas contavam casos assustadores sobre seu temperamento, sua mesquinhez e seus filhos petulantes e brigões. Marilla sentiu um peso na consciência só de pensar em entregar Anne àquela família.

– Bem, vou entrar e vamos conversar sobre isso – Marilla falou.

– Ora, se não é a senhora Peter vindo pela alameda exatamente nesse abençoado momento! – exclamou a senhora Spencer, acompanhando suas convidadas pelo *hall* rumo à sala de visitas, onde elas sentiram um frio horrível, como se o ar tivesse se esforçado tanto para atravessar aquelas persianas verdes hermeticamente fechadas que tinha perdido todas as partículas de calor que algum dia havia possuído.

– Isso é uma grande sorte, porque assim podemos resolver esse assunto imediatamente. Senhorita Cuthbert, sente-se na poltrona. Anne, fique ali no canapé e não se agite. Podem me entregar seus chapéus. Flora Jane, vá até a cozinha e ponha a chaleira no fogo. Boa tarde, senhora Blewett. Estávamos justamente comentando sobre como foi uma sorte a senhora vir aqui agora. Vou apresentá-las: senhora Blewett, senhorita Cuthbert. Por favor, me deem licença por apenas um momento. Acho que me esqueci de dizer a Flora Jane para tirar os pãezinhos do forno.

A senhora Spencer saiu rapidamente, depois de abrir as persianas. Anne, sentada em silêncio no canapé, com as mãos firmemente entrelaçadas sobre o colo, olhava para a senhora Blewett como se estivesse enfeitiçada. Iriam entregá-la para aquela mulher de rosto anguloso e olhar penetrante? A menina sentiu um nó se formando em sua garganta e seus olhos arderam dolorosamente. Ela estava começando a sentir medo de não conseguir conter as lágrimas quando a senhora Spencer retornou, corada e radiante, capaz de enfrentar toda e qualquer dificuldade, fosse física, mental ou espiritual, e se livrar dela sem hesitar.

– Parece que houve um engano em relação a essa garota, senhora Blewett – ela falou. – Eu achei que o senhor e a senhorita Cuthbert queriam adotar uma menina. Com certeza me disseram isso. Mas, na

verdade, eles queriam um menino. Portanto, se ainda pensa como ontem, acho que ela é a criança que a senhora quer.

Imediatamente, os olhos da senhora Blewett examinaram Anne da cabeça aos pés.

– Quantos anos você tem e qual é o seu nome? – perguntou.

– Anne Shirley – balbuciou a menina, encolhida, não ousando fazer nenhuma observação sobre como seu nome era soletrado – e tenho 11 anos de idade.

– Hum! Você não parece grande coisa. Mas é magra. Não sei por que, no final das contas, os magros são os melhores para trabalhar. Bem, se eu ficar com você, vai ter de ser uma boa menina... boa, esperta e respeitadora. Vai ter de ganhar seu sustento; não duvide disso. Sim, suponho que posso ficar com ela, senhorita Cuthbert. O bebê está terrivelmente impossível e eu estou exausta de cuidar dele. Se quiser, posso levar a menina para casa agora mesmo.

Marilla olhou para Anne e se comoveu ao ver o rosto pálido da criança, cheio de sofrimento contido, o sofrimento de uma criatura pequena e indefesa que, mais uma vez, se encontrava na armadilha da qual já havia escapado algumas vezes. Marilla teve a incômoda convicção de que, se não atendesse ao apelo daquele olhar, ele a assombraria até sua morte. Além disso, não gostou da senhora Blewett. Entregar uma criança sensível e sentimental a uma mulher como aquela?! Não, ela não poderia ser responsável por uma coisa dessas!

– Bem, não sei – ela disse, pensativa. – Não falei que Matthew e eu já decidimos definitivamente que não queremos ficar com ela. De fato, posso dizer que Matthew está determinado a ficar com ela. Só vim aqui para descobrir como esse engano aconteceu. Acho melhor eu levar a menina para casa de novo e conversar com Matthew sobre isso. Sinto que não devo decidir nada sem falar com ele antes. Se resolvermos não ficar com ela, nós a traremos ou mandaremos de volta até amanhã à noite. Se não fizermos isso, a senhora fica sabendo que decidimos ficar com ela. Está bem assim, senhora Blewett?

– Se é assim que a senhorita deseja, está bem – respondeu secamente a senhora Blewett.

Durante a fala de Marilla, foi como se o sol estivesse nascendo no rosto de Anne. Primeiro, o olhar de desespero se dissipou. Depois, surgiu um leve rubor de esperança e seus olhos ficaram vivos e brilhantes como estrelas no céu da manhã. A menina ficou transfigurada. Logo em seguida, quando a senhora Spencer e a senhora Blewett saíram para buscar uma receita – motivo da visita da senhora Blewett –, Anne saltou do assento e atravessou a sala em direção a Marilla.

– Oh, senhorita Cuthbert, disse mesmo que talvez me deixe ficar em Green Gables? – a menina sussurrou, como se o fato de falar mais alto pudesse pôr em risco aquela possibilidade gloriosa. – A senhora disse isso realmente? Ou eu apenas imaginei?

– Acho que você deve aprender a controlar essa sua imaginação, Anne, já que não consegue distinguir entre o que é real e o que não é – Marilla falou, zangada. – Sim, você realmente me ouviu dizer isso, e nada mais do que isso. Ainda não está decidido, e talvez acabemos concluindo que é melhor deixar a senhora Blewett ficar com você. Com certeza, ela precisa muito mais de você do que nós.

– Prefiro voltar para o orfanato que morar com ela – disse Anne veementemente. – Ela é igualzinha a um... um saca-rolhas.

Marilla disfarçou um sorriso, convicta de que Anne tinha de ser repreendida por falar assim.

– Uma menina como você deveria sentir vergonha de falar assim a respeito de uma senhora que você nem conhece – disse severamente. – Volte ao seu assento e fique quieta e calada. Comporte-se como uma boa menina.

– Vou me esforçar para ser e fazer tudo o que a senhora quiser, se ficar comigo – Anne falou, enquanto voltava humildemente para o canapé.

No fim da tarde, quando voltaram para Green Gables, Matthew as encontrou na alameda. De longe, Marilla já tinha percebido que ele estava rondando a entrada da propriedade, e ela sabia o motivo disso. Portanto,

estava preparada para ver o alívio no rosto do irmão, quando ele constatou que ela havia, pelo menos, trazido Anne de volta. Mas Marilla não lhe contou nada sobre o caso até o momento em que estavam ambos no pátio, atrás do celeiro, ordenhando as vacas. Ali, ela contou resumidamente a história de Anne e o resultado da conversa com a senhora Spencer.

– Eu não daria àquela mulher nem mesmo um cachorro do qual eu gostasse – disse Matthew, com uma hostilidade que não era habitual.

– Pessoalmente, também não gostei do jeito dela – Marilla admitiu –, mas é isso ou nós ficarmos com a menina. E como tudo indica que é o que você quer, suponho que eu também queira... ou tenha de querer. Pensei muito nessa ideia até ficar razoavelmente acostumada com ela. Parece que é uma espécie de obrigação. Porém, nunca criei uma criança, especialmente uma menina, e posso dizer que vou me atrapalhar terrivelmente nisso tudo. Mas prometo dar o melhor de mim. Sendo assim, no que depender de mim, Matthew, ela pode ficar.

O rosto tímido de Matthew brilhou de satisfação.

– Bem... ah, eu sabia que você ia acabar vendo as coisas desse modo, Marilla – ele falou. – Ela é uma menina tão interessante!

– Seria mais apropriado se você dissesse que ela é uma menina tão útil... – Marilla ironizou. – Mas vou cuidar pessoalmente de fazer com que ela seja treinada para isso. E preste atenção, Matthew, você não vai interferir nos meus métodos. Talvez uma velha solteirona não saiba muito sobre educar uma criança, mas imagino que saiba mais do que um velho solteirão. Sendo assim, deixe-me cuidar dela. Se eu falhar, então será a hora de você se intrometer.

– Ora, ora, Marilla... Pode agir do seu modo – disse Matthew, tranquilizando a irmã. – Só lhe peço que seja tão boa e gentil com ela o quanto puder, sem mimar demais a menina. Eu penso que ela é daquele tipo de criança que faz tudo o que quisermos, se fizermos com que ela nos ame.

Marilla resmungou qualquer coisa para expressar seu desprezo pelas opiniões de Matthew a respeito de qualquer assunto feminino e saiu

carregando os baldes.

“Não vou contar para Anne essa noite que ela pode ficar”, a mulher refletiu, enquanto enchia as leiteiras. “Ela ficaria tão entusiasmada que não dormiria nem mesmo um segundo. Marilla Cuthbert, você se comprometeu, e agora não tem mais saída. Alguma vez imaginou que um dia adotaria uma menina órfã? Isso é realmente impressionante; mas não tão impressionante quanto pensar que a ideia partiu de Matthew. Logo ele, que sempre pareceu ter pavor de meninas. De qualquer modo, decidimos fazer essa experiência, e só Deus sabe o que vai resultar disso.”





Quando Marilla levou Anne para a cama naquela noite, ela falou severamente:

– Preste atenção, Anne! Eu percebi que você deixou suas roupas espalhadas no chão quando se trocou ontem à noite. Esse é um hábito muito desleixado, que não posso admitir de jeito nenhum. Assim que você tirar qualquer peça de roupa, tem de dobrá-la e colocar sobre a cadeira. Meninas bagunceiras não servem para nada.

– Eu estava tão atormentada ontem à noite que nem pensei sobre minhas roupas – Anne explicou. – Vou dobrar todas cuidadosamente esta noite. Eu sempre tinha de fazer isso lá no orfanato, mas, na metade das vezes, eu esquecia, porque estava apressada para ficar quieta e sossegada na cama imaginando coisas.

– Pois, se ficar aqui, vai ter de lembrar todos os dias – Marilla advertiu. – Isso... assim parece bem melhor. Agora, faça suas preces e deite-se.

– Nunca faço preces – Anne declarou.

Marilla ficou perplexa, horrorizada.

– Ora, Anne, o que é que você está dizendo?! Nunca lhe ensinaram a fazer suas orações?! Deus sempre quer que as meninas façam suas preces. Você não sabe quem é Deus, Anne?

– Deus é um espírito infinito, eterno e imutável em Seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade – respondeu Anne, rápida e prontamente.

Marilla pareceu bastante aliviada.

– Então sabe alguma coisa, pelo menos. Graças a Deus, você não é exatamente uma ateia. Onde aprendeu isso?

– Oh, na escola dominical do orfanato. Eles nos fizeram aprender todo o catecismo. Gostei muito. Tem alguma coisa esplêndida em algumas dessas palavras. “Infinito, eterno e imutável”... não é maravilhoso? Tem tanto ritmo nisso... é como se fosse o som de um órgão bem grande. Acho que isso não pode ser chamado de poesia, mas parece muito, não parece?

– Não estamos falando de poesia, Anne. Estamos falando sobre fazer suas preces. Não sabe que não fazer orações toda noite é uma coisa horrível? Estou começando a achar que você é uma menina muito má.

– A senhora também acharia mais fácil ser má do que ser boa, se tivesse cabelo vermelho – Anne respondeu, com tom de reprovação. – Pessoas que não têm cabelo vermelho não sabem o que é um problema. Depois que a senhora Thomas me disse que Deus me deu cabelo vermelho *de propósito*, nunca mais me importei com Ele. E, de qualquer forma, toda noite eu estava cansada demais para me preocupar em fazer orações. Ninguém pode esperar que pessoas que tomam conta de gêmeos façam suas preces. Honestamente, a senhora acha que pode?

Marilla decidiu que a educação religiosa de Anne tinha de começar imediatamente. Com toda a certeza, não havia tempo a perder.

– Enquanto estiver sob meu teto, você vai ter de fazer suas orações, Anne.

– Sim, claro, se é o que a senhora quer, vou fazer – a menina concordou, alegremente. – Faço qualquer coisa para lhe agradar. Mas, dessa vez,

preciso que me ensine o que devo dizer. Pensando bem, acho que isso vai ser muito interessante!

– Você tem de se ajoelhar – disse Marilla, ligeiramente constrangida.

Anne se ajoelhou aos pés de Marilla, que estava sentada na cama, e olhou seriamente para cima.

– Por que as pessoas têm de se ajoelhar para fazer suas preces? Vou lhe contar o que eu faria, se realmente quisesse orar. Eu iria sozinha para onde tivesse um campo bem grande, ou um bosque bem denso, e olharia para o céu lá no alto... muito, muito, muito alto... olharia para o céu maravilhosamente azul, um azul que parece que não tem fim. E, então, eu só sentiria a prece... Bem, estou pronta. O que devo dizer?

Marilla se sentiu mais constrangida do que nunca. Tinha pensado em ensinar a Anne a clássica oração infantil “Agora me deito para dormir”. Mas ela tinha, como já contei, traços indicativos de certo senso de humor, que, nesse caso, era um senso de adequação das coisas. Portanto, subitamente lhe ocorreu que aquela oração pequena e singela, consagrada a crianças de camisola branca, ajoelhadas aos pés de suas mães, era inteiramente inadequada para aquela pestinha sardenta, que não conhecia o amor de Deus nem se importava com ele, pois ninguém nunca havia apresentado a ela seu intermediário: o amor humano.

– Você já tem idade suficiente para orar por conta própria, Anne – Marilla falou, por fim. – Simplesmente agradeça a Deus por suas bênçãos e peça a ele humildemente aquilo que você deseja.

– Bem, vou fazer o melhor que puder – Anne prometeu, escondendo seu rosto no colo de Marilla. – Gracioso Pai Celestial... é assim que os pastores falam na igreja; então, suponho que podemos falar desse jeito numa oração particular, não é? – ela interrompeu a prece e levantou a cabeça por um momento para perguntar. Depois prosseguiu:

– Gracioso Pai Celestial, agradeço a Ti pelo Caminho Branco do Encantamento, pelo Lago das Águas Brilhantes, por Bonny e pela Rainha da Neve. Estou realmente e extremamente grata por tudo isso. E essas são todas as bênçãos que consigo lembrar agora para agradecer a Ti por elas.

Sobre as coisas que desejo, elas são tantas que eu ia gastar tempo demais mencionando todas. Então, vou falar só as duas mais importantes. Por favor, me deixe ficar em Green Gables; e, por favor, me deixe ficar bonita quando eu crescer.

Atenciosamente,

Anne Shirley

– Pronto! Fiz tudo certo? – a menina perguntou, ansiosa, ficando de pé.
– Eu poderia ter feito uma oração muito mais florida se tivesse tido um pouco mais de tempo para pensar nisso.

A pobre Marilla só foi poupada de um colapso total porque se lembrou de que não era por falta de respeito, mas por pura ignorância espiritual, que Anne tinha feito aquela prece extraordinária. Sendo assim, pôs a menina na cama, jurando mentalmente que lhe ensinaria uma oração no dia seguinte, sem falta, e já estava saindo do quarto com a vela quando Anne a chamou.

– Senhorita Marilla, só pensei nisso agora... Eu deveria ter dito “Amém”, em vez de “Atenciosamente”, não é? É assim que os pastores fazem. Eu tinha esquecido, mas sabia que as preces tinham de terminar de alguma forma, por isso falei “Atenciosamente”. A senhora acha que vai fazer alguma diferença?

– Eu... eu suponho que não – Marilla falou. – Agora, durma como uma boa menina. Boa noite!

– Sim, hoje posso dizer boa noite com a consciência tranquila – disse Anne, abraçando seus travesseiros e se acomodando confortavelmente na cama.

Marilla foi para a cozinha, colocou a vela firmemente sobre a mesa e olhou para o irmão.

– Matthew Cuthbert, já passou da hora de alguém adotar essa criança e lhe ensinar algumas coisas. Ela está prestes a se tornar uma verdadeira ateia. Você acredita que, até esta noite, Anne nunca tinha feito uma prece na vida? Vou à casa do pastor amanhã para lhe pedir que me empreste uns

livros de educação religiosa, é isso que vou fazer. E Anne vai começar a frequentar a escola dominical assim que eu puder mandar fazer roupas apropriadas para ela. Sabe, estou prevendo que vou ter muito trabalho. Ora, ora, não podemos passar por esse mundo sem ter nossa cota de problemas, isso é fato. Até agora, tive uma vida razoavelmente tranquila, mas esse tempo acabou, e suponho que vou ter de me esforçar ao máximo daqui para a frente.



CAPÍTULO VIII

*Começa a educação
de Anne*

*P*or razões que apenas ela mesma sabia, só na tarde seguinte Marilla contou a Anne que ela ficaria em Green Gables. Durante a manhã, ela a manteve ocupada com várias tarefas e observou atentamente a menina realizá-las. Por volta do meio-dia, Marilla já estava convencida de que Anne era esperta e obediente, trabalhava com disposição e aprendia depressa. Seu mais sério defeito parecia ser uma tendência a começar a sonhar acordada no meio de uma tarefa e se esquecer dela até o momento em que fosse chamada à realidade por uma reprimenda ou uma catástrofe.

Quando já havia terminado de lavar e secar a louça do almoço, Anne se dirigiu a Marilla com o ar e a expressão de alguém que está desesperadamente determinado a ouvir o pior. Seu corpo pequeno e magro tremia da cabeça aos pés; o rosto estava muito corado, e os olhos, dilatados até ficarem quase pretos; suas mãos estavam muito apertadas uma contra a outra. E, com uma voz suplicante, ela pediu:

– Oh, por favor, senhorita Cuthbert, pode me dizer se vai ou não me mandar embora? Passei a manhã inteira tentando ser paciente, mas agora estou sentindo que realmente não posso mais suportar não saber. É um sentimento terrível. Por favor, me diga.

– Você ainda nem mergulhou os panos de prato na água fervente, como mandei que fizesse – Marilla falou, impassível. – Faça isso antes de me perguntar qualquer coisa, Anne.

A menina cuidou dos panos de prato e, em seguida, aproximou-se novamente de Marilla e a encarou com um olhar implorador.

– Bem – disse Marilla, incapaz de encontrar qualquer outra desculpa para adiar ainda mais sua resposta –, acho que é melhor lhe dizer agora. Matthew e eu resolvemos ficar com você... isto é, se prometer que vai tentar ser uma boa menina e mostrar que está agradecida. Ora, ora, o que é que está acontecendo?

– Estou chorando – Anne falou, assustada. – Não consigo imaginar por que isso está acontecendo. Estou tão contente quanto é possível. Oh, *contente* não parece ser a palavra certa... não, de jeito nenhum... fiquei contente com o Caminho Branco e as flores de cerejeira... Mas isso! Oh, isso é muito mais que estar contente... Estou muito feliz! Vou me esforçar para ser muito boa. Vai ser muito difícil; sei disso porque a senhora Thomas sempre me dizia que eu era horivelmente má. Mas vou dar o melhor de mim. Por favor, a senhora pode me dizer por que estou chorando?

– Suponho que seja porque está muito exaltada e agitada – Marilla respondeu, com tom de desaprovação. – Sente-se naquela cadeira e procure se acalmar. Acho que você tanto chora quanto ri com facilidade demais. Sim, você pode ficar aqui, e vamos fazer o que pudermos por sua educação. Vai ter de frequentar a escola. No entanto, como faltam só duas semanas para o início das férias, não vale a pena você começar antes da volta às aulas, em setembro.

– Como vou chamar a senhora? – Anne perguntou. – Devo sempre dizer senhorita Cuthbert? Posso chamá-la de tia Marilla?

– Não. Vai me chamar simplesmente de Marilla. Não estou acostumada a ser chamada de senhorita Cuthbert; isso me deixaria nervosa.

– Parece uma terrível falta de respeito dizer só Marilla – Anne protestou.

– Não vejo nenhuma falta de respeito nisso, se você for obediente e bem-educada. Todas as pessoas de Avonlea, das mais jovens às mais idosas, me chamam de Marilla, exceto o pastor. Ele fala senhorita Cuthbert... quando pensa nisso.

– Eu adoraria chamá-la de tia Marilla – Anne falou melancolicamente. – Nunca tive nenhuma tia, nenhum parente... nem sequer uma avó. Assim, eu sentiria que realmente pertenço à senhora. Não posso mesmo chamá-la de tia Marilla?

– Não. Não sou sua tia, e não acho certo chamar as pessoas por nomes que não são delas.

– Mas poderíamos imaginar que é minha tia.

– Eu não poderia – Marilla falou, severamente.

– A senhora nunca imagina as coisas diferentes do que elas realmente são? – Anne perguntou, com os olhos arregalados.

– Não.

– Oh! – a menina deu um longo suspiro. – Oh, senhorita... oh, Marilla, não sabe o que está perdendo!

– Não acredito em imaginar as coisas diferentes do que elas realmente são – Marilla afirmou. – Quando o Senhor nos coloca em certas circunstâncias, Ele não deseja que nós imaginemos que elas sejam diferentes. E isso me fez lembrar uma coisa: vá até a sala de estar, Anne – garanta que seus pés estejam limpos e não deixe nenhuma mosca entrar – e me traga um cartão ilustrado que está sobre a lareira. A Oração do Pai Nosso está escrita nele, e você vai dedicar seu tempo livre esta tarde a aprendê-la de cor. Não quero mais orações como a que ouvi ontem à noite.

– Acho que fui muito tola – Anne falou, se desculpando. – Mas nunca tive nenhuma prática. Não se pode esperar que uma pessoa faça uma bela oração na primeira vez que tenta, pode? Quando estava na cama, pensei

em uma prece esplêndida; exatamente como lhe prometi que faria. Era quase tão longa quanto a do pastor... e muito poética. Mas a senhora acredita que hoje de manhã não consegui lembrar nem ao menos uma palavra dela? E acho que nunca mais vou conseguir fazer outra tão boa. Não sei por que, mas as coisas nunca são tão boas quando são pensadas pela segunda vez. A senhora já notou isso?

– Aqui está uma coisa para você notar, Anne: quando digo para fazer uma coisa, quero que me obedeça imediatamente, e não que fique parada discursando sobre ela. Vá e faça o que mandei.

Anne foi prontamente para a sala, que era em frente ao *hall*, mas demorou a voltar. Após dez minutos de espera, Marilla pôs seu tricô de lado e foi procurá-la, com uma expressão zangada no rosto. Encontrou Anne de pé, imóvel, totalmente absorta diante de um quadro pendurado na parede, entre duas janelas. Suas mãos estavam juntas atrás do corpo, o rosto levantado e o olhar perdido, como em um sonho. A luz branca e verde que atravessava as macieiras e os galhos entrelaçados das videiras lá fora pousava sobre a menina em êxtase com um brilho quase sobrenatural.

– Anne, em que é que você está pensando? – Marilla perguntou ríspidamente.

Com um sobressalto, Anne voltou à Terra.

– Nisso – ela respondeu, apontando para o quadro, uma reprodução bastante vívida de uma pintura na qual Jesus abençoava crianças pequenas. – Fiquei imaginando que eu era uma dessas meninas; aquela ali de vestido azul, mais afastada, sozinha, como se não pertencesse a ninguém, assim como eu. Ela parece solitária e triste, a senhora não acha? Suponho que não tinha nem pai nem mãe. Mas também queria ser abençoada, por isso se aproximou discretamente, timidamente, da multidão, esperando não ser notada por ninguém, exceto... por Ele. Tenho certeza de que sei exatamente como ela se sentia. Seu coração deve ter disparado e suas mãos devem ter ficado geladas, do mesmo jeito que aconteceu comigo quando perguntei a você se eu ia poder ficar aqui. Ela estava com medo que Ele não percebesse sua presença. Mas é bem provável que Ele a tenha

visto, a senhora não acha? Eu estava tentando imaginar tudo isso... Ela ia se aproximar, lentamente, até estar bem perto de Jesus. Então, Ele ia olhar para ela e colocar Sua mão sobre o cabelo da menina e... oh!... ela ia sentir um maravilhoso arrepio de alegria! No entanto, eu queria que o artista não tivesse pintado Jesus com uma expressão tão triste. Ele é sempre pintado com essa expressão, já reparou nisso? Eu não acredito que Ele realmente parecesse tão infeliz... senão as crianças teriam medo de...

– Anne – Marilla falou, perguntando-se por que não tinha interrompido a menina muito tempo antes –, você não pode falar dessa maneira. Está sendo irreverente... absolutamente irreverente.

Os olhos de Anne revelaram surpresa.

– Ora, senti que estava sendo o mais respeitosa possível. Estou certa de que não tive a intenção de ser irreverente.

– Bem, suponho que não teve mesmo... mas não parece certo falar sobre essas coisas com tanta intimidade. E outra coisa, Anne: quando eu mandar você buscar alguma coisa, deve trazê-la logo, em vez de ficar distraída, fantasiando diante de quadros. Lembre-se disso. Pegue aquele cartão e traga diretamente para a cozinha. Depois, sente-se num canto e decore a oração.

Anne encostou o cartão em um jarro cheio de flores de macieira que havia trazido para enfeitar a mesa da cozinha (Marilla tinha olhado aquela decoração com restrições, mas não disse nada), apoiou o queixo nas mãos e ficou estudando a prece atentamente por vários minutos silenciosos.

– Eu gosto disso – anunciou, por fim. – É bonito. Já ouvi essa oração antes... Escutei o superintendente da escola dominical do orfanato rezar assim uma vez. Mas naquele dia eu não gostei. Ele tinha uma voz tão estridente... e orava tão pesarosamente... Senti sinceramente que ele achava que orar era uma obrigação desagradável. Isso aqui não é poesia, mas me faz sentir do mesmo jeito que a poesia faz. “Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o Teu nome.” Isso é como uma letra de música. Oh, estou tão contente porque pensou em me falar para aprender isso, senhorita... quer dizer, Marilla.

– Então, aprenda e fique calada – Marilla respondeu, secamente.

Anne aproximou o vaso com flores de macieira o suficiente para dar um beijo em um botão cor-de-rosa, e, em seguida, estudou com dedicação por mais algum tempo.

– Marilla – a menina perguntou subitamente –, a senhora acha que um dia vou ter uma amiga do peito em Avonlea?

– Uma... uma amiga o quê?

– Uma amiga do peito... uma amiga íntima, entende? Alguém que tenha uma alma irmã da minha, e com quem eu possa falar sobre meus sentimentos mais profundos. Durante toda a minha vida, sonhei em encontrar essa amiga. Nunca acreditei que realmente fosse encontrá-la, mas tantos dos meus sonhos mais adoráveis se realizaram de repente que talvez esse também se torne realidade. Acha isso possível?

– Diana Barry mora em Orchard Slope e tem mais ou menos sua idade. É uma menina muito boa, e talvez vocês fiquem amigas quando ela voltar para casa. No momento, está visitando uma tia em Carmody. Mas você vai ter de se comportar muito bem. A senhora Barry é uma mulher muito exigente. Não vai deixar Diana brincar com nenhuma menina que não seja boa e bem-educada.

Anne olhou para Marilla por entre as flores de maçã; seus olhos brilhavam de interesse.

– Como é a Diana? Ela não tem cabelo ruivo, tem? Oh, espero que não. O meu cabelo ser vermelho já é suficientemente ruim. Definitivamente, eu não suportaria um cabelo vermelho numa amiga do peito.

– Diana é muito bonita. Tem cabelo e olhos negros e bochechas coradas. É uma menina boa e inteligente, o que é melhor do que ser bonita.

Marilla gostava tanto de mencionar a moral de tudo quanto a Duquesa de *Alice no País das Maravilhas*, e estava firmemente convencida de que um princípio moral tinha de ser acrescentado a cada comentário que fosse feito para uma criança que estivesse sendo educada.

Entretanto, Anne ignorou inconsequentemente aquele princípio moral e se agarrou apenas às ótimas possibilidades que se apresentavam diante

dela.

– Oh, fico contente por saber que ela é bonita. Depois de ser uma pessoa bonita – o que é impossível, no meu caso –, a melhor coisa é ter uma amiga do peito bonita. Quando eu morava com a senhora Thomas, ela tinha, na sala, uma estante de livros com portas de vidro. Não havia nenhum livro na estante; ela guardava lá suas melhores louças e suas geleias, quando tinha alguma geleia pra guardar. Uma das portas estava quebrada. O senhor Thomas tinha trombado nela um dia quando estava bêbado. Mas a outra estava inteira, e eu costumava fingir que meu reflexo nela era outra garota, que morava lá dentro da estante. Eu a chamava de Katie Maurice, e éramos muito íntimas. Eu conversava com ela durante muito tempo, especialmente aos domingos, e lhe contava tudo. Katie era o conforto e o consolo da minha vida. Costumávamos fingir que a estante era encantada e que, se eu soubesse as palavras mágicas, eu poderia abrir a porta e entrar no cômodo onde ela morava, em vez de entrar nas prateleiras de louças e geleias da senhora Thomas. E então, Katie Maurice ia me pegar pela mão e me levar para um lugar maravilhoso, cheio de flores, raios de sol e fadas. Aí, nós iríamos morar lá e seríamos felizes para sempre. Quando fui morar com a senhora Hammond, fiquei com o coração partido por ter de deixar Katie Maurice para trás. Ela também sentiu muito... Sei disso porque ela estava chorando quando me deu um beijo de despedida através do vidro. Não tinha nenhuma estante na casa da senhora Hammond. Porém, lá em cima, perto do rio e um pouco distante da casa dela, tinha um vale verde comprido, onde morava o mais adorável de todos os ecos. Ele repetia cada palavra que a gente dizia, mesmo quando não falávamos mais alto. Na época, imaginei que ele era uma menina chamada Violetta, e eu a amava quase tanto quanto eu amava Katie Maurice... não o mesmo tanto, mas quase, sabe? Na noite da véspera do dia em que fui para o orfanato, me despedi de Violetta e... oh!... o adeus dela chegou aos meus ouvidos em tons muito, muito tristes. Eu tinha ficado tão ligada a ela que não tive coragem de imaginar uma amiga do

peito no orfanato, mesmo que lá tivesse alguma oportunidade para a imaginação.

– Acho que foi melhor assim – Marilla falou, secamente. – Não gosto desses seus devaneios. Às vezes, você parece acreditar em suas próprias invenções. Vai te fazer bem ter uma amiga que seja uma pessoa real. Assim, tire essas bobagens da cabeça. Mas não deixe a senhora Barry ouvir você falar sobre suas Katies Maurices e suas Violetas, senão vai pensar que você inventa coisas demais.

– Oh, não! Não posso falar sobre elas com todo mundo... essas lembranças são sagradas demais pra isso. Mas pensei que eu gostaria que a senhora soubesse sobre elas. Oh, veja, uma abelha grande acabou de sair de uma flor de macieira. Imagine que lugar adorável para viver... uma flor de macieira! Pense como seria encantador dormir dentro dela, embalada pelo vento! Se eu não fosse uma menina humana, acho que gostaria de ser uma abelha e viver entre as flores.

– Ontem você queria ser uma gaivota – Marilla lembrou. – Acho que você é muito inconstante. Eu lhe disse para aprender a prece, e não para ficar falando, mas parece que é impossível você parar de tagarelar, se tem alguém por perto para te ouvir. Portanto, suba para seu quarto e decore a oração.

– Oh, agora eu já aprendi quase tudo... só falta a última linha.

– Isso não importa; faça o que eu disse. Vá para o quarto e acabe de aprender bem a oração. E fique lá até eu te chamar para me ajudar com o chá.

– Posso levar as flores de macieira para me fazer companhia?

– Não. Em primeiro lugar, você devia ter deixado as flores na árvore. Além disso, você não quer seu quarto entulhado de flores.

– Na verdade, também senti um pouco isso. Pensei que, quando eu colhesse as flores, estaria encurtando suas vidas maravilhosas; isso não estava certo. Eu mesma não ia querer ser colhida, se fosse uma flor de macieira. Mas a tentação foi *irresistível*. O que a senhora faz quando tem uma tentação *irresistível*?

– Anne, você me ouviu dizer para subir para seu quarto?

A menina suspirou, foi para o sótão do leste e se sentou em uma cadeira perto da janela.

– Pronto... já sei fazer a oração. Apreendi a última linha enquanto subia as escadas. Agora, vou imaginar coisas para este quarto, para que fiquem imaginadas para sempre. O chão é coberto com um tapete branco de veludo, com uma estampa de rosas cor-de-rosa, e há cortinas de seda também cor-de-rosa nas janelas. As paredes estão enfeitadas com tapeçarias bordadas com fios de ouro e prata. A mobília é de mogno. Nunca vi móveis de mogno, mas parece uma coisa *tão* luxuosa... Isto aqui é um sofá cheio de almofadas de seda maravilhosas... almofadas cor-de-rosa, azuis, vermelhas e douradas. Eu estou graciosamente reclinada nele. Posso ver meu reflexo naquele espelho grande e majestoso pendurado na parede. Sou alta e elegante, e estou usando um vestido branco de renda, uma cruz de pérolas sobre o peito e pérolas no cabelo, que é negro como a escuridão da meia-noite. Minha pele é pálida, clara como o marfim. Meu nome é *Lady* Cordélia Fitzgerald... Não, não é! Não consigo fazer *isso* parecer real.

Anne foi dançando até o pequeno espelho e se olhou. Seu rosto, expressivo e coberto de sardas, e seus olhos, cinzentos e solenes, olharam de volta para ela, do outro lado.

– Você é apenas Anne de Green Gables – falou, séria. – E eu te vejo exatamente como você é agora sempre que tento imaginar que é *Lady* Cordélia. Mas é um milhão de vezes melhor ser Anne de Green Gables do que ser Anne de nenhum lugar em especial, não é?

Inclinou-se para a frente, beijou afetuosamente seu reflexo no espelho e se dirigiu para a janela aberta.

– Querida Rainha da Neve, boa tarde! E boa tarde, queridas bétulas do vale! Boa tarde, casa cinza no alto da colina! Gostaria de saber se Diana vai ser minha amiga do peito. Espero que seja. Vou amá-la muito. Mas nunca vou me esquecer de Katie Maurice e de Violetta. Elas ficariam tão chateadas se eu fizesse isso... Odeio ferir os sentimentos de qualquer

pessoa, até mesmo de uma menina de estante e uma menina de eco. Preciso ter o cuidado de me lembrar delas e lhes mandar um beijo todos os dias.

Com as pontas dos dedos, Anne soprou no ar alguns beijos, em direção às flores da cerejeira e, em seguida, com o queixo apoiado nas mãos, flutuou deliciosamente em um mar de devaneios.

CAPÍTULO IX

*A senhora Rachel Lynde
fica horrorizada*

J á havia quinze dias que Anne estava em Green Gables quando a senhora Rachel Lynde fez uma visita para inspecioná-la. Entretanto, para fazer justiça, é preciso esclarecer que essa demora não foi culpa dela. Uma gripe severa e fora de época tinha confinado a boa senhora em casa, desde sua última visita a Marilla. A senhora Rachel não adoecia com frequência, e sentia certo desprezo por pessoas que estavam constantemente doentes. Mas a gripe, ela afirmava, era diferente de todas as outras doenças existentes no mundo, e só poderia ser interpretada como uma visita especial da Providência. Porém, assim que o médico lhe deu permissão para pôr os pés fora de casa, ela foi mais do que depressa até Green Gables, quase explodindo de curiosidade de ver o órfão de Matthew e Marilla, sobre o qual todos os tipos de histórias e suposições circulavam por Avonlea.

Anne tinha aproveitado bem cada minuto em que estivera acordada naquelas duas semanas. Já estava familiarizada com todas as árvores e

todos os arbustos que havia por ali. Tinha descoberto que, para lá do pomar de macieiras, havia uma alameda que atravessava um bosque, e tinha explorado esse caminho até sua extremidade mais distante, observando todas as suas características extravagantes e deliciosas: riachos e pontes, pinheiros e cerejeiras silvestres, áreas cobertas de samambaias e atalhos margeados por bordos e eucaliptos.

A menina tinha feito amizade com a nascente lá embaixo, no vale; aquela nascente maravilhosa, profunda, de água límpida e fria como o gelo, que corria sobre pedras lisas de arenito vermelho. Ao redor dela, havia conjuntos de samambaias aquáticas. Um pouco mais além, uma ponte de troncos cruzava o rio.

Essa ponte levou os pés dançantes de Anne a uma colina coberta de árvores, onde uma eterna penumbra reinava sob abetos e pinheiros retos e espessos. As únicas flores existentes ali eram grandes quantidades de delicadas campânulas – as mais doces e tímidas flores do bosque – e algumas primulas pálidas e aéreas, que pareciam espíritos de flores do ano anterior. Teias de aranha brilhavam entre as árvores como fios de prata, e os galhos entrelaçados dos pinheiros davam a impressão de estarem dizendo palavras gentis.

Todos esses extasiantes passeios de exploração eram feitos nos raros intervalos de meia hora em que Anne tinha permissão para brincar; quando voltava, a menina falava tanto sobre suas descobertas que quase deixava Matthew e Marilla surdos. Não que Matthew se queixasse; ele não reclamava. Ouvia tudo calado, com um sorriso de satisfação no rosto. Marilla permitia a “tagarelice” até o momento em que percebia que estava ficando muito interessada nos relatos e os interrompia prontamente, mandando a menina se calar.

Anne estava no pomar quando a senhora Rachel chegou, caminhando à vontade pelo gramado exuberante e trêmulo, salpicado dos raios avermelhados do entardecer. Portanto, a boa senhora teve uma chance excelente para falar exaustivamente sobre sua doença, descrevendo cada dor e cada variação no batimento cardíaco com um prazer tão grande e

evidente que Marilla pensou que até mesmo uma gripe certamente tinha lá suas compensações. Quando todos os detalhes já haviam sido narrados, a senhora Rachel introduziu o assunto que era o motivo real de sua visita.

– Tenho escutado coisas surpreendentes sobre você e Matthew.

– Não creio que você esteja nem um pouco mais surpresa do que eu mesma – Marilla falou. – Só agora estou me recuperando do susto.

– Foi muito ruim ter acontecido um engano como esse – disse a senhora Rachel, solidária. – Vocês não poderiam mandar a menina de volta?

– Acho que sim, mas decidimos não fazer isso. Matthew se afeiçoou a ela, e devo dizer que também gostei de Anne... embora admita que ela tem lá seus defeitos. Mas parece que a casa já está diferente depois que a menina chegou. É uma criança realmente esperta.

Pela expressão de censura que pôde ver no rosto da vizinha, ficou claro para Marilla que ela havia dito mais do que pretendia inicialmente.

– Você assumiu uma responsabilidade muito grande – a senhora Rachel afirmou melancolicamente –, principalmente se considerarmos que nunca teve nenhuma experiência com crianças. Suponho que não saiba muito sobre ela, nem sobre seu temperamento verdadeiro; e não há como prever o que uma criança assim vai se tornar. Mas não quero desencorajar você, Marilla, de jeito nenhum.

– Não me sinto desencorajada – foi a resposta seca de Marilla. – Quando resolvo fazer alguma coisa, está decidido e pronto. Imagino que queira ver a Anne. Vou chamá-la.

Anne veio correndo imediatamente, com o rosto brilhando de alegria por causa do passeio no pomar. Porém, desconcertada ao perceber a presença inesperada de uma estranha, parou, hesitante, na soleira da porta. E, sem dúvida, sua aparência era a de uma pequena criatura bem esquisita: usava aquele vestido barato – muito apertado e curto – com o qual tinha vindo do orfanato, e sob o qual suas pernas finas pareciam desengonçadamente longas. Suas sardas estavam mais numerosas e intrusas do que nunca. E, como ela estava sem chapéu, o vento tinha

deixado seu cabelo na mais completa desordem; além disso, ele nunca tinha parecido tão vermelho como naquele momento.

– Bem, eles não ficaram com você por causa da aparência; isso é óbvio e certo – foi o comentário enfático da senhora Rachel Lynde ao vê-la. A senhora Rachel era uma daquelas pessoas famosas por se orgulharem de dizer o que pensam, sem qualquer medo ou gentileza. – Ela é terrivelmente magricela e desengonçada, Marilla. Chegue mais perto, criança, deixe-me olhar para você. Céus, alguém já viu sardas como essas? E esse cabelo avermelhado como uma cenoura?! Vem cá, criança, eu já disse!

Anne foi lá, mas não exatamente da forma que a senhora Rachel esperava. Com um salto, ela cruzou o chão da cozinha e parou diante da senhora Rachel, com o rosto vermelho de raiva, os lábios trêmulos e toda a sua figura delgada tremendo da cabeça aos pés.

– Eu te odeio! – a menina gritou, com a voz embargada, batendo o pé no chão. – Eu te odeio... odeio... odeio! – junto com cada uma dessas declarações de ódio, ela bateu com mais força o pé no chão. – Como ousa me chamar de magricela e feia? Como ousa dizer que sou sardenta e ruiva? A senhora é uma mulher rude, mal-educada e insensível!



– Eu te odeio! – a menina gritou, com a voz embargada, batendo o pé no chão.

– Anne! – exclamou Marilla, espantada.

Mas Anne continuou a encarar a senhora Rachel destemidamente, com a cabeça erguida, os olhos em chamas, as mãos cerradas, deixando transparecer uma profunda indignação.

– Como ousa dizer essas coisas sobre mim? – a menina repetiu veementemente. – Como se sentiria se dissessem coisas assim sobre a senhora? Gostaria de ouvir que é gorda e desajeitada, e que provavelmente não tem nem um pinga de imaginação? Não me importo se estiver ferindo seus sentimentos ao dizer isso! Espero que esteja mesmo. A senhora feriu os meus mais do que ninguém nunca fez... nem o marido bêbado da senhora Thomas. E *nunca* vou te perdoar por isso... nunca, nunca!

Tum! Tum! – bateu o pé no chão com toda a sua força, enquanto dizia essas últimas palavras.

– Onde já se viu um temperamento desses? – exclamou a senhora Rachel, horrorizada.

– Anne, vá para seu quarto e fique lá até eu subir – Marilla ordenou, recuperando a fala com certa dificuldade.

Explodindo em lágrimas, Anne saiu em disparada, bateu a porta com tanta força que até os vasos da parede da varanda chacoalharam solidariamente, atravessou correndo o *hall* e subiu as escadas como um furacão. Outro estrondo lá em cima anunciou que a porta do sótão do leste tinha sido fechada com o mesmo vigor.

– Bem, não invejo seu trabalho de criar *essa* aí, Marilla – afirmou a senhora Rachel, com uma arrogância indescritível.

Marilla abriu a boca sem saber se pedia desculpas ou expressava desaprovação. Entretanto, o que realmente falou foi uma surpresa para ela mesma, tanto naquele momento quanto em todos os outros que se seguiram.

– Você não deveria ter depreciado a aparência dela daquele jeito, Rachel.

– Marilla Cuthbert, não está querendo me dizer que apoia uma demonstração tão terrível de temperamento como essa que acabamos de

ver, está? – perguntou a senhora Rachel, indignada.

– Não – Marilla respondeu, devagar –, não estou tentando defender a menina. Ela foi muito malcriada e vou ter de conversar com ela sobre isso. Mas precisamos ser compreensivos com ela. Anne nunca teve quem lhe ensinasse o que é certo ou errado. E você *foi* extremamente dura com ela, Rachel.

Marilla não pôde deixar de acrescentar essa última frase, embora ela tenha novamente ficado surpresa consigo mesma quando fez isso. A senhora Rachel se levantou, com um ar de dignidade ofendida, e declarou:

– Bem, depois disso, vejo que vou ter de ser muito cuidadosa com o que digo, Marilla, pois os sentimentos delicados de órfãos vindos sabe Deus de onde devem ser levados em consideração antes de qualquer outra coisa. Oh, não, não estou ofendida... não se preocupe. Estou com dó demais de você para ainda sobrar espaço em meu coração para a raiva. Você terá de enfrentar muitos problemas com aquela criança. E, se quiser um conselho meu – o que suponho que não vá querer, embora eu tenha criado dez filhos e enterrado dois – use uma boa vara de bétula para ter a tal “conversa” que mencionou. Creio que *esta* é a linguagem mais eficaz com uma criança desse tipo. O temperamento dela combina com o cabelo, eu acho. Bem, boa noite, Marilla. Espero que vá me visitar com a mesma frequência de costume. Mas não espere que eu volte aqui tão cedo, se for para ser atacada e insultada dessa maneira. Isso *nunca* me aconteceu antes.

Tendo dito isso, a senhora Rachel partiu rapidamente – se é que é possível dizer que uma mulher gorda, que só caminhava rebolando, partiu rapidamente – e Marilla, com uma expressão muito séria no rosto, dirigiu-se para o sótão.

Enquanto subia as escadas, ela refletiu apreensivamente sobre o que deveria fazer. Estava bastante perturbada com a cena que tinha acabado de presenciar. Com tantas pessoas em Avonlea, como era lamentável Anne ter demonstrado aquele temperamento exatamente diante da senhora Rachel Lynde. Subitamente, Marilla chegou à conclusão – desconfortável e digna de repreensão – de que se sentia muito mais humilhada do que triste pela

descoberta de um defeito tão sério na personalidade de Anne. Como deveria punir a menina? A amável sugestão da vara de bétula – de cuja eficácia todos os filhos da senhora Rachel podiam prestar testemunho convincente – não atraiu Marilla. Ela não acreditava que seria capaz de castigar uma criança fisicamente. Não, algum outro método de punição precisava ser encontrado para fazer com que Anne realmente se desse conta da enormidade de sua ofensa.

Marilla encontrou a menina deitada de bruços, chorando amargamente, sem a menor consciência de que tinha posto suas botas sujas de lama sobre a colcha limpa.

– Anne – chamou, calmamente.

Nenhuma resposta.

– Anne – dessa vez, Marilla falou com a voz mais severa – saia dessa cama neste minuto e ouça o que tenho para lhe dizer.

Anne se levantou da cama e sentou rigidamente em uma cadeira ao lado. Seu rosto estava inchado e molhado pelas lágrimas, e os olhos, teimosamente fixos no chão.

– Que *bela* maneira de se comportar, Anne! Não sente vergonha do que fez?

– Ela não tinha nenhum direito de me chamar de feia e ruiva – Anne respondeu, evasiva e desafiadoramente.

– E você não tinha o direito de ficar tão furiosa e falar do jeito que falou com ela, Anne. Fiquei com vergonha de você... muita vergonha mesmo. Eu queria que você se comportasse bem diante da senhora Lynde, mas, em vez disso, me desonrou. Sinceramente, não entendo por que você ficou furiosa daquela maneira quando a senhora Lynde falou que você era ruiva e desengonçada. Você mesma vive dizendo isso.

– Ah, tem muita diferença entre dizer uma coisa e ouvir outra pessoa dizer aquilo – Anne argumentou. – A gente pode saber que uma coisa é de um jeito, mas não pode deixar de esperar que outras pessoas não achem que ela seja dessa maneira. Suponho que a senhora esteja pensando que eu tenho um péssimo temperamento, mas não pude me controlar. Quando ela

falou aquilo, uma coisa simplesmente cresceu dentro de mim e me sufocou. Eu *tive* de reagir.

– Bem, devo dizer que você fez uma bela exibição de si mesma. A senhora Lynde vai ter uma boa história sobre você para espalhar por Avonlea... e ela vai fazer isso. Esse seu ataque de fúria foi uma coisa horrorosa, Anne.

– Apenas imagine como a senhora se sentiria se alguém dissesse na sua frente que é magricela e feia – Anne suplicou, entre lágrimas.

De repente, uma lembrança antiga veio à mente de Marilla. Ela ainda era uma criança muito pequena quando ouviu uma de suas tias dizer para a outra:

– É uma pena que ela seja uma coisinha tão sem graça e desengonçada!

Marilla viveu muito tempo antes que essa lembrança parasse de doer a cada dia.

– Não estou dizendo que acho que a senhora Lynde estava exatamente certa quando falou aquilo com você, Anne – ela admitiu, com um tom de voz mais suave. – Rachel é muito franca. Mas isso não justifica seu comportamento. Você não a conhecia, ela é uma pessoa idosa e veio me visitar; essas são três boas razões para você ter mostrado respeito por ela. Você foi rude, e insolente, e... – nesse momento, Marilla teve uma inspiração salvadora a respeito de como castigar a menina – você vai ter de ir até a casa dela, vai dizer que está arrependida de seu mau comportamento e vai pedir perdão a Rachel.

– Nunca vou poder fazer isso – Anne afirmou, séria e determinada. – Pode me castigar da forma que quiser, Marilla. Pode me trancar numa masmorra escura e úmida, habitada por cobras e sapos, e me alimentar apenas de pão e água; não vou reclamar. Mas não posso pedir perdão à senhora Lynde.

– Não temos o hábito de trancar pessoas em masmorras escuras e úmidas – Marilla falou secamente –, especialmente porque elas são bastante raras em Avonlea. Mas você tem de pedir desculpas à senhora

Lynde, e vai fazer isso sim. Fique aqui no seu quarto até que possa me dizer que está pronta para tomar essa atitude.

– Então, vou ter de permanecer aqui para sempre – disse Anne tristemente –, porque não posso dizer à senhora Lynde que estou arrependida de ter falado aquelas coisas com ela. Como eu poderia? *Não* estou arrependida. Sinto muito por ter feito a senhora se sentir desonrada; mas estou *contente* por ter dito a ela exatamente o que eu disse. Foi uma grande satisfação. Não posso dizer que me arrependi, se isso não é verdade, posso? Não consigo nem me *imaginar* arrependida.

– Talvez sua imaginação esteja trabalhando melhor amanhã cedo – falou Marilla, se levantando para sair do quarto. – Vai ter a noite toda para refletir sobre seu comportamento e melhorar seu estado de espírito. Você prometeu que tentaria ser uma menina muito boa se a deixássemos ficar em Green Gables, mas devo dizer que não foi bem isso que aconteceu agora há pouco.

Deixando esse argumento para torturar o tempestuoso coração de Anne, Marilla desceu para a cozinha, com a mente dolorosamente atormentada e a alma cruelmente desonrada. Estava tão zangada consigo mesma quanto com Anne, pois, cada vez que se lembrava da expressão horrorizada no rosto da senhora Rachel, sentia seus lábios se contorcerem com um repreensível desejo de rir.



Marilla não disse nada a Matthew sobre o acontecimento daquele fim de tarde. Porém, quando Anne mostrou, na manhã seguinte, que ainda estava emburrada, uma explicação para sua ausência na mesa do café da manhã se fez necessária. Marilla contou a Matthew toda a história, tomando cuidado para impressioná-lo com a devida noção da gravidade do comportamento de Anne.

– Foi bom Rachel Lynde ter sido repreendida; é uma velha intrometida e fofoqueira – foi a resposta “consoladora” de Matthew.

– Matthew Cuthbert, estou perplexa com você. Sabe que o comportamento de Anne foi abominável, e ainda assim toma o partido dela?! Suponho que vai dizer agora que ela não tem de ser punida de maneira nenhuma.

– Bem... ah... não... não exatamente – Matthew respondeu, inquieto. – Acho que tem de receber um pequeno castigo. Não seja muito dura com

ela, Marilla. Lembre-se de que ela nunca teve ninguém para lhe ensinar o que é certo. Você vai... você vai lhe dar alguma coisa para comer, não vai?

– Quando foi que me viu deixar alguém passar fome para aprender a se comportar bem? – Marilla perguntou, indignada. – Ela vai ter suas refeições regularmente, e eu mesma vou levá-las lá em cima. Mas Anne vai ficar lá até se dispor a pedir desculpas à senhora Lynde. É minha decisão final, Matthew.

O café da manhã, o almoço e o jantar foram muito silenciosos, pois Anne ainda permaneceu inflexível. Após cada refeição, Marilla levou uma bandeja bem servida até o sótão do leste, e a trouxe de volta, mais tarde, aparentemente intocada. Matthew olhou bastante preocupado para a do jantar, quando Marilla a trouxe de volta para baixo. Será que Anne comeu um pouco, pelo menos?

Quando Marilla saiu no fim da tarde para trazer as vacas do pasto dos fundos, Matthew, que tinha ficado rondando os celeiros e observando tudo, esgueirou-se, sorrateiro, para dentro de casa e subiu as escadas. Em geral, Matthew só circulava entre a cozinha e o pequeno quarto perto do *hall*, onde dormia. Às vezes, se aventurava a ir à sala de estar, ou à sala de visitas, constrangido, quando o pastor vinha para o chá. Entretanto, ele nunca mais tinha ido ao andar de cima, desde a primavera em que ajudou Marilla a pregar o papel de parede no quarto de hóspedes; e isso tinha acontecido havia quatro anos.

Matthew caminhou cuidadosamente pelo corredor e permaneceu por vários minutos parado do lado de fora do sótão do leste, antes de criar coragem para bater à porta e, em seguida, abri-la e espiar o interior do cômodo.

Anne estava sentada na cadeira amarela perto da janela, olhando tristemente para o jardim. Parecia muito pequena e infeliz, e isso afligiu o coração de Matthew. Então, ele fechou a porta suavemente e se aproximou dela devagar.

– Anne – sussurrou, como se temesse que mais alguém pudesse escutar –, como você está lidando com isso, Anne?

A menina sorriu melancolicamente.

– Razoavelmente bem, Matthew. Fico imaginando coisas, e isso ajuda a passar o tempo. Estou me sentindo muito solitária, claro. Mas posso acabar me acostumando com isso.

Anne sorriu novamente, pronta para encarar bravamente os longos anos de solidão que tinha pela frente.

Matthew se lembrou de que precisava falar logo o que veio para dizer, sem perder tempo, pois Marilla poderia voltar inesperadamente.

– Bem... ah, Anne, não acha que seria melhor fazer o que Marilla quer e acabar com isso de uma vez? – ele sussurrou. – Ouça, você vai ter de fazer isso mais cedo ou mais tarde, porque Marilla é uma mulher terrivelmente determinada... *terrivelmente* determinada, Anne. Faça logo o que ela quer, estou lhe dizendo, resolva logo isso.

– O senhor está me dizendo que devo pedir desculpas à senhora Lynde?

– Sim... peça desculpas... é exatamente isso – Matthew respondeu, ansioso. – Simplesmente acabe logo com essa situação; era aí que eu estava tentando chegar.

– Suponho que eu poderia fazer isso por gratidão ao senhor – Anne falou, pensativa. – Eu estaria sendo sincera dizendo que me arrependi, pois agora eu *estou* arrependida. Ontem à noite, não estava nem um pouco. Estava realmente furiosa e fiquei assim a noite toda. Sei disso porque acordei três vezes e estava furiosa em todas elas. Porém, quando acordei hoje de manhã, a raiva tinha ido embora; eu não estava enfurecida mais... só ficou uma espécie de vazio. Senti muita vergonha de mim mesma. Mas simplesmente não podia nem pensar em ir até lá e falar isso com a senhora Lynde. Seria tão humilhante... Então, decidi que ficar fechada aqui para sempre seria melhor do que pedir desculpas. Só que... eu faria qualquer coisa pelo senhor... se realmente quer que eu...

– Bem... ah, é claro que quero. Fica tudo muito solitário lá embaixo sem você. Apenas vá lá e acabe com isso... seja uma boa menina.

– Está bem – Anne falou, resignada. – Assim que Marilla chegar, vou lhe dizer que estou arrependida.

– Muito bem... muito bem, Anne. Mas não diga a Marilla que falei alguma coisa sobre isso. Ela pode achar que estou me intrometendo na sua educação, e prometi a ela que não faria isso.

– Não vou contar esse segredo nem sob tortura – Anne prometeu solenemente.

Matthew saiu do quarto de Anne assustado com seu próprio sucesso, e foi às pressas para o mais distante canto do pasto dos cavalos, com medo de que Marilla suspeitasse do que ele tinha feito. Esta, por sua vez, ficou agradavelmente surpresa quando entrou em casa e ouviu uma voz melancólica chamando seu nome no topo da escada.

– Sim? – ela respondeu, enquanto atravessava o *hall*.

– Estou arrependida de ter perdido o controle e falado coisas rudes; quero ir à casa da senhora Lynde e dizer isso a ela.

– Muito bem – a resposta clara e breve de Marilla não deu nenhum indício de seu alívio. Ela tinha ficado se perguntando o que, nesse mundo, ela deveria fazer, caso Anne não cedesse. – Vou te levar lá depois da ordenha.

E assim foi. Logo depois da ordenha, Marilla e Anne percorreram a alameda; a primeira, ereta e triunfante; a outra, cabisbaixa e desanimada. Entretanto, no meio do caminho, o desânimo de Anne já havia desaparecido, como por encanto. A menina levantou a cabeça e passou a andar com mais leveza; seus olhos estavam fixos no pôr do sol, e em seu rosto havia um ar de satisfação contida.

Marilla percebeu e reprovou essa mudança. Aquela não era a imagem de uma pecadora arrependida que lhe convinha levar à presença da ofendida senhora Lynde.

– Em que você está pensando, Anne? – ela perguntou, secamente.

– Estou imaginando o que devo dizer para a senhora Lynde – a menina respondeu, sonhadora.

Essa resposta foi satisfatória; ou deveria ter sido, se Marilla conseguisse se livrar da sensação de que alguma coisa em seu plano de

punição estava dando errado. Anne não tinha motivos para parecer tão maravilhada e radiante.

Entretanto, maravilhada e radiante Anne continuou até chegarem à presença da senhora Lynde, que estava tricotando sentada perto da janela. Mas nesse exato momento, todo o brilho desapareceu. Um ar triste de arrependimento profundo tomou conta de cada traço da menina. E antes que qualquer palavra pudesse ser dita, ela se ajoelhou subitamente diante da perplexa senhora Rachel e uniu as mãos em posição de súplica.

– Oh, senhora Lynde, estou tão extremamente arrependida – ela disse, com um tremor na voz. – Eu nunca conseguiria expressar toda a minha tristeza, mesmo se usasse todas as palavras de um dicionário inteiro. A senhora precisa imaginar. Eu me comportei pessimamente com a senhora... e desonrei meus amigos queridos, Matthew e Marilla, que me deixaram ficar em Green Gables, mesmo eu não sendo um menino. Sou uma menina terrivelmente má e ingrata, e mereço ser castigada e impedida para sempre de conviver com pessoas respeitáveis. Foi horrível eu ter ficado furiosa porque a senhora me disse a verdade. Aquilo *era* a verdade; cada palavra que a senhora disse era verdade. Meu cabelo é vermelho, e sou sardenta, magricela e feia. O que eu disse para a senhora também era verdade, mas eu não deveria ter dito aquilo. Oh, senhora Lynde, por favor, por favor, me perdoe. Se a senhora não me perdoar, vou carregar esse sofrimento para o resto de minha vida. A senhora não gostaria de fazer com que uma pobre menina órfã sofresse pelo resto de sua vida, mesmo se ela tivesse um gênio horroroso, gostaria? Oh, tenho certeza de que não gostaria. Por favor, diga que me perdoa, senhora Lynde.

Anne apertou com força as mãos juntas, inclinou a cabeça para baixo e esperou por seu julgamento.

Não havia como duvidar de sua sinceridade; ela estava nítida em cada tom de voz da menina. Tanto Marilla quanto a senhora Lynde reconheceram que isso era inegável. Entretanto, Marilla notou, consternada, que, na realidade, Anne estava se deleitando naquele vale da humilhação; estava se divertindo com a perfeição de sua humildade. Onde

estava a punição educativa da qual ela, Marilla, havia se orgulhado? Anne havia transformado o castigo em uma espécie de prazer verdadeiro.

Porém, a boa senhora Lynde, não sendo tão perceptiva, não enxergou isso. Viu apenas que a menina tinha feito um belo pedido de perdão e todo o ressentimento desapareceu de seu coração bondoso, embora um tanto inconveniente.

– Chega! Está bem! Levante-se, menina! – ela falou sinceramente. – É claro que eu te perdoo. De qualquer forma, acho que fui um pouco dura demais com você. Mas sou uma pessoa muito franca. Você não deve me levar a mal, sabe? Não se pode negar que seu cabelo é horivelmente vermelho, mas conheci uma garota, uma vez... de fato, era uma colega minha na escola... cujo cabelo era tão vermelho quanto o seu, quando ela era jovem; no entanto, quando ela cresceu, ele ficou mais escuro, com um tom castanho-avermelhado realmente muito bonito. Eu não ficaria nem um pouco surpresa se isso acontecesse com o seu também... nem um pouco.

– Oh, senhora Lynde! – Anne suspirou profundamente, enquanto ficava de pé. – A senhora me deu uma esperança. Vou sempre achar que é uma benfeitora. Oh, eu poderia suportar qualquer coisa, se pelo menos achasse que meu cabelo passaria a ter um tom castanho-avermelhado realmente muito bonito quando eu crescesse. Seria tão mais fácil ser uma boa menina se meu cabelo fosse castanho, a senhora não acha? Agora, posso ir até seu jardim e me sentar naquele banco debaixo das macieiras, enquanto a senhora e Marilla conversam? Lá fora, existem muito mais possibilidades para a imaginação.

– Ora, sim, claro, vá lá, criança. E pode colher alguns narcisos brancos, se quiser.

Quando a porta se fechou atrás de Anne, a senhora Lynde foi depressa acender um lampião.

– Ela é uma criança realmente estranha. Sente-se nesta cadeira aqui, Marilla; é mais confortável do que essa outra onde você está, e que só mantenho aí para o garoto que contratei se sentar. Sim, ela é mesmo uma

criança estranha, mas, afinal, tem mesmo alguma coisa cativante nela. Já não estou mais tão surpreendida como antes, por você e Matthew terem ficado com a menina... e nem sinto mais tanta pena de você. Ela pode se tornar uma boa pessoa. É evidente que tem um jeito esquisito de se expressar... um pouco... um pouco exaltado demais, você sabe. Mas provavelmente vai superar isso agora, convivendo com pessoas civilizadas. Tem temperamento explosivo, eu acho; mas há um lado bom nisso: uma criança assim, que se exalta e se acalma com essa rapidez, dificilmente será dissimulada ou traiçoeira. Quero distância de crianças dissimuladas, isso sim! No final das contas, Marilla, de certo modo, até gosto dela.

Quando Marilla se despediu, Anne saiu do crepúsculo perfumado que banhava o pomar; tinha em suas mãos um pequeno buquê de narcisos brancos.

– Eu me desculpei muito bem, não foi? – falou orgulhosamente, enquanto desciam a alameda. – Achei que, já que eu tinha de fazer aquilo, era melhor fazer com perfeição.

– Fez com perfeição mais do que suficiente – foi o comentário de Marilla, que estava aborrecida consigo mesma por se ver inclinada a rir só de se lembrar daquela cena. Tinha, também, um desconfortável sentimento de que deveria repreender Anne por haver se desculpado tão bem. Ora, mas isso seria ridículo! Então, Marilla chegou a um acordo com sua consciência, dizendo severamente:

– Espero que você não precise mais fazer pedidos de perdão como aquele. Espero realmente que você tente se controlar daqui pra frente, Anne!

– Isso não seria tão difícil se as pessoas não falassem de minha aparência – a menina respondeu, com um suspiro. – Não fico irritada com outras coisas, mas estou *tão* cansada de ver as pessoas zombando de meu cabelo que isso me tira do sério. A senhora acha que meu cabelo vai ter um tom castanho-avermelhado muito bonito quando eu crescer?

– Você não deveria se importar tanto com sua aparência, Anne. Estou te achando uma menina muito vaidosa.

– Como posso ser vaidosa, se sei que sou desengonçada? – Anne protestou. – Amo coisas belas e odeio me olhar no espelho e ver algo que não é bonito. Isso faz eu me sentir tão triste... exatamente como me sinto quando vejo qualquer coisa feia. Fico com pena daquilo, por não ser belo.

– O caráter e o comportamento de uma pessoa são mais importantes do que sua aparência – Marilla afirmou.

– Já me disseram isso antes, mas tenho minhas dúvidas a esse respeito – comentou a cética Anne, cheirando seus narcisos. – Oh, essas flores não são lindas?! Foi adorável a senhora Lynde ter me dado esses narcisos. Agora não sinto mais rancor dela. A gente fica com um sentimento tão agradável quando pede desculpas e é perdoado, não é mesmo, Marilla? Veja como as estrelas estão brilhantes esta noite! Se a senhora pudesse morar numa estrela, qual delas escolheria? Eu prefiro aquela grande e luminosa ali... lá longe, em cima daquela colina escura... ela não é adorável?

– Anne, pare de falar – disse Marilla, cansada de tentar acompanhar o curso dos pensamentos da menina.

Anne ficou calada até entrarem na alameda de Green Gables. Um vento suave veio recebê-las, trazendo com ele o perfume forte das samambaias jovens molhadas pelo orvalho. Lá em cima, em meio às sombras, uma luz radiante na cozinha de Green Gables passava entre as árvores. Subitamente, Anne se aproximou de Marilla e escorregou sua mão na palma da mão calejada da mulher mais velha.

– É maravilhoso voltar para casa e saber que lá é nosso lar – falou. – Já amo Green Gables, e nunca antes amei nenhum outro lugar. Nenhum nunca pareceu um lar. Oh, Marilla, estou tão feliz! Eu poderia fazer uma prece agora sem achar nem um pouco difícil.

Alguma coisa reconfortante e muito agradável brotou no coração de Marilla quando ela sentiu aquela pequena mão tocar a sua... a vibração da maternidade que ela não viveu, talvez. A novidade e a doçura daquela

sensação a perturbaram, e ela se apressou em devolver a seus sentimentos sua calma regular, através de uma lição de moral.

– Se for uma boa menina, você sempre será feliz, Anne. E nunca deveria achar difícil recitar suas preces.

– Recitar não é exatamente a mesma coisa que fazer uma prece – Anne falou, pensativa. – Vou imaginar que sou o vento que está soprando lá em cima, no topo daquelas árvores. Quando eu me cansar das árvores, vou imaginar que estou aqui, balançando suavemente as samambaias... depois, vou até o jardim da senhora Lynde fazer suas flores dançarem... em seguida, vou descer rapidamente e passar sobre o campo de trevos... então, vou soprar em cima do Lago das Águas Brilhantes e agitá-lo de modo a formar pequenas ondas de espuma cintilante. Oh, existem tantas possibilidades para a imaginação num vento! Agora, vou parar de falar, Marilla.

– Graças a Deus! – Marilla suspirou, sinceramente aliviada.



CAPÍTULO XI

*Impressões de Anne sobre
a escola dominical*

– Bem, o que acha deles? – Marilla perguntou.

Anne estava de pé no quarto do sótão, olhando solenemente para três vestidos novos estendidos sobre a cama. Um deles era de um tecido listrado – de fios tingidos da cor de rapé – que Marilla tinha sido tentada a comprar de um mascate no verão anterior, porque lhe pareceu muito útil. O outro era de um cetim xadrez preto e branco, que ela havia adquirido em uma liquidação no inverno. Por fim, o terceiro era de um pano duro, com um estampado feio, em tons de azul, que ela tinha comprado naquela semana em uma loja de Carmody.

A própria Marilla havia feito os vestidos, e eles eram todos semelhantes: saias simples presas firmemente a um cóis discreto, com mangas tão básicas quanto eram as saias e as cinturas, e tão apertadas quanto possível.

– Vou imaginar que gosto deles – Anne respondeu calmamente.

– Não quero que imagine isso – Marilla falou, ofendida. – Oh, estou vendo que não gostou dos vestidos! Qual é o problema deles? Não são bem-feitos, limpos e novos?

– Sim.

– Então, por que não gosta deles?

– Eles são... não são... bonitos... – disse a menina, hesitante.

– Bonitos?! – Marilla repetiu, com desprezo. – Não me preocupei em fazer vestidos bonitos para você. Não acho que devemos alimentar a vaidade, Anne; fique sabendo disso de uma vez por todas. Esses vestidos são bons, práticos e úteis, sem babados ou outros enfeites supérfluos. E eles são tudo o que você vai ter para usar neste verão. O listrado e o estampado vão servir para você frequentar a escola, quando começar a fazer isso. O de cetim é para ir à igreja e à escola dominical. Espero que os mantenha sempre muito limpos e bem conservados, e que não os rasgue. Acho que você deveria ficar agradecida por ter roupas diferentes daquelas coisas curtas, apertadas e feias que tem usado.

– Oh, eu *estou* grata – Anne protestou. – Mas ficaria muito mais grata se... se tivesse feito pelo menos um deles com mangas bufantes... Elas são tão usadas hoje em dia! Vestir mangas bufantes me deixaria tão encantada, Marilla!

– Bem, vai ter de ficar sem seu encantamento. Eu não tinha nenhum material para desperdiçar em mangas bufantes. De qualquer modo, penso que elas são ridículas. Prefiro as mangas simples e práticas.

– Pois eu acharia melhor parecer ridícula, junto com todas as outras meninas, do que ser simples e prática sozinha – Anne insistiu tristemente.

– Não posso fazer nada quanto a isso. Bem, pendure esses vestidos cuidadosamente no armário. Em seguida, sente-se e estude a lição da escola dominical. Consegui com o senhor Bell um exemplar do periódico trimestral da igreja, e você vai à escola dominical amanhã – tendo dito isso, Marilla, muito ressentida, desceu as escadas.

Anne apertou as mãos e olhou para os vestidos.

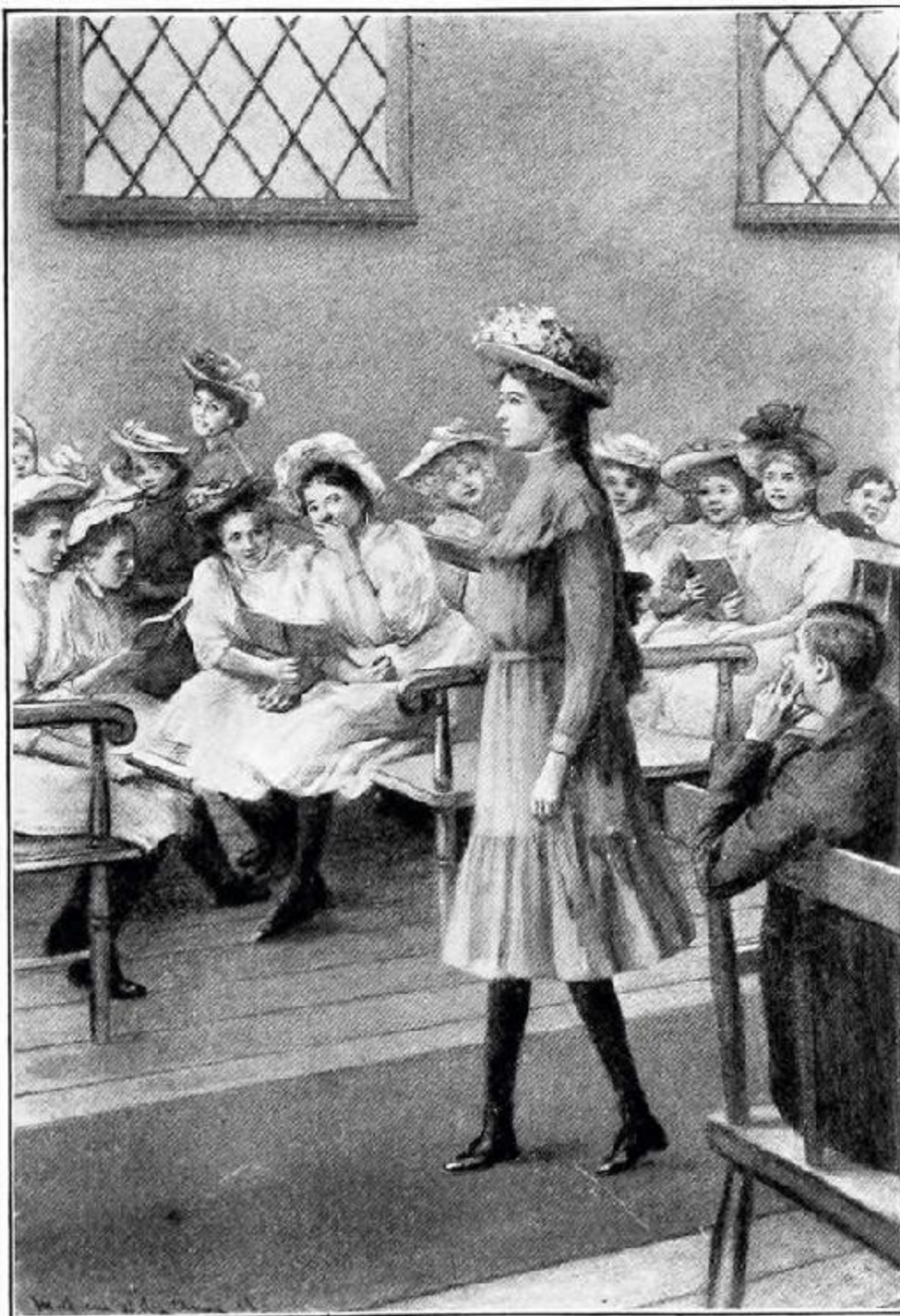
– Eu realmente tinha esperança de que ela me desse um branco com mangas bufantes – murmurou, desconsolada. – Pedi a Deus, mas não esperava muito que Ele cuidasse disso, pois não acho que teria tempo para gastar com um vestido de uma menina órfã. Imaginei que só poderia contar com Marilla mesmo para isso. Bem, felizmente, posso imaginar que um destes aqui é de musselina branca como a neve, com lindos babados de renda e belas mangas bufantes.

Na manhã seguinte, indícios da chegada de uma dor de cabeça forte impediram Marilla de ir à escola dominical com Anne.

– Você vai ter de descer até a casa da senhora Lynde e falar com ela, Anne – Marilla explicou. – Ela vai tomar as devidas providências para que você fique na classe certa. Agora, cuide de se comportar adequadamente. Fique para o sermão depois da aula e peça à senhora Lynde para lhe mostrar qual é o nosso banco na igreja. Aqui está uma moeda para a coleta. Não encare as pessoas e fique bem quieta. Quando voltar para casa, quero que me conte como foi o sermão.

Anne saiu trajada de modo irrepreensível; usava o vestido quadriculado preto e branco de cetim engomado, que, apesar de decente em relação ao comprimento e de jamais poder ser considerado muito justo no corpo, contribuía para enfatizar cada canto e cada ângulo de sua figura magra. O chapéu era novo, pequeno, achatado e acetinado – um modelo semelhante ao usado por marinheiros –, e sua extrema simplicidade tinha, claro, desapontado a menina, que logo se permitiu visões secretas de fitas e flores em volta dele. A falta destas últimas, no entanto, foi suprida antes mesmo que ela chegasse à estrada principal, pois, enquanto ainda percorria a alameda, deparou-se com um conjunto deslumbrante de botões-de-ouro balançando ao vento e, ao lado deles, esplendorosas rosas silvestres. Imediatamente, a menina enfeitou generosamente seu chapéu com uma pesada guirlanda delas e, independentemente do que as outras pessoas possam ter pensado desse adorno, Anne ficou satisfeita e percorreu alegremente a estrada, levando, muito orgulhosa, a decoração dourada e cor-de-rosa sobre o cabelo vermelho.

Quando chegou à casa da senhora Lynde, a menina descobriu que a vizinha já havia saído. Então, nem um pouco intimidada, seguiu sozinha para a igreja, em cuja entrada encontrou um grupo grande de meninas, quase todas alegremente vestidas de branco, azul ou rosa, e absolutamente todas observando com olhos curiosos a estranha com um extraordinário adorno de cabeça que se aproximava delas. As meninas de Avonlea já tinham ouvido histórias surpreendentes sobre Anne. A senhora Lynde tinha falado que ela tinha um gênio horroroso. Jerry Buote, o garoto contratado para trabalhar em Green Gables, tinha dito que ela falava o tempo todo consigo mesma ou com as árvores e as flores, como se fosse maluca. As meninas olhavam para ela e cochichavam umas com as outras, por trás de seus periódicos. Nenhuma delas fez qualquer tentativa de aproximação com Anne, nem naquele momento nem mais tarde, quando as atividades iniciais terminaram e ela já se encontrava na classe da senhorita Rogerson.



As meninas olhavam para ela e cochichavam umas com as outras, por trás de seus periódicos.

A senhorita Rogerson era uma mulher de meia-idade que já vinha lecionando na escola dominical há vinte anos. Seu método de ensino era fazer as perguntas impressas no periódico trimestral da igreja e olhar severamente por cima dele para a menina que ela achava que deveria responder cada questão. Ela olhou várias vezes para Anne, que, graças ao estudo que Marilla lhe havia imposto, respondeu prontamente a todas. Porém, o que não se sabe é se ela entendeu muito bem tanto as perguntas quanto as respostas.

Anne não achou que tinha gostado da senhorita Rogerson, e isso a deixou muito triste. Além disso, as mangas de todas as outras garotas da classe eram bufantes, e Anne sentiu que não valia a pena viver sem mangas bufantes.

– E então? O que achou da escola dominical? – Marilla quis saber quando ela entrou em casa. Como sua guirlanda já tinha murchado, a menina a descartou na alameda, de modo que Marilla foi poupada, a princípio, de saber sobre o enfeite de cabeça.

– Não gostei nem um pouco. Foi horrível.

– Anne Shirley! – Marilla falou, brava.

Com um longo suspiro, Anne se sentou na cadeira de balanço, beijou uma das folhas de Bonny e acenou para umas flores de brinco-de-princesa.

– Elas devem ter se sentido solitárias durante minha ausência – explicou. – Mas vamos voltar a falar da escola dominical. Eu me comportei bem, fiz exatamente como a senhora falou. A senhora Lynde já tinha saído, mas fui sozinha, sem problemas. Entrei na igreja junto com muitas outras meninas, sentei no canto de um banco, perto da janela, e fiquei lá durante as atividades iniciais. O senhor Bell fez uma prece terrivelmente longa. Eu teria ficado exausta antes que ele terminasse sua oração, se não estivesse ao lado daquela janela que dava vista diretamente para o Lago das Águas Brilhantes; então, fiquei olhando para ele e imaginando todos os tipos de coisas esplêndidas.

– Você não deveria ter agido assim, Anne; deveria ter prestado atenção na prece do senhor Bell.

– Mas ele não estava falando comigo – Anne protestou. – Estava falando com Deus, e também não parecia muito interessado naquilo. Acho que ele pensou que Deus estava distante demais para ouvir suas palavras, não sei. Tinha uma fila comprida de bétulas brancas inclinadas acima do lago, e o brilho do sol passava por elas, caía sobre a água e afundava muito, muito... Oh, Marilla, parecia um sonho lindo! Aquilo me deu um arrepio, e eu apenas disse: “Obrigada por isso, Senhor!”, duas ou três vezes.

– Espero que não tenha sido em voz alta – Marilla falou, ansiosa.

– Oh, não, só murmurei. Bem, finalmente o senhor Bell terminou sua prece e me disseram para ir para a classe da senhora Rogerson. Tinha mais nove meninas lá. Todas estavam usando mangas bufantes. Tentei imaginar que as minhas eram também, mas não consegui. Por que eu não consegui? Quando eu estava sozinha no sótão do leste, foi extremamente fácil imaginar que elas eram bufantes; mas lá, entre as outras meninas que tinham mangas bufantes verdadeiras, foi horivelmente difícil.

– Você não deveria estar pensando nas suas mangas enquanto estava na escola dominical. Deveria estar prestando atenção na aula. Esperei que soubesse disso.

– Oh, sim, e respondi muitas perguntas. A senhorita Rogerson me fez várias. Não acho justo só ela fazer perguntas. Tinha diversas coisas que eu queria perguntar a ela, mas não quis fazer isso, porque não achei que eu e ela temos almas irmãs. Em seguida, cada uma das outras meninas recitou um hino, e ela me perguntou se eu sabia algum. Falei que não, mas disse também que poderia recitar “O cão no túmulo de seu dono”,***** que está no *Terceiro Livro de Leitura*. Na verdade, não é um poema religioso, mas é tão triste e melancólico que bem que poderia ser, mas ela respondeu que não era adequado e mandou que eu aprendesse o Hino 19 para o próximo domingo. Li os versos antes de sair da igreja. Achei todos esplêndidos, mas duas linhas, em particular, me causaram um arrepio:

Tão depressa quanto caíram os esquadrões massacrados

No dia maligno de Midiã.

– Não sei o que quer dizer “esquadrões” nem “Midiã”, mas isso parece tão trágico... Mal posso esperar até o próximo domingo para recitar esse hino. Vou praticar a semana inteira. Quando acabou a aula, eu pedi à senhorita Rogerson... porque a senhora Lynde estava muito longe... para me mostrar o banco da senhora. Sentei e fiquei o mais quieta possível. O pastor leu o segundo e o terceiro versículos do capítulo três do Apocalipse, do Novo Testamento. Era um texto longo. Se eu fosse um pastor, escolheria os mais curtos e rápidos. O sermão foi muito comprido também. Acho que o pastor tinha de fazer com que ele ficasse parecido com o texto. Não achei nada de interessante nele. O problema do pastor é que ele não tem muita imaginação. Não fiquei escutando por muito tempo. Deixei meus pensamentos livres e imaginei as coisas mais surpreendentes.

Marilla sentiu, desanimada, que teria de reprovar severamente tudo o que Anne disse, mas foi impedida pelo inegável fato de que algumas coisas que ela tinha falado, especialmente sobre os sermões do pastor e as preces do senhor Bell, eram exatamente o que ela mesma já pensava, bem no fundo de seu coração, havia anos, mas nunca tinha expressado. Ela quase achou que esses pensamentos secretos, críticos e nunca ditos haviam subitamente tomado uma forma visível e acusatória naquela pequena criatura sincera e abandonada pela humanidade.





*F*oi só na sexta-feira seguinte que Marilla ouviu a história do chapéu enfeitado com uma guirlanda. Ela chegou da casa da senhora Lynde e chamou Anne para exigir explicações.

– Anne, a senhora Rachel me disse que você foi à igreja no domingo passado com o chapéu ridiculamente enfeitado com botões-de-ouro e rosas silvestres. Onde você estava com a cabeça quando fez uma travessura como essa? Deve ter ficado muito bonita mesmo...

– Oh, eu sei que cor-de-rosa e amarelo não combinam comigo... – Anne começou a falar.

– Que bobagem é essa de combinar? O fato de colocar flores no seu chapéu, não importa a cor, é que foi ridículo. Você é mesmo uma criança irritante!

– Não sei por que é mais ridículo usar flores no chapéu do que no vestido – Anne protestou. – Muitas meninas tinham buquês presos em seus vestidos. Qual é a diferença?

Marilla não estava disposta a deixar de lado o que era concreto e seguro para tomar os caminhos duvidosos do abstrato.

– Não me responda dessa maneira, Anne! Isso que você fez foi uma grande tolice. Nunca mais me surpreenda com besteiras como essa. A senhora Lynde falou que teve vontade de afundar no chão quando viu você chegar enfeitada daquele jeito grotesco. Ela não conseguiu chegar perto de você a tempo de lhe dizer para tirar aquilo da cabeça, antes que fosse tarde demais. E disse que as pessoas falaram coisas horríveis sobre isso. Ora, é claro que devem ter pensado que eu não tive o bom senso de impedir que você saísse enfeitada desse jeito.

– Oh, eu sinto muito – disse Anne, com as lágrimas brotando. – Nunca pensei que a senhora se importaria. As rosas e os botões-de-ouro eram tão bonitos e delicados que pensei que ficariam lindos no meu chapéu. Muitas das meninas que estavam lá tinham flores artificiais nos chapéus. Tenho medo de me tornar um fardo muito grande para a senhora. Talvez seja melhor me mandar de volta para o orfanato. Se bem que isso seria horrível... acho que eu não suportaria. Eu acabaria ficando muito doente. Já sou tão magrinha, como a senhora vê. Mas ainda assim seria melhor do que me tornar um tormento na sua vida.

– Não diga asneiras, Anne – Marilla falou, com vergonha de si mesma por ter feito a menina chorar. – Não quero mandar você de volta para o orfanato, tenho certeza disso. Tudo o que desejo é que você se comporte como as outras meninas, e não faça papéis ridículos. Agora, pare de chorar. Tenho uma novidade: Diana Barry voltou para casa hoje à tarde. Vou até lá ver se a mãe dela pode me emprestar um molde de saia; se você quiser, pode ir comigo e conhecer Diana.

Anne ficou de pé, com as mãos cruzadas e as lágrimas ainda brilhando no rosto. O pano de prato que ela estava costurando escorregou despercebidamente para o chão.

– Oh, Marilla, estou com medo... agora, que vai acontecer, estou apavorada. E se ela não gostar de mim?! Seria a decepção mais catastrófica de minha vida.

– Calma, não fique tão agitada. E, por favor, eu gostaria muito que você não usasse palavras tão complicadas; elas ficam estranhas na boca de uma criança. Suponho que Diana vá gostar bastante de você. É com a mãe dela que você tem de se preocupar. Se ela não gostar de você, não vai fazer a menor diferença o tanto que Diana goste ou não. Se já falaram para ela sobre seu ataque de nervos com a senhora Lynde e sobre sua ida à igreja com botões-de-ouro em volta do chapéu, não sei o que está pensando de você. Procure ser educada e bem-comportada. E não faça nenhum de seus discursos surpreendentes... Nossa, não é que você está mesmo tremendo?!

Anne *estava* tremendo. Seu rosto estava pálido e tenso.

– Oh, Marilla, a senhora também estaria perturbada se estivesse prestes a conhecer uma menina que você espera que seja sua amiga do peito, e cuja mãe pode não gostar da senhora – ela falou, enquanto corria para pegar seu chapéu.

Elas foram até Orchard Slope pelo atalho do outro lado do riacho e subiram a colina pelo bosque de pinheiros. A senhora Barry abriu a porta da cozinha em resposta à batida de Marilla. Era uma mulher alta, de cabelo e olhos negros; a expressão de sua boca revelava que se tratava de uma pessoa muito resoluta. E tinha a reputação de ser extremamente rígida na educação dos filhos.

– Como vai, Marilla? – Ela perguntou cordialmente. – Entre, por favor! Suponho que esta seja a menina que você adotou?!

– Sim, esta é Anne Shirley – Marilla falou.

– Anne com E – murmurou a menina, que, mesmo trêmula e agitada como estava, não queria deixar nenhum mal-entendido em relação a um detalhe tão importante.

Não tendo ouvido, ou entendido, a senhora Barry simplesmente apertou a mão de Anne, dizendo:

– Como vai?

– Estou bem fisicamente, mas bastante perturbada espiritualmente; obrigada, senhora – Anne respondeu, séria e, em seguida, sussurrou audivelmente no ouvido de Marilla:

– Não tinha nada surpreendente no que falei, tinha, Marilla?

Diana estava sentada no sofá, lendo um livro que pôs de lado quando elas entraram. Era uma menina muito bonita: tinha o cabelo e os olhos negros da mãe, bochechas rosadas e uma expressão alegre, herdada do pai.

– Esta é minha filha Diana – a senhora Barry apresentou. – Diana, você pode levar Anne lá fora, no jardim, e mostrar suas flores para ela. Vai ser melhor para você do que ficar forçando os olhos na frente desse livro. Essa menina lê demais... – esse último comentário foi feito para Marilla, quando as duas crianças saíram da sala –, e não posso fazer nada, já que o pai dela apoia e incentiva esse hábito. Está sempre com um livro nas mãos. Estou contente com a perspectiva de uma amiga para brincar com ela... talvez assim minha filha fique um pouco mais de tempo ao ar livre.

Lá fora, no jardim, a luz suave do pôr do sol atravessava os antigos pinheiros escuros a oeste, e Anne e Diana olhavam timidamente uma para a outra, sobre uma moita de lírios maravilhosos.

O jardim da família Barry era cheio de flores que teriam encantado o coração de Anne em qualquer momento menos importante para seu destino. Era cercado por velhos salgueiros enormes e pinheiros altos, sob os quais cresciam flores que amavam sua sombra. Caminhos meticulosamente desenhados e ladeados com conchas de mariscos atravessavam o jardim como fitas vermelhas úmidas de orvalho, e, nos canteiros, diversas plantas antigas ainda cresciam caoticamente: peônias vermelhas grandes e esplêndidas; narcisos brancos perfumados; rosas escocesas delicadas e cheias de espinhos; columbinas azuis, rosadas e brancas; saponárias lilases; arbustos de artemísia, capim-amarelo e menta; orquídeas roxas; narcisos; muitos trevos brancos delicados e perfumados; cruzeiros-de-malta brilhantes, que lançavam suas folhas ardentes sobre almíscares brancos. Era um jardim onde o sol custava a sumir, as abelhas zumbiam e os ventos, distraídos, passavam o tempo assoviando e farfalhando.

– Oh, Diana – por fim, Anne falou, apertando as mãos e quase sussurrando –, você acha... oh, você acha que pode gostar um pouco de

mim... o suficiente para ser minha amiga do peito?

Diana riu. Ela sempre ria antes de falar.

– Ora, acho que sim – ela respondeu francamente. – Estou muito feliz porque você veio morar em Green Gables, Anne. Vai ser divertido ter alguém para brincar comigo. Não tem nenhuma outra menina aqui por perto, e não tenho irmãs suficientemente grandes.

– Você jura que vai ser minha amiga para sempre... sempre? – Anne perguntou ansiosamente.

Diana pareceu chocada.

– Jurar? Isso não é muito sério, Anne?

– Não, é simplesmente fazer uma promessa solene, só isso.

– Bem, então, não me importo de fazer isso – Diana concordou. – Como é que se faz?

– Precisamos dar as mãos... assim... – Anne respondeu seriamente. – O certo era ser sobre água corrente. Vamos imaginar que esse caminho é de água corrente. Vou fazer o juramento primeiro. “Prometo solenemente ser fiel à minha amiga do peito, Diana Barry, enquanto o sol e a lua existirem.” Agora, você repete, trocando seu nome pelo meu.

Diana repetiu o “juramento”, com uma risada antes e outra depois. Em seguida, falou:

– Você é uma menina esquisita, Anne. Eu já tinha ouvido falar que era estranha. Mas, sinceramente, acredito que vou gostar de você de verdade.

Quando Marilla e Anne foram embora, Diana as acompanhou até a ponte de troncos. As duas meninas caminharam abraçadas. Na beira do riacho, se despediram com promessas de passarem a tarde seguinte juntas.

– E então, Anne, você achou que Diana é uma alma irmã? – Marilla perguntou, enquanto atravessavam o jardim de Green Gables.

– Oh, sim! – Anne suspirou alegremente, sem ter notado qualquer ironia na pergunta. – Oh, Marilla, neste exato momento, sou a menina mais feliz de Prince Edward Island. Garanto à senhora que vou fazer minhas preces com muita boa vontade hoje à noite. Diana e eu vamos construir uma casinha de brinquedo no bosque de bétulas do senhor William Bell. Posso

ficar com aqueles pedaços de porcelana que estão no depósito de lenha? O aniversário de Diana é em fevereiro, e o meu é em março. A senhora não acha que é uma coincidência muito estranha? Diana vai me emprestar um livro; ela disse que ele é esplêndido e extremamente interessante. E vai me mostrar um lugar, atrás do bosque, onde crescem lírios-do-vale. A senhora não acha que Diana tem olhos muito expressivos? Eu gostaria de ter olhos expressivos. Diana vai me ensinar a cantar uma música chamada “Nelly from Hazel Dell”. E também vai me dar uma gravura para enfeitar meu quarto; é uma figura perfeitamente linda, ela disse... uma mulher adorável, com um vestido azul-claro de seda. Um vendedor ambulante de máquinas de costura deu pra ela. Eu queria ter alguma coisa para dar a Diana. Sou quase três centímetros mais alta do que ela, mas Diana é bem mais gorda do que eu. Ela falou que queria ser magra, porque ficaria muito mais graciosa, mas acho que só disse isso para me consolar. Um dia desses vamos catar conchas na praia. Nós concordamos em chamar a nascente do riacho da ponte de troncos de Bolha da Dríade. Não é um nome perfeitamente elegante? Uma vez eu li uma história que tinha uma nascente chamada assim. Acho que uma dríade é uma espécie de fada que mora num carvalho.

– Bem, só espero que você não mate Diana de tanto falar nos ouvidos dela – Marilla afirmou. – Mas lembre-se sempre de uma coisa quando estiver fazendo planos, Anne: você não vai brincar o tempo todo, nem na maior parte dele. Tem seu trabalho para fazer, e ele deve ser feito antes de qualquer outra coisa.

O coração de Anne estava repleto de felicidade e, naquele momento, Matthew fez com que ele transbordasse, pois havia acabado de chegar de uma visita a uma loja em Carmody e, timidamente, tirou um embrulho do bolso e o entregou a Anne, ao mesmo tempo que lançava um olhar de súplica para Marilla.

– Ouvi você dizer que você gostava de caramelos de chocolate, então, trouxe alguns para te dar – ele disse.

– Hum! – Marilla protestou – Isso vai estragar os dentes e o estômago da menina. Ora, ora, criatura, não precisa ficar desapontada. Pode comer esses, já que ele se deu ao trabalho de comprá-los para você. Seria melhor se ele tivesse trazido balas de hortelã; são mais saudáveis. Porém, não coma todos de uma só vez, pois isso pode te fazer mal.

– Oh, não, claro que não, Marilla! – Anne falou, entusiasmada. – Vou comer só um, hoje à noite. E posso dar metade deles para Diana, não posso? A outra metade vai ficar duas vezes mais gostosa se eu der alguns para ela. É tão bom pensar que tenho um presente para Diana!

– Vou dizer uma coisa sobre essa criança – Marilla falou, quando Anne já tinha ido para seu quarto. – Ela não é egoísta. Fico contente com isso, pois, de todos os defeitos, o que mais detesto numa pessoa é o egoísmo. Céus, tem só três semanas que ela chegou e parece que sempre esteve aqui. Não consigo imaginar este lugar sem ela. Agora, pare de me olhar com essa expressão de “Eu bem que falei”, Matthew! Isso é bastante desagradável numa mulher, mas é insuportável num homem. Estou perfeitamente disposta a admitir que estou feliz por ter consentido que ela ficasse conosco e que estou gostando da menina; portanto, não precisa ficar se vangloriando por isso.





- *A*nne já deveria ter entrado para trabalhar nas costuras – Marilla falou, olhando para o relógio e, em seguida, para a tarde amarelada de agosto lá fora, onde, devido ao calor, tudo parecia cochilar. – Ela já brincou com Diana por mais de meia hora a mais do que permiti. E agora está lá, empoleirada naquela pilha de lenha, tagarelando com Matthew, quando sabe perfeitamente bem que deveria estar trabalhando. Ora, é claro que ele está ouvindo tudo o que ela diz, como se fosse um grande pateta. Nunca vi um homem babar tanto por uma criança. Quanto mais ela fala, e quanto mais esquisitas são as coisas que ela diz, mais ele fica evidentemente encantado. Anne Shirley, venha cá neste exato minuto! Está ouvindo?

Uma sequência de passos rápidos e curtos pôde ser percebida na janela que dava para o oeste, e trouxe Anne depressa do jardim; seus olhos brilhavam, as bochechas estavam levemente coradas e o cabelo, solto, era como uma fonte de luz nas costas da menina.

– Oh, Marilla – ela exclamou, ofegante – vai ter um piquenique da escola dominical, na semana que vem... no campo do senhor Harmon Andrews, bem perto do Lago das Águas Brilhantes. A esposa do superintendente Bell e a senhora Rachel Lynde vão fazer sorvete... pense nisso, Marilla... *sorvete!!* Oh, Marilla, posso ir ao piquenique?

– Olhe bem para o relógio, por favor, Anne. Qual foi o horário que marquei para você entrar?

– Às 14 horas... mas isso sobre o piquenique não é esplêndido, Marilla? Por favor, posso ir? Oh, nunca fui a um piquenique... já sonhei com piqueniques, mas nunca...

– Sim, falei pra você entrar às 14 horas. E agora faltam quinze minutos para as 15 horas. Gostaria de saber por que não me obedeceu, Anne.

– Ora, eu queria obedecer, Marilla, do fundo do meu coração. Mas a senhora não faz ideia de como o Retiro Silvestre é fascinante. E, depois, é claro que tive de contar a Matthew sobre o piquenique. Matthew é um ouvinte tão compreensivo... Por favor, Marilla, posso ir?

– Você vai ter de aprender a resistir ao fascínio do retiro sei-lá-de-quê, Anne. Quando falo para você entrar a certa hora, estou querendo dizer essa determinada hora, e não 45 minutos depois. Além disso, você não precisa parar no caminho para conversar com ouvintes compreensivos. Quanto ao piquenique, é lógico que pode ir. Você é uma aluna da escola dominical, e não faz sentido eu não deixá-la ir, quando todas as outras meninas vão estar lá.

– Mas... Mas... – Anne gaguejou – Diana falou que cada um tem de levar uma cesta com coisas de comer. Porém, como a senhora sabe, não aprendi a cozinhar, Marilla, e... e... nem me importaria tanto de ir ao piquenique sem mangas bufantes, mas me sentiria terrivelmente humilhada se tivesse de ir sem uma cesta. Isso tem atormentado minha mente, desde que fiquei sabendo por Diana.

– Bem, não precisa mais ficar atormentada. Vou preparar uma cesta para você.

– Oh, minha querida e bondosa Marilla! Oh, a senhora é tão boa para mim! Oh, sou tão grata por isso!

Quando acabou de falar seus “ohs”, Anne se atirou repentinamente nos braços de Marilla e beijou sua bochecha pálida. Foi a primeira vez em toda a vida de Marilla que lábios infantis tocaram voluntariamente seu rosto. E, de novo, a mesma sensação súbita e surpreendentemente doce a deixou perturbada. Marilla se sentiu secreta e amplamente satisfeita com aquela manifestação carinhosa e impulsiva de Anne, e talvez tenha sido por isso que falou bruscamente:

– Ora, ora, pare com essa bobagem de beijos. Prefiro ver você fazendo estritamente o que digo para fazer. Quanto a cozinhar, pretendo começar a lhe dar algumas lições qualquer dia desses. Mas você é tão distraída, Anne, que estou aguardando um pouco, para ver se fica menos agitada e aprende a prestar mais atenção, e então iniciarmos as aulas. Quando estamos cozinhando, é preciso concentração: não podemos parar no meio do trabalho e deixar os pensamentos vagarem por aí. Agora, pegue sua colcha e pregue um retalho inteiro antes do chá.

– *Não* gosto de pregar esses retalhos – Anne lamentou, enquanto buscava sua caixa de costura e se sentava, com um suspiro, diante de uma pequena pilha de losangos de pano vermelhos e brancos. – Acho que alguns tipos de costura podem ser divertidos, mas não há possibilidades para a imaginação neste caso aqui. É só juntar um pedaço, depois outro, e outro, e nunca parece que vamos chegar a algum lugar. Mas é claro que prefiro ser Anne de Green Gables costurando retalhos a ser Anne de qualquer outro lugar, sem ter nada para fazer além de brincar. Porém, gostaria que o tempo passasse tão depressa quando estou fazendo isso quanto ele passa quando estou brincando com Diana. Oh, Marilla, nós sempre nos divertimos tanto! Eu é que tenho de imaginar quase tudo, mas sou capaz de fazer isso muito bem. Em todas as outras coisas, Diana é simplesmente perfeita. Sabe aquele pequeno pedaço de terra do outro lado do riacho que corre entre nossa fazenda e a do senhor Barry? Ele pertence ao senhor William Bell e, num dos cantos, as bétulas brancas formam um

pequeno círculo... é o lugar mais romântico que existe, Marilla. Diana e eu fizemos nossa casinha de brinquedo lá e lhe demos o nome de Retiro Silvestre. Não é um nome poético? Posso garantir que demorei algum tempo para achar esse nome. Fiquei acordada quase a noite inteira pensando nisso. Então, quando eu já estava adormecendo, ele veio como uma inspiração. Diana ficou *encantada* quando ouviu. Nossa casa está arrumada elegantemente. A senhora precisa ir lá ver, Marilla... a senhora vai? Temos belas pedras grandes, cobertas de musgo, que servem como assentos, e tábuas que vão de uma árvore a outra e são nossas prateleiras. Colocamos nossas louças sobre elas. É claro que estão todas quebradas, mas é a coisa mais fácil do mundo imaginar que estão inteiras. Tem um pedaço de prato no qual está desenhado um galho de hera vermelha e amarela que é especialmente bonito. Ele fica na sala, junto com o espelho de fada, que é tão maravilhoso como um sonho. Diana se deparou com ele no bosque que fica atrás do galinheiro de sua casa. Ele é cheio de arcos-íris... todos pequenos, jovens que ainda não cresceram. A mãe dela disse que ele era parte de um lustre que a família teve e que se quebrou, mas é muito melhor imaginar que as fadas perderam seu espelho numa noite de baile; é por isso que demos a ele o nome de Espelho de Fada. Matthew vai fazer uma mesa para colocarmos lá. Oh, e demos o nome de Lagoa dos Salgueiros para aquele lago pequeno e redondo que fica na propriedade do senhor Barry. Tirei essa ideia do livro que Diana me emprestou. É um livro muito emocionante, Marilla. A heroína tinha cinco pretendentes. Eu ficaria satisfeita com apenas um... a senhora também? Ela era muito bonita e teve de enfrentar grandes problemas. E desmaiava com muita facilidade. Eu adoraria ser capaz de desmaiar... e a senhora, Marilla? É tão romântico... Mas sou bastante saudável, mesmo sendo tão magra. Mas até acho que estou engordando... a senhora concorda? Todos os dias, quando levanto de manhã, olho cada um de meus cotovelos, para ver se alguma covinha está se formando. A mãe de Diana vai dar para ela um vestido novo com mangas até os cotovelos. É o que ela vai usar no piquenique. Oh, espero profundamente que dê tudo certo na quarta-feira.

Acho que eu não poderia suportar a decepção, se alguma coisa acontecesse para me impedir de ir ao piquenique. Suponho que até conseguiria sobreviver, mas tenho certeza de que isso seria um sofrimento para o resto de minha vida. E nem faria nenhuma diferença se eu fosse a cem piqueniques nos anos seguintes; eles não compensariam a perda desse. Vão colocar barcos no Lago das Águas Brilhantes... e vai ter sorvete, como eu já disse. Nunca sequer experimentei sorvete. Diana tentou me explicar como é, mas acho que sorvete é uma daquelas coisas que estão além da imaginação.

– Anne, você está falando sem parar há dez minutos contados no relógio! – Marilla a interrompeu. – Agora, só por curiosidade, veja se consegue segurar sua língua pelo mesmo período de tempo.

Anne segurou a língua, como desejado. Entretanto, durante o resto da semana, a menina falou de piquenique, pensou em piquenique e sonhou com piquenique o tempo todo. No sábado, choveu, e ela ficou tão agitada, com pavor de que continuasse chovendo até quarta-feira e, quem sabe, até depois desse dia, que Marilla fez com que ela costurasse um losango a mais na colcha de retalhos, para tentar acalmar seus nervos.

No domingo, Anne confidenciou a Marilla, quando voltavam da igreja, que teve um calafrio de puro entusiasmo no momento em que o pastor anunciou, no púlpito, a realização do piquenique.

– Senti um arrepio tão grande percorrendo minha espinha, Marilla! Acho que, até aquele momento, eu ainda não tinha acreditado realmente que ia mesmo haver um piquenique. Eu não podia deixar de temer que pudesse ter apenas imaginado isso. Mas quando o pastor fala uma coisa no púlpito, a gente tem de acreditar, não é?

– Você põe expectativa demais em tudo, Anne – Marilla afirmou, com um suspiro. – Imagino que isso vai te causar muitas decepções ao longo da vida.

– Oh, Marilla, aguardar ansiosamente um acontecimento representa metade do prazer que ele pode nos dar. Podemos até não conseguir o que desejamos, mas nada pode nos tirar a satisfação de esperar ansiosamente

por aquilo. A senhora Lynde fala que “bem-aventurados são os que nada esperam, porque não ficarão decepcionados”, mas eu penso que seria pior não esperar nada do que ficar decepcionado.

Como de costume, Marilla estava usando seu broche de ametista para ir à igreja. Ela sempre usava seu broche de ametista nessas ocasiões. E achava que era quase um sacrilégio não colocá-lo; uma falta tão grave quanto não levar a Bíblia ou o dinheiro da coleta. Aquele broche de ametista era o bem mais precioso de Marilla. Um tio, que era marinheiro, havia dado essa joia para a mãe dela, que, por sua vez, a tinha deixado para ela. Era um broche oval antiquado, que continha uma pequena trança feita com uma mecha do cabelo da mãe de Marilla, cercada por uma borda de ametistas muito valiosas. Marilla sabia muito pouco sobre pedras preciosas para fazer ideia de quanto aquelas eram realmente valiosas, mas as achava muito bonitas e, embora não pudesse vê-las enquanto usava o broche, estava sempre agradavelmente consciente do brilho de cor violeta sobre o colarinho de seu belo vestido de cetim marrom.

Anne tinha ficado encantada quando viu o broche pela primeira vez.

– Oh, Marilla, é um broche perfeitamente elegante. Não entendo como a senhora consegue prestar atenção às orações e ao sermão quando tem no seu colarinho uma maravilha como esta. Eu não poderia, com certeza. Acho as ametistas simplesmente adoráveis. São como eu imaginava que seriam os diamantes. Há muito tempo, antes de ter visto um diamante pela primeira vez, li sobre eles e tentei imaginar como seriam. Achei que eram lindas pedras roxas brilhantes. Um dia, quando deparei com um diamante de verdade, no anel de uma senhora, fiquei tão desapontada que até chorei. É claro que ele era muito lindo, mas não correspondia à minha ideia de diamante. Vai me deixar segurar seu broche, só por um minuto, Marilla? A senhora acha que as ametistas podem ser a alma das violetas bondosas?



Na noite da segunda-feira anterior ao piquenique, Marilla desceu de seu quarto visivelmente preocupada.

– Anne – ela falou com a menina, que tirava ervilhas das vagens sobre a mesa sem nenhuma mancha ou sujeira e cantarolava “Nelly from Hazel Dell”, com um vigor e uma expressividade que realmente davam crédito à habilidade para ensinar de Diana –, você sabe onde está meu broche de ametistas? Achei que eu tinha prendido o broche na minha almofada de alfinetes, quando cheguei da igreja ontem no fim da tarde, mas não consigo encontrá-lo em lugar nenhum.

– Eu... eu vi esse broche hoje à tarde, enquanto a senhora estava na Sociedade de Ajuda – Anne respondeu. – Estava passando por sua porta quando vi a joia sobre a almofada e entrei para olhar um pouco para ela.

– Você tocou nela? – Marilla perguntou severamente.

– S-i-i-m – a menina admitiu. – Eu... peguei o broche e preendi no meu peito, só para ver como ficava.

– Você não tinha o direito de fazer nada desse tipo. É muito errado mexer no que não lhe pertence. Em primeiro lugar, não deveria ter entrado no meu quarto. E, em segundo lugar, não deveria ter tocado em algo que não era seu. Onde você colocou o broche, Anne?

– Oh, eu o coloquei de volta sobre a cômoda. Não fiquei nem mesmo um minuto com ele. Sinceramente, eu não quis mexer nas suas coisas, Marilla. Não pensei que era errado entrar e experimentar o broche, mas agora estou vendo que era, e não vou fazer isso de novo; nunca mais! Isto é uma coisa positiva em mim: não faço a mesma travessura duas vezes.

– Você não o colocou de volta – Marilla afirmou. – Ele não está em nenhum lugar sobre a cômoda. Você tirou meu broche dali e pôs em outro local, Anne.

– Sim, eu coloquei de volta *sim* – disse Anne imediatamente; “atrevidamente”, Marilla pensou. – Só não lembro se preendi na almofada de alfinetes ou se pus naquela bandeja pequena de porcelana; mas tenho certeza absoluta de que devolvi o broche.

– Vou procurar mais uma vez – Marilla falou, decidida a ser justa. – Se você o devolveu, ele ainda está lá. Caso não esteja, vou saber que está mentindo!

Marilla foi até o quarto e fez uma busca minuciosa, não só sobre a cômoda, mas em todos os outros lugares em que achava que a joia poderia estar. Entretanto, o broche não foi encontrado, e ela voltou para a cozinha.

– Anne, o broche desapareceu. Você mesma admitiu que foi a última pessoa a tocar nele. Então, o que fez com ele? Diga a verdade, e agora. Saiu com ele do meu quarto e perdeu minha joia de estimação?

– Não, eu não fiz isso – Anne respondeu, séria, encarando diretamente o olhar zangado de Marilla. – Nunca tirei o broche de seu quarto, e essa é a verdade. E é o que eu continuaria afirmando, mesmo se fosse levada para a guilhotina, apesar de não saber exatamente o que é uma guilhotina. E pronto, Marilla, é isso!

O “e pronto” de Anne tinha apenas a intenção de enfatizar sua afirmação, mas Marilla o interpretou como uma demonstração de rebeldia.

– Acho que você está mentindo, Anne – ela falou bruscamente. – Sei que está. Agora, não diga mais nada, a menos que esteja disposta a contar toda a verdade. Vá para o seu quarto e fique lá até que esteja pronta para confessar.

– Vou levar as ervilhas comigo? – disse Anne humildemente.

– Não, eu mesma vou terminar esse trabalho. Faça o que eu mandei.

Depois que Anne se retirou, Marilla fez suas tarefas domésticas com a mente bastante perturbada. Estava preocupada com seu valioso broche. E se Anne tiver perdido a joia? E que atitude má, essa de negar que tirou o broche de lá, quando está claro que ela só pode ter feito isso! E, ainda por cima, com aquela expressão de inocência no rosto!

“Não sei o que poderia ser pior!”, Marilla pensou, nervosa, enquanto terminava de descascar as ervilhas. “É claro que não penso que ela quis roubar o broche; não, não foi nada desse tipo. Ela o pegou para brincar... ou para dar asas àquela sua imaginação. Só pode ter sido ela, claro, pois, de acordo com a própria Anne, nenhuma outra alma viva tinha entrado naquele quarto depois que ela esteve lá e antes que eu subisse, quando voltei para casa. E o broche desapareceu, isso é inegável. Suponho que ela tenha perdido minha joia e está com medo de confessar e ser punida. É horrível pensar que ela fala mentiras. Isso é muito pior do que seu gênio explosivo. É uma responsabilidade apavorante ter dentro de casa uma criança na qual você não pode confiar. Malícia e fingimento... foi isso que ela demonstrou. Garanto que isso me dói mais do que a perda do broche. Se pelo menos ela tivesse falado a verdade, eu não me importaria tanto.

Antes de se deitar naquela noite, Marilla foi várias vezes até seu quarto para procurar o broche; no entanto, não o encontrou. Uma última visita ao sótão do leste, na hora de dormir, também não trouxe nenhum bom resultado: embora Anne tivesse persistido em negar que sabia algo mais sobre o paradeiro do broche, Marilla ficou firmemente convencida de que ela mentia.

Na manhã seguinte, Marilla contou tudo a Matthew, que ficou confuso e intrigado. Ele não podia, em tão pouco tempo, perder a confiança em

Anne, mas, por outro lado, tinha de admitir que as circunstâncias atestavam contra ela.

– Tem certeza de que ele não caiu atrás da cômoda? – essa foi a única sugestão que ele pôde fazer.

– Sim. Eu arrastei a cômoda, tirei as gavetas e olhei em cada fresta ou rachadura – Marilla respondeu seguramente. – O broche sumiu, e foi a menina que o pegou e mentiu a respeito. Essa é a pura e triste verdade, Matthew Cuthbert, e o melhor que temos a fazer é encarar isso.

– Bem... ah, o que você vai fazer com relação a isso? – Matthew perguntou, desolado, sentindo-se secretamente aliviado por ser Marilla, e não ele, quem teria de lidar com aquilo. Dessa vez, ele não sentiu nenhuma vontade de se intrometer na criação de Anne.

– Ela vai ficar no quarto até confessar – Marilla afirmou implacavelmente, lembrando-se do sucesso desse método no caso anterior. – Depois, veremos o que fazer. Talvez seja possível encontrar o broche se, pelo menos, ela disser para onde o levou. Porém, de todo modo, ela vai ter de ser severamente castigada, Matthew.

– Bem... ah, você vai ter de punir a menina – disse Matthew, indo em busca de seu chapéu. – Não devo me meter, lembra? Você mesma me advertiu sobre isso.

Marilla se sentiu completamente sozinha; não podia nem mesmo pedir ajuda à senhora Lynde. Então, foi ao sótão do leste com uma expressão muito severa no rosto e desceu com outra ainda mais séria. Anne havia se recusado firmemente a confessar e persistia em afirmar que não havia tirado o broche do quarto. Era evidente que a menina havia chorado, e Marilla sentiu uma pontada de piedade, imediatamente reprimida. Depois de tudo aquilo, Marilla se sentiu, como ela mesma expressou, “arrasada”.

– Você vai ficar neste quarto até confessar, Anne. Pode se preparar para isso – assegurou, inflexível.

– Mas o piquenique é amanhã, Marilla – a menina respondeu tristemente. – A senhora não vai me impedir de participar, vai? Vai me deixar passar a tarde fora, não vai? Depois do piquenique, fico aqui no

quarto *alegremente* por quanto tempo a senhora quisesse. Mas eu *preciso* ir ao piquenique.

– Você não vai a nenhum piquenique nem a qualquer outro lugar enquanto não confessar, Anne.

– Oh, Marilla... – Anne suspirou.

Mas Marilla já tinha se retirado e fechado a porta.

A quarta-feira amanheceu tão clara e agradável quanto seria se tivesse sido expressamente encomendada para o piquenique. Pássaros cantavam em Green Gables, e os lírios brancos dos jardins exalavam um perfume maravilhoso, que entrava por todas as portas e janelas, trazido por ventos invisíveis, e circulava por *halls* e cômodos como se fosse um espírito abençoado. As bétulas do vale acenavam alegremente, como se estivessem esperando pela saudação matinal diária de Anne no sótão do leste. No entanto, a menina não estava perto da janela. Quando Marilla subiu, levando o café da manhã para ela, encontrou-a sentada na cama, com as costas eretas, uma expressão decidida no rosto pálido, os lábios cerrados e os olhos brilhando.

– Marilla, estou pronta para confessar.

– Ah! – Marilla pôs a bandeja sobre a cama. Mais uma vez, seu método havia dado bom resultado, embora esse sucesso fosse bastante amargo. – Então, me deixe ouvir o que tem a dizer, Anne.

– Peguei o broche de ametistas – a menina falou, como se estivesse repetindo uma lição que tinha decorado. – Peguei a joia, exatamente como a senhora disse. Não tinha intenção de pegá-la quando entrei no quarto. Mas ela me pareceu tão bonita quando a preendi no meu vestido que fui tomada por uma tentação irresistível. Imaginei como seria perfeitamente emocionante ir com o broche até o Retiro Silvestre e fingir que eu era *Lady* Cordélia Fitzgerald. Seria tão mais fácil imaginar que eu era *Lady* Cordélia, se estivesse usando um broche de ametistas... Diana e eu fizemos colares de botões de rosas silvestres, mas o que são rosas silvestres, comparadas a ametistas? Então, peguei o broche. Achei que poderia devolver a joia antes que a senhora voltasse para casa. Dei toda a

volta pela estrada pra aumentar o caminho. Quando eu estava atravessando a ponte sobre o Lago das Águas Brilhantes, tirei o broche do vestido para olhar mais uma vez para ele. Oh, como brilhou à luz do sol! E aí, quando me debrucei sobre a ponte, ele simplesmente escorregou entre meus dedos... assim... e foi caindo... caindo... caindo, todo roxo, brilhante, e afundou para todo o sempre no Lago das Águas Brilhantes. E essa é a melhor confissão que posso fazer, Marilla.

Marilla sentiu uma grande raiva crescer em seu coração outra vez. A menina tinha pegado e perdido seu valioso e adorado broche de ametistas, e agora estava sentada tranquilamente recitando os detalhes da história, sem aparentar nenhum remorso ou arrependimento.

– Anne, isso é terrível – disse, tentando manter a calma. – Você é a menina mais perversa que já existiu.

– Sim, suponho que seja mesmo – Anne concordou serenamente – e sei que vou ter de ser castigada. É seu dever me punir, Marilla. A senhora pode acabar logo com isso, por favor? Quero ir ao piquenique sem nada atormentando minha cabeça.

– Piquenique?! Francamente! Você não vai a piquenique nenhum hoje, Anne Shirley. Esse será seu castigo. E não é nem metade da punição severa que você merece pelo que fez.

– Não ir ao piquenique?! – Anne se levantou imediatamente e segurou a mão de Marilla. – Mas a senhora *prometeu* que me deixaria ir. Oh, Marilla, preciso ir ao piquenique. Foi por isso que confessei. Por favor, me castigue de qualquer outra forma que desejar, menos dessa. Oh, Marilla, por favor, por favor, me deixe ir ao piquenique. Pense no sorvete! A senhora sabe que eu posso nunca mais ter outra chance de experimentar um sorvete.

Marilla desvencilhou sua mão das de Anne, insensível às suas súplicas.

– Não adianta implorar, Anne. Você não vai ao piquenique e pronto. Não, não diga mais nenhuma palavra.

Anne compreendeu que Marilla não mudaria de ideia. A menina juntou as mãos, soltou um grito agudo e se jogou de bruços na cama, chorando e

se contorcendo, completamente entregue ao desapontamento e ao desespero.

– Pelo que há de mais sagrado! – Marilla suspirou, saindo às pressas do quarto. – Acho que essa menina é louca. Nenhuma criança em seu juízo perfeito se comportaria como ela. Se não for doida, é muito perversa. Céus, receio que Rachel estava certa no começo. Porém, já lancei mão do arado e não posso olhar para trás.*****

Aquela foi uma manhã sombria. Marilla trabalhou duramente e, quando não encontrou mais nada para fazer, esfregou o chão da varanda e as prateleiras de armazenamento do leite. Nem a varanda nem as prateleiras precisavam disso, mas Marilla fez. Em seguida, pegou o ancinho e varreu o pátio.

Quando o almoço estava pronto, ela foi até o pé da escada e chamou Anne. Um rosto manchado de lágrimas apareceu, olhando tragicamente por trás do corrimão.

– Desça para almoçar, Anne.

– Não quero almoço, Marilla – ela respondeu, soluçando. – Não conseguiria comer nada. Meu coração está partido. Espero que um dia a senhora sinta remorso por ter feito isso com ele, Marilla, mas eu te perdoo. Quando esse dia chegar, lembre-se de que eu a perdoei. Mas, por favor, não me peça para comer nada, especialmente carne de porco ensopada e verduras. Carne de porco ensopada e verduras são pratos nada românticos quando se está sofrendo terrivelmente.

Marilla voltou para a cozinha, enfurecida, e despejou todo o seu ressentimento sobre Matthew, que, dividido entre seu senso de justiça e sua indevida solidariedade a Anne, sentiu-se arrasado também.

– Bem... ah, ela não deveria ter tirado o broche do lugar, Marilla, nem negado que fez isso – ele admitiu pesarosamente, examinando seu prato cheio de carne de porco ensopada e verduras nada românticas, como se, tal como Anne, ele pensasse que se tratava de uma refeição inadequada para momentos de crise emocional. – Mas ela é apenas uma criança... e uma criança tão interessante... Não acha que está sendo severa demais não

deixando que vá ao piquenique, depois que ela depositou tanta expectativa nesse passeio?

– Matthew Cuthbert, estou perplexa com você. Na minha opinião, fui até generosa demais com ela. E a menina parece não ter entendido, de modo algum, o quanto foi maldosa... Isso é o que mais me preocupa. Se ela estivesse realmente arrependida, essa situação não seria tão ruim. E parece que você também não entendeu, pois está o tempo todo procurando desculpas para ela... vejo isso claramente.

– Bem... ah, Anne é apenas uma criança – Matthew repetiu, quase sussurrando. – Algumas concessões têm de ser feitas, Marilla; você sabe que ela nunca teve quem a educasse.

– Pois bem, está tendo agora – Marilla retrucou.

Se essa resposta não convenceu Matthew, pelo menos o silenciou, e aquele almoço foi uma refeição muito sombria. A única pessoa alegre ali era Jerry Buote – o garoto contratado para ajudar nos trabalhos da fazenda –, e Marilla interpretou seu bom humor como um insulto pessoal.

Quando a louça do almoço já tinha sido lavada, a massa do pão estava pronta e as galinhas, alimentadas, Marilla se lembrou de que havia notado um furo pequeno em seu melhor xale de renda preta, no momento em que o tirou do corpo, na tarde de segunda-feira, ao retornar da Sociedade de Ajuda Humanitária. Decidiu, então, que era hora de remendá-lo.

O xale estava em uma caixa, dentro do baú de Marilla. Ela abriu a caixa e a luz do sol, atravessando as trepadeiras que se aglomeravam espessamente perto da janela, pousou sobre alguma coisa presa à renda – algo que brilhava e cintilava em facetas de luz violeta. Marilla agarrou o objeto com um gemido. Era o broche de ametistas preso pelo alfinete a um fio do tecido!

– Meu Deus do céu! – Marilla exclamou, estupefata. – O que significa isso?! Aqui está meu broche... são e salvo! E eu pensando que ele estava no fundo do lago de Barry... Por que Anne disse que tinha pegado e perdido minha joia? Francamente, acredito que Green Gables está enfeitiçada. Estou lembrando, agora, que, quando tirei meu xale, na

segunda-feira à tarde, eu o deixei sobre a cômoda por um minuto. Suponho que o broche tenha se prendido à renda, de algum modo. Ora, ora!

Com o broche na mão, Marilla se dirigiu para o sótão do leste. Anne tinha chorado até a exaustão e estava sentada, infeliz, perto da janela.

– Anne Shirley – Marilla falou solenemente. – Acabo de encontrar meu broche pendurado no meu xale preto de renda. Agora, quero saber o que significa aquela história maluca que você me contou hoje de manhã.

– Bem, a senhora disse que me manteria presa aqui até eu confessar... – Anne respondeu, desanimada. – Então, decidi confessar, porque queria muito ir ao piquenique. Inventei uma confissão durante a noite e me esforcei para que ela ficasse o mais interessante possível. E repeti tudo para mim mesma várias vezes, para não esquecer nenhum detalhe. Porém, depois de tudo isso, a senhora não me deixou ir ao piquenique e, portanto, todo o meu esforço foi inútil.

Marilla teve de rir, mesmo contra sua vontade. Entretanto, sua consciência a incomodou.

– Anne, você é mesmo imbatível! Mas eu estava errada... estou vendo isso agora. Não deveria ter duvidado de sua palavra quando nunca tinha ouvido você dizer uma mentira. É claro que não foi certo você confessar um erro que não havia cometido... foi muito errado fazer isso. Mas, de algum modo, eu a levei a agir assim. Então, se você me perdoar, Anne, eu te perdoo também e ficamos quites de novo. Depressa, vá se aprontar para o piquenique!

Anne se levantou com a rapidez de um foguete.

– Oh, Marilla, será que não é tarde demais?

– Não, são apenas 14 horas ainda. Eles não devem ter feito nada, além de se reunir, e falta uma hora para servirem o chá. Lave o rosto, penteie o cabelo e coloque seu vestido xadrez. Vou preparar uma cesta para você levar. Temos muitos pães e bolos assados. E vou falar para o Jerry preparar a égua e te levar ao campo do piquenique.

– Oh, Marilla! – a menina exclamou, correndo para o lavatório. – Cinco minutos atrás, eu estava muito triste, desejando não ter nascido, e agora

não trocaria de lugar nem com um anjo!

Naquele fim de tarde, Anne, totalmente feliz e completamente exausta, voltou para Green Gables em um estado de graça indescritível.

– Oh, Marilla, tive uma tarde perfeitamente magnífica. “Magnífica” é a palavra nova que aprendi hoje. Ouvi Mary Alice Bell usá-la. Não é uma palavra muito expressiva? Tudo foi maravilhoso. As comidas e as bebidas estavam esplêndidas, e depois o senhor Harmon Andrews levou todos para um passeio de barco a remo pelo Lago das Águas Brilhantes... seis de nós de uma só vez. Jane Andrews quase caiu do barco. Ela se inclinou para pegar umas flores de lótus e, se o senhor Andrews não a tivesse segurado, no último segundo, pelo cinto do vestido, teria caído na água e provavelmente se afogado. Gostaria que isso tivesse acontecido comigo... Seria uma experiência tão romântica, quase se afogar! E eu teria uma história tão emocionante para contar! Depois comemos sorvete. É impossível descrever aquele sorvete com palavras. Marilla, só posso afirmar que estava sublime!

À noite, Marilla contou toda a história para Matthew, enquanto remendava algumas meias.

– Estou disposta a admitir que cometi um erro – ela concluiu sinceramente. – Mas aprendi uma lição. E não posso deixar de rir quando penso na confissão de Anne, embora eu ache que não deveria, pois, afinal de contas, ela mentiu. No entanto, isso não parece ser tão ruim quanto se aquilo tudo fosse verdade, e, de certa maneira, fui responsável por isso. Em alguns aspectos, é difícil entender essa menina. Porém, ainda acredito que tudo vai dar certo. E uma coisa é certa: nunca vai haver tédio numa casa em que ela estiver.





– Que dia esplêndido! – Anne exclamou, respirando profundamente.
– Não é bom simplesmente estar vivo num dia como este?
Tenho pena das pessoas que ainda não nasceram, porque estão perdendo isso. Elas podem ter dias maravilhosos, claro, mas nunca terão este. E é ainda mais esplêndido ter um caminho tão adorável para ir para a escola, não é?

– É bem melhor do que dar a volta pela estrada; lá é tão quente e cheio de poeira... – disse Diana, bem mais ligada ao lado prático das coisas, enquanto espiava a cesta onde levava seu almoço e calculava quantas mordidas cada uma ganharia se as três tortas suculentas e deliciosas de framboesa que ali estavam fossem repartidas entre dez meninas.

As garotas que frequentavam a escola de Avonlea sempre compartilhavam seu almoço, e aquela que comesse três tortas de framboesa sozinha, ou até mesmo as dividisse apenas com a melhor amiga, seria eternamente rotulada de “terrivelmente mesquinha”.

Entretanto, quando as tortas eram repartidas entre as dez meninas, o que cada uma recebia era apenas o suficiente para torturá-la com a vontade de comer mais.

O caminho pelo qual Anne e Diana iam para a escola era bonito e agradável. Anne achava até que aqueles trajetos de ida à escola e volta para casa não poderiam ser melhorados nem pela imaginação, pois já eram perfeitos. Passar pela estrada principal não seria nem um pouco romântico. Entretanto, passar pela Vereda dos Apaixonados, pela Lagoa dos Salgueiros, pelo Vale das Violetas e pela Trilha das Bétulas era tão romântico quanto um percurso poderia ser.

A Vereda dos Apaixonados começava logo abaixo do pomar de Green Gables, atravessava o bosque e se estendia até o final da fazenda dos irmãos Cuthbert. Por esse caminho, as vacas eram levadas para o pasto dos fundos e a lenha era trazida para casa, no inverno. Antes de ter passado um mês em Green Gables, Anne já havia dado esse nome à trilha.

– Não quer dizer que pessoas apaixonadas realmente andem por lá – explicou a Marilla. – Na verdade, Diana e eu estamos lendo um livro perfeitamente magnífico, e tem uma Vereda dos Apaixonados nele. Então, quisemos ter uma também. E é um nome muito bonito, a senhora não acha? Tão romântico! Sabe, podemos imaginar casais de namorados caminhando por ali... Gosto daquela vereda, porque lá a gente pode pensar alto sem ser chamada de louca.

Começando sozinha o trajeto, de manhã, Anne descia a Vereda dos Apaixonados até o riacho. Ali, ela encontrava Diana e as duas meninas continuavam juntas, passando sob o frondoso arco de bordos.

– Bordos são árvores tão sociáveis – Anne comentou. – Estão sempre farfalhando e sussurrando para nós.

Depois, chegavam a uma ponte rústica, deixavam a vereda, atravessavam o campo dos fundos da propriedade do senhor Barry e passavam pela Lagoa dos Salgueiros. Em seguida, vinha o Vale das Violetas: uma pequena área baixa e plana, à sombra do grande bosque do senhor Andrew Bell.

– É claro que não tem violetas lá agora – Anne explicou para Marilla –, mas Diana me contou que na primavera aparecem milhões delas. Oh, Marilla, não podemos imaginar que estamos vendo todas elas? Isso quase me tira o fôlego. Chamei aquele lugar de Vale das Violetas. Diana fala que nunca viu ninguém com habilidade igual a minha para dar nomes elegantes a todos os lugares. É bom ter talento para alguma coisa, não é? Mas foi Diana quem batizou a Trilha das Bétulas. Ela quis, então deixei; mas tenho certeza de que eu teria encontrado algum nome mais poético do que simplesmente Trilha das Bétulas. Qualquer um pode imaginar esse nome. E a Trilha das Bétulas é um dos lugares mais lindos do mundo, Marilla.

E era mesmo. Outras pessoas, além de Anne, também pensavam assim, quando, por acaso, se viam naquele caminho. Era uma trilha estreita e sinuosa, que serpenteava por uma colina longa e atravessava o bosque do senhor Bell, aonde a luz do sol chegava filtrada por tantas tramas da cor de esmeraldas que a deixavam tão perfeita quanto um coração de diamante lapidado. Era margeada, em todo o seu comprimento, por bétulas jovens e finas, com troncos brancos e ramos flexíveis e ágeis. Além delas, também havia samambaias, prímulas e lírios-do-vale silvestres; e ramos de flores vermelhas, de uma erva conhecida como uva-de-rato, cresciam espessamente ao longo de todo o caminho. Sempre havia um delicioso aroma picante no ar, a música criada pelo canto dos pássaros e o murmúrio e as risadas provocados pelos ventos do bosque ao baterem nas copas das árvores. De vez em quando, se quem fizesse esse trajeto estivesse em silêncio, era possível ver um coelho atravessando rapidamente o caminho, o que, com Diana e Anne, acontecia raramente. Lá embaixo, no vale, a trilha acabava na estrada principal. Depois, bastava subir a colina de abetos para chegar à escola.

A escola de Avonlea era uma casa branca, caiada, com telhado baixo e janelas largas, e mobiliada com confortáveis carteiras grandes e antigas, que podiam ser abertas e fechadas, e em cujas tampas estavam gravadas

figuras enigmáticas e as iniciais dos nomes de três gerações de crianças que a frequentaram.

A escola ficava afastada da estrada, e atrás dela havia um bosque de abetos escuros e um riacho, no qual todas as crianças colocavam suas garrafas de leite logo de manhã, para que ele se mantivesse fresco e saboroso até a hora do almoço.

No primeiro dia de setembro, Marilla viu, com muitos receios secretos, Anne partir rumo à escola. Afinal, Anne era uma menina tão esquisita... Como iria se relacionar com as outras crianças? E será que, de algum modo, ela conseguiria segurar sua língua durante as aulas?

Porém, tudo correu de forma bem melhor do que Marilla temia. Anne voltou para casa, no fim da tarde, muito satisfeita.

– Acho que vou gostar dessa escola – anunciou. – Mas não tive uma impressão muito boa do professor. Ele fica o tempo todo enrolando o bigode e olhando para Prissy Andrews. Ela já é uma moça, sabe? Tem 16 anos e está se preparando para a prova de admissão, no ano que vem, para a Queen's Academy, a faculdade de Charlottetown. Tillie Boulter disse que o professor está *doidinho* por ela. Prissy tem uma pele muito bonita, seu cabelo é castanho e cacheado, e ela usa penteados muito elegantes. Ela senta em um banco comprido, no fundo da sala, e o professor também fica lá a maior parte do tempo, dizendo que é para explicar as lições para ela. Porém, Ruby Gillis falou que viu o professor escrever uma coisa na lousa dela, ***** e que, quando Prissy leu, ficou vermelha como um tomate e deu uma risadinha. Ruby afirmou que não acredita que aquilo tivesse algo a ver com a lição do dia.

– Anne Shirley, não quero ouvir você falar assim de seu professor outra vez – Marilla a repreendeu severamente. – Você não frequenta a escola para criticar o professor. Suponho que ele possa te ensinar muitas coisas, e seu dever é aprendê-las. Quero que entenda, de uma vez por todas, que você não deve voltar para casa contando histórias sobre ele. Isso eu não vou admitir. E espero que tenha sido uma boa menina na escola.

– Honestamente, fui mesmo – Anne respondeu, tranquila. – E nem foi tão difícil, como a senhora pode ter imaginado. Sentei perto de Diana. Nossas carteiras ficam ao lado da janela e, através dela, podemos ver o Lago das Águas Brilhantes. Tem muitas meninas interessantes na escola, e nos divertimos esplendidamente na hora do almoço. É tão bom ter um tanto de meninas para brincar! Mas é claro que eu gosto mais da Diana e sempre vou gostar. *Adoro* a Diana! Oh, Marilla, estou terrivelmente atrasada em relação aos outros alunos. Todos estão no *Quinto Livro de Leitura*, e eu ainda estou no quarto. Sinto que isso é uma espécie de vergonha. Mas nenhum deles tem uma imaginação tão fértil como a minha: logo percebi isso. Hoje tivemos aulas de leitura, geografia, história do Canadá e um ditado. O senhor Phillips falou que minha ortografia é lamentável, e levantou minha lousa lá na frente para todos verem que ela estava cheia de correções. Fiquei arrasada, Marilla. Ele poderia ter sido mais gentil com uma estranha, eu acho. Ruby Gillis me deu uma maçã e Sophia Sloane me emprestou um cartão cor-de-rosa adorável, onde está escrito: “Posso visitar você?”. Tenho de devolver o cartão para ela amanhã. E a Tillie Boulter me deixou usar o anel de contas coloridas dela durante toda a tarde. A senhora me dá algumas daquelas contas peroladas da almofada de alfinetes velha, que está no sótão, para eu tentar fazer um anel para mim? Oh, Marilla, Jane Andrews me contou que Minnie MacPherson falou com ela que ouviu Prissy Andrews dizer a Sara Gillis que meu nariz é muito bonito. Marilla, esse é o primeiro elogio que recebi em toda a minha vida, e a senhora nem pode imaginar o sentimento estranho que isso causou em mim. Marilla, meu nariz é mesmo muito bonito? Sei que vai me dizer a verdade.

– É suficientemente bonito – Marilla respondeu, sem mais comentários.

Secretamente, Marilla achava que o nariz de Anne era perfeitamente lindo, mas não tinha nenhuma intenção de lhe dizer isso.

Essa conversa aconteceu três semanas antes do que vou relatar agora, e, durante esse período, tudo tinha corrido bem, sem problemas ou dificuldades. Agora, naquela manhã fresca e agradável de setembro, Anne

e Diana percorriam alegremente a Trilha das Bétulas, e eram duas das meninas mais felizes de Avonlea.

– Acho que Gilbert Blythe vai estar na escola hoje – Diana falou. – Ele passou todo o verão visitando seus primos em New Brunswick e só voltou no sábado à noite. Ele é *extraordinariamente* bonito, Anne, mas provoca as meninas de uma maneira terrível. É um tormento em nossas vidas.

A voz de Diana indicou que entre ter ou não sua vida atormentada daquele jeito, ela preferia a primeira opção.

– Gilbert Blythe? – Anne indagou. – Não é esse nome que está escrito na parede da varanda, ao lado do de Julia Bell, com um grande “Prestem atenção” acima?

– Sim – Diana respondeu, balançando a cabeça –, mas tenho certeza de que ele não gosta muito de Julia Bell. Eu mesma ouvi Gilbert dizer que estudou a tabuada de multiplicação com a ajuda das sardas dela.

– Oh, não fale comigo sobre sardas – Anne implorou. – Não é delicado, já que tenho tantas. Mas eu realmente penso que escrever “Prestem atenção” nas paredes, junto com nomes de meninos e meninas, é uma grande besteira. Queria ver alguém ousar escrever meu nome ao lado do nome de algum menino. Porém, é claro – apressou-se em acrescentar – que não acredito que fariam isso comigo.

Anne suspirou. Não queria seu nome escrito em uma parede. No entanto, por outro lado, era um pouco humilhante saber que não havia nenhum risco de acontecer isso.

– Bobagem – afirmou Diana, cujos olhos negros e cabelo longo e brilhante já tinham destruído o coração de tantos meninos de Avonlea que seu nome estava em vários anúncios de “Prestem atenção” nas paredes da varanda da escola –, é só uma brincadeira. E não fique tão certa de que seu nome nunca vai ser escrito lá. Charlie Sloane está *doidinho* por você. Ele contou para a própria mãe – veja bem, para a *mãe* dele – que você é a menina mais inteligente da escola. E que isso é melhor do que ser bonita.

– Não, não é – disse Anne. – Eu preferiria ser bonita a ser inteligente. E odeio Charlie Sloane. Não suporto meninos de olhos esbugalhados. Se

alguém escrevesse meu nome lá, junto com o dele, eu nunca superaria. Mas confesso que é bom ser a melhor aluna da turma.

– Gilbert vai fazer parte de sua classe – Diana falou. – E está acostumado a ser o melhor aluno, posso te assegurar isso. Ele ainda está no quarto livro, apesar de já ter quase 14 anos. Há quatro anos, o pai dele ficou doente e teve de fazer um tratamento na província de Alberta. Gilbert foi com ele e ficaram lá por três anos. Nesse período, Gil quase não frequentou escola nenhuma, e só voltou a estudar quando eles retornaram. A partir de agora, se manter como a melhor da turma não vai mais ser tão fácil, Anne.

– Fico contente com isso – Anne declarou prontamente. – Eu não podia mesmo sentir orgulho de ser a melhor de uma turma de meninos e meninas de apenas 9 ou 10 anos de idade. Na aula de ontem de manhã, fiquei de pé para soletrar “ebulição”. Josie Pye foi a que se saiu melhor na competição, mas ela espiava as palavras no livro. O senhor Phillips não viu, porque ficava só olhando para Prissy Andrews, mas eu vi. Então, eu lhe lancei um olhar congelante de desprezo. Ela ficou vermelha como um tomate e acabou soletrando incorretamente a palavra.

– As meninas Pye trapaceiam em todos os lugares! – Diana falou, indignada, enquanto pulavam a cerca para sair da estrada principal. – Ontem, Gertie Pye teve o atrevimento de colocar sua garrafa de leite no lugar da minha, no riacho. Acredita nisso? Não estou mais falando com ela.

Quando o senhor Phillips estava no fundo da sala, ouvindo Prissy Andrews falar latim, Diana sussurrou para Anne:

– Ali está Gilbert Blythe, sentado na sua direção, do outro lado da fila de carteiras. Olhe para ele e veja se não acha que é bonito.

Anne olhou para onde Diana tinha indicado. Teve uma boa oportunidade de fazer isso, pois Gilbert Blythe estava distraído, prendendo furtivamente, com um alfinete, a trança longa e loura de Ruby Gillis, que estava sentada à sua frente, no encosto da carteira dela. Era um garoto alto, com cabelo castanho cacheado, olhos também castanhos e bastante

astutos, e tinha nos lábios um sorriso provocante. Naquele exato momento, Ruby Gillis tentou se levantar para mostrar uma soma ao professor e, com um gritinho estridente, caiu de volta no assento, acreditando que seu cabelo tinha sido arrancado pela raiz.

Todos olharam para a menina, e o senhor Phillips pareceu tão zangado que Ruby começou a chorar. Gilbert já tinha escondido o alfinete e estudava sua lição de história com a expressão mais séria do mundo. Entretanto, quando a agitação diminuiu, ele olhou para Anne e piscou, com um indescritível ar de brincadeira.

– Acho que seu Gilbert Blythe é bonito – Anne confidenciou para Diana. – Mas penso também que ele é muito atrevido. Não é uma boa atitude um garoto piscar para uma menina que ele não conhece.

Porém, foi só à tarde que as coisas realmente começaram a acontecer.

O senhor Phillips estava em um canto, no fundo da sala, explicando um problema de álgebra para Prissy Andrews, e os outros alunos faziam o que queriam: comiam maçãs, sussurravam, desenhavam figuras em suas lousas ou guiavam grilos amarrados a pedaços de barbante, para um lado e para outro, entre as carteiras.

Gilbert Blythe tentava atrair a atenção de Anne Shirley, sem obter nenhum sucesso porque, naquela altura, ela estava totalmente distraída, alheia não só à simples existência de Gilbert Blythe, como também à de qualquer outro aluno da escola de Avonlea, e, até mesmo, à da própria escola de Avonlea. Com o queixo apoiado nas mãos e os olhos fixos na vista azul do Lago das Águas Brilhantes que a janela do oeste lhe oferecia, Anne estava distante, em uma linda terra de sonho, não escutando nem enxergando nada exceto suas próprias e maravilhosas visões.

Contudo, Gilbert Blythe não estava habituado a tentar atrair a atenção de uma garota e fracassar. Aquela menina Shirley, de cabelo vermelho, queixo proeminente e olhos grandes, diferentes dos de qualquer outra menina da escola de Avonlea, *tinha de* olhar para ele.

Então, atravessou o espaço entre as filas de carteiras, pegou uma das longas tranças ruivas de Anne, esticou-a no comprimento de seu braço e

disse, com um sussurro penetrante:

– Cenoura! Cenoura!

Anne olhou para ele, enfurecida. E fez mais do que simplesmente olhar. Levantou-se rapidamente, com suas belas fantasias irremediavelmente arruinadas, e lançou um olhar indignado para Gilbert – e, naquele segundo, o brilho furioso de seus olhos foi repentinamente transformado em lágrimas igualmente furiosas.

– Menino maldoso e desprezível! – exclamou, revoltada. – Como se atreve?!

Em seguida, “Tum! Plaft!” – Anne bateu com a lousa na cabeça do garoto e a partiu – a lousa, não a cabeça – ao meio.

A escola de Avonlea sempre gostou de uma cena inesperada, e essa foi uma especialmente divertida. Todos exclamaram “Ooooh!”, deliciosamente horrorizados. Diana suspirou. Ruby Gillis, que tinha uma tendência ao histerismo, começou a chorar. Tommy Sloane deixou seu time de grilos escapar completamente de seu controle, enquanto observava boquiaberto o acontecimento.

Com passos largos, o senhor Phillips se aproximou de Anne e pôs a mão pesadamente sobre o ombro dela.

– Anne Shirley, o que significa isso? – perguntou, bastante zangado.

Anne não respondeu. Era esperar demais, de uma pessoa de carne e osso, que ela dissesse, diante de todos, que tinha sido chamada de “cenoura”. Foi Gilbert quem falou, corajosamente:

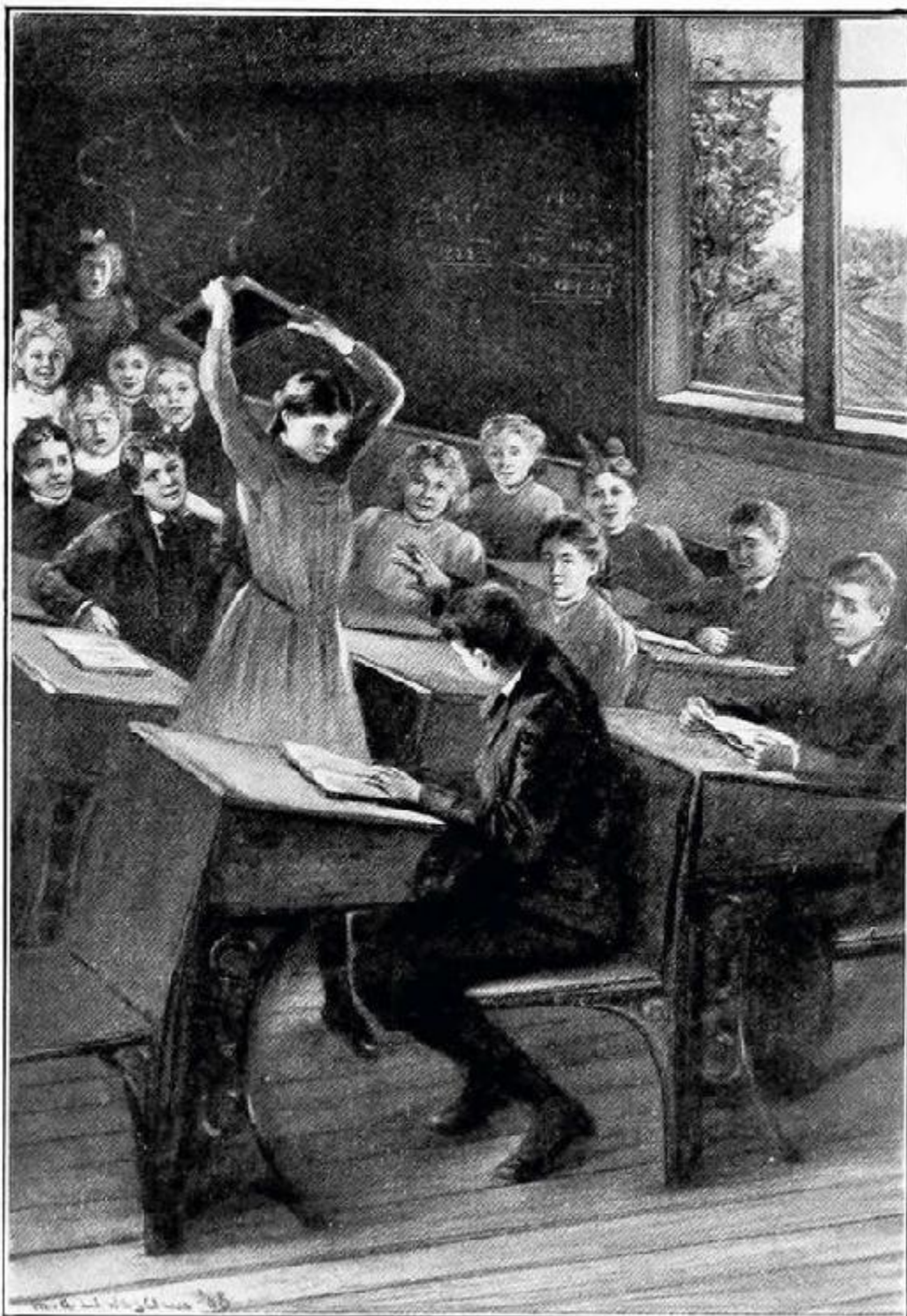
– A culpa foi minha, senhor Phillips. Eu provoquei a menina.

O senhor Phillips não deu nenhuma atenção a Gilbert.

– Lamento muito ver uma aluna minha exhibir um temperamento e um espírito vingativo como esses – falou solenemente, como se o mero fato de ser aluno dele devesse necessariamente erradicar todos os sentimentos ruins do coração de pequenos mortais imperfeitos.

– Anne, vá para o estrado em frente ao quadro-negro e fique lá durante o resto da tarde.

Anne teria preferido infinitamente uma punição corporal a esse castigo, que fez com que seu espírito sensível tremesse como se tivesse recebido uma chicotada. Com o rosto pálido e um ar decidido, ela obedeceu. Então, o senhor Phillips pegou um giz e escreveu no quadro, acima da cabeça dela: “Ann Shirley tem um temperamento muito ruim. Ann Shirley tem de aprender a se controlar”; em seguida, ele leu essas palavras em voz alta, de uma forma que até os alunos do primeiro ano, que ainda não sabiam ler,***** as entendessem.



“Tum! Plaft!” – Anne bateu com a lousa na cabeça do garoto e a partiu
– a lousa, não a cabeça – ao meio.

Anne ficou sobre o estrado durante todo o resto da tarde, com aqueles dizeres acima de sua cabeça. Não chorou nem abaixou a cabeça. A raiva ainda estava forte demais em seu coração para isso, e foi o que a sustentou ali, em meio a tanta agonia e humilhação. Com muito ressentimento nos olhos e as bochechas vermelhas de fúria, ela confrontou, igualmente, o olhar solidário de Diana, os acenos indignados de Charlie Sloane e os sorrisos maliciosos de Josie Pye. Quanto a Gilbert Blythe, ela nem sequer olhou para ele. Ela *nunca* mais olharia de novo para ele! Ela nunca mais falaria com ele!

Quando as aulas terminaram, Anne saiu com a cabeça ruiva levantada. Gilbert Blythe tentou falar com ela perto da porta da varanda.

– Estou terrivelmente arrependido de ter zombado de seu cabelo, Anne – ele sussurrou, com pesar. – Estou sendo honesto; não fique com raiva de mim para sempre.

Anne continuou andando com ar de desdém, sem um olhar ou qualquer outro sinal de ter ouvido o que ele disse.

– Como pôde fazer isso, Anne? – Diana murmurou, enquanto caminhavam para casa, demonstrando, ao mesmo tempo, repreensão e admiração. Diana sentia que *ela mesma* jamais teria resistido a um pedido de desculpas de Gilbert.

– Nunca perdorei Gilbert Blythe – Anne afirmou, determinada. – E, além de tudo, o senhor Phillips escreveu Anne sem E. Minha alma foi posta “em ferros”.*****

Diana não tinha a menor ideia do que Anne queria dizer com aquilo, mas entendeu que era algo terrível.

– Você não deve se importar com Gilbert zombando de seu cabelo – ela disse suavemente. – Ora, ele zomba de todas as garotas. Debocha de meu cabelo, porque é muito escuro; já me chamou de corvo uma dúzia de vezes. Além disso, nunca tinha visto Gilbert pedir perdão por nada antes.

– Existe uma enorme diferença entre ser chamada de “corvo” e ser chamada de “cenoura” – Anne falou, com dignidade. – Gilbert Blythe feriu *dolorosamente* meus sentimentos, Diana.

Talvez esse assunto fosse esquecido sem mais nenhuma dor se nada mais tivesse acontecido. Entretanto, quando as coisas começam a acontecer, o mais provável é que continuem acontecendo.

Os estudantes de Avonlea sempre passavam o intervalo do almoço no bosque de pinheiros do senhor Bell, lá em cima da colina e do lado oposto a seu grande pasto; ficavam mascando uma goma de seiva que tiravam de árvores daquela mata. Como, dali, podiam espiar a casa de Eben Wright, onde o professor estava hospedado, quando viam o senhor Phillips sair, corriam para a escola. Entretanto, a distância que tinham de percorrer era três vezes maior do que a alameda do senhor Wright, e, portanto, eles só conseguiam chegar à escola – sem fôlego, ofegantes – com cerca de três minutos de atraso.

No dia seguinte ao do castigo de Anne, o senhor Phillips foi tomado por um de seus intermitentes acessos de rigor disciplinar e anunciou, antes de se retirar para o almoço, que esperava encontrar todos os alunos em seus assentos quando retornasse para as aulas da tarde; qualquer um que chegasse atrasado seria punido.

Todos os meninos e algumas meninas foram ao bosque de pinheiros, como de costume, mas com o firme propósito de ficar lá apenas o tempo suficiente para “mascar um pouco”. Porém, bosques de pinheiros são sedutores, e nozes amarelas de goma são cativantes: eles colheram, vagaram, se dispersaram e, também como de costume, a primeira coisa que os lembrou do passar do tempo foi Jimmy Glover gritando do alto de um velho e respeitável abeto:

– O professor está voltando!

As meninas, que estavam no chão, saíram primeiro e conseguiram chegar à escola a tempo, embora sem um segundo de sobra. Os meninos, que tiveram de se contorcer para descer às pressas das árvores, chegaram depois. E Anne, que definitivamente não estava apanhando goma, mas sim passeando alegremente na outra extremidade do bosque entre samambaias grandes, que chegavam até sua cintura, cantando baixinho para si mesma e usando na cabeça uma coroa de lírios, como se fosse uma divindade

silvestre dos lugares sombrios, foi a última a chegar. Contudo, Anne corria como um cervo; e foi o que fez, obtendo, por fim, um desastroso resultado: ultrapassou os meninos na porta e foi arrastada, entre eles, para dentro, exatamente no momento em que o professor pendurava seu chapéu.

O breve acesso de rigor disciplinar do senhor Phillips tinha passado; ele não queria se dar ao trabalho de castigar uma dúzia de alunos. Porém, era necessário fazer alguma coisa para cumprir sua palavra e, portanto, olhou a seu redor em busca de um bode expiatório, o que encontrou em Anne, que tinha acabado de cair, ofegante, sobre seu assento. A coroa de lírios, esquecida sobre sua cabeça, pendia, inclinada, sobre uma de suas orelhas, dando à menina uma aparência particularmente desalinhada e desmazelada.

– Anne Shirley, já que parece apreciar tanto a companhia de meninos, vamos satisfazer seu gosto hoje à tarde – ele disse, sarcasticamente. – Tire essas flores do cabelo e sente-se ao lado de Gilbert Blythe.

Os outros meninos reprimiram risadas. Diana, pálida de piedade, tirou a coroa do cabelo de Anne e apertou a mão da amiga. Anne olhava fixamente para o professor, como se estivesse petrificada.*****

– Ouviu o que eu disse, Anne? – o senhor Phillips perguntou, severamente.

– Sim, senhor – Anne falou devagar –, mas não imaginei que o senhor realmente quisesse dizer isso.

– Garanto que quis – o professor afirmou, com o mesmo tom sarcástico que todas as crianças, e Anne, em especial, odiavam. Aquilo a feriu profundamente. – Faça imediatamente o que mandei.

Por um momento, pareceu que Anne não obedeceria. Em seguida, vendo que não tinha alternativa, ela se levantou com a cabeça erguida, atravessou o corredor, sentou-se ao lado de Gilbert Blythe e enterrou a cabeça entre os braços cruzados sobre a carteira. Ruby Gillis, que pôde ver de relance o rosto de Anne naquele momento, falou com os outros alunos, quando voltavam para casa, que “realmente nunca tinha visto nada parecido... uma cara tão branca, cheia de pequenas manchas vermelhas horríveis!”.

Para Anne, aquilo foi o fim de tudo. Já era suficientemente ruim ter sido a única pessoa a ser castigada, entre uma dúzia de outras igualmente culpadas. Porém, pior do que isso era ser obrigada a se sentar ao lado de um menino; e esse menino ser especificamente Gilbert Blythe significava amontoar insultos sobre afrontas, e de uma maneira totalmente insuportável. Anne sentiu que *não* poderia suportar aquilo, e que seria inútil tentar: seu corpo e sua alma ferviam de vergonha, raiva e humilhação.

No início, os outros alunos olhavam, cochichavam, soltavam risadinhas e cutucavam uns aos outros. Entretanto, já que Anne não levantou a cabeça em nenhum momento, e que Gilbert lidava com frações como se toda a sua alma estivesse completamente absorvida naquilo, e somente naquilo, eles logo voltaram a atenção para suas próprias tarefas, e Anne foi esquecida.

Quando o senhor Phillips chamou os alunos da classe de história, Anne deveria ter saído da sala; mas ela não se moveu, e o senhor Phillips, que estava escrevendo alguns versos “Para Priscilla” e antes de chamar a turma ainda buscava obstinadamente uma rima, não percebeu isso. Em um momento no qual ninguém estava olhando, Gilbert tirou de sua carteira uma bala cor-de-rosa em forma de coração, em cujo embrulho estava escrito em dourado: “Você é um doce”, e a deslizou por baixo da curva do braço de Anne. No mesmo instante, Anne levantou a cabeça, pegou cuidadosamente o coração cor-de-rosa, com as pontas dos dedos, jogou no chão, e, com o calcanhar, esmagou a bala. Depois, voltou à posição anterior, sem se dignar a sequer olhar para Gilbert.

Quando as aulas do dia acabaram, Anne foi até sua carteira, tirou ostensivamente tudo o que estava lá dentro – livros, pena, tinta, Bíblia etc. – e empilhou habilidosamente sobre sua lousa quebrada.

– Por que está levando todas essas coisas para casa, Anne? – Diana quis saber, assim que chegaram à estrada. Não tinha ousado perguntar antes.

– Não vou mais voltar para a escola.

Diana levou um susto e olhou para Anne, para ver se a amiga estava falando sério.

– Marilla vai deixar você ficar em casa? – perguntou.

– Vai ter de deixar – disse Anne. – *Nunca* mais vou ter aulas com aquele homem.

– Oh, Anne! – Diana parecia estar prestes a chorar. – Acho que você é maldosa mesmo. O que vou fazer? O senhor Phillips vai me mandar sentar com aquela Gertie Pye detestável... Sei que vai, porque ela está sentando sozinha ultimamente. Por favor, desista dessa ideia, Anne!

– Eu faria quase tudo no mundo por você, Diana – Anne falou tristemente. – Deixaria que me atacassem violentamente, se isso lhe fizesse algum bem. Mas não posso voltar para a escola; por favor, não me peça isso. Assim, você dilacera minha alma.

– Pense bem em toda a diversão que você vai perder – Diana argumentou. – Vamos construir a mais adorável de todas as casas lá embaixo, perto do riacho. E vamos jogar bola, na semana que vem; você nunca jogou bola, Anne! É tremendamente emocionante. Além disso, vamos aprender uma música nova... Jane Andrews está ensaiando agora... E, na semana que vem, Alice Andrews vai trazer um livro novo da Pansy,***** que vamos ler em voz alta, lá embaixo, perto do riacho. Você gosta tanto de ler em voz alta, Anne...

Porém, nada adiantou; Anne não mudaria de ideia: estava absolutamente decidida. Não iria novamente à escola, para ter aulas com o senhor Phillips. E foi o que comunicou a Marilla quando entrou em casa.

– Isso é uma bobagem – Marilla afirmou.

– Não é bobagem de maneira nenhuma – Anne respondeu, olhando para Marilla com um ar solene de reprovação. – A senhora não entende, Marilla? Eu fui insultada.

– Insultada... ora essa! Você vai à escola amanhã, como de costume.

– Oh, não – Anne balançou a cabeça vagarosamente. – Não vou não, Marilla. Vou aprender minhas lições em casa, vou dar o melhor de mim para ser uma boa menina e vou segurar minha língua o máximo possível. Mas não vou mais à escola; isso eu garanto.

Marilla percebeu no rosto miúdo de Anne alguma coisa extraordinariamente semelhante a uma teimosia inflexível, e entendeu que teria problemas se tentasse lutar contra aquilo. Portanto, decidiu sabiamente não dizer mais nada, por enquanto. “Vou descer e visitar Rachel, no fim da tarde. Não adianta argumentar com Anne agora. Ela está determinada demais, e sei bem como essa menina pode ser terrivelmente cabeça-dura. Pelo que entendi da história que ela contou, o senhor Phillips tem sido mesmo muito prepotente. Mas não é aconselhável dizer isso a ela. Vou conversar com Rachel, e pronto. Ela já mandou dez crianças para a escola; deve saber alguma coisa sobre como agir nesse caso. Além disso, a essa altura, Rachel já ouviu essa história toda.”

Marilla encontrou a senhora Rachel tricotando suas colchas, tão cuidadosa e alegremente quanto de costume.

– Imagino que saiba o motivo de minha visita – Marilla falou, ligeiramente envergonhada.

A senhora Rachel concordou, com um aceno de cabeça.

– O comportamento de Anne hoje, suponho – ela disse. – Tillie Boulter passou aqui quando voltava da escola e me contou.

– Não sei o que fazer com ela – Marilla lamentou. – Está afirmando que não vai mais à escola. Nunca vi uma criança tão magoada. Tenho esperado problemas desde que ela começou a frequentar a escola. Eu sabia que as coisas estavam indo bem demais para durar. Ela é tão sensível... O que me aconselha, Rachel?

– Bem, já que pediu minha opinião, Marilla – a senhora Lynde falou, amigavelmente (ela ficava imensamente satisfeita quando alguém lhe pedia conselhos) –, eu simplesmente faria a vontade dela, no começo; isso é o que eu faria. Acredito que o senhor Phillips agiu mal. É claro que, como você sabe, não é aconselhável falar isso com as crianças. E é claro também que ele estava certo quando a castigou ontem pela demonstração que deu de seu temperamento explosivo. Porém, hoje, foi diferente. Os outros alunos que também estavam atrasados deveriam ser punidos, assim como Anne foi; essa é a verdade. E não concordo que obrigar meninas a se

sentarem com meninos seja um bom castigo. Não é apropriado. Tillie Boulter estava profundamente indignada. Tomou o partido de Anne imediatamente, e me disse que todos os outros alunos fizeram o mesmo. De algum modo, parece que Anne se tornou realmente popular entre os estudantes. Nunca pensei que ela se daria tão bem com seus colegas.

– Então, você acha que eu devo permitir que Anne fique em casa?! – exclamou Marilla, perplexa.

– Sim; quer dizer, eu não falaria sobre escola com Anne novamente, até que ela mesma tocasse no assunto. Confie nisto, Marilla: dentro de uma semana, mais ou menos, ela vai estar mais calma e suficientemente disposta a frequentar a escola de novo, por vontade própria; é o que vai acontecer. Por outro lado, se você obrigá-la a voltar agora, ninguém sabe que birra ou acesso ela pode ter, criando mais problemas. Minha opinião é que quanto menos você se manifestar a respeito, melhor será. Além disso, do jeito que as coisas vão por lá, Anne não vai perder muito se não for à escola. O senhor Phillips não é nada bom como professor. A forma como conduz as aulas é absurda, essa é a verdade. Negligencia os alunos mais jovens e dedica todo o seu tempo aos mais velhos, que ele está preparando para a prova de admissão da Queen's Academy. O senhor Phillips jamais teria ficado mais um ano na escola se não fosse sobrinho de um de seus administradores – do seu administrador, na verdade, pois aquele simplesmente controla os outros dois. Marilla, posso lhe assegurar que não sei o que será da educação nesta ilha.

A senhora Rachel balançou a cabeça, como se quisesse dizer que, se ela fosse a pessoa responsável pelo sistema educacional da ilha, este estaria em condições bem melhores.

Marilla seguiu o conselho da senhora Rachel, e nenhuma outra palavra foi dita a Anne sobre voltar a frequentar a escola. Ela aprendia suas lições em casa, fazia suas tarefas domésticas e brincava com Diana durante o frio crepúsculo arroxado dos dias de outono. Quando encontrava Gilbert Blythe na estrada ou na escola dominical, passava por ele com um ar de desprezo gélido, que não era nem minimamente aplacado pela evidente

vontade do garoto de ser perdoado. Até mesmo os esforços de Diana para trazer a paz entre os dois foram inúteis. Estava claro que Anne tinha decidido odiar Gilbert Blythe para sempre.

Contudo, na mesma proporção em que odiava Gilbert, ela adorava Diana, com todo o amor de seu pequeno coração sentimental, tão intenso em suas paixões quanto em suas aversões. Certo dia, no fim da tarde, Marilla voltou do pomar com uma cesta de maçãs e encontrou Anne sentada sozinha perto da janela que dava para o leste, olhando o crepúsculo e chorando amargamente.

– Nossa! Qual é o problema agora, Anne? – ela perguntou.

– É sobre a Diana – a menina soluçou tristemente. – Amo tanto a Diana, Marilla! Não posso mais viver sem ela. Mas sei muito bem que, quando nós crescermos, Diana vai se casar e ir embora; vai me deixar. Oh, e aí, o que vou fazer? Eu odeio o marido dela... odeio furiosamente! Fico imaginando tudo... o casamento e todas as outras coisas... Diana, com um vestido de noiva branco como a neve, e um belo véu, tão linda e majestosa quanto uma rainha. E eu, a madrinha, com um vestido adorável também, de mangas bufantes, mas com o coração despedaçado escondido por meu rosto sorridente. E, então, eu me despeço de Diana... Ade-e-e-us!... – nesse momento, Anne desmoronou completamente e chorou cada vez mais amargamente.

Marilla se virou para outro lado rapidamente, para ocultar os lábios se contorcendo, mas foi inútil. Ela desabou na cadeira mais próxima e explodiu em uma gargalhada tão forte e incomum que Matthew, atravessando o pátio para entrar em casa, parou, espantado. Quando é que ele tinha escutado Marilla rir assim antes?

– Bem, Anne Shirley – Marilla disse, logo que recuperou a fala –, se você tem que inventar problemas, tenha dó, que seja alguma coisa mais próxima. Sem dúvida nenhuma, sua imaginação foi longe demais dessa vez.



CAPÍTULO XVI

*Diana é convidada para
um chá com resultados
trágicos*

Outubro era um mês bonito em Green Gables. As bétulas do vale ficavam douradas como a luz do sol; os bordos atrás do pomar se tingiam de um vermelho vivo; e as cerejeiras silvestres, ao longo da alameda, exibiam os mais maravilhosos tons de vermelho-escuro e verde-bronze, enquanto os campos expunham ao sol sua vegetação crescendo após a colheita.

Anne se deliciava com aquele mundo de cores.

– Oh, Marilla! – a menina exclamou na manhã de um sábado, quando entrava em casa dançando e trazia nos braços uma grande quantidade de lindos ramos –, estou tão contente por viver em um mundo onde existem outubros. Seria terrível se simplesmente pulássemos de setembro para novembro, não seria? Olhe para esses ramos de bordo. Não te causam um arrepio?... Vários arrepios? Vou decorar meu quarto com eles.

– Vai é bagunçar o quarto – disse Marilla, cujo senso estético não era perceptivelmente apurado. – Você enche demais seu quarto com coisas que

traz de fora de casa, Anne. Quartos foram feitos para dormirmos neles.

– Oh, e para sonharmos neles também, Marilla. Sabe, a gente pode sonhar muito melhor num quarto que tem coisas bonitas. Vou pôr esses ramos naquele vaso azul velho e colocá-lo sobre minha mesa.

– Tome cuidado para não deixar folhas pela escada. Vou a Carmody hoje à tarde, para uma reunião na Sociedade de Ajuda, e provavelmente só voltarei à noite. Você vai ter de servir o jantar de Matthew e Jerry; portanto, não se esqueça de preparar o chá. Na última vez, você só se lembrou de fazer isso quando sentou para comer.

– Foi horrível ter esquecido – Anne se desculpou –, mas aquela foi a tarde que passei me esforçando para imaginar um nome pro Vale das Violetas, e isso me distraiu de todas as outras coisas. Matthew foi tão bondoso. Não me repreendeu nem um pouco. Preparou tudo pessoalmente, e disse que a gente poderia esperar um pouco para o chá ficar mais forte. Então, para que o tempo passasse mais depressa enquanto a gente esperava, contei a ele uma linda história de fadas. Era um belo conto de fadas, Marilla. Eu tinha esquecido o final, mas inventei um, e Matthew falou que nem saberia dizer a partir de que ponto a história foi criada por mim.

– Matthew acharia normal, Anne, se, de repente, no meio da noite, você quisesse se levantar para jantar. Mas fique bastante atenta dessa vez, não se distraia. E... bem, não sei se é realmente uma boa ideia, isso pode deixar você mais destrambelhada do que nunca, mas pode convidar a Diana para vir passar a tarde com você e tomar o chá aqui.

– Oh, Marilla! – Anne apertou as mãos. – Que coisa perfeitamente maravilhosa! Afinal de contas, a senhora *pode*, sim, imaginar coisas, senão nunca teria compreendido o quanto eu desejava exatamente isso. Vai ser tão agradável e parecer tão adulto. Não precisa se preocupar: tendo companhia, não vou me esquecer de preparar o chá com antecedência. Oh, Marilla, posso usar a louça decorada com botões de rosa?

– Claro que não! O conjunto de chá decorado com botões de rosa?! Ora, o que mais vai querer depois disso? Você sabe muito bem que não uso

aquela louça, exceto com o pastor e as senhoras da Sociedade de Ajuda. Sirva o chá no velho conjunto marrom. Porém, pode abrir o pequeno pote amarelo de geleia de cereja. De qualquer modo, já está mesmo passando da hora de ela ser comida... E pode servir algumas fatias do bolo de frutas, e biscoitos também.

– Já posso me imaginar sentada na cabeceira da mesa, servindo o chá...
– Anne falou, em êxtase. – E perguntando a Diana se ela aceita açúcar! Sei que ela não gosta de chá com açúcar, mas é lógico que vou oferecer, como se eu não soubesse. Em seguida, já me vejo insistindo para que ela coma mais um pedaço de bolo de frutas com geleia. Oh, Marilla, só de pensar nisso já tenho uma sensação maravilhosa. Posso levar Diana até o quarto de hóspedes para pendurar seu chapéu, quando ela chegar? E, depois, até a sala de visitas, para sentarmos e conversarmos?

– Não. A sala de estar é mais do que suficiente para você e sua convidada. Mas temos meia garrafa de suco de framboesa que sobrou da reunião social da igreja outro dia; está na segunda prateleira do armário da sala de estar, e você e Diana podem tomar durante a tarde, se quiserem. É melhor comerem uns bolinhos também, para acompanhar o suco, porque suponho que Matthew vá se atrasar para o chá; ele foi ao porto levar as batatas que colhemos para serem exportadas.

Anne foi correndo até o vale, passou pela Bolha da Dríade e subiu o caminho de abetos até Orchard Slope, para convidar Diana. Como resultado, logo depois que Marilla saiu de casa, rumo a Carmody, Diana chegou, usando seu segundo melhor vestido. Sua aparência era exatamente a mais apropriada para quem vai a um chá. Em outras ocasiões, ela costumava entrar correndo na cozinha, sem bater à porta; porém, naquele dia, bateu delicadamente à porta da frente. E quando Anne, usando *seu* segundo melhor vestido, abriu a porta com a mesma delicadeza, as duas meninas se cumprimentaram com um aperto de mãos, como se nunca tivessem se encontrado antes. Esse comportamento cerimonioso, sem nenhuma naturalidade, durou até depois que Diana já havia sido conduzida ao sótão do leste, para pendurar seu chapéu, e, em seguida, permanecido

sentada no sofá da sala de estar, na posição mais formal possível, por cerca de dez minutos.

– Como está sua mãe? – Anne perguntou educadamente, como se não tivesse visto a senhora Barry colhendo maçãs, na manhã daquele mesmo dia, em excelentes condições de saúde e com grande disposição.

– Está muito bem, obrigada. Suponho que, agora, o senhor Cuthbert esteja embarcando no Lily Sands as batatas que vendeu; estou certa? – perguntou Diana, que, naquela manhã, tinha ido, na charrete de Matthew, à casa do senhor Harmon Andrews.

– Sim, nossa safra de batatas está muito boa este ano. Espero que a de seu pai esteja boa também.

– Está bastante boa, obrigada. Já colheram muitas maçãs?

– Oh, um monte! – disse Anne, se esquecendo das rigorosas regras de conduta e se levantando impulsivamente. – Vamos lá fora, no pomar, comer algumas, Diana? Marilla falou que podemos pegar todas as que restaram na árvore. Marilla é uma mulher muito generosa. Ela disse também que podemos comer bolo de frutas e geleia de cereja, na hora do chá. Mas não é de bom tom contar para uma visita o que você vai lhe oferecer para comer e, por isso, não vou revelar o que ela nos deixou beber; só vou adiantar que uma palavra começa com S e a outra com F, e que tem uma cor vermelha radiante. Adoro bebidas dessa cor; você também? Elas são duas vezes mais saborosas do que as de qualquer outra cor.

O pomar, com suas árvores frondosas, cujos grandes galhos se curvavam até o chão com o peso das frutas, se mostrou um lugar tão agradável que as duas meninas passaram quase a tarde inteira lá, sentadas sobre a relva, em um canto que tinha sido poupado pela geada e onde os raios do sol brando do outono chegavam, com um calor ameno; ali, comeram muitas maçãs e falaram o máximo que puderam.

Diana tinha muito a contar sobre o que vinha acontecendo na escola. Ela teve de se sentar todos os dias com Gertie Pye e odiava isso. O giz de Gertie chiava na lousa o tempo todo, o que fazia o sangue dela, Diana,

gelar. Ruby Gillis tinha se livrado de todas as suas verrugas, usando um cristal de rocha mágico que a velha Mary Joe, de Creek, havia lhe dado: bastou esfregar as verrugas com o cristal e depois jogá-lo para trás, sobre o ombro esquerdo, em dia de lua nova, e todas desapareceram. O nome de Charlie Sloane estava escrito na parede do alpendre junto com o de Em White, que ficou terrivelmente furiosa por causa disso. Sam Boulter havia “respondido” ao senhor Phillips na sala de aula, e o senhor Phillips tinha revidado com uma chicotada. Então, o pai de Sam foi à escola e ameaçou o professor, caso ele castigasse fisicamente um de seus filhos outra vez. Mattie Andrews tinha um novo capuz vermelho de lã e um xale de tricô com franjas; e o ar que ela assumiu por causa disso era perfeitamente insuportável. Lizzie Wright não estava falando com Mamie Wilson, porque a irmã mais velha de Mamie Wilson tinha feito a irmã mais velha de Lizzie Wright brigar com o namorado. Todos sentiam saudade de Anne e queriam que ela voltasse. E Gilbert Blythe...

Porém, Anne não queria ouvir nada sobre Gilbert Blythe. Ela se levantou apressadamente e sugeriu que entrassem para tomar suco de framboesa.

Anne procurou na segunda prateleira do armário da sala de estar, mas não tinha nenhuma garrafa de suco de framboesa lá. Uma busca mais cuidadosa revelou que a garrafa estava no fundo da prateleira de cima. Então, ela a colocou sobre uma bandeja, juntamente com um copo.

– Agora, sirva-se, por favor, Diana – Anne falou, educadamente. – Acho que não vou tomar, por enquanto. Não estou com vontade, depois de todas aquelas maçãs.

Diana encheu o copo e ficou olhando, admirada, para o líquido vermelho radiante; depois, bebeu tudo delicadamente, em pequenos goles.

– Esse suco de framboesa está delicioso, Anne – ela disse. – Não sabia que suco de framboesa era tão gostoso.

– Estou muito contente por você ter gostado. Beba o tanto que quiser. Vou até a cozinha acender o fogo. São tantas as obrigações de uma pessoa quando ela está responsável pela casa, não são?

Quando Anne voltou da cozinha, Diana estava tomando seu segundo copo cheio de suco; e, tendo Anne oferecido gentilmente um terceiro, ela não recusou.

– É o melhor suco que já bebi – Diana afirmou. – Muito mais gostoso do que o da senhora Lynde, embora ela se gabe tanto do dela. O gosto deste aqui não é nem parecido.

– É claro que o suco de Marilla provavelmente seria mesmo melhor do que o da senhora Lynde – Anne falou, demonstrando lealdade. – Marilla é uma cozinheira famosa. Está tentando me ensinar, mas posso lhe garantir, Diana, que é muito difícil. Na culinária, tem muito poucas possibilidades para a imaginação. Na última vez em que fiz um bolo, me esqueci de pôr a farinha. Estava pensando na mais linda história sobre você e eu, Diana. Imaginei que você estava muito doente, com varíola; todos tinham te abandonado, mas eu não. Fiquei valentemente ao lado de sua cama e cuidei de você até o momento em que ficou boa de novo. Aí, eu peguei varíola e morri. Fui enterrada debaixo daqueles álamos lá no cemitério, e você plantou uma roseira ao lado de minha sepultura. Você regou a roseira com suas lágrimas e nunca, nunca esqueceu a amiga de infância que sacrificou a própria vida por você. Oh, era uma pequena história tão comovente, Diana! As lágrimas corriam sobre minhas bochechas enquanto eu fazia a massa; foi quando me esqueci da farinha, e o bolo foi um grande fracasso. Farinha é absolutamente essencial para bolos, você sabe, não é? Marilla ficou muito brava, e com razão; sou um grande fardo para ela. Na semana passada, ela ficou terrivelmente irritada por causa da calda do pudim. Nós comemos um pudim de ameixa no almoço de terça-feira e restaram meio pudim e uma molheira cheia de calda. Marilla falou que seriam suficientes para a sobremesa de mais uma refeição e mandou que eu pusesse os doces numa prateleira da despensa e cobrisse o máximo possível, Diana. Porém, quando levei aquela sobremesa, estava imaginando que eu era uma freira – é claro que sou protestante, mas imaginei que era católica e que havia me tornado freira para enclausurar eternamente um coração despedaçado... Na manhã seguinte, me lembrei

dos doces e corri até a dispensa. Diana, imagine, se puder, meu horror extremo ao encontrar um camundongo afogado na calda do pudim! Tirei o camundongo com uma colher e joguei fora, no quintal. Em seguida, lavei a colher três vezes. Marilla estava lá fora, ordenhando as vacas; então, decidi esperar que ela voltasse para perguntar se eu poderia dar a calda aos porcos. Porém, quando ela entrou em casa, eu estava imaginando que era uma fada da geada, que atravessava o bosque trocando a cor das folhas das árvores para amarelo ou vermelho, conforme elas preferissem. Com isso, não pensei mais na calda do pudim, e Marilla me mandou ir lá fora colher maçãs. Bem, o senhor e a senhora Chester Ross, de Spencervale, vieram visitar Marilla naquela manhã. Você sabe que eles são pessoas muito elegantes, especialmente a senhora Chester Ross, não é verdade? Quando Marilla me chamou para entrar, o almoço estava pronto e todos sentados ao redor da mesa. Tentei ser tão delicada e gentil quanto fosse possível, pois queria que a senhora Chester Ross pensasse que eu era uma menina muito bem-educada, apesar de não ser bonita. Tudo estava indo bem, até o momento em que vi Marilla se aproximar com o pudim de ameixa numa das mãos e a molheira, com a calda *aquecida*, na outra. Diana, aquilo foi horrível. Lembrei de tudo imediatamente, fiquei de pé e gritei: “Marilla, a senhora não pode servir essa calda de pudim! Tinha um camundongo afogado nela! Esqueci de te falar antes!”. Oh, Diana, nunca vou esquecer aquele momento terrível, mesmo que eu viva cem anos. A senhora Chester Ross simplesmente olhou para mim de uma maneira que desejei que o chão se abrisse para eu afundar, de tanta vergonha que senti. Ela é uma dona de casa perfeita... Imagine o que deve ter pensado de nós! Marilla ficou vermelha como o fogo, mas não disse nada... naquele momento. Apenas levou embora o pudim e a calda, e voltou com uma compota de morango. E chegou até a me oferecer um pouco, mas eu não consegui engolir nem mesmo um pedacinho. Senti brasas amontoadas sobre a cabeça, como naquele provérbio da Bíblia.***** Depois que a senhora Chester Ross foi embora, Marilla me repreendeu muito severamente. Ora, Diana, o que foi?

Diana tinha se levantado, cambaleante, e em seguida sentado de novo, com as mãos na cabeça.

– Estou... estou me sentindo muito mal – ela disse, com a fala meio enrolada. – Eu... Eu... preciso ir para casa já.

– Oh, nem sonhe em ir para casa sem tomar seu chá – Anne suplicou, aflita. – Vou servir o chá neste minuto.

– Preciso ir para casa – Diana repetiu, determinada, apesar da voz ligeiramente fraca.

– Por favor, me deixe servir o lanche – implorou Anne. – Só uma fatia de bolo de frutas e um pouco de geleia de cereja. Deite-se um pouco no sofá e vai melhorar. Onde você está sentindo dor?

– Preciso ir para casa – Diana falou mais uma vez; e isso era tudo o ela dizia. Anne estava pedindo em vão que ficasse.

– Nunca ouvi falar de um convidado ir embora sem tomar chá – Anne lamentou. – Oh, Diana, você acha que pode estar realmente pegando varíola? Se estiver, vou cuidar de você, pode confiar nisso. Nunca vou te abandonar. Mas eu gostaria de verdade que ficasse aqui até depois do chá. Onde você está sentindo dor?

– Estou horivelmente tonta – respondeu Diana.

De fato, ela caminhava com bem pouco equilíbrio. Anne, com lágrimas de desapontamento nos olhos, pegou o chapéu de Diana e acompanhou a amiga até a cerca da propriedade da família Barry. Depois, chorou durante todo o caminho de volta para Green Gables, onde pegou tristemente o resto do suco de framboesa e pôs de volta no armário da sala de estar. Em seguida, preparou o chá de Matthew e Jerry, porém sem nem um pouco do entusiasmo que essa tarefa certamente lhe causaria em outras circunstâncias.

O dia seguinte era domingo e, como choveu torrencialmente desde o amanhecer até o crepúsculo, Anne não saiu de Green Gables. Na tarde de segunda-feira, Marilla mandou que fosse à casa da senhora Lynde com uma missão. Muito pouco tempo depois, Anne voltou correndo pela

alameda, com lágrimas rolando sobre as bochechas. Entrou na cozinha quase voando e se jogou de bruços no sofá, em total agonia.

– Qual é o problema agora, Anne? – Marilla indagou, receosa e, ao mesmo tempo, consternada. – Realmente espero que você não tenha sido impertinente com a senhora Lynde outra vez.

Nenhuma resposta, exceto mais lágrimas e soluços desesperados.

– Anne Shirley, quando lhe faço uma pergunta, quero que seja respondida. Sente-se direito agora e me conte o motivo desse choro.

Anne se sentou; parecia a tragédia em pessoa.

– A senhora Lynde subiu para visitar a senhora Barry hoje, e a senhora Barry estava furiosa – a menina lamentou. – Disse que eu deixei Diana *bêbada* no sábado e a mandei de volta para casa em péssimas condições. E falou também que eu devo ser completamente má, uma menina perversa e, por isso, ela nunca, nunca mais vai deixar Diana brincar comigo. Oh, Marilla, estou completamente arrasada!

Marilla olhava para Anne, emudecida pelo espanto.

– Deixou Diana bêbada?! – exclamou, quando recuperou a voz. – Anne, quem está maluca: você ou a senhora Barry? Afinal, o que foi que deu para Diana beber?

– Nada além do suco de framboesa – Anne respondeu, soluçando. – Nunca pensei que suco de framboesa pudesse deixar alguém bêbado, Marilla... nem mesmo se tomasse três copos cheios, como Diana fez. Oh, isso me lembra tanto... tanto... do marido da senhora Thomas! Mas eu não tive a intenção de deixar minha amiga do peito bêbada.

– Bêbada?! Que absurdo! – Marilla exclamou, enquanto caminhava apressadamente rumo ao armário da sala de estar. Ali, sobre a prateleira, estava uma garrafa que continha seu licor caseiro de groselha, feito três anos antes, e pelo qual ela era célebre em Avonlea, embora certos habitantes mais rigorosos – entre eles, a senhora Barry – o desaprovassem radicalmente. E, ao mesmo tempo, Marilla se lembrou de que tinha colocado a garrafa de suco de framboesa lá embaixo no porão, e não no armário da sala de estar, como havia dito a Anne.

Ela voltou para a cozinha com a garrafa de licor na mão e o rosto involuntariamente contraído.

– Anne, sem dúvida, você tem uma tendência inacreditável para se meter em encrencas. Você deu licor de groselha para Diana, em vez de suco de framboesa. Não sabe distinguir uma bebida da outra?

– Nunca experimentei o licor – Anne respondeu. – Achei que era o suco. Eu queria ser tão... tão... hospitaleira. Diana passou muito mal e teve de ir para casa. A senhora Barry falou com a senhora Lynde que ela estava completamente embriagada. Contou que ela apenas riu bobamente quando sua mãe perguntou o que estava acontecendo. Depois, foi para a cama e dormiu por muitas e muitas horas. A senhora Barry cheirou o hálito da filha e concluiu que ela estava bêbada; e, ontem, Diana teve uma dor de cabeça horrorosa, que durou o dia todo. A senhora Barry está terrivelmente indignada. Nunca vai acreditar que não fiz isso de propósito.

– Pois eu acho que o certo seria ela castigar Diana, por ser tão gulosa a ponto de beber três copos cheios de seja lá o que for – disse Marilla, rispidamente. – Ora, três copos grandes como aquele teriam feito a menina passar mal, mesmo se estivessem cheios de um simples suco. Nossa, essa história vai ser um prato cheio para todas as pessoas que me recriminam por fabricar licor de groselha, embora eu tenha deixado de fazer isso há três anos, desde que descobri que o pastor não aprova esse hábito. Só fiquei com esta garrafa para usar como remédio. Pronto, pronto, Anne, pare de chorar. Não vejo motivos para te culpar, embora eu lamente por ter acontecido isso.

– Tenho de chorar – Anne falou. – Meu coração está despedaçado. O curso das estrelas luta contra mim, Marilla. Diana e eu estamos separadas para sempre. Oh, Marilla, quando fizemos nossos votos de amizade, eu nem sonhava que isso poderia acontecer.

– Não seja tola, Anne. A senhora Barry vai pensar melhor, depois que souber que você não tem culpa. Suponho que ela esteja imaginando que você fez isso como uma brincadeira boba, ou qualquer outra coisa desse

tipo. É melhor você subir até a casa dela no fim da tarde e explicar o que realmente aconteceu.

– Minha coragem desaparece só de pensar em enfrentar a mãe enfurecida de Diana – Anne falou, com um suspiro. – Gostaria que a senhora fosse, Marilla. É muito mais respeitável do que eu. É provável que ela demonstre mais disposição para escutar a senhora.

– Está bem, eu vou – disse Marilla, concordando que talvez fosse realmente uma atitude mais sábia. – Não chore mais, Anne. Tudo vai ficar bem.

Quando Marilla voltou de Orchard Slope, tinha mudado de ideia sobre ficar tudo bem. Anne esperava ansiosamente por ela e correu até a porta da varanda, para encontrá-la.

– Oh, Marilla, estou vendo em seu rosto que não adiantou nada conversar com ela! – a menina exclamou tristemente. – A senhora Barry não vai me perdoar, não é?

– Senhora Barry... francamente! – Marilla respondeu, irritada. – De todas as mulheres insensatas que já conheci, ela é a pior. Falei com ela que foi tudo um engano, e que você não era culpada, mas ela simplesmente não acreditou em mim. E ainda jogou na minha cara que eu sempre afirmei que meu licor não podia fazer mal a ninguém. Então, argumentei claramente que o licor não foi feito para que alguém tomasse três copos cheios de uma só vez; e que, se eu fosse responsável por uma criança tão gulosa, eu a deixaria sóbria de novo com uma boa surra.

Marilla entrou rapidamente na cozinha, dolorosamente perturbada, deixando para trás, na varanda, uma pequena alma verdadeiramente desolada. Logo depois, Anne caminhou pela alameda, com a cabeça descoberta, durante o crepúsculo frio de outono. Muito determinada e sem fazer nenhuma pausa, passou pelo campo de trevos, depois pela ponte de troncos, e atravessou o bosque de pinheiros, iluminada por uma lua pequena e pálida que pairava baixa sobre o bosque do oeste. Ao abrir a porta, em resposta a uma batida tímida, a senhora Barry se deparou com os lábios pálidos e o olhar ansioso e implorador de Anne.

Sua expressão se endureceu. A senhora Barry era uma mulher que tinha grandes preconceitos e aversões; quando estava com raiva, ficava fria e insensível, tornando as coisas bem mais difíceis. O fato é que ela realmente acreditava que Anne havia embebedado Diana porque tinha uma inclinação pura e inata para a maldade, e, por isso, estava honestamente disposta a preservar sua filha da contaminação decorrente de um convívio maior com aquela criança.

– O que você quer? – ela perguntou secamente.

Anne juntou as mãos em posição de súplica.

– Oh, senhora Barry, por favor, me perdoe. Não tive a intenção de... de... embriagar Diana. Como eu poderia? Imagine se a senhora fosse uma pobre menina órfã que pessoas bondosas haviam adotado, e que tivesse somente uma amiga do peito no mundo inteiro. A senhora acha que embebedaria essa amiga de propósito? Pensei que aquilo era simplesmente um suco de framboesa. Estava firmemente convencida de que era suco de framboesa. Oh, por favor, não diga que não vai mais deixar Diana brincar comigo. Se fizer isso, vai cobrir minha vida com uma nuvem negra de desolação.

Esse discurso, que teria amolecido o bondoso coração da senhora Lynde em um piscar de olhos, não teve nenhum efeito sobre a senhora Barry, exceto irritá-la ainda mais. Ela suspeitava das palavras complicadas e dos gestos dramáticos de Anne, e imaginava que a menina estava zombando dela. Portanto, falou fria e cruelmente:

– Não acho que você seja uma menina apropriada para conviver com Diana. É melhor voltar para sua casa e se comportar.

Os lábios de Anne tremeram.

– A senhora não vai deixar que eu veja Diana nem mais uma só vez, para dizermos adeus? – ela implorou.

– Diana foi a Carmody com o pai – dizendo isso, a senhora Barry entrou em casa e fechou a porta.

Anne voltou para Green Gables calmamente desesperançada.

– Minha última esperança foi embora – ela disse a Marilla. – Fui pessoalmente falar com a senhora Barry e fui tratada de um modo insultante. Marilla, acho que ela *não* é uma mulher bem-educada. Não há mais nada a fazer, exceto orar, mas não creio que isso seja realmente eficaz, porque penso que nem o próprio Deus pode fazer grande coisa com uma mulher tão teimosa como a senhora Barry.

– Anne, você não deve dizer essas coisas – Marilla repreendeu a menina, esforçando-se para controlar aquela tendência ao riso, que sentia, assustada, crescer dentro de si. E, de fato, naquela noite, quando relatou a Matthew toda a história, ela riu bastante das desventuras de Anne.

Entretanto, quando ela entrou discretamente no sótão do leste, antes de ir para a cama, e viu que Anne havia chorado até ser dominada pelo sono, uma ternura com a qual Marilla não estava acostumada suavizou seu semblante.

– Pobrezinha – murmurou, enquanto afastava um cacho do cabelo caído sobre o rosto marcado pelas lágrimas da criança. Em seguida, abaixou-se e beijou a bochecha vermelha que repousava sobre o travesseiro.

CAPÍTULO XVII

*Um novo interesse
na vida*

Na tarde seguinte, Anne, debruçada sobre sua colcha de retalhos perto da janela da cozinha, olhou de relance para fora e avistou Diana, perto da Bolha da Dríade, acenando misteriosamente. Segundos depois, estava fora da casa, correndo pelo vale; seus olhos expressivos revelavam uma luta entre o espanto e a esperança. Contudo, a esperança se dissipou quando viu o semblante abatido de Diana.

– Sua mãe não cedeu, não é? – a menina perguntou, ofegante.

Diana balançou a cabeça, pesarosa.

– Não mudou de ideia; e, oh, Anne, ela disse que nunca mais vou brincar com você de novo. Eu chorei, e implorei, e falei que você não teve culpa, mas foi tudo inútil. Tive de suplicar muito para ela deixar que eu viesse me despedir de você. Por fim, consegui, mas só posso ficar por dez minutos; e ela mesma está contando esse tempo no relógio.

– Dez minutos não é muito tempo para uma despedida eterna – disse Anne, com lágrimas nos olhos. – Oh, Diana, tu prometes fielmente que

nunca te esquecerás de mim, tua amiga de infância, não importa quantas outras amigas mais queridas tu venhas a ter?

– Claro que prometo – soluçou Diana –, e nunca vou ter outra amiga do peito... não quero ter. Eu não poderia amar ninguém como eu te amo.

– Oh, Diana – exclamou Anne, apertando as mãos –, você me ama?

– Ora, Anne, é lógico que amo. Não sabia disso?

– Não – Anne respirou profundamente. – Achei que você *gostasse* de mim, claro, mas nunca tive a esperança de que me *amasse*. Sabe, Diana, eu não acreditava que alguém pudesse me amar. Pelo que posso me lembrar, ninguém jamais me amou. Oh, isso é maravilhoso! É um raio de luz que vai brilhar para sempre na escuridão de meu caminho longe de ti, Diana. Oh, diga isso de novo.

– Amo você com devoção, Anne – Diana afirmou categoricamente. – E sempre vou amar, pode ter certeza disso.

– E eu te amarei eternamente, Diana – prometeu Anne, estendendo a mão solenemente. – Nos próximos anos, tua memória brilhará como uma estrela sobre minha vida solitária, como diz a última história que lemos juntas. Diana, tu me darias um cacho do teu cabelo negro, nesta despedida, para que eu possa guardar como um tesouro para todo o sempre?

– Você tem alguma coisa que possamos usar para cortar o cabelo? – perguntou Diana, secando as lágrimas que as palavras comoventes de Anne tinham feito brotar outra vez e voltando aos assuntos práticos.

– Sim, felizmente, minha tesoura de costura está aqui no bolso de meu avental – Anne respondeu e, em seguida, cortou solenemente um dos cachos de Diana. – Adeus, minha adorada amiga! A partir deste momento, teremos de ser como duas estranhas, mesmo vivendo lado a lado. Mas meu coração será eternamente fiel a ti.

Anne ficou parada, observando Diana se afastar até perdê-la de vista, e acenando tristemente para a amiga, cada vez que esta olhava para trás. Depois, voltou para casa, nem um pouco consolada, entretanto, por aquela despedida tão emocionante.

– Está tudo acabado – ela informou a Marilla. – Nunca mais terei outra amiga. Estou verdadeiramente pior do que nunca antes, pois agora nem tenho mais Katie Maurice ou Violetta. E, mesmo se tivesse, não seria a mesma coisa. Diana e eu tivemos uma despedida tão afetuosa lá embaixo, perto da nascente... Será para sempre uma lembrança sagrada. Usei a linguagem mais sentimental que pude, e disse “tu” e “ti”. “Tu” e “ti” são palavras tão mais românticas do que “você”... Diana me deu um cacho de seu cabelo; vou colocar num saquinho de pano que vou costurar, e que pretendo usar pendurado no pescoço pelo resto da minha vida. Por favor, cuide para que ele seja enterrado comigo, pois acredito que não viverei mais por muito tempo, Marilla. Talvez, quando me vir deitada, fria e morta, a senhora Barry sinta remorso pelo que fez e deixe Diana ir ao meu funeral.

– Enquanto você puder falar, Anne, não creio que haja muito risco de morrer de tristeza – disse Marilla, nada solidária.

Na segunda-feira seguinte, Anne surpreendeu Marilla, ao descer de seu quarto carregando a cesta de livros; pela linha de seus lábios, era inegável que estava decidida.

– Vou voltar para a escola – a menina anunciou. – É tudo o que me restou na vida, agora que minha amiga foi arrancada cruelmente de mim. Na escola, posso olhar para ela e refletir sobre os dias felizes que se foram.

– É melhor você refletir sobre suas lições e operações matemáticas – disse Marilla, escondendo sua satisfação com esse desenrolar dos acontecimentos. – Anne, se está voltando a frequentar a escola, espero não ter de escutar mais nada sobre lousas quebradas na cabeça de colegas nem coisas desse tipo. Comporte-se e faça só e exatamente o que seu professor mandar.

– Vou tentar ser uma aluna-modelo – Anne afirmou tristemente. – Não vai ser agradável, sei disso. O senhor Phillips disse que Minnie Andrews era uma aluna-modelo, e ela não tem sequer um pinga de imaginação, ou mesmo de entusiasmo. Ela é desinteressante e irritantemente lerda; parece

que nunca se diverte. Porém, estou tão infeliz que talvez agora seja fácil ficar assim. Vou pela estrada principal. Não suportaria passar sozinha pela Trilha das Bétulas. Se fizesse isso, eu choraria muitas lágrimas amargas.

Em sua volta à escola, Anne foi recebida de braços abertos. Todos estavam sentindo intensamente a falta de sua imaginação nos jogos, sua voz nas cantigas e sua habilidade dramática na leitura em voz alta dos livros, na hora do almoço. Ruby Gillis lhe entregou, sorrateiramente, três ameixas azuis, durante a leitura da Bíblia. Ella May MacPherson lhe deu um enorme amor-perfeito amarelo de papel, recortado de um catálogo de flores; era uma espécie de decoração de mesa muito apreciada na escola de Avonlea. Sophia Sloane se ofereceu para lhe ensinar a tecer um novo ponto de renda perfeitamente elegante e *ideal* para enfeitar aventais. Katie Boulter a presenteou com um vidro vazio de perfume para ela colocar água e deixar sobre a carteira, de modo a facilitar a limpeza de sua lousa. E Julia Bell copiou caprichosamente, em um pedaço de papel cor-de-rosa claro, com bordas picotadas, a seguinte declaração:

Para Anne
Quando a cortina do crepúsculo baixar
sobre a terra
e for presa ao solo por uma estrela
lembre-se de que você possui uma amiga
ainda que não possa vê-la.

— É tão bom ser valorizada — Anne suspirou, fascinada, enquanto contava tudo para Marilla naquela noite.

Não foram somente as meninas que a “valorizaram” na escola. Quando Anne voltou para seu assento depois do almoço (o senhor Phillips tinha lhe mandado sentar com a aluna-modelo Minnie Andrews), ela encontrou, sobre sua carteira, uma grande e atraente maçã Gala. Anne pegou a fruta e estava prestes a mordê-la quando se lembrou de que o único lugar em Avonlea em que havia maçãs Gala era o velho pomar da família Blythe, no outro lado do Lago das Águas Brilhantes. Anne largou a maçã imediatamente, como se fosse uma brasa quente, e limpou os dedos ostensivamente em seu lenço. A maçã ficou intocada sobre a carteira até a manhã seguinte, quando o pequeno Timothy Andrews, que varria a escola e acendia o fogo, pegou-a como um pagamento adicional. O lápis de escrever na lousa, que Charlie Sloane enfeitou lindamente com papel listrado vermelho e amarelo e que custou o dobro do preço dos lápis de lousa normais, teve uma recepção melhor, quando o menino o enviou para Anne depois da hora do almoço. Ela ficou graciosamente satisfeita em aceitar o presente, e recompensou o doador com um sorriso que levou aquele jovem apaixonado diretamente a um estado de felicidade plena que fez com que ele cometesse erros tão terríveis em seu ditado que o senhor Phillips o obrigou a ficar depois da aula para reescrever tudo.

Mas como

“o ataque ostensivo de César ao busto de Brutus
só fez aumentar o amor de Roma por seu melhor filho,”

a ausência completa de qualquer homenagem ou reconhecimento por parte de Diana Barry, sentada com Gertie Pye, amargou o pequeno triunfo de Anne.

– Acho que Diana poderia ao menos ter sorrido uma só vez para mim – a menina se lamentou com Marilla naquela noite.

Entretanto, na manhã seguinte, um bilhete, ao mesmo tempo terrível e maravilhosamente amassado e dobrado, chegou às mãos de Anne, juntamente com um pequeno embrulho.

Querida Anne,

Minha mãe falou que não posso brincar ou conversar com você nem mesmo na escola. Então, a culpa não é minha; por favor, não fique zangada comigo, pois eu te amo tanto quanto sempre amei. Sinto uma falta horrível de lhe contar todos os meus segredos, e não gosto nem um pouquinho de Gertie Pye. Fiz para você um marcador de livros novo; é de papel de seda vermelho. Os marcadores desse tipo estão muito na moda atualmente, e só três meninas na escola sabem fazê-los. Quando olhar para ele, lembre-se de

sua amiga verdadeira,

Diana Barry

Anne leu o bilhete, beijou o marcador de livros e enviou prontamente uma resposta para o outro lado da sala de aula.

Minha querida Diana,

É claro que não estou zangada com você por ter de obedecer a sua mãe. Nossos espíritos podem se comunicar. Vou guardar seu adorável presente por toda a minha vida. Minnie Andrews é uma menina muito

simpática e agradável, mas não tem imaginação. E, depois de ter sido a amiga do peito de Diana, não posso ser a de Minnie. Por favor, perdoe meus erros, porque minha ortografia ainda não é muito boa, apesar de já ter melhorado muito.

Sua amiga até que a morte nos separe,

Anne, ou Cordélia, Shirley.

P.S.: Vou dormir com sua carta debaixo de meu travesseiro esta noite.

A. ou C.S.

Com pessimismo, Marilla esperava mais problemas desde que Anne voltara a frequentar a escola. Porém, para sua surpresa, não houve nenhum. Talvez Anne tivesse assumido um pouco do espírito de “aluna-modelo” de Minnie Andrews; pelo menos, desde então, ela estava se dando muito bem com o senhor Phillips. Ela se dedicou aos estudos, de corpo e alma, decidida a não ser superada em nenhuma matéria por Gilbert Blythe, e a rivalidade entre eles logo ficou evidente. Da parte de Gilbert, tratava-se de uma concorrência saudável, mas era de temer muito que a mesma coisa não pudesse ser dita em relação a Anne, que certamente possuía uma tendência nada louvável para guardar ressentimentos. A menina era tão intensa em seus ódios quanto em seus amores, e se recusava a admitir que tivesse a intenção de competir com Gilbert nos trabalhos escolares, porque

isso significaria reconhecer a existência do menino, a qual Anne fazia questão de ignorar.

Entretanto, a rivalidade estava sempre presente, e as honras oscilavam entre eles. Se, em certo dia, Gilbert era o melhor em ortografia, no dia seguinte, Anne, balançando suas tranças ruivas e compridas, o ultrapassava. Se, certa manhã, Gilbert acertava todas as operações matemáticas e tinha seu nome escrito no quadro de honra, na manhã seguinte, Anne, tendo lutado bravamente com os decimais durante toda a noite anterior, era a melhor da classe. Houve um dia, terrível, no qual os dois empataram e seus nomes foram escritos lado a lado: foi quase tão ruim quanto aqueles “Prestem atenção” escritos na parede da varanda, e a humilhação de Anne foi tão evidente quanto a satisfação de Gilbert.

Na época dos exames escritos, no final de cada mês, o suspense era torturante. No primeiro mês, Gilbert conseguiu três pontos a mais que Anne. No segundo, Anne ganhou dele, com a diferença de cinco pontos. Contudo, seu triunfo foi estragado pelo fato de Gilbert tê-la parabenizado cordialmente diante de toda a escola. Teria sido muito mais prazeroso para ela se ele tivesse demonstrado amargura por sua derrota.

O senhor Phillips podia não ser um bom professor, mas uma aluna tão inflexivelmente determinada a aprender, como era o caso de Anne, dificilmente deixaria de progredir, fosse quem fosse seu mestre. No fim do período letivo, tanto Gilbert quanto Anne foram promovidos para a série seguinte e tiveram permissão para começar a estudar os “ramos do conhecimento”, que, na prática, eram o latim, o francês, a geometria e a álgebra. E foi na geometria que Anne encontrou sua derrota.

– É uma matéria perfeitamente horrível, Marilla – ela se queixou. – Nunca vou conseguir compreender aquilo. Não tem absolutamente nenhuma possibilidade para a imaginação ali. O senhor Phillips disse que sou a pior aluna nessa matéria que ele já viu. E Gil... quer dizer, alguns dos outros alunos são tão bons em geometria... É extremamente angustiante, Marilla. Até Diana entende melhor do que eu. Porém, não me importo de ser vencida por Diana. Apesar de nos relacionarmos agora

como duas desconhecidas, ainda sinto por ela um amor *inextinguível*. Às vezes, ainda fico muito triste quando penso nela. Mas, na verdade, Marilla, ninguém pode permanecer triste por muito tempo num mundo tão interessante como este, pode?





Todas as coisas grandes estão conectadas a todas as coisas pequenas. À primeira vista, talvez não parecesse possível que a decisão, tomada por um certo primeiro-ministro canadense, de incluir Prince Edward Island em uma turnê política, fosse ter muita, ou, pelo menos, alguma coisa a ver com a vida da pequena Anne Shirley em Green Gables. Mas teve.

Foi em janeiro que o primeiro-ministro visitou a ilha, para se dirigir a seus apoiadores fiéis – e, também, aos não apoiadores –, que estariam no grande encontro político que reuniria milhares de pessoas em Charlottetown. A maioria dos habitantes de Avonlea simpatizava com as ideias dele e, portanto, na noite do encontro, quase todos os homens, e uma boa proporção das mulheres, tinham ido a Charlottetown, que ficava a quase cinquenta quilômetros de distância de seu povoado.

A senhora Rachel Lynde também foi, pois era muito fervorosa em questões políticas e não acreditava que um encontro como aquele pudesse

ocorrer sem sua presença, embora ela apoiasse o partido oposto. Sendo assim, foi à cidade e levou junto o marido – Thomas seria útil para cuidar do cavalo – e Marilla Cuthbert. Marilla, por sua vez, tinha um interesse secreto por política e, como supôs que aquela seria sua única oportunidade de ver um primeiro-ministro ao vivo, aceitou prontamente o convite da senhora Lynde e deixou Anne e Matthew responsáveis pelos afazeres da casa até seu retorno, no dia seguinte.

Assim, enquanto Marilla e a senhora Rachel se divertiam imensamente no evento político, Anne e Matthew tinham a alegre cozinha de Green Gables toda para eles. O fogo crepitava brilhante no antigo fogão a lenha, e cristais azulados de geada cintilavam nas vidraças. No sofá, Matthew cochilava com a revista *O defensor dos fazendeiros* nas mãos, e, à mesa, Anne estudava suas lições com rigorosa determinação, apesar dos vários olhares melancólicos lançados à prateleira da estante do relógio, onde estava um livro novo que Jane Andrews havia lhe emprestado naquele dia. Jane tinha lhe assegurado que o livro estava cheio de emoções e palavras comoventes, e os dedos de Anne formigavam de ansiedade para tocá-lo. Entretanto, isso significaria o triunfo de Gilbert Blythe na manhã seguinte, e, portanto, Anne se virou de costas para a estante do relógio e tentou imaginar que o livro não estava lá.

– Matthew, o senhor estudou geometria quando frequentava a escola?

– Bem... ah, não, não estudei – Matthew respondeu, despertando subitamente de seu cochilo.

– Gostaria que tivesse estudado – Anne suspirou –, pois assim poderia me compreender. Não pode me entender verdadeiramente se nunca teve lições de geometria. Essa matéria é uma nuvem negra sobre minha vida. Sou tão burra nisso, Matthew!

– Bem... ah, não sei não – disse Matthew, tentando confortá-la. – Suponho que você seja boa em qualquer coisa. O senhor Phillips me falou, na semana passada, na loja de Blair em Carmody, que você é a aluna mais inteligente da escola, e que está fazendo um rápido progresso. “Rápido progresso” foram exatamente suas palavras. Existem pessoas que

desmoralizam Teddy Phillips e dizem que ele não é grande coisa como professor, mas eu acho que ele é muito bom.

Para Matthew, qualquer indivíduo que elogiasse Anne era “muito bom”.

– Tenho certeza de que eu me sairia melhor em geometria se pelo menos ele não trocasse tanto as letras – Anne se queixou. – Eu memorizo os teoremas, e aí ele escreve todos no quadro com letras diferentes das que estão no livro. Com isso, fico confusa e não entendo mais nada... Não é certo um professor fazer essa maldade, não acha, Matthew? Ah, estamos estudando agricultura agora, e finalmente descobri o que faz as estradas ficarem vermelhas. Foi um grande alívio. Será que Marilla e a senhora Lynde estão se divertindo? A senhora Lynde falou que, da maneira que estão governando lá na nossa capital, o Canadá está se arruinando, e que isso é uma advertência apavorante para os eleitores. Ela pensa que se as mulheres tivessem o direito de votar, nós logo veríamos uma mudança abençoada. Em qual partido o senhor vota, Matthew?

– No Conservador – Matthew respondeu prontamente. Votar no Partido Conservador fazia parte da religião de Matthew.

– Então, sou conservadora também – Anne falou, decidida. – Estou contente, porque Gil... porque alguns dos meninos da escola são liberais. Acho que o senhor Phillips é liberal também, já que o pai de Prissy Andrews é um deles. Ruby Gillis disse que, quando um homem está flertando com uma moça, ele sempre tem de concordar com a mãe dela na religião e com o pai, na política. Isso é verdade, Matthew?

– Bem... ah, não sei – disse Matthew.

– O senhor já flertou alguma vez, Matthew?

– Bem... ah, não, não sei se já fiz isso – respondeu Matthew, que certamente nunca, em toda a sua existência, tinha pensado em tal coisa.

Anne refletiu, com o queixo apoiado nas mãos.

– Deve ser bem interessante, não acha, Matthew? Ruby Gillis disse que, quando ela crescer, vai ter um tanto de pretendentes a seu redor, todos loucos por ela, mas eu penso que isso seria excessivamente emocionante. Prefiro ter apenas um, e que ele esteja em seu juízo perfeito. Porém, Ruby

Gillis sabe bastante sobre isso, porque ela tem muitas irmãs mais velhas, e a senhora Lynde falou que as irmãs Gillis são muito namoradeiras. O senhor Phillips visita Prissy Andrews quase toda noite. Ele diz que é para ajudá-la com as lições, mas Miranda Sloane também está se preparando para a prova de admissão da Queen's, e eu acho que ela necessita de muito mais ajuda do que a Prissy, porque é bem menos inteligente. No entanto, ele nunca vai à casa de Miranda, para ajudá-la. Tem tantas coisas no mundo que eu não consigo entender muito bem, Matthew...

– Bem... ah, nem sei se eu mesmo compreendo – Matthew admitiu.

– Bom, tenho de terminar minhas lições. Não vou me permitir abrir aquele livro novo que Jane me emprestou enquanto não tiver terminado tudo. Mas é uma tentação horrível, Matthew. Mesmo virando de costas para ele, posso ver o livro ali nitidamente. Jane contou que chorou rios de lágrimas quando leu essa história. Adoro livros que me fazem chorar. Estou pensando em levar este para a sala de estar, trancá-lo no armário de geleias e te entregar a chave. E o senhor *não* pode me devolver essa chave, Matthew, enquanto minhas lições não estiverem prontas, mesmo que eu implore de joelhos. É muito bom poder resistir a uma tentação, mas é bem mais fácil resistir quando a gente não está de posse da chave. Devo descer até o porão para buscar umas maçãs, Matthew? Gostaria que eu trouxesse algumas maçãs para o senhor?

– Bem... ah, não sei, talvez – disse Matthew, que nunca comia maçãs, mas sabia da fraqueza de Anne por elas.

Exatamente no momento em que Anne chegou do porão, triunfante, com um prato cheio de maçãs em uma das mãos e uma vela na outra, eles ouviram passos muito rápidos sobre o chão gelado de madeira da entrada e, logo em seguida, a porta da cozinha foi aberta e Diana Barry entrou correndo, muito pálida e ofegante, com um xale enrolado às pressas na cabeça. Assustada, Anne imediatamente deixou cair no chão o prato e a vela, e maçãs, prato e vela desceram quicando pela escada do porão, e foram encontrados lá embaixo no dia seguinte – cobertos de cera derretida

– por Marilla, que os recolheu e deu graças a Deus porque a casa não tinha sido incendiada.

– Céus, o que foi que aconteceu, Diana? – Anne indagou, aflita. – Finalmente, sua mãe cedeu?

– Oh, Anne, por favor, venha depressa – Diana implorou nervosamente. – Minnie May está terrivelmente mal... pegou difteria... foi o que a jovem Mary Joe disse... e papai e mamãe estão na cidade... não tem ninguém para buscar um médico. Minnie May está muito doente, e Mary Joe não sabe o que fazer... Oh, Anne, estou com tanto medo!

Matthew, sem dizer uma só palavra, pegou o chapéu e o casaco, passou depressa por Diana e entrou na escuridão do pátio.

– Ele foi selar a égua alazã para ir a Carmody em busca de um médico – Anne explicou, enquanto vestia rapidamente o gorro e a capa. – Sei disso tão bem quanto se ele tivesse dito. Matthew e eu somos almas tão irmãs que posso ler seus pensamentos, sem que ele diga nenhuma palavra.

– Duvido que ele ache o médico em Carmody – Diana soluçou. – Sei que o doutor Blair foi a Charlottetown, e suponho que o doutor Spencer tenha ido também. A jovem Mary Joe nunca viu ninguém com difteria e a senhora Lynde não está em casa. Oh, Anne!

– Não chore, Di – Anne falou calmamente. – Sei exatamente o que fazer para curar difteria. Você esqueceu que a senhora Hammond teve gêmeos três vezes? Quando cuidamos de três pares de gêmeos, naturalmente ganhamos muita experiência. Todos eles tiveram difteria mais de uma vez. Espere só até eu pegar a garrafa de xarope de ipeca...***** pode ser que você não tenha em casa. Pronto, agora vamos!

As duas meninas saíram correndo, de mãos dadas, atravessaram a Vereda dos Apaixonados e, em seguida, o campo gelado, pois a neve estava alta demais para irem pelo bosque, que era o caminho mais curto. Embora Anne estivesse sinceramente pesarosa com a doença de Minnie May, ela estava longe de ficar insensível ao romantismo daquela situação e à doçura de compartilhar um momento romântico com uma alma irmã.

A noite estava clara e muito fria, com sombras escuras dos ébanos e encostas prateadas pela neve. Estrelas grandes brilhavam sobre os campos silenciosos. Aqui e ali, os abetos pontiagudos se erguiam, com os galhos salpicados de neve e o vento assoviando entre eles. Anne pensou em como era verdadeiramente magnífico fazer aquele percurso misterioso – e, ao mesmo tempo, encantador – ao lado de sua amiga do peito, de quem havia sido afastada por tanto tempo já.

Minnie May tinha 3 anos de idade e estava mesmo muito doente. Deitada no sofá da cozinha, ela tinha febre, estava muito inquieta, e sua respiração rouca podia ser ouvida por toda a casa. A jovem Mary Joe – uma garota francesa dócil e de rosto largo, que morava em Creek e tinha sido contratada pela senhora Barry para tomar conta das crianças durante sua ausência – estava impotente e desorientada, incapaz de pensar sobre o que fazer, ou de fazer o que por acaso conseguisse pensar.

Anne pôs mãos à obra com habilidade e rapidez.

– Realmente, Minnie May está com difteria. Está muito mal, mas já vi casos piores. Primeiro, precisamos de muita água quente. Diana, estou vendo que não tem mais do que uma xícara na chaleira!... Pronto, agora ela já está cheia... Mary Joe, por favor, ponha mais lenha no fogão. Não quero ferir seus sentimentos, mas acho que você já deveria ter pensado nisso antes, se tivesse um pinga de imaginação. Agora, vou despir Minnie May e colocá-la na cama. Tente encontrar algumas flanelas macias, Diana. Porém, antes de qualquer outra coisa, vou dar a ela uma dose de ipeca.

Não foi de bom grado que Minnie May tomou o xarope; contudo, também não foi em vão que Anne tinha cuidado de três pares de gêmeos. O remédio foi ingerido pela criança, não só uma vez, mas várias, durante aquela noite longa e aflitiva, em que as duas meninas se dedicaram pacientemente ao tratamento da sofrida Minnie May. A jovem Mary Joe, honestamente ansiosa para fazer tudo o que pudesse, manteve o fogo sempre alto e esquentou mais água do que teria sido necessário para todo um hospital cheio de bebês com difteria.

Já eram 3 horas da madrugada quando Matthew chegou com o médico, pois ele tinha sido obrigado a ir até Spencervale para encontrar um. Entretanto, a necessidade urgente de socorro já havia passado. Minnie May estava bem melhor e dormia profundamente.

– Fiquei terrivelmente desesperada, prestes a desistir – Anne explicou.
– Ela foi piorando cada vez mais, até ficar mais doente do que os gêmeos da senhora Hammond, inclusive o último par deles. Realmente, pensei que ela ia morrer engasgada. Dei a ela cada gota de ipeca que havia naquela garrafa e, quando a última dose se foi, falei para mim mesma – não para Diana nem para a jovem Mary Joe, porque não queria que elas ficassem ainda mais preocupadas do que já estavam – mas tive de dizer a mim mesma, para desabafar: “Esta é a última esperança que restou, e receio que ela seja em vão”. Porém, uns três minutos depois, Minnie tossiu e expeliu todo o catarro. Então, começou a melhorar imediatamente. O senhor tem de imaginar meu alívio, doutor, pois não consigo expressar em palavras o que senti. O senhor sabe que existem coisas impossíveis de expressar em palavras, não é?

– Sim, eu sei – o médico concordou e olhou para ela, como se estivesse pensando sobre Anne coisas que não poderiam ser expressas em palavras. Mais tarde, no entanto, ele as expressou diante do senhor e da senhora Barry.

– Fiquei impressionado com a esperteza daquela menina ruiva que mora com os irmãos Cuthbert. Posso garantir que ela salvou a vida da criança, pois teria sido tarde demais quando cheguei aqui. Ela parece possuir uma presença de espírito e uma habilidade perfeitamente extraordinárias para uma garota tão nova. Nunca vi nada parecido com seus olhos, enquanto me explicava o que havia feito.

Naquela maravilhosa e gelada manhã de inverno, Anne voltou para casa com os olhos pesados de sono, mas, ainda assim, falando incansavelmente com Matthew. Após atravessarem o longo campo coberto de neve, e enquanto caminhavam sob o arco de bordos – que estava cintilante, por causa do gelo nos galhos – da Vereda dos Apaixonados, ela disse:

– Oh, Matthew, não é uma esplêndida manhã? Parece que Deus imaginou o mundo para Seu próprio prazer, não parece? É como se a gente pudesse fazer as árvores voarem apenas com um sopro... Puuff! Fico tão contente por viver num mundo onde existem geadas brancas... o senhor também fica? E, afinal de contas, estou contente também porque a senhora Hammond teve três pares de gêmeos. Se não fosse por isso, eu não teria sabido o que fazer por Minnie May. Estou realmente arrependida de ter ficado zangada com a senhora Hammond por ter tido gêmeos. Mas, oh, Matthew, estou com tanto sono! Não posso ir à escola. Sei que não conseguiria manter os olhos abertos e ficaria muito burra. Porém, odeio ter de ficar em casa, porque Gil... porque algum outro aluno vai ser o primeiro da classe, e é tão difícil recuperar a liderança de novo... apesar de, é claro, quanto mais difícil for uma coisa, maior será nossa satisfação quando a conseguirmos, não é?

– Bem... ah, acho que você não vai ter problemas – disse Matthew, olhando para o rosto pequeno e pálido de Anne e vendo as grandes sombras escuras abaixo de seus olhos. – Vá direto pro seu quarto e durma um bom sono. Vou cuidar de todos os afazeres domésticos.

Assim, Anne foi para a cama e dormiu tanto e tão profundamente que aquela tarde branca de inverno já começava a ficar avermelhada quando ela acordou e desceu até a cozinha, onde Marilla, que havia retornado, estava sentada tricotando.

– Oh, a senhora viu o primeiro-ministro? – Anne perguntou imediatamente. – Como ele é, Marilla?

– Bem, posso garantir que ele não chegou ao cargo de primeiro-ministro por conta de sua aparência – Marilla falou. – Que nariz tem aquele homem! Mas fala muito bem. Fiquei orgulhosa de ser conservadora. Rachel Lynde, lógico, sendo liberal, não simpatizou com ele. Seu almoço está no forno, Anne. E você pode pegar um pouco do doce de ameixa que está no armário da despensa. Suponho que esteja com fome. Matthew me contou tudo sobre a noite passada. Devo dizer que foi muita sorte você saber o que tinha de ser feito. Eu mesma não teria a menor

ideia, pois nunca vi um caso de difteria. Agora vá, não se dê ao trabalho de falar enquanto não tiver feito sua refeição. Só de olhar para você, fica claro que está cheia de coisas para contar, mas elas podem esperar.

Marilla tinha algo a dizer para Anne, mas não falou nada naquele momento, pois sabia que o consequente entusiasmo da menina a tiraria completamente da esfera de assuntos práticos como apetite e almoço. Foi só depois que Anne terminou de comer seu doce de ameixa que Marilla falou:

– A senhora Barry esteve aqui durante a tarde, Anne. Ela pediu para ver você, mas eu não quis te acordar. Disse que você salvou a vida de Minnie May e que está muito arrependida de ter te tratado daquele jeito no caso do licor de groselha. Falou que agora sabe que você não quis deixar Diana bêbada, que espera que você a perdoe e seja novamente uma boa amiga de Diana. Você pode ir lá esta noite, se quiser, pois Diana não pode sair, porque está com uma gripe forte que pegou durante a noite. Agora, Anne Shirley, não fique nas nuvens.

A advertência não pareceu desnecessária, considerando a expressão maravilhada e aérea que a menina tinha no rosto, irradiado com a chama de seu estado de espírito, e sua atitude de saltar imediatamente da cadeira para o chão.

– Oh, Marilla, posso ir agora... sem lavar minha louça? Prometo lavar tudo quando voltar, pois, nesse momento tão emocionante, não vou conseguir me concentrar numa coisa tão sem romantismo como lavar pratos e talheres.

– Sim, sim, vá logo – Marilla falou, indulgente. – Anne Shirley... está maluca? Volte aqui neste instante e se agasalhe! Nossa, é o mesmo que falar com o vento! Saiu sem gorro nem capa. Lá está ela, correndo pelo pomar, com o cabelo ao vento. Vai ser uma bênção se essa menina não pegar uma gripe horrorosa...

Naquele crepúsculo arroxado de inverno, Anne percorreu dançando os caminhos cobertos de neve que a levavam de volta para casa. Lá longe, a sudoeste, brilhava uma estrela vespertina, com uma luz perolada que

cintilava no céu dourado e rosa, sobre espaços brancos reluzentes, entremeados pelas sombras escuras dos bosques de abetos. O tilintar dos sinos dos trenós nas colinas cobertas de neve cruzava o ar gelado, como uma melodia de duendes, mas sua música não era tão encantadora como a que vinha do coração e dos lábios de Anne.

– Está diante da senhora uma pessoa perfeitamente feliz, Marilla – ela anunciou. – Estou perfeitamente feliz, apesar de meu cabelo ruivo. Neste exato momento, minha alma está muito além de um cabelo ruivo. A senhora Barry me beijou, chorou e disse que estava muito arrependida e jamais poderia me recompensar pelo que fiz. Fiquei terrivelmente constrangida, Marilla, mas apenas afirmei, da forma mais delicada que pude: “Não tenho nenhum ressentimento pela senhora. Asseguro, de uma vez por todas, que não tive a menor intenção de embebedar Diana e, de agora em diante, vou cobrir o passado com o manto do esquecimento”. Esse foi um jeito muito digno de falar, não foi, Marilla? Senti que estava amontoando brasas sobre a cabeça da senhora Barry, como está na Bíblia. Diana e eu tivemos um fim de tarde adorável. Ela me mostrou um novo ponto de crochê que sua tia que mora em Carmody lhe ensinou, e que nenhuma outra alma em Avonlea conhece; só nós duas; e juramos solenemente que não vamos ensinar o ponto para mais ninguém. Diana me deu um cartão lindo, com a figura de uma guirlanda de rosas e um verso:

*Se tu me amas como eu a ti, que sorte,
nada vai nos separar, senão a morte.*

E vai ser assim mesmo, Marilla. Vamos pedir permissão ao senhor Phillips para sentarmos juntas na escola de novo; Gertie Pye pode sentar com Minnie Andrews. Tivemos um chá muito elegante. A senhora Barry usou sua melhor porcelana, como se eu fosse uma visita de verdade. Não consigo descrever a emoção que isso me causou; ninguém nunca usou sua melhor porcelana por minha causa antes. Comemos bolo de frutas, bolo inglês, sonhos e dois tipos de geleia, Marilla. A senhora Barry me

perguntou se eu tomava chá, e falou com o senhor Barry: “Por que não passa os biscoitos para Anne?”. Oh, Marilla, deve ser adorável ser adulto, pois somente ser tratada como um já é tão esplêndido!

– Não sei nada sobre isso – disse Marilla, com um breve suspiro.

– Bem, de qualquer forma, quando eu for adulta – Anne falou, decidida –, sempre vou conversar com as meninas como se elas já fossem crescidas também; e nunca vou rir delas quando usarem palavras complicadas. Sei, por dolorosa experiência própria, o quanto isso fere os sentimentos de uma criança. Depois do chá, Diana e eu fizemos caramelos, mas eles não ficaram muito bons. Acho que foi porque nem ela nem eu nunca tínhamos feito caramelos antes. Diana me deixou mexer a massa na panela, enquanto ela untava os tabuleiros com manteiga. Porém, me distraí e deixei queimar. Aí, quando pusemos os tabuleiros sobre a plataforma para esfriar, o gato andou sobre um deles, e tivemos de jogar a massa fora. Mas fazer o caramelo foi uma diversão esplêndida. Por fim, quando eu estava saindo, a senhora Barry me convidou para voltar sempre que eu pudesse, e, em seguida, Diana me acompanhou da janela e mandou beijos enquanto percorri o caminho até a Vereda dos Apaixonados. Eu lhe garanto, Marilla, que estou com vontade de fazer minhas preces hoje, e vou inventar uma oração inédita e especial, em homenagem à ocasião.





CAPÍTULO XIX

*Um concerto,
uma catástrofe e
uma confissão*

– *M*arilla, posso visitar Diana só por um minuto? – Anne perguntou ofegante, em uma noite de fevereiro, enquanto descia apressadamente as escadas que levavam ao sótão.

– Não entendo para que você quer sair andando por aí quando já está escuro – Marilla respondeu, seca. – Você e Diana voltaram da escola juntas; depois, ficaram mais meia hora ali embaixo, na neve, tagarelando sem parar... blá-blá-blá, blá-blá-blá... Portanto, não acho que esteja com tanta necessidade de ver essa menina agora.

– Mas ela quer falar comigo – Anne insistiu. – Diana tem uma coisa muito importante para me falar.

– Como você sabe?

– Sei porque ela acabou de sinalizar isso para mim... de sua janela. Combinamos um jeito de nos comunicarmos usando velas e papelão. É só colocar a vela no parapeito e fazer *flashes*, passando o papelão pra lá e pra

cá. Cada número de *flashes* significa uma mensagem diferente. Foi uma ideia minha, Marilla.

– Não duvido nada disso – Marilla afirmou enfaticamente. – E acho que, logo, logo, com esses sinais absurdos, você vai acabar pondo fogo nas cortinas.

– Oh, não, somos muito cuidadosas, Marilla. E é tão interessante! Dois *flashes* significam: “Você está aí?”; três querem dizer: “Sim”; e quatro: “Não”. Cinco clarões significam: “Venha aqui assim que puder, pois tenho uma coisa importante para falar”. Diana acabou de fazer cinco *flashes*, e estou desesperada para saber o que ela tem para me dizer.

– Está bem, não precisa sofrer mais – Marilla falou sarcasticamente. – Pode ir, mas volte para casa dentro de dez minutos. Lembre-se disso!

Anne se lembrou do prazo e estava de volta no horário estipulado, embora provavelmente nenhum mortal nunca venha a imaginar o quanto lhe custou limitar a conversa sobre o importante comunicado a apenas dez minutos. Mas, pelo menos, ela fez bom uso deles.

– Oh, Marilla, o que acha disto? A senhora sabe que amanhã é aniversário de Diana. Então, a senhora Barry disse que ela podia me convidar para ir para a casa dela depois da escola e passar a noite lá. Os primos de Diana vão vir de Newbridge num trenó puxado por um cavalo, para assistir a um show no auditório do Clube de Debates amanhã à noite. E eles vão levar Diana e eu... isto é, se a senhora me der permissão para ir. Vai dar, não vai, Marilla? Oh, estou tão empolgada!

– Pois trate de se acalmar, porque você não vai, não. Vai ficar muito melhor em casa e em sua própria cama. E essa história de show no Clube é uma bobagem; meninas como você não deveriam, de jeito nenhum, poder ir a lugares como aquele.

– Tenho certeza de que o Clube de Debates é um lugar muito respeitável – Anne argumentou.

– Não estou dizendo que não é. Mas você não vai começar agora a frequentar concertos e ficar a noite inteira fora de casa. Não são programas

para crianças! Estou admirada de saber que a senhora Barry permitiu que Diana vá.

– É uma ocasião muito especial, Marilla... – Anne suplicou, prestes a chorar. – Diana só faz aniversário uma vez por ano, e aniversários não são datas comuns. Prissy Andrews vai recitar “O toque de recolher não deve soar hoje à noite”, de Rose Hartwick Thorpe. Tem um conteúdo moral tão bom, Marilla, que certamente vai me fazer muito bem ouvir esse poema. E o coro vai cantar quatro músicas adoravelmente dramáticas, quase tão boas quanto os hinos. Oh, Marilla, o pastor também vai participar; sim, vai mesmo; ele vai fazer um discurso. Vai ser mais ou menos a mesma coisa que um sermão. Por favor, me deixe ir, Marilla!

– Você ouviu o que eu disse, Anne, não ouviu? Agora, tire suas botas e vá para a cama. Já são mais de 20 horas.

– Tem só mais uma coisa, Marilla – Anne falou, com ar de quem estava dando sua última cartada. – A senhora Barry falou com Diana que podemos dormir no quarto de hóspedes. Imagine que honra: sua pequena Anne dormindo numa cama do quarto de hóspedes!

– É uma honra que você vai precisar viver sem ter experimentado. Vá para a cama, Anne, e não me faça ouvir mais nenhuma palavra de sua boca.

Quando Anne, com lágrimas rolando sobre as bochechas, já tinha subido tristemente as escadas, Matthew, que parecia estar dormindo profundamente no sofá durante toda essa conversa, abriu os olhos e falou, decidido:

– Bem... ah, Marilla, acho que você deveria deixar Anne ir.

– Porém, eu não acho – Marilla discordou. – Quem está educando essa criança, Matthew? Você ou eu?

– Bem... ah, você – ele admitiu.

– Então, não interfira.

– Bem... ah, não estou interferindo. Ter sua própria opinião não significa interferir. E minha opinião é que você deve deixar Anne ir ao show.

– Você ia achar que eu deveria deixar Anne ir à lua, se ela cismasse com isso; não tenho a menor dúvida – foi a amável resposta de Marilla. – Eu poderia ter permitido que ela passasse a noite na casa de Diana se fosse só isso. Porém, não aprovo esse plano de ir ao show. É muito provável que ela pegasse uma gripe forte e ficasse extremamente agitada, com a cabeça cheia de bobagens. Ficaria perturbada por, no mínimo, uma semana. Conheço o temperamento dessa menina e sei mais do que você o que é melhor para ela, Matthew.

– Acho que você deveria deixar Anne ir – Matthew repetiu, com firmeza. Argumentar não era o ponto forte dele, mas deixar sempre claras as suas opiniões certamente era. Marilla suspirou e se refugiou no silêncio.

Na manhã seguinte, enquanto Anne lavava a louça do café da manhã, Matthew, que estava a caminho do celeiro, parou para dizer a Marilla mais uma vez:

– Acho que você deveria deixar Anne ir, Marilla.

Por um momento, Marilla pensou em coisas que não deveriam ser ditas; em seguida, se rendeu ao inevitável e falou rispidamente:

– Pois bem, ela pode ir, já que você insiste tanto.

Anne veio correndo da pia, com o pano de prato ensopado na mão.

– Oh, Marilla, Marilla, diga de novo essas palavras abençoadas.

– Suponho que dizê-las uma vez já é suficiente. Matthew é responsável por isso, e eu lavo minhas mãos. Se você pegar uma pneumonia, dormindo numa cama estranha ou saindo daquele auditório quente no meio da noite, não me culpe; culpe Matthew. Anne Shirley, você está pingando água com gordura no chão todo. Nunca vi uma pessoa tão descuidada!

– Oh, sei que sou um fardo muito grande para a senhora, Marilla – Anne falou, envergonhada. – Cometo tantos erros... Mas pense em todas as coisas erradas que eu poderia fazer, mas *não faço*. Vou pegar um pouco de areia e esfregar as manchas antes de ir para a escola. Oh, Marilla, meu coração estava pronto para ir àquele show. Eu nunca fui a nenhum, em toda a minha vida, e quando as outras meninas falam sobre eles na escola, eu me sinto tão por fora... A senhora não sabia exatamente como eu me sinto

em relação a isso, mas viu que Matthew sabia. Matthew me entende tanto... e é tão bom ser entendida, Marilla.

Anne estava entusiasmada demais para ser a primeira da classe em qualquer assunto. Gilbert Blythe a superou em ortografia e a deixou muito atrás em aritmética. Contudo, a humilhação que isso lhe causou foi bem menor do que poderia ter sido, graças ao show e à cama no quarto de hóspedes da senhora Barry. Ela e Diana conversaram tão constantemente sobre isso, durante o dia todo que, se tivessem um professor mais severo do que o senhor Phillips, inevitavelmente receberiam um castigo rigoroso.

Anne sentiu que não suportaria não ter permissão para ir ao espetáculo, pois naquele dia não se falou sobre outra coisa na escola. O Clube de Debates de Avonlea, que se reunia quinzenalmente durante todo o inverno, tinha organizado vários eventos sociais menores e gratuitos. Entretanto, o show daquele dia seria um grande acontecimento; o ingresso teria um preço simbólico, e a renda seria revertida para a biblioteca. Os jovens de Avonlea haviam ensaiado por semanas, e todos os alunos estavam especialmente interessados em ir, porque seus irmãos e irmãs mais velhos iriam participar das apresentações. Todas as pessoas da escola que tinham mais de 9 anos de idade estavam ansiosas para chegar a hora do espetáculo, exceto Carrie Sloane, cujo pai compartilhava da mesma opinião de Marilla sobre meninas irem a shows noturnos. Carrie chorou a tarde inteira sobre seu livro de gramática, e achou que não valia a pena viver.

Para Anne, a diversão teve início no final das aulas e foi aumentando progressivamente até chegar a seu auge durante o show propriamente dito. Primeiro, elas tomaram um chá “perfeitamente elegante” e, em seguida, veio a deliciosa ocupação de se aprontarem no pequeno quarto de Diana, no andar de cima. Diana fez em Anne um penteado no estilo *pompadour*,***** que tinha um topete volumoso; e Anne, por sua vez, usando sua grande habilidade, fez um belo laço acima da testa de Diana. Depois, as duas experimentaram pelo menos meia dúzia de maneiras diferentes de arrumar o cabelo que tinha ficado solto atrás da cabeça. Por

fim, ficaram prontas, ambas com as bochechas vermelhas e os olhos brilhando de entusiasmo.

É verdade que Anne não pôde evitar uma pontada de angústia quando comparou seu simples gorro preto de lã e seu casaco cinza – feito em casa, disforme, com mangas apertadas – com o elegante gorro de pele e a pequena e moderna jaqueta de Diana. Porém, logo se lembrou de que possuía muita imaginação e que podia usá-la nesse caso também.

Em seguida, os primos de Diana, da família Murray, de Newbridge, chegaram, e todos se acomodaram no grande trenó de um só cavalo, entre os chapéus e as capas de pele. Anne se deliciou no caminho para o Clube, deslizando sobre estradas suaves como cetim e vendo a neve afundar sob os esquis do veículo. O pôr do sol estava magnífico, e as colinas cobertas de neve, somadas à água de tom azul profundo do Golfo de Saint Lawrence, pareciam o contorno de um imenso recipiente de madrepérola e safira, transbordando vinho e fogo. O tilintar de sinos de trenós e risadas distantes, que pareciam expressar a alegria dos duendes da floresta, vinham de todas as direções.

– Oh, Diana – Anne sussurrou, apertando a mão enluvada da amiga, sob a capa de pele –, não parece que é tudo um sonho lindo? Minha aparência é a mesma de costume? Estou me sentindo tão diferente que isso deve estar transparecendo em meu semblante.

– Você está muito bem – respondeu Diana, que, tendo acabado de receber um elogio de um de seus primos, sentiu que deveria passá-lo adiante –; está com um semblante lindo!

A programação daquela noite provocou uma sequência de emoções em pelo menos uma pessoa da plateia, e, como Anne assegurou a Diana, cada emoção era ainda mais intensa do que a anterior. Quando Prissy Andrews – usando um vestido novo de seda cor-de-rosa, um colar de pérolas sobre a pele suave e clara do pescoço e cravos naturais no cabelo (circulavam rumores de que o professor tinha ido até a cidade, com o único objetivo de encomendá-los para ela) – recitou o verso “Enquanto ela subia a escada empoeirada, sobre a qual não pousava sequer um raio de luz”, do poema

“O toque de recolher não deve soar hoje à noite”, Anne estremeceu, profundamente comovida. Quando o coro cantou “Muito acima das delicadas margaridas”, Anne contemplou o teto como se houvesse anjos pintados ali. Enquanto Sam Sloane explicava “Como Sockery preparou uma galinha para chocar”, Anne riu tanto que as pessoas próximas riram também, mais por solidariedade a ela do que por diversão, pois essa história cômica já era bastante conhecida por todos, até mesmo em Avonlea. E quando o senhor Phillips declamou – olhando para Prissy Andrews ao final de cada sentença – o discurso de Marco Antônio diante do cadáver de Júlio César, Anne sentiu que seria capaz de iniciar um motim naquele local e naquele momento, se um único romano tomasse a iniciativa.

Só um número do show foi incapaz de despertar seu interesse. Quando Gilbert Blythe começou a recitar “Bingen do Reno”,***** Anne pegou um livro da biblioteca de Rhoda Murray e ficou lendo até ele terminar; em seguida, permaneceu rigidamente imóvel, enquanto Diana batia palmas até suas mãos formigarem.

Eram 23 horas quando elas entraram na casa de Diana; estavam plenamente satisfeitas, mas ainda ansiosas por sentir o doce prazer de comentar tudo o que aconteceu naquela noite. Tudo indicava que todos dormiam, pois a casa estava escura e silenciosa. Anne e Diana foram, pé ante pé, até a saleta – um cômodo comprido e estreito, que dava acesso ao quarto de hóspedes e estava agradavelmente aquecido e levemente iluminado por brasas que restaram de um fogo na lareira.

– Vamos trocar de roupa aqui? – Diana sugeriu. – Está tão gostoso e quentinho...

– Não foi uma noite maravilhosa? – Anne sussurrou, extasiada. – Deve ser esplêndido subir ao palco e recitar. Você acha que algum dia nós vamos ser convidadas para fazer isso, Diana?

– Claro que sim, qualquer dia desses. Eles sempre querem os alunos mais velhos para isso. Gilbert Blythe é sempre convidado; e ele é apenas

dois anos mais velho do que nós. Oh, Anne, como você pôde fingir que não estava ouvindo o que Gil dizia? Quando ele declamou o verso:

E existe outra, que não é uma irmã,

olhou diretamente para você.

– Diana – Anne falou dignamente –, você é minha amiga do peito, mas não posso admitir que nem mesmo você me fale sobre aquela pessoa. Está pronta para ir para a cama? Vamos apostar uma corrida e ver quem chega lá primeiro?

A sugestão encantou Diana, e as duas pequenas figuras vestidas de branco atravessaram correndo o longo cômodo, rumo à porta do quarto de hóspedes, e caíram juntas sobre a cama. Então, alguma coisa se moveu debaixo delas, houve um grande susto e, logo após, um grito:

– Misericórdia!

Anne e Diana nunca conseguiram descrever exatamente como saíram daquela cama e daquele quarto. Só sabiam afirmar que, depois de uma corrida frenética, as duas se viram subindo a escada nas pontas dos pés e tremendo muito.

– Oh, quem foi... ou *o que* foi isso? – Anne sussurrou, com os dentes batendo, de frio e medo.

– Era tia Josephine – Diana respondeu, sufocando o riso. – Oh, Anne, não sei como, nem por que, mas era tia Josephine. Oh, tenho certeza de que ela está furiosa... e isso é terrível... é realmente terrível... Mas, Anne, você alguma vez já viu uma coisa tão engraçada?

– Quem é sua tia Josephine?

– É tia de papai, e mora em Charlottetown. Está bem velha... já tem 70 e alguns anos. Anne, tenho a impressão de que, em toda a sua vida, ela nunca foi uma menina... Nós sabíamos que ela vinha nos visitar, mas não achamos que chegaria tão cedo. Tia Josephine é extremamente recatada e conservadora, e vai nos repreender horivelmente por causa disso, não

tenho a menor dúvida. Bem, vamos ter de dormir com Minnie May... e você não imagina o quanto ela chuta, Anne!

A senhorita Josephine Barry não apareceu para tomar o café na manhã seguinte. Porém, a senhora Barry sorriu gentilmente para as duas meninas.

– Vocês se divertiram bastante ontem à noite? Tentei ficar acordada até regressarem, porque queria avisar que tia Josephine tinha chegado e que vocês, por causa disso, iam ter de dormir no andar de cima, mas eu estava tão cansada que adormeci. Espero que não tenham incomodado sua tia, Diana.

Diana manteve um discreto silêncio, mas ela e Anne trocaram sorrisos furtivos de culpa e diversão ao mesmo tempo. Depois do café da manhã, Anne voltou apressadamente para casa e lá permaneceu, em feliz ignorância a respeito do distúrbio que estava acontecendo na casa da família Barry, até o fim da tarde, quando foi à casa da senhora Lynde em uma missão para Marilla.

– Quer dizer então que você e Diana quase mataram de susto a pobre velha... a senhorita Barry... ontem à noite?! – disse a senhora Lynde, severa, mas com uma piscada de olho. – A senhora Barry esteve aqui há poucos minutos, a caminho de Carmody. Está realmente preocupada com isso. A velha senhorita Barry levantou de péssimo humor hoje de manhã... e o temperamento de Josephine Barry não é brincadeira, posso lhe assegurar. Não está nem falando com Diana.

– Não foi culpa de Diana – Anne falou, pesarosa. – Foi minha. Fui eu que sugeri uma corrida, para ver quem pulava na cama primeiro.

– Eu sabia! – exclamou a senhora Lynde, com o entusiasmo de quem sempre adivinha tudo. – Sabia que essa ideia tinha saído de sua cabeça. Bem, causou um grande problema, essa é a verdade. A velha senhorita Barry veio pra passar um mês aqui, mas já disse que não fica nem mais um dia; vai voltar direto para a cidade amanhã, mesmo sendo domingo. Teria ido hoje, se houvesse alguém para levá-la. E tinha prometido pagar três meses de aula de música pra Diana, mas agora está determinada a não fazer nada por uma menina tão levada. Oh, suponho que aquela família

passou por maus momentos hoje de manhã. Eles devem estar arrasados. A velha senhorita Barry é rica e, portanto, eles gostariam de manter boas relações com ela. A senhora Barry nunca me disse isso, claro, mas conheço a natureza humana... conheço muito bem!

– Sou uma menina tão azarada – Anne lamentou. – Estou sempre me metendo em encrencas e envolvendo nelas meus melhores amigos... pessoas por quem eu daria minha vida. Pode me explicar por que isso acontece, senhora Lynde?

– É porque você é muito desatenta e impulsiva, Anne; essa é a verdade. Nunca para pra pensar... Você diz e faz o que vem à sua cabeça, seja lá o que for, sem um momento sequer de reflexão.

– Oh, mas isso é o melhor de tudo – Anne protestou. – Quando alguma coisa muito emocionante surge na cabeça da gente, temos de dizer, ou fazer, aquilo. Se pararmos para pensar, estragamos tudo. Nunca sentiu isso, senhora Lynde?

Não, a senhora Lynde nunca sentiu aquilo. Ela balançou a cabeça, com ar de sabedoria, e disse:

– Você tem de aprender a pensar um pouco, Anne. Essa é a verdade. O provérbio inglês com o qual você precisa se orientar é: “Olhe bem, antes de saltar”... especialmente se for saltar sobre camas de quartos de hóspedes.

A senhora Lynde riu à vontade de sua própria piada, mas Anne permaneceu pensativa. Não viu nenhum motivo para rir naquela situação, que, a seus olhos, parecia muito séria. Quando saiu da casa da senhora Lynde, a menina se dirigiu para Orchard Slope. Diana a encontrou na porta da cozinha.

– Sua tia Josephine ficou furiosa por causa do que aconteceu ontem, não é? – Anne sussurrou.

– Sim – Diana respondeu, reprimindo uma risadinha e olhando, apreensiva, sobre o ombro, para a porta fechada da sala de estar. – Ela tremia de tanta raiva, Anne. Oh, e como xingou! Disse que sou a menina mais mal-educada que ela já viu na vida, e que meus pais deveriam ter

vergonha da forma como me criaram. Falou que não vai mais ficar aqui. Eu não me importo nem um pouco, mas papai e mamãe estão muito chateados.

– Por que você não disse que a culpa foi minha? – Anne indagou.

– Você acha mesmo que eu faria isso? – Diana perguntou, irônica. – Não sou uma delatora, Anne Shirley. E, além disso, sou tão culpada quanto você.

– Bem, então, eu mesma vou dizer – Anne afirmou, decidida.

Diana arregalou os olhos e, em seguida, falou:

– Anne Shirley, nem pense nisso!... Ela vai te comer viva!

– Não me assuste mais do que já estou apavorada – implorou Anne. – Seria mais fácil entrar na toca de um leão. Mas tenho de fazer isso, Diana. Foi minha culpa e eu preciso confessar. Já tenho prática em confessar, felizmente.

– Bem, ela está ali na sala – Diana falou. – Você pode entrar, se quiser. Eu não ousaria. E não penso que seja uma boa ideia.

Com esse encorajamento, Anne enfrentou o leão em sua toca; isto é, caminhou resolutamente até a porta da sala e bateu levemente. Ouviu-se um agudo “Entre!”.

A senhorita Josephine Barry, magra, ativa e ereta, tricotava nervosamente perto da lareira acesa; estava visivelmente irada, e seus olhos tremiam por trás dos óculos de aros dourados. Ela se virou na cadeira, esperando ver Diana, mas se deparou com uma menina de rosto pálido, cujos olhos grandes expressavam uma enorme coragem e, ao mesmo tempo, um terror imenso.

– Quem é você? – perguntou, sem a menor cerimônia.

– Sou Anne de Green Gables – respondeu a pequena e trêmula visitante, realizando seu gesto característico, ou seja, apertando as mãos juntas – e vim confessar, se me der sua permissão.

– Confessar o quê?

– Que a culpa de termos saltado sobre a senhorita na cama ontem à noite foi toda minha. Fui eu que sugeri isso. Diana jamais teria pensado

numa coisa dessas, tenho certeza. Diana é uma menina muito delicada, senhorita Barry. Portanto, a senhorita tem de entender que é uma injustiça culpá-la.

– Oh, tenho de entender, é? Pois acho que Diana tem, sim, no mínimo, uma parcela de culpa naquele salto. Que maneira de se comportar numa casa respeitável!

– Estávamos apenas nos divertindo – Anne argumentou. – Acho que poderia nos perdoar, senhorita Barry... agora que já pedimos desculpas. Pelo menos, perdoe Diana, por favor, e deixe que ela tenha suas aulas de música, senhorita Barry. Sei muito bem o que é ter o coração voltado para uma coisa e não conseguir. Se a senhorita tem de ficar furiosa com alguém, que seja comigo. Estou tão acostumada, desde muito cedo, a ter pessoas enfurecidas comigo, que posso suportar isso bem melhor do que Diana.

A essa altura, grande parte da ira já havia desaparecido dos olhos da velha tia e sido substituída por um brilho de prazeroso interesse. Ainda assim, ela falou severamente:

– Não acho que o fato de estarem apenas se divertindo é uma boa desculpa. Quando eu era jovem, meninas nunca se divertiam dessa maneira. Você não sabe o que é ser acordada de um sono profundo, após uma viagem longa e árdua, por duas meninas grandes que saltam em cima de você.

– Não *sei*, mas posso *imaginar* – Anne falou, ansiosa. – Tenho certeza de que deve ter sido mesmo muito desagradável. Mas existe também o nosso lado nessa história. A senhorita tem imaginação? Se tem, tente se ver em nosso lugar. Não sabíamos que tinha alguém naquela cama, e quase morremos de susto. O que nós duas sentimos foi simplesmente horrível. Além disso, não pudemos dormir no quarto de hóspedes, o que nos tinha sido prometido. Suponho que a senhorita esteja acostumada a dormir em quartos de hóspedes. Porém, imagine o que sentiria se fosse uma menina órfã que nunca teve uma honra como essa.

Nesse momento, toda a fúria já havia desaparecido. Na verdade, a senhorita Barry deu uma gargalhada, cujo som causou em Diana – que esperava, muda e ansiosa, na cozinha – um grande suspiro de alívio.

– Receio que minha imaginação esteja um pouco enferrujada... faz muito tempo que não a uso – ela disse. – Mas ousou dizer que seu pedido de compreensão é tão justo quanto o meu. Tudo depende do ponto de vista. Sente-se aqui e me conte sobre você.

– Sinto muito, mas não posso – Anne falou, com firmeza. – Eu gostaria muito, porque a senhorita parece ser uma pessoa muito interessante, e pode até ser uma alma irmã, embora não tenha muitas características de uma. Mas é meu dever ir para casa, para a senhorita Marilla Cuthbert. Ela é uma mulher muito bondosa, que ficou comigo para me criar apropriadamente. Está fazendo isso da melhor maneira que pode, mas é uma tarefa bastante ingrata, e a senhorita não deve culpar Marilla por eu ter pulado na cama. Porém, antes de sair, eu queria saber se vai perdoar Diana e ficar em Avonlea todo o tempo que tinha planejado, antes do que aconteceu ontem.

– Acho que talvez eu fique, se você vier conversar comigo de vez em quando – a tia de Diana respondeu.

Naquela noite, a senhorita Barry deu a Diana uma pulseira de prata e disse aos pais da menina que havia desfeito sua mala.

– Decidi ficar, simplesmente para conhecer melhor aquela menina... a Anne – falou francamente. – Ela me diverte e, a esta altura de minha vida, uma pessoa divertida é uma raridade.

O único comentário de Marilla, quando ouviu a história, foi:

– Não te falei?

A pergunta foi para Matthew.

A senhorita Barry ficou o mês todo e mais uns dias. Foi uma hóspede mais agradável do que de costume, pois Anne a mantinha bem-humorada. Quando estava se despedindo, ela disse:

– Lembre-se, menina Anne: quando for à cidade, fique na minha casa e vai dormir na melhor cama do melhor quarto de hóspedes.

– Afinal, a senhorita Barry é uma alma irmã – Anne confidenciou a Marilla. – Olhando para ela, a gente não vê isso, mas é. Não vi imediatamente, como no caso de Matthew; porém, depois de algum tempo, percebi isso. Almas irmãs não são tão raras como eu pensava. É esplêndido descobrir que existem muitas delas no mundo.





A primavera havia chegado mais uma vez a Green Gables – a bela, excêntrica e relutante primavera canadense, se arrastando pelos meses de abril e maio, em uma sucessão de dias doces, frescos e frios, com pores do sol rosados e milagres de ressurreição e crescimento. Os bordos na Vereda dos Apaixonados estavam cobertos de brotos vermelhos, e samambaias pequenas cresciam em torno da Bolha da Driade. Lá em cima, nas terras pantanosas atrás da propriedade do senhor Silas Sloane, as flores de maio desabrochavam como estrelas perfumadas, cor-de-rosa e brancas, sob as folhas marrons. Todos os meninos e meninas da escola passaram uma tarde dourada colhendo-as, e voltaram para casa, no crepúsculo claro e agradável, com braços e cestos cheios de galhos de flores.

– Tenho tanta pena das pessoas que vivem em lugares onde não existem flores de maio – Anne comentou. – Diana acha que talvez elas tenham flores ainda mais bonitas, mas não pode haver nada mais belo do que

flores de maio, pode, Marilla? E Diana também falou que, se essas pessoas não sabem como são as flores de maio, consequentemente não sentem sua falta. Porém, eu penso que essa é a pior parte de todas; acho que seria *trágico*, Marilla, não saber como são as flores de maio e *não* sentir a falta delas. Sabe o que penso que as flores de maio são? Acho que elas devem ser as almas das flores que morreram no verão passado, e que aqui é o paraíso delas. Marilla, hoje nós nos divertimos esplendidamente. Comemos nosso almoço lá embaixo, num pequeno vale cheio de musgos, perto de um poço antigo... um lugar tão *romântico*... Charlie Sloane desafiou Arty Gillis a pular o poço, e ele pulou, pois não podia deixar de aceitar corajosamente um desafio. Ninguém na escola faria isso. Estão todos com mania de desafios. O senhor Phillips deu a Prissy Andrews todas as flores de maio que colheu. E, quando lhe entregou o buquê, ele disse: “Flores para uma flor”; eu mesma escutei. Sei que tirou essas palavras de algum livro, mas isso mostra que ele tem alguma imaginação. Alguém me ofereceu flores também, mas recusei com desprezo. Não posso lhe dizer o nome dessa pessoa, porque jurei que nunca pronunciaria essa palavra. Fizemos coroas de flores de maio e enfeitamos nossos chapéus. Quando chegou a hora de voltar para casa, marchamos, dois a dois, com nossos buquês e coroas, em procissão pela estrada principal, cantando “Meu lar na colina”.***** Oh, foi tão emocionante, Marilla! Toda a família do senhor Sloane veio para fora de casa, às pressas, para nos ver passar; e todas as pessoas que encontramos na estrada pararam e ficaram nos observando. Causamos uma verdadeira sensação!

– Não é de admirar! Quanta bobagem! – foi a resposta de Marilla.

Depois das flores de maio, vieram as violetas, que deixaram o Vale das Violetas todo roxo. A caminho da escola, Anne andava por ele com passos reverentes e olhar de adoração, como se pisasse em solo sagrado.

– De certo modo – ela comentou com Diana –, quando passo por aqui, não me importo realmente se Gil... se qualquer colega de classe vai se sair ou não melhor do que eu nas matérias. Porém, quando estou na escola, tudo fica diferente e eu me importo mais do que nunca. Existem tantas

Annes diferentes em mim... às vezes, acho que é por isso que causei tantos problemas. Se eu fosse apenas uma Anne, seria bem mais confortável; mas, por outro lado, seria muito, muito menos interessante.

Certo fim de tarde de junho, quando os pomares estavam novamente cheios de flores rosadas, as rãs cantavam docemente nos pântanos próximos ao Lago das Águas Brilhantes e o ar estava cheio do sabor dos campos de trevos e dos bosques de abeto balsâmico, Anne estava sentada perto da janela de seu quarto. Tinha ficado estudando suas lições, mas, por fim, já estava muito escuro para ler; então, ela mergulhou em devaneios, olhando para além dos galhos da Rainha da Neve, novamente coberta de tufo de flores.

Em todos os seus aspectos básicos, o pequeno quarto do sótão estava inalterado. As paredes eram tão brancas, a almofada de alfinetes, tão dura, e as cadeiras, tão formais e rígidas quanto sempre foram. Entretanto, a atmosfera do cômodo havia mudado. Era como se o quarto tivesse assumido uma nova personalidade; estava repleto de vida e jovialidade, e isso independia da presença de livros escolares, vestidos, fitas e, até mesmo, do jarro azul rachado, cheio de flores de macieira, que estava sobre a mesa. Parecia que todos os sonhos de sua sensível ocupante – estivesse ela dormindo ou acordada – tinham assumido uma forma visível, embora não material, e tivessem enchido o cômodo com esplêndidos lençóis transparentes de arco-íris e luar.

Foi naquele momento de devaneio de Anne que Marilla entrou apressada, trazendo nas mãos alguns aventais escolares da menina, os quais tinha acabado de passar, pendurou-os em uma cadeira e se sentou, com um breve suspiro. Durante a tarde, ela havia tido uma de suas enxaquecas, e, embora a dor já houvesse passado, Marilla se sentia fraca e “exausta”, como ela mesma definiu. Anne lhe dirigiu um olhar de pura compaixão.

– Sinceramente, eu gostaria de ter sentido a dor de cabeça em seu lugar, Marilla. Pela senhora, eu teria enfrentado a enxaqueca alegremente.

– Acho que contribuiu com sua parte, quando fez os trabalhos da casa e me deixou descansar – Marilla respondeu. – Você parece ter se saído razoavelmente bem e cometeu menos erros do que habitualmente. Claro que não era exatamente necessário engomar os lenços de Matthew! E a maioria das pessoas, quando põe uma torta no forno para esquentar, tiram e comem a torta quando ela está quente, em vez de deixá-la queimar totalmente. Mas é evidente que esse não é seu modo de agir.

As dores de cabeça sempre deixavam Marilla um pouco sarcástica.

– Oh, sinto muito mesmo – Anne se desculpou, constrangida. – Depois que pus a torta no forno, não pensei mais nela até agora, apesar de ter sentido instintivamente que estava faltando alguma coisa na mesa do almoço. Eu estava firmemente decidida, desde que a senhora me encarregou das tarefas hoje de manhã, a não imaginar nada, a manter meus pensamentos presos aos fatos. Fiz tudo certo até pôr a torta no forno. No momento seguinte, fui vencida por uma tentação irresistível de imaginar que eu era uma princesa encantada, presa numa torre solitária, e que um cavaleiro lindo estava vindo me salvar, montado em seu belo cavalo negro como o carvão. Foi por isso que me esqueci da torta. Não sabia que engomei os lenços. Durante todo o tempo em que estava passando as roupas, tentei pensar num nome para a nova ilha que Diana e eu descobrimos no riacho. É o lugar mais deslumbrante, Marilla! A ilha tem duas árvores... são dois bordos... e o riacho corre em torno dela. Por fim, me pareceu que seria esplêndido lhe dar o nome de Ilha Vitória, porque foi no dia do aniversário da rainha que a encontramos. Tanto Diana quanto eu somos muito leais à rainha, sabe? Oh, Marilla, me perdoe pela torta e pelos lenços; sinto muito mesmo! Eu queria ser perfeita hoje, pois é um aniversário. A senhora se lembra do que aconteceu nesta data, no ano passado?

– Não, não consigo pensar em nada especial.

– Oh, Marilla, foi nesse dia que cheguei aqui, em Green Gables. Nunca vou me esquecer disso. Foi um marco na minha vida. Compreendo que não seja uma data tão especial para a senhora, porém hoje faz um ano que

estou aqui e sou tão feliz, Marilla! É claro que tive, e tenho, problemas, mas a gente pode superar as dificuldades, não é? A senhora está arrependida de ter ficado comigo, Marilla?

– Não, não posso dizer que me arrependo – respondeu Marilla, que às vezes se perguntava como pôde viver antes de Anne vir morar em Green Gables. – Não, não estou exatamente arrependida. Anne, se já terminou suas lições, quero que vá depressa à casa da senhora Barry e lhe pergunte se ela pode me emprestar o molde do avental de Diana.

– Oh... está... está escuro demais – Anne se queixou.

– Escuro demais? Ora, o sol acabou de se pôr. E sabemos que você já foi lá muitas vezes à noite.

– Vou amanhã bem cedo – Anne insistiu. – Levanto quando o sol nascer e vou, Marilla.

– O que você tem na cabeça agora, Anne Shirley? Quero o molde para cortar seu avental novo esta noite. Vá imediatamente e volte logo!

– Então, vou ter de ir pela estrada principal – disse Anne, pegando relutantemente seu chapéu.

– Se for pela estrada, vai gastar meia hora a mais! Qual é o problema, Anne?

– Não posso atravessar o Bosque Assombrado, Marilla – Anne argumentou, aflita.

Marilla arregalou os olhos.

– Bosque Assombrado?! Você ficou doida, menina? Que história é essa de Bosque Assombrado?

– É o bosque de abetos perto do riacho – Anne sussurrou.

– Misericórdia! Não existe bosque assombrado em lugar nenhum desse mundo. Quem andou te falando esse absurdo?

– Ninguém – Anne confessou. – Diana e eu simplesmente imaginamos que aquele bosque era assombrado. Todos os lugares por aqui são tão... tão... *comuns*. Apenas inventamos isso para nos divertirmos. Tudo começou em abril. Um bosque assombrado é um lugar muito romântico, Marilla. Escolhemos a mata de abetos porque ela é bastante sombria. Oh,

imaginamos as coisas mais apavorantes. Tem uma mulher vestida de branco que caminha pela margem do riacho mais ou menos a essa hora da noite, apertando as mãos e soltando gritos de dor aterrorizantes. Ela aparece quando vai haver uma morte na família. E o fantasma de uma criancinha assassinada assombra a região do Retiro Silvestre. Ela se arrasta atrás de você e coloca seus dedos gelados na sua mão... assim... Oh, Marilla, sinto arrepios só de pensar nisso. Tem um homem sem cabeça que anda pela trilha para cima e para baixo, e esqueletos que nos encaram, furiosos, por entre os galhos. Oh, Marilla, eu não atravessaria o Bosque Assombrado no escuro por nada nesse mundo. Tenho certeza de que seres brancos sairiam de trás das árvores e me agarrariam.

– Será que alguém um dia já ouviu tamanho absurdo?! – exclamou Marilla, que tinha escutado tudo emudecida pela perplexidade. – Anne Shirley, está querendo me dizer que acredita em todos esses disparates perversos que são frutos de sua própria imaginação?

– Não acredito *exatamente*... – Anne hesitou. – Pelo menos, não acredito durante o dia. Mas depois que escurece, Marilla, é diferente. É à noite que os fantasmas circulam.

– Não existem coisas como fantasmas, Anne.

– Oh, existem sim, Marilla! – Anne exclamou, inquieta. – Conheço gente que já viu. E são pessoas respeitáveis. Charlie Sloane contou que, certa noite, a avó dele viu seu avô tocando as vacas para casa. E ele tinha sido enterrado um ano antes. A senhora sabe que a avó de Charlie Sloane não mentiria sobre isso por nada, não sabe? É uma mulher muito religiosa. E o pai da senhora Thomas foi perseguido uma noite por um carneiro em chamas, com a cabeça cortada e pendurada por uma tira de pele. Ele disse que sabia que era o espírito de seu irmão, e que aquilo era um aviso de que ele ia morrer dentro de nove dias. Isso não se confirmou, mas ele morreu dois anos depois. Então, era mesmo verdade. E Ruby Gillis falou que...

– Anne Shirley – Marilla interrompeu a menina bruscamente. – Nunca mais quero ouvir você falar essas coisas de novo. Tenho tido minhas dúvidas sobre essa sua imaginação, e se esse é o resultado dela, saiba que

não vou tolerar essas ideias. Você vai imediatamente até a casa da senhora Barry, e vai passar por aquele bosque de abetos, simplesmente para que isso lhe sirva de lição e advertência. E nunca mais me deixe ouvir outra vez sequer uma palavra sua sobre bosques assombrados.

Anne podia chorar e implorar o tanto que quisesse, e foi o que ela fez, pois seu terror era totalmente verdadeiro. Ela estava dominada por sua imaginação e sentia um pavor mortal do bosque de abetos depois do anoitecer. Entretanto, Marilla estava inflexível. Ela conduziu a trêmula inventora de fantasmas até a nascente do riacho e mandou que ela atravessasse imediatamente a ponte e, em seguida, a sinistra moradia de homens sem cabeça e mulheres de branco que gritam horripilantemente.

– Oh, Marilla, como pode ser tão cruel? – Anne soluçou. – Como se sentiria se uma coisa branca me agarrasse e me levasse embora?

– Vou correr esse risco – Marilla falou, insensível. – Você sabe que sempre faço o que digo. Vou curar você dessa mania de imaginar que há fantasmas em certos lugares. Agora, siga adiante.

Anne seguiu, ou, melhor dizendo, cambaleou pela ponte e percorreu tremendo o escuro e horripilante caminho à sua frente. Ela nunca mais se esqueceu daquela caminhada. E se arrependeu amargamente de ter dado asas à imaginação sobre aquele lugar. Os duendes de sua fantasia se moviam furtivamente em cada sombra ao redor, estendendo suas mãos geladas e cadavéricas para agarrar a menina aterrorizada que os havia criado. Um pedaço da casca branca de um tronco de bétula, que o vento fez voar sobre o chão marrom do bosque, fez seu coração parar. O longo gemido de dois galhos velhos se chocando um contra o outro provocou gotas de suor frio em sua testa. O movimento dos morcegos na escuridão, à sua volta e acima dela, soava como o bater de asas de criaturas sobrenaturais.

Quando Anne chegou ao campo do senhor William Bell, ela o atravessou correndo mais do que se estivesse sendo perseguida por um exército de seres brancos, e chegou à cozinha da casa da família Barry tão sem fôlego que mal pôde pedir o molde emprestado. Como Diana não

estava em casa, Anne não teve nenhuma desculpa para ficar mais tempo ali. Portanto, teve de enfrentar a terrível viagem de volta, o que fez de olhos fechados, pois achou melhor correr o risco de machucar a cabeça nos galhos das árvores do que ver algum ser sobrenatural branco pelo caminho. E quando finalmente chegou à ponte de troncos, deu um longo e trêmulo suspiro de alívio.

– Vejo que nenhum fantasma atacou você, não é verdade? – disse Marilla friamente.

– Oh, Mar... Marilla – Anne gaguejou. – Vou m-m-me cont-t-tentar com lu-lu-lugares comuns, depois disso.





– **R**ealmente, não há mais nada neste mundo além de encontros e partidas, como diz a senhora Lynde – Anne comentou melancolicamente, no último dia de junho, colocando a lousa e os livros sobre a mesa da cozinha e secando os olhos vermelhos com um lenço molhado. – Não foi muito bom, Marilla, eu ter levado um lenço a mais para a escola hoje? Tive um pressentimento de que ele seria necessário.

– Nunca pensei que você gostasse do senhor Phillips a ponto de precisar de dois lenços para enxugar suas lágrimas, só porque ele está indo embora – disse Marilla.

– Acho que não estava chorando porque realmente gosto muito dele – Anne refletiu. – Só chorei porque as outras pessoas choraram. Foi Ruby Gillis que começou. Ruby Gillis sempre disse que odiava o senhor Phillips, mas assim que ele se levantou para fazer seu discurso de despedida, ela caiu em prantos. Então, todas as meninas começaram a

chorar, uma atrás da outra. Eu tentei me controlar, Marilla. Fiz o que pude para me lembrar de quando o senhor Phillips me obrigou a sentar com Gil... com um menino, e de quando ele escreveu meu nome no quadro sem o E, e também de quando disse que eu era a pior aluna de geometria que já tinha visto e riu de minha ortografia. E ainda tentei pensar em todas as vezes que ele tinha sido desagradável e sarcástico, mas, não sei por que, não consegui, Marilla, e simplesmente tive de chorar também. Jane Andrews falou durante um mês inteiro sobre o tanto que ficaria contente quando o senhor Phillips partisse, e declarou que não derramaria uma lágrima sequer. Ora, ficou pior do que qualquer uma de nós e teve de pegar emprestado o lenço do irmão, pois, logicamente, os meninos não choraram. Ela não tinha levado seu lenço; achou que não precisaria dele. Oh, Marilla, foi tão comovente... O senhor Phillips fez um belo discurso de despedida, que começou assim: “Chegou a hora de nos separarmos”. Foi muito emocionante. E ele também tinha lágrimas nos olhos, Marilla. Oh, me senti terrivelmente triste e arrependida de ter conversado durante as aulas, feito desenhos dele na minha lousa e piadas a respeito dele e Prissy. Posso afirmar que gostaria de ter sido uma aluna-modelo, como Minnie Andrews. *Ela* não tinha nada pesando na sua consciência. As meninas choraram durante todo o caminho da escola para casa. Carrie Sloane ficava dizendo a cada dez minutos: “Chegou a hora de nos separarmos”, e, mesmo que já estivéssemos nos alegrando de novo, isso fazia com que a gente começasse a chorar outra vez. Estou me sentindo terrivelmente triste, Marilla. Mas uma pessoa não pode ficar no mais profundo desespero quando tem dois meses de férias pela frente, pode? E, além de tudo, encontramos o novo pastor e sua esposa, que vinham da estação. Mesmo me sentindo tão desolada por causa da partida do senhor Phillips, eu não poderia deixar de ter algum interesse em conhecer o novo pastor, poderia? A esposa dele é muito bonita. Não é exatamente uma beleza majestosa, claro... não convém, eu suponho, um pastor ter uma esposa majestosamente bela, pois isso poderia ser um mau exemplo. A senhora Lynde falou que a esposa do pastor de Newbridge dá um péssimo

exemplo, porque se veste muito elegantemente. A esposa de nosso novo pastor estava usando um vestido de musselina azul, com mangas bufantes adoráveis, e um chapéu enfeitado com rosas. Jane Andrews disse que achava que mangas bufantes eram fúteis demais para a esposa de um pastor, mas não concordei com uma opinião tão rigorosa, Marilla, porque sei como é desejar muito ter um vestido com mangas bufantes. Além disso, foi há pouco tempo que ela se tornou uma esposa de pastor e, então, temos de fazer concessões, não é mesmo? Eles vão se hospedar na casa da senhora Lynde até a residência oficial do pastor ficar pronta.

Se Marilla, ao descer até a casa da senhora Lynde naquele fim de tarde, estava movida por qualquer outra razão além de sua declarada intenção de devolver um utensílio para a confecção de colchas de retalhos que tinha levado emprestado no inverno anterior, essa razão era uma fraqueza compartilhada pela maioria dos habitantes de Avonlea. Em diversos atos de cordialidade súbita, coisas que a senhora Lynde havia emprestado – algumas vezes, sem esperar rever – voltaram para casa naquela noite, nas mãos de quem as tinha levado. Um novo pastor – e, além disso, um pastor com uma esposa – era um objeto legítimo de curiosidade em um pequeno povoado quieto e sossegado, onde novos acontecimentos eram poucos e distantes uns dos outros.

O velho senhor Bentley, o pastor que Anne considerou uma pessoa sem imaginação, já tinha trabalhado em Avonlea por dezoito anos. Era viúvo quando chegou, e viúvo permaneceu, embora os boatos o casassem regularmente com fulana, sicrana ou beltrana a cada ano de sua permanência ali. Em fevereiro daquele ano, o senhor Bentley renunciou ao cargo e partiu, deixando pesaroso o povo, cuja maioria tinha se afeiçoado a ele, por causa do longo período em que conviveram e apesar de suas deficiências como orador.

Desde então, o rebanho da igreja de Avonlea se deleitou com uma variedade de distrações religiosas, escutando os muitos e diversos candidatos e “substitutos” que vieram, domingo após domingo, para pregarem e serem julgados pelos pais e mães de Avonlea e, também, por

uma certa menina ruiva que se sentava humildemente na ponta do velho banco da família Cuthbert na igreja. Ela tinha suas próprias opiniões sobre os candidatos, e as discutia abertamente com Matthew; Marilla sempre se recusava terminantemente, por princípio, a criticar qualquer pastor, fosse quem fosse.

– Não acho que o senhor Smith seria bom, Matthew – foi a conclusão de Anne. – A senhora Lynde falou que seu sermão foi muito pobre, mas eu penso que seu defeito pior era exatamente o mesmo do senhor Bentley: ele não tinha imaginação. Já o senhor Terry tinha imaginação demais e se deixou dominar por ela, da mesma forma que aconteceu comigo no caso do Bosque Assombrado. Além disso, a senhora Lynde afirmou que a teologia dele não é satisfatória. O senhor Gresham era um homem muito bom e muito religioso, mas exagerou na quantidade de histórias engraçadas, e isso fez as pessoas rirem demais na igreja; não foi muito digno, e um pastor tem que ter bastante dignidade, não tem, Matthew? Achei o senhor Marshall decididamente interessante; porém, a senhora Lynde falou que ele não é casado, nem mesmo está noivo. Ela sabe disso porque andou fazendo investigações a respeito dele, e afirmou que nunca daria certo termos um pastor jovem e solteiro em Avonlea. Ele poderia acabar se casando com uma moça da paróquia, e isso causaria problemas. A senhora Lynde é muito perspicaz, não é, Matthew? Estou muito contente por terem escolhido o senhor Allan. Gostei dele porque seu sermão foi interessante, e ele pregou como se quisesse mesmo dizer aquilo, e não porque estivesse habituado a dizer sempre as mesmas coisas. A senhora Lynde disse que ele não é perfeito, mas ela supõe que, com o salário que está sendo pago, não podemos esperar um pastor perfeito; mas está certa de que a teologia dele é muito sensata. Ela questionou o senhor Allan minuciosamente sobre todos os pontos da doutrina. Além disso, ela conhece a família da esposa dele; falou que são pessoas muito respeitáveis, e que as mulheres são todas boas donas de casa. Na opinião da senhora Lynde, uma doutrina sensata, no homem, e, na mulher, boas

habilidades no governo da casa formam uma combinação ideal para a família de um pastor.

O novo pastor e sua esposa eram um casal jovem, de aparência agradável, ainda em lua de mel, e estavam cheios de grande entusiasmo pela vida profissional que escolheram. Desde o começo, Avonlea abriu seu coração para eles. Dos mais idosos aos mais novos, todos apreciavam aquele homem jovem, franco, alegre, com altos ideais, e sua gentil e inteligente esposa, que tinha assumido a administração da casa paroquial. Anne se encantou imediatamente com a senhora Allan e passou a amá-la profundamente; tinha encontrado mais uma alma irmã.

– A senhora Allan é perfeitamente adorável – a menina anunciou certo domingo à tarde. – Ela assumiu nossa classe e é uma professora esplêndida. Disse, logo no início da aula, que não acha justo o professor fazer todas as perguntas; e a senhora sabe, Marilla, que isso é exatamente o que sempre pensei. Ela falou que nós podíamos perguntar o que quiséssemos, e eu fiz tantas perguntas... Sou muito boa em fazer perguntas, Marilla.

– Acredito em você – foi o comentário enfático de Marilla.

– Ninguém mais perguntou, só Ruby Gillis, que queria saber se vamos ter um piquenique da escola dominical neste verão. Não achei que era uma pergunta muito apropriada, já que não tinha nada a ver com a lição, que era sobre o profeta Daniel na cova dos leões, mas a senhora Allan apenas sorriu e respondeu que achava que sim. O sorriso da senhora Allan é adorável; ela possui duas covinhas tão *sofisticadas* nas bochechas... Eu gostaria de ter covinhas nas bochechas, Marilla. Não sou mais tão magra como era quando cheguei aqui, mas ainda não tenho covinhas. Se tivesse, talvez eu pudesse influenciar as pessoas a fazerem o bem. A senhora Allan disse que devemos sempre tentar influenciar outras pessoas para o bem. Ela falou tão esplendidamente sobre tudo. Eu nunca soube que a religião era uma coisa tão alegre! Sempre achei que era uma coisa meio melancólica, mas a senhora Allan não é infeliz; eu gostaria de ser uma

cristã, se pudesse ser como ela. Eu não gostaria de ser como o superintendente Bell.

– Está sendo muito mal-educada ao falar assim do senhor Bell – Marilla repreendeu severamente. – O senhor Bell é um homem realmente bondoso.

– Oh, claro que ele é bondoso – a menina concordou –, mas não parece ser feliz. Se pudesse ser bondosa, eu dançaria e cantaria o dia todo, porque ficaria feliz com isso. Suponho que a senhora Allan seja velha demais para dançar e cantar, e, além disso, é lógico que isso não seria uma atitude digna da esposa de um pastor. Mas posso sentir que ela é feliz por ser cristã, e seria assim mesmo que não dependesse disso para ir para o céu.

– Acho que devemos convidar o senhor e a senhora Allan para tomar um chá conosco qualquer dia desses... e logo – Marilla falou, pensativa. – Já estiveram na maior parte das residências e ainda não vieram aqui. Vamos ver... a próxima quarta-feira seria uma boa data para isso. Anne, não diga nada a Matthew a esse respeito, pois, se ele souber, vai encontrar alguma desculpa para estar ausente. Estava tão acostumado com o senhor Bentley que não se importava com suas visitas, mas sei que vai ter dificuldade para se habituar ao novo pastor, e que a presença da esposa do senhor Allan vai deixá-lo apavorado.

– Vou ficar muda como um túmulo – Anne assegurou. – Oh, Marilla, posso fazer um bolo para a ocasião? Eu adoraria fazer alguma coisa para a senhora Allan, e a senhora sabe que agora já sei fazer um bolo bem bom.

– Pode fazer um bolo de camadas – Marilla prometeu.

Na segunda-feira e na terça, grandes preparativos foram feitos em Green Gables. Receber o pastor e sua esposa para o chá era um empreendimento muito sério e importante, e Marilla não queria, de modo algum, ser superada por nenhuma das outras donas de casa de Avonlea. Anne estava muito agitada, cheia de entusiasmo e ansiedade. Falou sobre tudo isso com Diana, no fim da tarde de terça-feira, enquanto as duas, sentadas nas grandes pedras vermelhas próximas à Bolha da Dríade, criavam arco-íris na água, com a ajuda de pequenas varas que tinham mergulhado na resina oleosa dos abetos balsâmicos.

– Está tudo pronto, Diana, exceto meu bolo, que vou fazer de manhã, e os biscoitos que Marilla vai assar pouco antes da hora do chá. Posso lhe garantir que Marilla e eu tivemos dois dias muito cheios de trabalho. É uma responsabilidade tão grande receber a esposa do pastor para o chá, não é? Nunca passei por uma experiência como essa antes. Você precisa ver nossa despensa. Está esplêndida! Vamos ter musse de frango e conserva de língua de boi. Também vamos servir dois tipos de geleia... uma vermelha e uma amarela... creme chantili, uma torta de limão e outra de cereja, três tipos de biscoitos amanteigados, bolo de frutas, a famosa compota de ameixas amarelas de Marilla, que ela sempre faz especialmente para os pastores, bolo inglês, meu bolo de camadas e os biscoitos assados pouco antes da hora. Além disso, Marilla vai oferecer pão fresco e pão dormido, pois é possível que o pastor sofra de má digestão e não possa comer o novo. A senhora Lynde falou que a maioria dos pastores sofre de má digestão, mas não creio que o senhor Allan tenha sido pastor por tempo suficiente para que isso tenha causado esse efeito ruim nele. Oh, Diana, fico gelada quando penso no meu bolo de camadas... e se ele não ficar bom? Na noite passada, sonhei que estava sendo perseguida por um duende maléfico cuja cabeça era um grande bolo de camadas.

– O bolo vai ficar bom, e vai dar tudo certo – garantiu Diana, que era uma amiga verdadeiramente encorajadora. – Tenho certeza de que aquele pedaço do bolo que você fez e que comemos no almoço, no Retiro Silvestre, duas semanas atrás, estava perfeitamente requintado.

– Sim, mas os bolos têm o péssimo hábito de dar errado exatamente quando você mais precisa que fiquem muito bons – Anne suspirou, lançando sobre a água um pequeno ramo besuntado com bálsamo de abeto. – Então, acho que vou ter de confiar na Providência e não me esquecer de adicionar a farinha. Oh, veja, Diana, que lindo arco-íris! Você acha que a dríade vai vir aqui depois que formos embora e pegá-lo para usar como um cachecol?

– Você sabe que dríades não existem – Diana respondeu.

A mãe de Diana tinha ficado sabendo sobre o Bosque Assombrado e se irritado muito com aquilo. Como resultado, Diana passou a reprimir os voos da imaginação e a não considerar prudente cultivar fantasias, mesmo que elas fossem a respeito de dríades inofensivas.

– Mas é tão fácil imaginar que elas existem – Anne argumentou. – Toda noite, antes de ir para a cama, eu olho pela janela e me pergunto se a dríade está mesmo sentada aqui; e, de manhã, procuro as pegadas dela no orvalho. Oh, Diana, não desista da sua crença na dríade!

Por fim, chegou a manhã de quarta-feira. Anne se levantou ao nascer do sol, porque estava agitada demais para dormir. Tinha contraído um resfriado forte por ter ficado algum tempo ao ar livre, perto da nascente, conversando com Diana na noite anterior. Entretanto, para arrefecer seu interesse em assuntos culinários naquela manhã, era preciso que se tratasse, no mínimo, de uma pneumonia grave. Logo após o café da manhã, ela começou a preparar seu bolo e, quando finalmente o colocou no forno e fechou a porta, deu um longo suspiro.

– Tenho certeza de que não me esqueci de nada dessa vez, Marilla. Mesmo assim, a senhora acha que ele vai crescer? E se o fermento não estiver bom? Usei o da lata nova. A senhora Lynde costuma dizer que, hoje em dia, quando tudo é adulterado, nunca podemos garantir que estamos comprando um bom fermento. Ela acha que o governo deveria tomar medidas sobre essa questão, mas falou que nunca vamos ver o Partido Conservador se preocupar com isso. Marilla, e se esse bolo não crescer?

– Temos muitas outras coisas além dele – foi a maneira fria e sensata de Marilla considerar aquela possibilidade.

Porém, o bolo de fato cresceu e saiu do forno tão leve e fofo quanto uma espuma dourada. Anne, com as bochechas coradas de êxtase, o cortou em camadas, que recheou com geleia vermelha; e, em sua imaginação, viu a senhora Allan se deliciando com o bolo e possivelmente pedindo mais uma fatia.

– É claro que a senhora vai usar o melhor conjunto de chá, não vai, Marilla? – a menina perguntou. – Posso enfeitar a mesa com samambaias

e rosas silvestres?

– Acho isso tudo uma bobagem – Marilla falou, com desdém. – Para mim, o que importa é a comida, e não as decorações tolas.

– A senhora Barry enfeitou a mesa *dela* – disse Anne, apelando sabiamente para o orgulho e o espírito competitivo de Marilla –, e o pastor elogiou elegantemente. Disse que era “um banquete tanto para os olhos quanto para o paladar”.

– Ora, faça como quiser – disse Marilla, decidida a não ser superada pela senhora Barry nem por qualquer outra pessoa. – Apenas se lembre de deixar espaço suficiente para colocarmos os pratos e a comida.

Anne se dedicou a decorar a mesa de uma maneira, e com tamanho capricho, que deixaria a senhora Barry quilômetros atrás. Podendo contar com uma grande abundância de rosas e samambaias, e com seu bom gosto artístico, preparou uma mesa de chá tão linda que quando o pastor e sua esposa se sentaram diante dela, ambos elogiaram, em coro, a sua beleza.

– São coisas de Anne – disse Marilla, severa, mas justa. E Anne sentiu que o sorriso aprovador da senhora Allan era quase felicidade demais para seu coração.

Matthew estava lá, mas só Deus e Anne sabiam como ele havia sido persuadido a participar daquele chá. Ele tinha ficado tão tímido e nervoso, ao saber da festa, que Marilla chegou a perder a esperança de contar com a presença do irmão. Contudo, Anne foi tão bem-sucedida em convencê-lo, que agora Matthew estava sentado à mesa, usando colarinho branco e suas melhores roupas e até demonstrando interesse na conversa que mantinha com o pastor. Não dirigiu uma palavra sequer à senhora Allan, mas isso talvez não fosse mesmo esperado.

Tudo correu muito bem até o momento em que o bolo de Anne foi servido. A esposa do pastor, já tendo aceitado uma enorme variedade de guloseimas, recusou a oferta. Porém, vendo o desapontamento no semblante de Anne, Marilla insistiu, sorridente:

– Oh, senhora Allan, não pode deixar de comer um pedaço deste bolo que Anne preparou especialmente para a senhora.

– Bem, neste caso, preciso provar – disse a senhora Allan, servindo-se de uma boa fatia, assim como fizeram, logo em seguida, o pastor e Marilla.

A senhora Allan pôs um pedaço grande na boca, e imediatamente uma expressão bastante peculiar tomou conta de seu rosto. No entanto, não disse nenhuma palavra, mas mastigou e engoliu o bolo normalmente. Marilla percebeu isso e se apressou a experimentá-lo também.

– Anne Shirley! – ela exclamou. – O que foi que você pôs neste bolo?

– Só o que estava na receita, Marilla – Anne respondeu, com um olhar angustiado. – Oh, não está bom?

– Bom?! Está simplesmente horrível. Senhora Allan, não coma isso. Anne, prove o bolo você mesma. Que tipo de condimento usou?

– Essência de baunilha – disse Anne, com o rosto vermelho, após ter experimentado o bolo. – Só baunilha. Oh, Marilla, só pode ter sido o fermento. Tive suspeitas de que aquele ferm...

– Essa é boa... fermento! Vá buscar o vidro de baunilha que você usou.

Anne correu até a despensa e voltou trazendo um pequeno frasco parcialmente cheio de um líquido marrom, e com um rótulo onde estava escrito, em letras amarelas: A MELHOR BAUNILHA.

Marilla pegou o vidro, tirou a rolha e cheirou seu conteúdo.

– Misericórdia, Anne! Você condimentou o bolo com óleo de rícino. Quebrei o frasco desse óleo na semana passada e virei, nesse vidro velho de baunilha, o que restou do analgésico. Suponho que a culpa seja parcialmente minha... eu deveria ter te avisado, mas, pelo que há de mais sagrado, por que você não cheirou a substância?

Anne se desmanchou em lágrimas diante desse duplo infortúnio.

– Não pude... acordei muito, muito resfriada! – tendo dito isso, Anne praticamente fugiu para seu quarto no sótão, onde se jogou sobre a cama e chorou inconsolavelmente.

Então, a menina ouviu passos leves na escada e alguém entrou no quarto.

– Oh, Marilla – Anne soluçou, sem olhar para cima. – Estou perdida para sempre. Nunca serei capaz de superar isso. A notícia vai se espalhar... elas sempre se espalham em Avonlea. Diana vai perguntar como ficou meu bolo e vou ser obrigada a lhe dizer a verdade. Vou ser sempre apontada como a menina que condimentou o bolo com óleo de rícino. Gil... os meninos da escola jamais deixarão de rir de mim. Oh, Marilla, se a senhora tem um pouquinho de compaixão cristã, não me diga que devo descer e lavar a louça, depois disso. Vou lavar tudo assim que o pastor e sua esposa forem embora, mas não posso nunca mais encarar a senhora Allan novamente. Talvez ela até pense que tentei envenená-la. A senhora Lynde falou que conhece o caso de uma órfã que tentou envenenar sua benfeitora. Porém, o óleo não é venenoso. É feito para ser ingerido... mas não em bolos, claro. Pode dizer tudo isso à senhora Allan, Marilla?

– Por que você não se levanta da cama e diz isso pessoalmente para ela?
– disse uma voz jovial.

Anne deu um salto e viu a senhora Allan, parada ao lado de sua cama, observando-a, com olhos risonhos.

– Minha menina querida, não precisa chorar assim – ela disse, sinceramente comovida com a expressão dramática no rosto de Anne. – Ora, foi só um erro bobo que qualquer pessoa pode cometer.

– Oh, não, só eu mesma faria uma besteira como essa – Anne lastimou tristemente. – Eu queria tanto ter preparado um bolo esplêndido para a senhora...

– Sim, eu sei, querida. E lhe asseguro que aprecio sua gentileza e consideração exatamente o mesmo tanto que faria se tivesse dado tudo certo. Agora, pare de chorar, desça comigo e me mostre seu jardim de flores. A senhora Cuthbert me disse que você tem um canteiro todo seu. Quero vê-lo, pois as flores me interessam muito.

Anne se deixou ser guiada e consolada, refletindo sobre como era realmente providencial o fato de ter a senhora Allan como uma alma irmã. Nada mais foi dito sobre o bolo com óleo de rícino, e, quando os convidados se foram, ela achou que tinha se divertido mais do que havia

esperado, apesar daquele incidente terrível. Ainda assim, suspirou profundamente e disse:

– Marilla, não é bom pensar que amanhã é um novo dia, ainda sem nenhum erro cometido?

– Garanto que vai cometer muitos no decorrer dele, Anne – Marilla afirmou. – Nunca vi alguém com tanta facilidade para fazer besteiras como você.

– Sim, sei muito bem disso – Anne admitiu pesarosamente. – Mas a senhora já notou uma coisa animadora em mim, Marilla? Nunca cometo o mesmo erro mais de uma vez.

– Não entendo bem qual é a vantagem, já que está sempre cometendo novos erros.

– Oh, não vê, Marilla? *Tem de* existir um limite de erros que cada pessoa pode cometer, e, quando eu atingir esse número, então não cometerei mais nenhum. Esse é um pensamento muito reconfortante.

– Bem, agora é melhor você ir lá fora e dar o bolo aos porcos – Marilla falou. – Não serve para nenhum ser humano comer.





– Qual é a razão, dessa vez, para você estar com os olhos arregalados desse jeito? – Marilla perguntou quando Anne voltou do posto do correio. – Conheceu mais uma alma irmã?

O entusiasmo pairava em volta de Anne como um manto, brilhava em seus olhos, iluminava cada poro de sua pele. Ela havia percorrido a alameda dançando, como se fosse um duende soprado pelo vento, através do brilho suave do sol e das sombras preguiçosas do fim de tarde de agosto.

– Não, Marilla, mas o que a senhora acha disto? Fui convidada para tomar chá na casa paroquial amanhã à tarde! A senhora Allan deixou uma cartinha para mim no posto do correio. Veja só, Marilla: “Senhorita Anne Shirley, Green Gables”. Essa é a primeira vez, em toda a minha vida, que sou chamada de “senhorita”. Isso me deu um arrepio tão grande! Vou guardar esta carta para sempre, junto com meus tesouros mais estimados.

– A senhora Allan me disse que queria oferecer um chá para todos os alunos da escola dominical, um de cada vez – Marilla falou, considerando friamente o evento maravilhoso. – Você não precisa ficar tão empolgada assim. Aprenda a encarar as coisas com mais tranquilidade, menina.

Para Anne, encarar as coisas calmamente representaria uma mudança em sua própria natureza. Ela era extremamente sensível e impetuosa – e nada convencional –, e, portanto, as alegrias e as dores da vida a tocavam com três vezes mais intensidade do que o comum das pessoas. Marilla percebia isso e se preocupava, pensando que provavelmente as dores da vida teriam um impacto muito mais forte sobre aquela alma impulsiva, sem compreender, contudo, que a mesma capacidade para sentir as alegrias poderia mais do que compensar todo o sofrimento. Assim, Marilla entendeu que era seu dever treinar Anne para que ela tivesse um temperamento constantemente tranquilo, o que, para aquela criança, era tão impossível quanto para um dos raios de sol que dançavam sobre os bancos de areia do riacho. Portanto, como teve de admitir tristemente para si mesma, Marilla não obteve muito sucesso no cumprimento dessa meta.

O fracasso de algum plano e a frustração de alguma expectativa levavam Anne a “mergulhar nas profundezas do desespero”. Por outro lado, o sucesso de outro plano e a concretização de outra expectativa a conduziam a estonteantes delírios de felicidade. Marilla quase chegou a se desesperar, pensando que jamais seria capaz de moldar aquela criança abandonada pelo mundo para transformá-la em sua menina-modelo, com maneiras recatadas e comportamento primoroso. No entanto, nunca lhe passara pela cabeça que ela gostava muito mais de Anne do jeito que a menina era naturalmente.

Naquela noite, Anne foi para a cama em silêncio, muito infeliz porque Matthew tinha dito que o vento estava vindo do nordeste e, por isso, ele previa que o dia seguinte seria chuvoso. O farfalhar das folhas de álamo ao redor da casa a preocupava, pois soava como o tamborilar de pingos de chuva; e o rugido lento e distante do golfo, que ela ouvira com prazer em outras ocasiões, amando seu estranho, sonoro e assombroso ritmo, agora

parecia uma profecia de tempestade e desastre para uma pequena donzela que queria particularmente um belo dia. Anne pensou que a manhã nunca chegaria.

Entretanto, tudo tem um fim, até mesmo a noite anterior ao dia do chá na casa do pastor, para o qual você foi convidado. E, ao contrário das previsões de Matthew, a manhã estava bonita e agradável, e a disposição de Anne se elevou ao mais alto grau.

– Oh, Marilla, tem uma coisa dentro de mim hoje que está fazendo com que eu simplesmente ame todas as pessoas que vejo! – ela exclamou, enquanto lavava a louça do café da manhã. – A senhora não imagina o quanto me sinto bem! Não seria ótimo se isso pudesse durar para sempre? Acho que eu poderia ser uma menina-modelo se fosse convidada para o chá todos os dias. Porém, oh, Marilla, é uma ocasião solene também. Estou tão ansiosa... E se eu não me comportar apropriadamente? A senhora sabe que nunca tomei chá numa casa paroquial antes; e não tenho certeza de que conheço todas as regras de etiqueta, apesar de ter estudado semanalmente, desde que cheguei aqui, as que vieram na “Seção de Etiqueta” da revista para fazendeiros de Matthew. Tenho tanto receio de cometer algum erro, ou de me esquecer de algo que deveria fazer. É falta de educação se servir pela segunda vez de uma comida, mesmo que você queira *muito*?

– O seu problema, Anne, é que está pensando demais só em você mesma. Deveria pensar apenas na senhora Allan e no que seria melhor e mais agradável para ela – disse Marilla, oferecendo, pela primeira vez em sua vida, um conselho curto e sensato. Anne percebeu isso instantaneamente.

– A senhora está certa, Marilla. Vou tentar não pensar em mim, nem por um segundo.

Ficou evidente que Anne passou pela visita sem nenhuma “violação” séria das normas de etiqueta, pois voltou para casa, durante o crepúsculo – sob um céu maravilhoso, exaltado por rastros de nuvens alaranjadas e cor-de-rosa –, em um estado de espírito abençoado. E, sentada na grande pedra

vermelha que ficava perto da entrada da cozinha, descansando a cabeça no colo de Marilla, contou alegremente tudo o que havia se passado.

Um vento fresco vinha das colinas a oeste e soprava sobre os compridos campos de plantações, assoviando ao atravessar os álamos. Uma estrela clara pairava sobre o pomar, e os vaga-lumes voavam na Vereda dos Apaixonados, em meio às samambaias e aos ramos farfalhantes. Anne os observava enquanto falava e, de alguma forma, sentia que o vento, as estrelas e os vaga-lumes estavam todos ligados de um modo indescritivelmente doce e encantador.

– Oh, Marilla, foi uma experiência *fascinante*. Sinto que não estou vivendo em vão; e vou me sentir assim para sempre, mesmo que nunca mais eu seja convidada para o chá na casa paroquial. Quando cheguei lá, a senhora Allan me recebeu na porta. Estava usando um lindo vestido de organdi rosa-claro, com dúzias de babados e mangas que iam até o cotovelo. Ela parecia um anjo. Eu realmente acho que gostaria de ser esposa de um pastor quando crescer, Marilla. Certamente, um pastor não se importaria com meu cabelo ruivo, porque isso é pensar em coisas terrenas. Porém, seria necessário que eu fosse uma pessoa naturalmente bondosa, o que não sou. Então, suponho que não adianta pensar nisso. Algumas pessoas são naturalmente bondosas e outras, não, não é? Sou uma dessas outras. A senhora Lynde falou que estou cheia de pecado original. Não importa o quanto eu tente ser bondosa, nunca vou ser tão bem-sucedida nisso quanto as pessoas que são naturalmente boas. É como tentar entender geometria, acho. Mas a senhora não acha que o esforço para conseguir uma coisa tão difícil deveria valer alguma coisa? A senhora Allan é uma das pessoas naturalmente boas. Eu amo a esposa do pastor profundamente. A senhora sabe, não sabe, que existem algumas pessoas, como Matthew e a senhora Allan, que podemos amar sem problemas? E há outras, como a senhora Lynde, que temos de nos esforçar muito para amar. *Temos de* amar essas pessoas, porque elas são sábias e trabalham ativamente para a igreja, mas precisamos nos lembrar disso o tempo todo, senão acabamos nos esquecendo. Tinha outra menina que também foi

convidada para o chá na casa paroquial. Ela é aluna da escola dominical de White Sands; seu nome é Laretta Bradley e ela é uma menina bem simpática. O chá foi muito elegante, e acho que segui perfeitamente as regras de etiqueta. Depois que comemos e bebemos, a senhora Allan tocou e cantou. E fez com que Laretta e eu cantássemos também. A senhora Allan disse que tenho uma voz boa e que eu deveria cantar no coral da escola dominical. A senhora não imagina o quanto fiquei entusiasmada só de pensar nisso! Eu sempre quis muito cantar no coro da escola dominical, como a Diana, mas temia que fosse uma honra que eu não tinha o direito de desejar ter. Laretta teve de ir para casa mais cedo, porque vai ter um grande show no hotel de White Sands hoje à noite, e a irmã dela vai recitar. Laretta falou que os americanos que moram no hotel promovem um show de quinze em quinze dias para ajudar o hospital de Charlottetown, e chamam muitas pessoas de White Sands para recitar. Ela disse também que espera ser convidada, qualquer dia desses. Fiquei só olhando para ela, cheia de admiração. E depois que Laretta foi embora, a senhora Allan e eu conversamos abertamente. Conteí tudo para ela; falei sobre a senhora Thomas e os gêmeos, sobre Katie Maurice e Violetta, minha vinda para Green Gables e meus problemas com a geometria. E a senhora acredita, Marilla, que ela também tinha dificuldade para entender geometria?! Não imagina como isso me encorajou! A senhora Lynde apareceu na casa paroquial pouco antes de eu ir embora. Sabe o que ela disse? Que os administradores da escola contrataram uma professora nova... uma mulher! O nome dela é senhorita Muriel Stacy. Não é um nome romântico? A senhora Lynde falou que, até hoje, nunca tinha havido uma professora em Avonlea, e que ela acha isso uma inovação perigosa. Mas eu penso que vai ser esplêndido ter uma professora, e realmente não sei como vou enfrentar essas duas semanas que faltam para que as aulas recomecem. Oh, Marilla, estou tão impaciente para conhecer a senhorita Muriel Stacy!



CAPÍTULO XXIII

*Anne fracassa em
uma questão de honra*

Entretanto, do jeito que as coisas aconteceram, Anne teve de enfrentar mais do que duas semanas de espera para conhecer a senhorita Stacy. Afinal, tendo decorrido quase um mês após o episódio do bolo de óleo de rícino, já havia passado da hora de a menina se meter em uma nova encrenca de algum tipo. É claro que os pequenos erros – como derramar distraidamente um balde cheio de leite azedo em uma cesta cheia de novelos de lã na despensa, em vez de dá-lo aos porcos no chiqueiro; ou andar na borda da ponte de troncos, durante os devaneios de sua imaginação, e cair no riacho – não estão sendo levados em conta aqui.

Uma semana depois do chá na casa paroquial, Diana Barry deu uma festa.

– Pequena e para poucos convidados – Anne garantiu a Marilla. – Só as meninas de nossa classe.

As garotas se divertiram muito durante a reunião, e nada de desagradável aconteceu até depois do chá, quando elas se dirigiram para o

jardim da família Barry, pois se cansaram dos jogos e estavam prontas para qualquer travessura atraente que se apresentasse, e que logo tomou a forma de “desafio”.

Naqueles dias, o desafio era o entretenimento que estava na moda entre os jovens de Avonlea. Tinha começado a ficar popular entre os meninos, mas em pouco tempo conquistou as meninas também, e todas as bobagens realizadas em Avonlea naquele verão porque seus executores eram “desafiados” a fazê-las encheriam um livro inteiro.

Primeiro, Carrie Sloane desafiou Ruby Gillis a subir até certa altura do velho e enorme salgueiro que havia diante da porta da frente da casa, o que Ruby Gillis – apesar do medo mortal das lagartas verdes e gordas que, diziam, infestavam aquela árvore e, também, do pavor do que sua mãe faria se ela rasgasse o vestido novo de musselina – fez agilmente, derrotando, portanto, a já mencionada Carrie Sloane.

Em seguida, Josie Pye desafiou Jane Andrews a dar a volta na casa pulando com a perna esquerda, sem parar nem colocar o pé direito no chão nenhuma vez, o que Jane Andrews corajosamente tentou fazer, mas desistiu na terceira curva e teve de admitir sua derrota.

Por achar que o triunfo de Josie foi mais comemorado do que a boa educação permitia, Anne Shirley a desafiou a caminhar ao longo do topo da cerca que delimitava o lado leste do jardim. Ora, “caminhar” ao longo do topo de cercas é um ato que requer mais estabilidade e equilíbrio, tanto da cabeça quanto do calcanhar, do que pode supor alguém que nunca tentou fazer isso. Josie Pye, embora pudesse não possuir algumas qualidades que contribuem para a popularidade de uma pessoa, tinha um dom natural, inato e devidamente cultivado, para andar sobre o topo de cercas. Josie caminhou sobre a cerca no jardim da residência da família Barry com tanta calma e habilidade que pareceu que uma coisa tão simples como aquela nem valia um “desafio”. A façanha teve de ser recebida com admiração, pois a maioria das outras meninas, tendo sofrido várias más consequências das tentativas de andar sobre cercas, reconheciam o mérito

de Josie Pye, que voltou para o chão, com ar vitorioso, e lançou um olhar desafiador para Anne.

Anne balançou suas tranças ruivas e disse:

– Não acho que seja uma coisa tão maravilhosa andar um pouco sobre o topo de uma cerca baixa. Conheci uma menina em Marysville que podia caminhar sobre o cume de um telhado.

– Não acredito nisso – Josie respondeu categoricamente. – Não acredito que qualquer pessoa seja capaz de andar no cume de um telhado. *Você* não conseguiria nunca.

– Eu não conseguiria?! – Anne exclamou, sem pensar duas vezes.

– Pois então, eu te desafio a fazer isso – Josie falou, em tom de provocação. – Eu te desafio a subir no telhado da cozinha da família Barry e andar sobre o cume.

Anne empalideceu, mas sabia que tinha ficado suficientemente claro que só havia uma coisa a ser feita. Então, dirigiu-se imediatamente para uma escada encostada no telhado da cozinha, enquanto todas as meninas do quinto ano exclamavam “Oh!”, em parte entusiasmadas, em parte assustadas.

– Não faça isso, Anne – Diana suplicou. – Você vai cair e morrer. Não se importe com o que Josie Pye falou. Não é justo desafiar ninguém a fazer uma coisa tão perigosa.

– Eu tenho de fazer, Diana; minha honra está em jogo – Anne afirmou solenemente. – Vou caminhar sobre aquele cume ou morrer tentando. Se eu não sobreviver, você pode ficar com meu anel de contas peroladas.

Anne subiu pela escada em meio a um silêncio estarrecedor, chegou ao topo do telhado, se equilibrou de pé sobre aquela base precária e começou a andar, temerosamente consciente de que estava desconfortavelmente no alto do mundo, e que andar sobre o cume de telhados não era uma tarefa na qual sua imaginação podia ajudar muito. Entretanto, conseguiu dar alguns passos, antes que a catástrofe ocorresse. Em seguida, vacilou, perdeu o equilíbrio, tropeçou, cambaleou e caiu, deslizando pelo telhado queimado pelo sol e despencando sobre um emaranhado de trepadeiras – tudo isso

antes que o círculo de meninas apavoradas lá embaixo pudesse soltar um grito simultâneo de terror.

Se Anne tivesse caído do telhado pelo mesmo lado em que subiu, Diana provavelmente teria herdado seu anel de contas peroladas naquele local e naquele momento. Contudo, e felizmente, ela despencou pelo outro lado, onde o telhado se estendia sobre a varanda e terminava tão perto do chão que uma queda dali era algo bem menos sério. Mesmo assim, depois que Diana e as outras garotas correram desesperadamente ao redor da casa – exceto Ruby Gillis, que permaneceu, chorando histericamente, no mesmo lugar, como se estivesse grudada ao chão –, elas encontraram Anne deitada, branca e imóvel, entre os destroços da trepadeira.

– Anne, você morreu? – Diana gritou, ajoelhando-se ao lado da amiga. – Oh, Anne! Anne querida, diga ao menos uma palavra... fale se você morreu!

Para o imenso alívio de todas as meninas – e especialmente o de Josie Pye, que, apesar de não ter imaginação, tinha sido dominada por visões horríveis de um futuro no qual seria conhecida como a garota que havia causado a morte prematura e trágica de Anne Shirley –, Anne se sentou, ainda tonta, e respondeu, sem muita certeza:



Se equilibrou de pé sobre aquela base precária e começou a andar.

— Não, Diana, não estou morta, mas acho que estou desmaiada.

– Onde? – soluçou Carrie Sloane. – Oh, onde, Anne?

Antes que Anne pudesse responder, a senhora Barry entrou em cena. Ao vê-la, Anne tentou ficar de pé, mas afundou novamente nos galhos da trepadeira, com um pequeno e agudo grito de dor.

– O que aconteceu? Onde você se machucou? – a senhora Barry perguntou.

– Meu tornozelo – Anne gemeu. – Oh, Diana, por favor, encontre seu pai e peça para ele me levar para Green Gables. Sei que nunca conseguiria andar até lá. E tenho certeza de que não daria conta de ir tão longe, pulando com uma perna só, se Jane não foi capaz nem de dar a volta na casa, saltando com a perna esquerda.

Marilla estava no pomar, colhendo maçãs de verão, quando avistou o senhor Barry atravessando a ponte de troncos e, em seguida, subindo a colina, com a senhora Barry a seu lado e uma grande procissão de meninas atrás deles. Nos braços, o senhor Barry trazia Anne, cuja cabeça estava apoiada suavemente em seu ombro.

Naquele momento, Marilla teve uma revelação. Com a súbita punhalada de medo que perfurou seu coração, ela percebeu o que Anne tinha passado a significar em sua vida. Antes disso, ela teria admitido que gostava de Anne, ou até que gostava muito de Anne. Mas agora Marilla soube, enquanto corria apressadamente pela encosta, que Anne era mais querida para ela do que qualquer outra coisa na Terra.

– Senhor Barry, o que houve com a menina? – perguntou, ofegante e bem mais pálida e abalada do que a sensata e reservada Marilla tinha sido por muitos anos.

A própria Anne respondeu, erguendo a cabeça:

– Não se assuste, Marilla. Eu estava caminhando sobre o topo do telhado e caí. Acho que torci o tornozelo. Mas, Marilla, eu poderia ter quebrado o pescoço. Vamos olhar para o lado bom das coisas.

– Quando lhe dei permissão para ir a essa festa, eu deveria ter imaginado que você faria alguma travessura desse tipo – disse Marilla, seca e rabugenta de novo, apesar de extremamente aliviada. – Traga Anne

até aqui, por favor, senhor Barry, e a coloque no sofá. Misericórdia! Acho que ela desmaiou!

Era verdade. Dominada pela dor do ferimento, Anne teve mais um de seus desejos realizados: havia desmaiado.

Matthew, chamado às pressas no campo de colheita, foi imediatamente enviado em busca do médico, que veio logo e descobriu que o ferimento era mais sério do que todos tinham suposto. O tornozelo de Anne estava quebrado.

Naquela noite, quando Marilla subiu ao sótão do leste, onde uma menina pálida estava deitada na cama, uma voz melancólica perguntou:

– Não está com muita pena de mim, Marilla?

– A culpa foi sua – disse Marilla, fechando a persiana e acendendo uma vela.

– É por isso mesmo que deveria sentir pena de mim – Anne falou –, pois pensar que a culpa é totalmente *minha* é o que torna tudo pior. Se eu pudesse culpar qualquer outra pessoa, eu me sentiria muito melhor. Mas o que a senhora teria feito, Marilla, se tivesse sido desafiada a andar no topo do telhado?

– Teria ficado no chão firme e seguro, e elas que fossem fazer desafios longe de mim. Que absurdo!

Anne suspirou.

– Você é forte e independente, Marilla. Eu não sou. Na hora, só senti que não poderia suportar o desdém de Josie Pye. Ela teria zombado de mim pelo resto da vida. E acho que já fui tão castigada que a senhora não precisa ficar muito zangada comigo. Afinal, não é nada bom desmaiar. E o médico me fez sentir muita dor quando colocou meu tornozelo na posição certa. Não vou poder andar por seis ou sete semanas, e vou perder muitas aulas com a nova professora. Quando eu puder voltar para a escola, ela já não vai mais ser novidade. E Gil... e todo mundo da classe vai estar mais adiantado do que eu. Oh, sou uma pobre mortal aflita! Mas vou tentar suportar tudo bravamente, se a senhora não ficar zangada comigo, Marilla.

– Está bem, está bem, não estou zangada – disse Marilla. – Você é uma criança sem sorte, não há dúvidas quanto a isso. E, como você mesma disse, vai sofrer sua punição. Agora, tome, tente comer um pouco do jantar.

– Oh, Marilla, mas não é uma sorte eu ter tanta imaginação? – Anne argumentou. – Ela vai me ajudar esplendidamente a enfrentar tudo isso, espero. O que as pessoas sem imaginação fazem quando quebram seus ossos? A senhora sabe, Marilla?

Durante as tediosas sete semanas que se seguiram, Anne teve bons motivos para louvar sua imaginação muitas vezes, e muito frequentemente. Mas ela não contou apenas com isso, pois recebeu várias visitas, e nem um dia se passou sem que uma ou mais alunas da escola entrassem para trazer flores e livros e para contar a ela todos os acontecimentos do mundo juvenil de Avonlea.

– Todos têm sido tão bondosos e gentis, Marilla – Anne suspirou alegremente, no dia em que pôde, pela primeira vez, andar mancando pelo quarto. – Não é muito agradável ficar de cama, mas *existe* um lado bom nisso, Marilla. A gente descobre quantos amigos tem. Ora, até o superintendente Bell veio me ver, e descobri que, na verdade, ele é um homem muito bom. Não é uma alma irmã, claro, mas, mesmo assim, gosto dele e lamento muito ter criticado suas preces. Agora, acredito que ele realmente quer dizer tudo aquilo, só que criou o hábito de falar como se não estivesse sendo sincero. Ele poderia superar isso, se fizesse algum esforço. Eu dei a ele uma sugestão boa e simples: falei sobre o quanto eu tento fazer o que posso para tornar minhas pequenas orações particulares mais interessantes. O senhor Bell me contou tudo a respeito de quando ele próprio ainda era um menino e quebrou o tornozelo. É tão esquisito pensar nele como um menino... Acho que minha imaginação também tem limites, porque não consigo visualizar *isso*. Quando tento imaginá-lo como um garoto, até o vejo pequeno, mas com os bigodes grisalhos e os óculos que ele usa na escola dominical. Porém, é tão fácil imaginar a senhora Allan como uma garotinha! Ela veio me ver quatorze vezes. Não é algo

para se orgulhar, Marilla, se pensarmos que a esposa de um pastor tem tantas ocupações? E é uma pessoa tão alegre durante as visitas! Nunca me disse que a culpa foi minha e que ela esperava que eu tivesse me tornado uma garota melhor depois do que aconteceu. A senhora Lynde me falou isso em todas as vezes que veio me ver; e disse de uma forma que me fez sentir que ela até poderia ter esperança de que eu me tornasse uma menina melhor, mas que ela não acreditava que isso era possível. Até Josie Pye veio me ver. Eu a recebi o mais educadamente que pude, porque acho que ela se arrependeu de ter me desafiado a andar no cume de um telhado. Se eu tivesse morrido, ela teria de carregar um fardo muito pesado de remorso por toda a sua vida. Diana tem sido uma amiga muito fiel. Ela passa aqui todos os dias para me animar. Mas, oh, vou ficar muito feliz quando puder ir à escola, porque ouvi coisas tão interessantes sobre a nova professora... Todas as garotas acham que ela é perfeitamente meiga, e Diana diz que ela tem o cabelo claro, e que é o mais bonito e encaracolado que existe; e que seus olhos são fascinantes. Ela se veste lindamente, e suas mangas bufantes são maiores do que as de qualquer outra pessoa em Avonlea. De duas em duas semanas, ela organiza recitais na sexta-feira à tarde, e todos têm que declamar uma poesia ou participar de um diálogo. Oh, é simplesmente maravilhoso pensar nisso! Josie Pye disse que odeia, mas sei que é porque ela tem pouca imaginação. Diana, Ruby Gillis e Jane Andrews estão preparando um diálogo, chamado “Uma visita matinal”, para a próxima sexta-feira. Nas tardes das sextas em que não organiza recitais, a senhorita Stacy leva todos os alunos da classe para o bosque, para terem uma aula no campo; eles estudam samambaias, flores e pássaros. Além disso, fazem exercícios físicos todos os dias de manhã e à tarde. A senhora Lynde disse que nunca ouviu falar dessas inovações, e que tudo isso só pode ser porque ela é uma professora, e não um professor. Mas eu penso que essas atividades devem ser esplêndidas e acredito que vou descobrir que a senhorita Stacy é uma alma irmã.

– Uma coisa está nitidamente clara, Anne – Marilla afirmou –, e essa coisa é que sua queda do telhado da cozinha da família Barry

definitivamente não machucou sua língua.



CAPÍTULO XXIV

*A senhorita Stacy e
seus alunos organizam
um show*

Era outubro novamente quando Anne pôde voltar a frequentar a escola; um outubro glorioso, com dias vermelhos e dourados e manhãs amenas, quando os vales ficavam cobertos com névoas delicadas, como se o espírito do outono as tivesse derramado ali para o sol filtrá-las e lhes dar tons de ametista, pérola, prata, rosa e azul. As gotas de orvalho eram tão densas que os campos brilhavam, como se estivessem cobertos por um manto prateado; e havia pequenos montes de folhas secas e quebradiças que estalavam ruidosamente quando pisadas. A Trilha das Bétulas parecia um dossel amarelo, e as samambaias ao longo de suas margens estavam secas e amarronzadas. Havia um aroma no ar que inspirava o coração das meninas que caminhavam rápida e animadamente rumo à escola. E como era agradável estar outra vez sentada com Diana naquela carteira marrom, com Ruby Gillis acenando do outro lado do corredor, Carrie Sloane enviando bilhetes e Julia Bell, no assento de trás, passando um pedaço de goma de mascar! Anne deu um longo suspiro de felicidade, enquanto

apontava o lápis e organizava os cartões ilustrados sobre sua mesa. A vida com certeza era muito interessante, pensou.

Na nova professora, Anne encontrou outra amiga verdadeira e prestativa. A senhorita Stacy era uma mulher jovem, inteligente e simpática, que tinha o dom maravilhoso de conquistar e manter o afeto de seus alunos e de evidenciar o que havia de melhor neles, tanto mental quanto moralmente. Sob essa influência saudável, Anne desabrochou como uma flor, e levou para casa – para a admiração de Matthew e o senso crítico de Marilla – relatos empolgados sobre as atividades escolares e seus objetivos.

– Eu amo a senhorita Stacy com todo o meu coração, Marilla. Ela é tão elegante e tem uma voz tão doce! Quando ela pronuncia meu nome, sinto instintivamente que está soletrando Anne com E. Tivemos recitais esta tarde. Queria muito que vocês estivessem lá para me verem declamar “Mary, Rainha dos Escoceses”.***** Pus toda a minha alma naquilo. E, quando estávamos voltando para casa, Ruby Gillis me contou que, no momento em que recitei:

*Agora, invoco a coragem de meu pai, ela disse,
e me despeço de meu fraco coração de mulher,*

ela sentiu o sangue gelar.

– Bem... ah, você poderia recitar isso para mim, um dia desses, lá no celeiro – Matthew sugeriu.

– Claro que sim – Anne respondeu, pensativa –, mas sei que não vou conseguir declamar tão bem. Não vai ser tão emocionante como quando se tem a escola inteira diante de você, todos atentos às suas palavras, sem sequer respirar direito. Tenho certeza de que não vou fazer seu sangue gelar, Matthew.

– A senhora Lynde falou que o que fez o sangue *dela* gelar foi ver, na sexta-feira passada, os meninos escalando, até o topo, aquelas árvores

enormes da colina do senhor Bell, em busca de ninhos de corvos. Gostaria de saber se a senhorita Stacy encorajou isso.

– Nós precisávamos de um ninho de corvo para o estudo da natureza – Anne explicou. – Era nossa tarde de aula no campo. As tardes de aula no campo são esplêndidas, Marilla. E a senhorita Stacy explica tudo tão maravilhosamente! Temos de escrever textos sobre essas aulas, e eu escrevo os melhores de todos.

– Está sendo vaidosa ao falar assim, Anne. É melhor deixar sua professora dizer isso.

– Mas ela *realmente* disse isso, Marilla. E não estou sendo vaidosa, de jeito nenhum. Como poderia ser, se sou tão ruim em geometria? É verdade que estou começando a entender um pouco mais daquilo, porque a senhorita Stacy deixa tudo tão claro! Mesmo assim, nunca vou ser boa em geometria, e posso garantir que essa é uma conclusão humilhante. Porém, adoro criar textos. Na maior parte das vezes, a senhorita Stacy nos deixa escolher nossos próprios temas, mas na próxima semana vamos ter de escrever sobre uma pessoa extraordinária. É difícil escolher entre tantas pessoas extraordinárias que já viveram. Não deve ser esplêndido ser alguém extraordinário e ter composições escritas sobre você, depois de sua morte? Ah, eu adoraria ser extraordinária... Acho que, quando eu ficar adulta, vou ser uma enfermeira muito bem treinada, e irei com a Cruz Vermelha para o campo de batalha, como uma mensageira de misericórdia. Quer dizer, se eu não sair do país para trabalhar como uma missionária estrangeira. Oh, isso seria muito romântico, mas é preciso ser uma pessoa muito boa para ser missionária, e isso representaria um obstáculo para mim. Na escola, agora também fazemos exercícios físicos todos os dias. Eles nos fazem ficar mais elegantes e melhoram a digestão.

– Quanta bobagem! – disse Marilla, que acreditava sinceramente que nada daquilo fazia qualquer sentido.

Entretanto, todos os recitais das sextas-feiras, as tardes no campo e os exercícios físicos perderam importância diante do projeto que a senhorita Stacy apresentou em novembro: os alunos da escola de Avonlea

organizariam um show, que seria exibido no grande salão, na noite de Natal, com o louvável objetivo de arrecadar dinheiro para ajudar a pagar uma bandeira para a escola. Como todos os alunos se entusiasmaram prontamente com esse plano, os preparativos para sua realização tiveram início imediato. E entre todos os “artistas” eleitos para participar do programa, nenhum estava mais empolgado do que Anne Shirley, que se dedicou de corpo e alma ao projeto, apesar das dificuldades impostas pela desaprovação de Marilla, que achava tudo uma insensatez absoluta.

– Isso só serve para encher a cabeça de vocês de besteiras e desperdiçar o tempo que deveria ser dedicado às lições – ela resmungou. – Não aprovo a ideia de crianças organizando shows e correndo para lá e para cá, ensaiando. Faz com que elas fiquem vaidosas, exaltadas e desinteressadas dos estudos.

– Pense na nobreza do objetivo – Anne suplicou. – Uma bandeira na escola vai cultivar o espírito de patriotismo de todos, Marilla.

– Conversa fiada! Existe muito pouco patriotismo nos pensamentos de qualquer um de vocês. Tudo o que querem é se divertir.

– Ora, quando podemos combinar patriotismo com diversão, tudo fica correto, não acha? E é claro que é muito interessante organizar um show. Vamos cantar seis músicas em coro, e Diana vai cantar uma sozinha. Vou participar de dois diálogos: “A Sociedade para a Extinção do Mexerico” e “A Rainha das Fadas”. Os meninos também vão apresentar um diálogo. E vou recitar duas vezes, Marilla. Eu até tremo quando penso nisso, mas é um tipo de tremor bom... é emocionante. No final, vamos compor um quadro vivo, que vai se chamar “Fé, Esperança e Caridade”; Diana, Ruby e eu estaremos nele, todas três de branco, com o cabelo solto ao vento. Vou ser a Esperança, e tenho de ficar com as palmas das mãos unidas... assim... e os olhos voltados para cima. Vou ensaiar no sótão os textos para declamar. Se me ouvir gemer, não se assuste. Tenho de gemer dolorosamente num deles, e é realmente muito difícil criar um gemido artístico de boa qualidade, Marilla. Josie Pye está emburrada, porque não ganhou o papel que queria no diálogo. Ela desejava ser a rainha das fadas.

Isso seria ridículo, pois quem já ouviu falar de uma rainha das fadas gorda como Josie? As rainhas das fadas precisam ser esbeltas. Jane Andrews vai fazer esse papel, e eu vou ser uma de suas damas de companhia. Josie falou que acha uma fada ruiva tão ridícula quanto uma fada gorda, mas não me importo mais com o que Josie diz. Vou usar uma grinalda de rosas brancas, e Ruby Gillis vai me emprestar sapatilhas, pois não possuo nenhum par. Sabe como é, fadas usam sapatilhas. É impossível imaginar uma fada de botas, não é? Especialmente se elas tiverem acabamento de metal. Vamos decorar o salão com ramos de pinheiros enfeitados com flores de papel cor-de-rosa. E todos nós devemos entrar marchando, dois a dois, depois que o público estiver sentado, enquanto Emma White toca a marcha no órgão. Oh, Marilla, sei que a senhora não está tão entusiasmada quanto eu, mas não espera que sua pequena Anne se destaque nesse show?

– Tudo o que espero é que você se comporte bem, Anne. Vou ficar extremamente aliviada quando toda essa agitação tiver acabado e você puder se acalmar. Você simplesmente não ajuda em nada nesses dias em que anda com a cabeça cheia de diálogos, gemidos, quadros vivos e tudo mais... Quanto a sua língua, é impressionante o fato de ela ainda não ter se desgastado totalmente.

Anne suspirou e se dirigiu para o quintal. No céu cor-de-maçã-verde, uma jovem lua crescente brilhava a oeste, através dos galhos desfolhados dos álamos. Matthew cortava lenha. Anne se empoleirou em um pedaço de tronco e falou com ele sobre o show, certa de ter ali um ouvinte interessado e compreensivo, pelo menos naquele caso.

– Bem, ah... acho que esse show vai ser ótimo, e sei que você vai fazer muito bem a sua parte – ele disse, sorrindo para o rosto ansioso e animado de Anne, que retribuiu imediatamente o sorriso.

Aqueles dois eram os melhores amigos, e Matthew agradecia, muitas vezes e sempre, a suas estrelas-guias, por não ter nada a ver com a criação dela. Essa era uma responsabilidade exclusiva de Marilla. Se fosse dele, Matthew teria se preocupado com os conflitos frequentes entre sua vontade e seu dever. Da forma que as coisas estavam arranjadas, ele estava

livre para “estragar Anne” – como Marilla costumava dizer – o tanto que quisesse. E, afinal, aquele não era um arranjo tão ruim, pois, às vezes, um pouco de “aprovação e admiração” faz tão bem quanto a criação mais “cuidadosa” do mundo.





*M*atthew estava vivendo dez minutos ruins. Havia acabado de entrar na cozinha, durante o crepúsculo de um dia frio e cinzento de dezembro, e se sentar no canto do banco de madeira para descalçar as botas pesadas, sem saber que Anne e um grupo de colegas da escola estavam ensaiando “A Rainha das Fadas” na sala. De repente, elas atravessaram o *hall* marchando e entraram na cozinha rindo e tagarelando alegremente. Não viram Matthew, que se encolheu, envergonhado, na sombra próxima ao canto onde se encontrava – com uma bota em uma das mãos e a calçadeira na outra – e as observou timidamente durante os já mencionados dez minutos, enquanto elas colocavam os gorros na cabeça e vestiam os casacos, conversando sobre o show. Anne estava entre elas, com os olhos brilhando e animada como as outras.

Porém, Matthew percebeu subitamente que havia alguma coisa que diferenciava Anne das colegas. E o que o deixou preocupado foi a impressão que teve de que aquela diferença não deveria existir. É verdade

que Anne tinha o rosto mais iluminado, os olhos maiores e mais expressivos, e os traços mais delicados do que as outras meninas; mesmo o tímido e desatento Matthew tinha aprendido a notar essas coisas. Mas a diferença que o perturbava não consistia em nenhum desses aspectos. Então, em que consistia?

Matthew permaneceu intrigado com essa questão por muito tempo depois que as colegas de Anne já tinham seguido, de braços dados, pela alameda longa e gelada, e que ela tinha voltado para seus livros. Ele não podia falar sobre isso com Marilla, pois sentia que a irmã certamente bufaria com desdém e diria que a única diferença visível entre Anne e as outras garotas era que, ao contrário de Anne, elas, às vezes, mantinham a língua quieta. Essa reação, Matthew sabia, não lhe traria nenhuma ajuda.

Assim, naquela noite, ele recorreu a seu charuto – para grande desgosto de Marilla – para auxiliá-lo a pensar sobre a questão. E, após as duas horas em que ficou fumando e refletindo profundamente, Matthew chegou à solução de seu problema: Anne não estava vestida como as outras meninas!

Quanto mais ele pensava sobre o assunto, mais se convencia de que Anne nunca tinha se vestido como as outras garotas – nunca, desde que foi morar em Green Gables. Marilla sempre lhe dava roupas simples e escuras, todas invariavelmente feitas no mesmo modelo. Se Matthew tinha algum conhecimento a respeito da existência de moda na maneira de se vestir, isso era o máximo que ele sabia. Entretanto, ele teve certeza de que as mangas de Anne não se pareciam nem um pouco com as mangas que as outras meninas usavam. Então, ele se lembrou, mais uma vez, do grupo de garotas que tinha visto ao redor dela horas antes – todas alegres em suas roupas vermelhas, azuis, cor-de-rosa e brancas – e se perguntou por que Marilla sempre mantinha Anne vestida tão simples e sobriamente.

Logicamente, isso deveria estar certo; Marilla sabia mais do que ele, e, além disso, era ela quem estava criando Anne. Provavelmente, havia algum motivo sensato, porém incompreensível, para ela vestir a menina daquela forma. Contudo, apesar disso, ele achou que certamente não

haveria mal nenhum em deixar a criança ter uma roupa bonita, um vestido parecido com aqueles que Diana Barry usava. Tendo chegado a essa conclusão, Matthew decidiu que lhe daria um; e que esse ato, sem dúvida, não significaria, de modo algum, que estava se intrometendo na educação da criança. E, como faltavam apenas quinze dias para o Natal, um belo vestido novo seria um ótimo presente para Anne. Portanto, com um suspiro de satisfação, ele deixou o cachimbo de lado e foi se deitar, enquanto Marilla abria todas as portas e janelas para arejar a casa.

Na tarde seguinte, Matthew foi pessoalmente a Carmody comprar o vestido, determinado a fazer logo a pior parte de seu plano e acabar de uma vez com aquilo, pois estava consciente de que aquela seria uma tarefa bastante árdua. Havia coisas que Matthew podia comprar e deixar claro que era um bom negociante, mas ele sabia que, quando se tratava de comprar um vestido de menina, ele estaria à mercê dos vendedores.

Depois de pensar bastante, Matthew decidiu ir à loja de Samuel Lawson, em vez de ir à de William Blair. Geralmente, os irmãos Cuthbert sempre iam ao estabelecimento de William Blair; para eles, isso era quase uma questão de consciência, tão importante quanto a decisão de frequentar a igreja presbiteriana, ou de votar no Partido Conservador. Entretanto, eram as duas filhas de William Blair que frequentemente atendiam os clientes, e Matthew tinha pavor de ter de conversar com elas. Ele até era capaz de lidar com essas moças nas situações em que sabia exatamente o que queria comprar, e podia apontar para tal objeto; mas naquele caso, que requeria explicações e consultas, Matthew achou que deveria estar seguro de que encontraria um homem atrás do balcão. Portanto, iria à loja de Lawson, onde Samuel, ou seu filho, o atenderia.

Que pena! Matthew não sabia que, na recente expansão de seu comércio, Samuel havia contratado uma vendedora, que era sobrinha de sua esposa; era uma jovem realmente muito vistosa, com um topete inclinado e volumoso, grandes olhos castanhos e um sorriso bem largo e desconcertante. Estava vestida com extrema elegância e usava várias pulseiras, que brilhavam e tilintavam, chocando-se umas com as outras, a

cada movimento de suas mãos. Matthew ficou totalmente confuso ao encontrá-la ali, e o som proveniente daqueles braceletes arruinou imediata e totalmente sua autoconfiança.

– O que posso fazer para ajudá-lo hoje, senhor Cuthbert? – a senhorita Lucilla Harris perguntou, animada e gentil, colocando suavemente as duas mãos estendidas sobre o balcão.

– A senhorita tem... é... é... bem... ah, ancinhos para jardim? – Matthew gaguejou.

A senhorita Harris pareceu um tanto surpresa, como era de esperar, ao ouvir um homem pedindo uma ferramenta de jardim em meados de dezembro, quando tudo estava coberto de neve.

– Acho que restaram dois ou três – ela respondeu –, mas estão lá em cima, no depósito; vou verificar.

Durante a ausência da vendedora, Matthew se recompôs, para fazer outra tentativa. Ao retornar trazendo o ancinho, a senhorita Harris perguntou alegremente:

– Mais alguma coisa hoje, senhor Cuthbert?

Então, Matthew se encheu de coragem e disse:

– Bem... ah, já que a senhorita perguntou, eu gostaria também de... levar... quer dizer... ver... comprar... sementes de feno.

A senhorita Harris já tinha ouvido dizer que Matthew Cuthbert era esquisito; contudo, naquele momento, a moça concluiu que ele era inteiramente louco.

– Só vendemos sementes de feno na primavera – ela explicou calmamente. – Não temos nenhuma sequer no estoque nesse momento.

– Oh, claro... claro... é como a senhorita está dizendo – gaguejou o pobre Matthew, pegando o ancinho e se dirigindo para a porta; só ao pisar na soleira, se lembrou de que não tinha pago por ele e voltou tristemente para perto do balcão. E, enquanto a senhorita Harris contava o troco, ele reuniu todas as suas forças para realizar uma última e desesperada tentativa.

– Bem... ah... se não for muito trabalho... eu também... quer dizer... eu gostaria de... é... de um pouco de açúcar.

– Branco ou mascavo? – indagou pacientemente a senhorita Harris.

– Oh... bem... ah, mascavo – Matthew respondeu, com dificuldade.

– Tem um barril logo ali – disse a senhorita Harris, balançando as pulseiras ao apontar para o açúcar. – É o único tipo que temos.

– Eu vou... vou levar nove quilos – ele falou, com gotas de suor sobre a testa.

Matthew já estava a meio caminho de casa quando voltou a ser o mesmo homem de sempre. Aquela tinha sido uma experiência horrível, mas serviu de lição, pensou, por ter cometido a heresia de ir a uma loja estranha. Ao chegar a Green Gables, ele escondeu o ancinho no depósito de ferramentas, mas entregou o açúcar a Marilla.

– Açúcar mascavo?! – exclamou Marilla. – O que foi que te levou a comprar tudo isso? Você sabe que eu nunca uso esse açúcar, exceto no mingau do rapaz francês que contratamos, e no bolo de frutas. Jerry já foi embora e já tem muito tempo que fiz os bolos. Além disso, esse não é um açúcar bom... é grosso e escuro demais... Em geral, William Blair não vende um açúcar como este.

– Achei... achei que poderia ser útil em algum momento – disse Matthew, procurando se justificar.

Quando Matthew voltou a considerar o assunto, decidiu que precisava da ajuda de uma mulher para lidar com aquilo. Contudo, Marilla estava fora de questão. Ele tinha certeza de que ela jogaria água fria em seu projeto, de uma só vez. Portanto, restava apenas a senhora Lynde, pois Matthew não ousaria pedir conselhos a nenhuma outra mulher em Avonlea. Então, ele foi à casa da senhora Lynde, e a bondosa mulher imediatamente tirou o problema das mãos de seu atormentado vizinho.

– Escolher um vestido para você dar de presente a Anne? É claro que posso! Vou a Carmody amanhã mesmo fazer isso. Tem alguma coisa especial em mente? Não? Sendo assim, vou obedecer a meu próprio julgamento. Acho que a cor marrom vai combinar muito bem com a

menina. William Blair recebeu um tecido novo que é realmente bom e muito bonito. Talvez você queira também que eu faça o vestido, pois, se Marilla fizer, é bem provável que Anne acabe descobrindo tudo antes da hora, o que estragaria a surpresa, não é? Bem, posso fazer, não é incômodo nenhum; gosto de costurar. Vou usar o molde que tenho de minha sobrinha, Jenny Gillis, já que as duas parecem ter as mesmas medidas.

– Bem... ah, fico muito agradecido – Matthew afirmou. – E... e... não sei... mas eu gostaria... acho que, hoje em dia, as mangas estão diferentes do que costumavam ser. Se não for pedir demais, eu... eu gostaria que elas fossem feitas desse novo jeito.

– Está se referindo às mangas bufantes? Claro. Não precisa se preocupar mais nem um pouco com isso, Matthew. Vou fazer um vestido na última moda – a senhora Lynde garantiu.

E, depois que Matthew já tinha saído, ela acrescentou, falando para si mesma:

– Vai ser uma grande satisfação ver aquela pobre criança usar alguma coisa decente pelo menos uma vez. A maneira como Marilla veste aquela criança é absolutamente ridícula. Essa é a verdade. Eu já ansiei por dizer isso a ela claramente uma dúzia de vezes, mas segurei minha língua, porque sei que Marilla não quer conselhos e acha que sabe mais sobre a educação de crianças do que eu, apesar de ser uma velha solteirona. Porém, é sempre assim. Quem já criou filhos sabe que não existe no mundo um método fixo, invariável e rápido que sirva para toda e qualquer criança. Mas quem nunca teve de se preocupar com isso acha que é tudo tão simples e fácil como a Regra de Três; basta multiplicar e dividir, e pronto, você tem a solução do problema. Ora, pessoas não são como números, que obedecem às leis da aritmética; e é aí que Marilla Cuthbert se engana. Suponho que ela vista Anne daquela maneira para cultivar na menina um espírito de humildade; entretanto, o mais provável é que ela esteja cultivando inveja e descontentamento. Tenho certeza de que a criança percebe a diferença entre suas roupas e as das outras meninas. E

pensar que Matthew notou isso! Aquele homem está despertando, depois de dormir por mais de sessenta anos.

Durante os quinze dias que se seguiram, Marilla soube que Matthew tinha alguma coisa em mente, mas o que era ela não conseguiu adivinhar, e só soube na véspera do Natal, quando a senhora Lynde trouxe o vestido novo. No geral, Marilla se comportou bastante bem, embora seja muito provável que não tenha acreditado na explicação diplomática da senhora Lynde, segundo a qual ela mesma tinha confeccionado o vestido porque Matthew temia que Anne descobrisse tudo, caso Marilla o fizesse.

– Então é por isso que Matthew estava tão misterioso, e andava sorrindo para si mesmo nas duas últimas semanas, não é? – ela falou ligeiramente severa, mas tolerante. – Sabia que ele estava tramando algum disparate. Ora, preciso dizer que não acho que Anne precisa de mais roupas? Nesse outono, fiz para ela três vestidos bons, confortáveis e práticos. Mais do que isso é pura extravagância. Nessas mangas, há tecido suficiente para fazer uma blusa inteira; não duvido disso. Você vai apenas estimular a vaidade de Anne, Matthew, e sabe que ela já é vaidosa como um pavão. Bem, espero que finalmente ela fique satisfeita, pois sei que a criança vem desejando profundamente essas mangas bobas desde que elas entraram na moda, embora só tenha falado sobre isso uma vez. E elas estão cada vez maiores e mais ridículas; atualmente, parecem verdadeiros balões. Desse jeito, quem usar mangas bufantes no ano que vem vai ter de passar de lado pelas portas.

A manhã de Natal encontrou um mundo todo branco e lindo. O clima daquele mês de dezembro tinha sido muito ameno, e as pessoas esperavam ansiosamente por um Natal verde, mas a neve caiu suavemente durante toda a noite e em quantidade suficiente para transformar Avonlea. Anne espreitou da janela congelada de seu quarto com olhos encantados. Os abetos do Bosque Assombrado estavam maravilhosos; pareciam cobertos de plumas; as bétulas e as cerejeiras silvestres tinham um contorno perolado; os campos arados formavam faixas cobertas de neve, e havia um

aroma glorioso por toda parte. Anne desceu a escada correndo e cantando, até sua voz ecoar por cada canto de Green Gables.

– Feliz Natal, Marilla! Feliz Natal, Matthew! Não é um dia maravilhoso? Estou tão contente por ser um Natal branco! Qualquer outro tipo de Natal não parece verdadeiro, parece? Não gosto de Natais verdes; eles não são verdes de fato... são apenas desagradavelmente desbotados... cinzentos e marrons. O que leva as pessoas a dizer que eles são verdes? Oh!... Oh, Matthew!... Isso é para mim?!... Oh, Matthew!

Matthew tinha desfeito o embrulho discretamente e estava segurando o vestido suspenso no ar, após ter lançado um olhar desafiador para Marilla, que fingia estar muito concentrada na tarefa de encher a chaleira, mas, ao mesmo tempo, assistia à cena com o canto dos olhos e com um ar de grande interesse.

Anne pegou o vestido e ficou durante algum tempo apenas olhando para ele, em um silêncio de total reverência. Oh, como era lindo!... O tecido tinha um tom de marrom suave e era macio e brilhante como a seda; a saia tinha pregas e babados muito elegantes; a cintura era abotoada, na última moda; e havia um maravilhoso detalhe de renda transparente no colarinho. E as mangas?... Oh, essas eram o que o vestido tinha de mais esplêndido! Os punhos eram longos; vinham até o cotovelo e, acima deles, havia duas belas partes bufantes, separadas por fitas e laços de seda marrom.

– Isto é um presente de Natal para você, Anne – Matthew falou, timidamente. – Ora... ora, Anne, você não gostou? Bem... ah!

Os olhos de Anne haviam se enchido de lágrimas.

– Se não gostei?! Oh, Matthew! – Anne pôs o vestido sobre uma cadeira e juntou as palmas das mãos. – Matthew, ele é perfeitamente magnífico! Oh, nunca vou poder te agradecer suficientemente... Olhem para essas mangas!... Oh, isso parece ser o mais lindo de todos os sonhos...

– Muito bem! Agora, vamos tomar o café da manhã – Marilla interrompeu a conversa. – Tenho de dizer, Anne, que acho que você não precisava disso; porém, já que Matthew te deu o vestido, trate de cuidar

bem dele. A senhora Lynde deixou uma fita para você colocar no cabelo; é marrom, para combinar com o vestido. Venham, vamos nos sentar!

– Não sei se vou conseguir tomar o café da manhã – Anne falou, extasiada – O café da manhã parece uma coisa tão banal num momento tão emocionante como este! Prefiro mimar meus olhos com o vestido. Estou tão contente porque as mangas bufantes ainda estão na moda... Eu tinha certeza de que nunca superaria minha frustração se elas saíssem de moda antes que eu pudesse ter um vestido com elas. Nunca ficaria plenamente satisfeita; nunca! A senhora Lynde também foi adorável por me dar a fita. Sinto que tenho de ser realmente uma boa menina. É nessas horas que fico triste por não ser uma menina-modelo. Então, sempre decido que vou fazer tudo para me tornar uma no futuro. Porém, não sei por que, é muito difícil cumprir resoluções quando aparecem tentações irresistíveis. Mesmo assim, prometo que, depois disso que aconteceu hoje, vou fazer um esforço ainda maior.

Quando o “banal” café da manhã acabou, a alegre figura da menina Diana, vestida com sua capa vermelha, foi vista atravessando a ponte de troncos, agora completamente branca, e Anne correu para se encontrar com ela.

– Feliz Natal, Diana! Oh, que Natal maravilhoso! Tenho uma coisa esplêndida para te mostrar! Matthew me deu o vestido mais lindo de todos! E você precisa ver as mangas! Nunca imaginei nada mais bonito...

– Também tenho um presente pra você, Anne! – Diana falou, ofegante. – Pegue... é esta caixa. Tia Josephine nos mandou um pequeno baú com muitas e muitas coisas dentro, e esta é para você. Eu poderia ter trazido ontem à noite, mas, quando o baú chegou, já tinha escurecido, e eu não me sinto mais muito bem atravessando o Bosque Assombrado no escuro.

Anne abriu a caixa e espiou o que havia dentro. Primeiro, viu um cartão, onde estava escrito: “Para a menina Anne, com votos de um feliz Natal”; depois, ela se deparou com um delicado par de sapatilhas infantis, enfeitadas com miçangas, laços de cetim e fivelas brilhantes.

– Oh! – Anne exclamou. – Diana, isso é demais! Eu devo estar sonhando.

– Chamo isso de *providencial* – Diana falou. – Agora, você não vai mais precisar pegar emprestadas as sapatilhas de Ruby; e isso é uma bênção, porque elas são dois números maiores do que o seu, e seria terrível escutar uma fada arrastando os pés. Josie Pye ficaria encantada! Você sabia que Rob Wright foi para casa com Gertie Pye depois do ensaio na noite de anteontem? Já viu coisa semelhante?

Todos os estudantes de Avonlea estavam muito empolgados e agitados naquele dia, pois tinham de decorar o salão e fazer um último ensaio geral.

O show aconteceu no fim daquela tarde e foi um grande sucesso. O pequeno salão estava lotado de convidados. Todos os participantes se saíram excelentemente bem, mas Anne foi a estrela que mais se destacou; e nem mesmo a inveja, na forma de Josie Pye, atreveu-se a negar isso.

– Oh, não foi tudo maravilhoso? – Anne suspirou quando o espetáculo já tinha acabado e ela e Diana caminhavam para casa, sob um céu repleto de estrelas.

– Tudo correu muito bem – respondeu Diana, com seu senso prático. – Acho que arrecadamos um bom dinheiro. Imagine que o senhor Allan vai enviar um texto sobre nosso show para os jornais de Charlottetown.

– Oh, vamos realmente ver nossos nomes impressos? Sinto um arrepio só de pensar nisso. Sua apresentação sozinha foi perfeitamente elegante, Diana. Eu me senti mais orgulhosa até do que você quando todos pediram bis; e falei para mim mesma: “É minha querida amiga do peito que está sendo tão aplaudida”.

– Mas foram suas declamações que levaram a audiência à loucura, Anne. Aquela triste foi simplesmente esplêndida!

– Oh, eu estava tão nervosa, Diana... Quando o senhor Allan chamou meu nome, não sei explicar como consegui subir naquele palco. Senti que havia um milhão de pessoas olhando para mim, e através de mim, e, por um momento terrível, tive certeza de que não poderia recitar, de jeito nenhum. Então, pensei em minhas adoráveis mangas bufantes e isso me

deu coragem; eu sabia que tinha de fazer jus a elas, Diana. Assim, comecei a recitar, e pareceu que minha voz vinha de muito longe. Eu me senti como um papagaio. Ainda bem que ensaiei tanto aqueles textos lá em cima, no meu quarto, ou nunca teria sido capaz de declamar todos eles corretamente. Meus gemidos ficaram bons?

– Sim, certamente. Foram adoráveis! – Diana garantiu.

– Quando voltei para o meu assento, vi a velha senhora Sloane secando as lágrimas. Foi esplêndido pensar que eu havia tocado o coração de alguém. É tão romântico participar de um show, não é? Oh, foi realmente uma ocasião inesquecível.

– O diálogo dos meninos não foi bonito? – Diana falou. – Gilbert Blythe estava simplesmente esplêndido. Anne, acho, de verdade, que o modo como você trata Gil é terrivelmente cruel. Espere até eu te contar. Quando você desceu do palco, depois do diálogo das fadas, uma das rosas caiu de seu cabelo. Pois vi Gil pegar a flor e colocar no bolso. Foi o que aconteceu, e você é tão romântica que tenho certeza de que gostaria de saber disso.

– O que aquela pessoa faz não me interessa nem um pouco – Anne afirmou, com um ar de superioridade. – Simplesmente nunca desperdiço um pensamento sequer com ele, Diana.

Naquela noite, Marilla e Matthew, que haviam ido a um show pela primeira vez em vinte anos, ficaram por algum tempo sentados perto do fogo, na cozinha, depois que Anne já tinha subido para se deitar.

– Bem... ah, acho que nossa Anne se saiu tão bem quanto qualquer um dos outros alunos – Matthew falou orgulhosamente.

– Sim, é verdade – Marilla admitiu. – Ela é uma criança inteligente, Matthew. E estava muito bonita também. Fui, de certo modo, contra essa história de show, mas acho que, no final das contas, não há nada de mal nisso. De qualquer jeito, estou orgulhosa de Anne esta noite, embora eu não vá dizer isso a ela.

– Bem... ah, *eu* fiquei orgulhoso dela e lhe disse isso, sim, antes que ela subisse – Matthew falou. – Temos de começar a pensar sobre o que vamos

fazer com ela, Marilla; suponho que, logo, logo, Anne vá precisar de algo mais do que a escola de Avonlea.

– Temos tempo suficiente para pensar nisso – disse Marilla. – Ela vai completar só 13 anos em março. Entretanto, esta noite me assustei com o quanto ela está crescendo depressa. A senhora Lynde deixou o vestido um pouquinho comprido demais, e isso fez com que Anne parecesse tão alta! Ela aprende com facilidade, e, por isso, acho que o melhor que temos a fazer é mandá-la para a Queen's Academy, no devido tempo. Mas ainda não precisamos falar sobre isso por um ou dois anos.

– Bem... ah, não há mal nenhum em pensar nisso de vez em quando – disse Matthew. – Coisas desse tipo têm de ser muito bem pensadas.



Cs jovens de Avonlea acharam muito difícil se acostumar com uma existência monótona outra vez. Para Anne em particular, tudo parecia horivelmente desinteressante, banal e inútil, depois de todo o entusiasmo que ela tinha experimentado, durante semanas, por conta do show. Seria possível apreciar novamente os antigos prazeres tranquilos daqueles dias distantes, muito anteriores ao espetáculo? A princípio, ela disse a Diana que realmente não acreditava que seria capaz disso.

– Estou absolutamente certa, Diana, de que a vida nunca mais será como antigamente – Anne falou, pesarosa, como se estivesse se referindo a um período de pelo menos cinquenta anos atrás. – Pode ser que, depois de algum tempo, eu me acostume com isso, mas receio que shows estraguem o dia a dia da vida das pessoas. Acho que é por isso que Marilla não aprova esses acontecimentos. Marilla é uma mulher tão sensata! Deve ser muito melhor ser uma pessoa sensata, mas, ainda assim, acho que eu não gostaria de ser uma, porque elas são tão pouco românticas... A

senhora Lynde diz que não há nenhum perigo de algum dia eu me tornar uma, mas a gente nunca sabe, não é? Neste momento, sinto que posso ficar sensata, quando crescer. Mas talvez seja só porque estou cansada. Simplesmente não consegui dormir durante a noite passada; fiquei acordada, na cama, me lembrando do show. Esta é uma coisa esplêndida sobre esses acontecimentos: é adorável ficarmos pensando neles.

Mas, por fim, a escola de Avonlea voltou ao seu velho ritmo e readquiriu seus antigos interesses. De qualquer modo, o espetáculo deixou rastros. Ruby Gillis e Emma White, que haviam se desentendido por causa de suas posições no palco, não mais se sentaram juntas na escola, e uma promissora amizade de três anos foi rompida. Josie Pye e Julia Bell não se “falaram” por três meses, porque Josie Pye disse a Bessie Wright que a reverência de Julia Bell, quando ela se levantou para recitar, a fez pensar em uma galinha sacudindo a cabeça – e Bessie contou isso para Julia. As famílias Sloane e Bell se afastaram, porque estes últimos haviam dito que os primeiros tiveram uma participação muito maior que a deles no show, e, por sua vez, a família Sloane respondeu que os membros da família Bell não foram capazes nem de fazer bem o pouco que tinham sob sua responsabilidade. Finalmente, Charlie Sloane brigou com Moody Spurgeon MacPherson, porque Moody Spurgeon tinha falado que Anne Shirley tinha se vangloriado excessivamente de suas apresentações; então, Moody Spurgeon levou uma surra. Consequentemente, a irmã de Moody Spurgeon, Ella May, não dirigiu a palavra a Anne durante todo o resto do inverno. Com exceção desses conflitos insignificantes, o trabalho no pequeno reino de Miss Stacy seguiu com regularidade e suavidade.

As semanas foram passando. Era um inverno extraordinariamente ameno, com tão pouca neve que Anne e Diana podiam ir à escola quase todos os dias pela Trilha das Bétulas. No dia do aniversário de Anne, as duas estavam caminhando tranquilamente por ela, mantendo os olhos e os ouvidos sempre atentos, em meio a toda a tagarelice, pois a senhorita Stacy havia dito que logo todos deveriam escrever uma composição sobre

“Uma Caminhada no Bosque durante o Inverno”, e convinha, portanto, que elas fossem observadoras.

– Pense nisto, Diana: hoje estou fazendo 13 anos de idade – comentou Anne, admirada. – Mal posso acreditar que já sou uma adolescente. Quando acordei hoje de manhã, me pareceu que tudo deve ficar diferente a partir de agora. Como já completou 13 há um mês, suponho que não seja uma novidade tão grande para você quanto é para mim. Sinto que a vida parece muito mais interessante. Daqui a mais dois anos, já vou estar realmente crescida. É um grande conforto pensar que vou poder usar palavras complicadas sem ninguém rir de mim.

– Ruby Gillis falou que pretende ter um namorado assim que fizer 15 anos – Diana falou.

– Ruby Gillis só pensa em namorados – disse Anne, com desdém. – Finge que está muito brava, mas adora quando alguém escreve seu nome na parede, com um grande “Prestem atenção” acima. Mas acho que esse é um comentário maldoso. A senhora Lynde fala que nunca devemos fazer comentários maldosos, mas eles escapam com tanta frequência, antes que a gente possa pensar, não é? Eu simplesmente não consigo falar de Josie Pye sem fazer um comentário maldoso; por isso, nunca falo dela. Você já deve ter percebido isso. Estou tentando ficar tão parecida quanto possível com a senhora Allan, pois acho que ela é perfeita. O senhor Allan também pensa assim. A senhora Lynde disse que ele adora até o chão onde ela pisa, e que não é nada certo um pastor amar tanto um ser mortal. Mas acontece, Diana, que os pastores também são humanos e têm suas tendências para cometer pecados recorrentes, como todo mundo. Na tarde do domingo passado, tive uma conversa tão interessante com a senhora Allan sobre esses pecados habituais! Existem apenas algumas coisas sobre as quais é apropriado falar num domingo, e essa é uma delas. Meu pecado recorrente é imaginar demais e esquecer meus deveres. Estou lutando bravamente para superar isso e, agora que já tenho 13 anos completos, talvez eu consiga me sair melhor.

– Daqui a quatro anos, vamos poder prender o cabelo no alto da cabeça – Diana falou. – Alice Bell tem só 16 e já está usando penteados altos, mas eu acho ridículo. Vou esperar até fazer 17.

– Se tivesse o nariz torto de Alice Bell – Anne afirmou, decidida –, eu não... espere, não vou dizer isso, porque seria um comentário extremamente maldoso. Além do mais, eu ia comparar o nariz dela com o meu próprio, e isso é vaidade. Receio que penso demais no meu nariz, desde que ouvi aquele elogio a ele há algum tempo. É realmente um grande consolo para mim. Oh, Diana, veja! Um coelho, ali! Isso é alguma coisa para lembrarmos, quando formos escrever a composição sobre o bosque. Sinceramente, acho o bosque tão adorável no inverno quanto no verão. Ele fica tão branco e parado que é como se estivesse adormecido, tendo belos sonhos.

– Não vou me importar de escrever essa composição quando chegar a hora – Diana suspirou. – Eu consigo escrever sobre o bosque, mas o texto que temos de entregar na segunda-feira é terrível. Que ideia foi essa da senhorita Stacy, pedir para inventarmos e escrevermos uma história?!

– Ora, é tão fácil quanto piscar o olho – Anne respondeu.

– É fácil para você, que tem muita imaginação – Diana argumentou. – O que você faria se tivesse nascido sem nenhuma? Aposto que já escreveu sua história!

Anne fez um sinal afirmativo com a cabeça, esforçando-se para não parecer virtuosamente entusiasmada com seu trabalho, e fracassando totalmente.

– Escrevi na segunda-feira passada, à noite. O título é: “A Rival Ciumenta, ou Nem a Morte as Separa”. Li a história para Marilla, e ela falou que era uma bobagem sem sentido. Depois, li para o Matthew, e ele disse que estava boa. Esse é o tipo de crítica que eu gosto. É uma história doce e triste. Chorei feito uma criança enquanto escrevia. É sobre duas donzelas lindas chamadas Cordélia Montmorency e Geraldine Seymour, que moravam na mesma aldeia e eram devotamente ligadas uma à outra. Cordélia era uma moça morena majestosa, com uma cascata de cabelo

negro como a meia-noite e olhos brilhantes como as estrelas. Geraldine parecia uma rainha: tinha um cabelo dourado e olhos aveludados, de cor lilás.

– Nunca vi ninguém com olhos de cor lilás – Diana falou, incrédula.

– Nem eu. Apenas imaginei isso, pois queria alguma coisa fora do comum. Geraldine tinha, também, uma pele de alabastro. Descobri o que é uma pele de alabastro. Esta é uma das vantagens de ter 13 anos de idade: você sabe muito mais do que quando tinha só 12.

– Mas o que aconteceu com Cordélia e Geraldine? – perguntou Diana, que estava começando a se interessar realmente pelo destino das personagens de Anne.

– Elas cresceram, cada dia mais bonitas e sempre juntas, até completarem 16 anos, quando Bertram De Vere chegou à aldeia onde elas viviam e se apaixonou pela bela Geraldine. Tudo começou quando ele salvou a vida dela, pois o cavalo da moça tinha disparado com ela na charrete, o que a fez desmaiar nos braços de Bertram De Vere, que a carregou para casa por quase cinco quilômetros. Isso porque, como você pode imaginar, a charrete ficou totalmente destruída. Achei bastante difícil imaginar o pedido de casamento que ele fez, pois não tinha nenhuma experiência para me orientar. Perguntei a Ruby Gillis se ela sabia alguma coisa sobre como os homens fazem isso, pois achei que ela provavelmente seria uma autoridade no assunto, já que tem tantas irmãs casadas. Ruby me contou que estava escondida na despensa quando Malcolm Andrews pediu sua irmã Susan em casamento. Ela disse que Malcolm falou com Susan que o pai dele tinha passado a fazenda para o seu nome e, depois disso, perguntou: “Você quer, minha amada querida, casar comigo no próximo outono?”. Aí, Susan disse: “Sim... não... não sei... talvez”. E pronto, ficaram noivos – assim, com essa rapidez. Porém, não achei que esse tipo de pedido era muito romântico, e acabei tendo de imaginar tudo da melhor maneira que pude. Inventei um pedido bem poético e emocionante; nele, Bertram ficava de joelhos, apesar de Ruby ter me falado que hoje em dia não se usa isso mais. Então, num discurso que

ocupou uma página inteira, Geraldine aceitou se casar com ele. Diana, você não imagina o trabalho que isso me deu. Reescrevi o discurso cinco vezes, mas agora acho que ele é minha obra-prima! Bertram deu um anel de diamante e um colar de rubis para ela e lhe prometeu uma lua de mel na Europa, pois agora ele estava imensamente rico. Porém, que pena! Nuvens ameaçadoras começaram a pairar sobre eles, pois Cordélia estava secretamente apaixonada por Bertram, e quando Geraldine lhe contou sobre o noivado, ficou simplesmente furiosa. E a situação piorou ainda mais depois que ela viu o anel de diamante e o colar de rubis que a jovem tinha ganhado. Todo o seu amor pela amiga se transformou num ódio muito amargo, e ela jurou que a rival nunca se casaria com Bertram. Entretanto, Cordélia fingiu que continuava a adorar Geraldine como antes e, certo dia, quando as duas estavam numa ponte sobre águas turbulentas, Cordélia, achando que estavam sozinhas, empurrou Geraldine para dentro do rio e soltou uma risada macabra: “Rá rá rá!”. Acontece que Bertram viu tudo e pulou imediatamente na água, exclamando: “Eu a salvarei, minha inigualável Geraldine!”. Mas, pobre rapaz, ele tinha se esquecido de que não sabia nadar, e ambos morreram afogados, um nos braços do outro. Pouco tempo depois, seus corpos apareceram na margem do rio. Os dois foram enterrados na mesma sepultura, e o funeral foi o mais imponente possível, Diana. É tão mais romântico terminar uma história com um funeral do que com um casamento! Quanto a Cordélia, ela ficou louca de tanto remorso e foi internada num hospício. Achei que essa seria uma recompensa poética por seu crime.

– É perfeitamente adorável! – exclamou Diana, que fazia parte do mesmo grupo de críticos que Matthew. – Não sei como você consegue inventar coisas tão emocionantes, Anne. Como eu queria que minha imaginação fosse tão boa como a sua!

– Ela seria, se, pelo menos, você a cultivasse – disse Anne, animada. – Acabei de pensar num plano, Diana! Vamos criar um clube de histórias só nosso – meu e seu – para treinarmos. Vou te ajudar a escrever, até você poder inventar, sozinha, suas próprias histórias. É preciso treinar a

imaginação. A senhorita Stacy fala isso. Porém, temos de tomar o caminho certo. Contei a ela sobre o Bosque Assombrado, e ela me disse que, nesse caso, seguimos o caminho errado.

Foi assim que surgiu o clube de histórias. No início, ele era limitado a Diana e Anne, mas logo passou a incluir também Jane Andrews, Ruby Gillis e mais uma ou duas meninas que achavam que precisavam cultivar sua imaginação. Nenhum menino podia ser admitido no clube – embora Ruby Gillis achasse que a participação deles poderia tornar tudo mais emocionante –, e cada membro tinha que produzir uma história por semana.

– É extremamente interessante – Anne falou com Marilla. – Cada menina tem de ler sua história em voz alta, e depois conversamos sobre ela. Vamos guardar todas elas cuidadosamente, para, no futuro, lermos para nossos descendentes. Cada uma de nós escreve com um pseudônimo. O meu é Rosamond Montmorency. Todas as meninas estão se saindo muito bem. Ruby Gillis é bastante sentimental. Ela sempre põe romance demais nas suas histórias, e a senhora sabe bem que *demais* é pior do que *de menos*, não é? Por outro lado, Jane não coloca nenhum, porque acha que isso faz com que ela se sinta tola quando tem de ler em voz alta. As histórias de Jane são extremamente racionais. Já Diana põe assassinatos demais. Ela explicou que, na maioria das vezes, não sabe o que fazer com os personagens e, então, ela os mata, para se livrar deles. Quase sempre, eu tenho de sugerir a elas sobre o que escrever, mas isso não é difícil, pois tenho milhões de ideias.

– Acho uma grande bobagem esse negócio de escrever histórias – Marilla falou, com desdém. – Vocês vão encher a cabeça de coisas absurdas e desperdiçar um tempo que deveria ser gasto com suas lições. Ler histórias já é bastante ruim, mas escrevê-las é ainda pior.

– Mas, Marilla, somos muito cuidadosas, sempre colocamos uma moral em todas as histórias – Anne argumentou. – Eu insisto nisso. As pessoas boas são sempre recompensadas, e as más são devidamente castigadas. Tenho certeza de que isso deve ter um efeito educativo. A moral é o que há

de melhor. O senhor Allan diz isso. Li uma de minhas histórias para ele e para a senhora Allan, e ambos concordaram que a moral era excelente. Só que eles riram nos momentos errados. Prefiro quando as pessoas choram. Jane e Ruby quase choram quando leio as partes comoventes. Diana escreveu para sua tia Josephine sobre nosso clube e a senhorita Josephine escreveu de volta pedindo que lhe enviássemos algumas de nossas histórias. Então, copiei quatro, entre as melhores, e mandei para ela. A tia de Diana me respondeu, dizendo que nunca tinha lido nada tão divertido em sua vida. De certa forma, isso nos deixou confusas, pois as histórias eram todas muito tristes, e quase todo mundo morria no final. Porém, estou contente porque a senhorita Barry gostou delas. Isso mostra que nosso clube está fazendo algum bem para a humanidade. A senhora Allan falou que esse deve ser nosso objetivo em tudo o que fizermos. Estou realmente tentando cumprir sempre esse objetivo, mas frequentemente me esqueço dele quando estou me divertindo. Espero que, quando eu crescer, eu fique um pouco parecida com a senhora Allan. A senhora acha que existe alguma possibilidade disso acontecer, Marilla?

– Não devo dizer que existem muitas, Anne – foi a resposta encorajadora de Marilla. – Tenho certeza de que a senhora Allan nunca foi uma menina tão boba e distraída como você.

– Certamente que não. Mas também não foi sempre tão boa como é agora – Anne respondeu, muito séria. – Ela própria me disse isso... quer dizer, ela me falou que fazia travessuras terríveis quando era criança, e que estava constantemente se metendo em encrencas. Fiquei tão animada quando ouvi isso! É muita maldade de minha parte, Marilla, me sentir encorajada ao ouvir que outras pessoas foram ruins e travessas? A senhora Lynde falou que é. Ela disse que sempre se sente chocada quando fica sabendo que alguém se comportou mal, não importa a idade da pessoa. A senhora Lynde me contou que uma vez ouviu um pastor dizer que, quando era criança, tinha roubado uma tortinha de morango da despensa de sua tia: pois ela nunca mais teve o mesmo respeito por esse pastor. Ora, eu não teria me sentido dessa maneira. Eu teria achado muito nobre da parte dele

confessar, e seria encorajador, para os meninos de hoje que fazem coisas erradas e depois se arrependem, saber que talvez um dia eles possam chegar a ser pastores, apesar disso. É assim que eu me sentiria, Marilla.

– O que *eu* sinto neste momento, Anne – Marilla falou –, é que passou da hora de você ter acabado de lavar esses pratos. Com toda essa tagarelice, você já demorou meia hora a mais do que deveria. Aprenda a trabalhar primeiro e falar depois.



*A*o voltar para casa, após uma reunião da Sociedade de Ajuda e durante o entardecer de um dia do fim de abril, Marilla se deu conta de que o inverno tinha acabado e sentiu aquele arrepio de encantamento que a primavera nunca deixa de trazer para os mais velhos e tristes, assim como para os mais jovens e alegres. Marilla não costumava fazer análises subjetivas de seus pensamentos e sentimentos. Ela provavelmente imaginou que estava pensando na Sociedade de Ajuda, nas Missões Estrangeiras ou no carpete novo para a sacristia, mas, por trás dessas reflexões, havia uma consciência harmoniosa dos campos vermelhos cobertos de uma neblina arroxeadada pelo pôr do sol; das sombras compridas e pontiagudas dos abetos sobre o prado além do riacho; dos bordos imóveis e repletos de flores vermelhas, ao redor de um lago que parecia um espelho; de um despertar do mundo e uma mistura de vibrações ocultas debaixo da relva cinzenta. A primavera reinava em todos os lugares, e os passos da sóbria Marilla, uma mulher de meia-idade,

estavam mais leves e mais rápidos, por causa de seu contentamento instintivo profundo.

Seu olhar se demorou afetuosamente sobre Green Gables, espreitando a casa por entre as muitas árvores e o reflexo da luz do sol em suas janelas, formando verdadeiros raios de glória. Enquanto caminhava pela alameda ainda úmida, Marilla pensou que era uma verdadeira satisfação saber que, ao entrar em casa, encontraria o fogo crepitando na lareira e a mesa lindamente arrumada para o chá, em vez da cozinha fria e da mesa por preparar com que ela costumava se deparar, ao voltar das reuniões da Sociedade, antes de Anne morar em Green Gables.

Consequentemente, quando Marilla entrou na cozinha e encontrou o fogo apagado, e nenhum sinal de Anne em lugar algum, ela se sentiu, como era de esperar, desapontada e furiosa. Havia recomendado a Anne que não se esquecesse de deixar o chá pronto às 17 horas, mas, agora, teria de se apressar em tirar seu segundo melhor vestido e preparar a refeição antes que Matthew chegasse da lavoura.

– A senhorita Anne vai ter sua lição quando voltar para casa – Marilla resmungou, zangada, enquanto preparava (com a faca de carne e utilizando muito mais força do que era necessário) gravetos para acender o fogo.

Matthew já tinha chegado e esperava pacientemente pelo chá, em seu canto.

– Está por aí, em algum lugar, com Diana, escrevendo histórias ou ensaiando diálogos, fazendo alguma bobagem, sem sequer pensar em horários ou em suas obrigações. Ela vai ter de parar de fazer essas coisas imediatamente – Marilla continuava a rosar, mal-humorada. – Não me interessa se a senhora Allan diz que Anne é a criança mais doce e brilhante que ela já conheceu. Pode até ser uma criança doce e brilhante, mas sua cabeça está cheia de coisas absurdas, e nunca se sabe qual será sua próxima travessura. Mal acaba de sair de uma encrenca, já se envolve em outra. Meu Deus! Aqui estou eu a falar exatamente a mesma coisa que me deixou tão irritada com Rachel Lynde, por ela ter dito na reunião hoje. Felizmente, a senhora Allan defendeu e elogiou Anne, senão, com certeza,

Rachel teria ouvido poucas e boas diante de todos. A menina tem muitos defeitos, todos nós sabemos, e estou longe de negar isso. Porém, sou eu que estou criando Anne, e não Rachel Lynde, que apontaria defeitos até no anjo Gabriel, se ele morasse em Avonlea. Mas essa menina não deveria ter saído, pois falei para ela ficar em casa hoje à tarde e cuidar de tudo. Devo dizer que isso é estranho; afinal, mesmo com todos os seus defeitos, ela nunca foi desobediente ou não confiável antes. Estou realmente triste por Anne ter feito isso hoje.

– Bem... ah, não sei... – disse Matthew, que, sendo sábio e paciente e, acima de tudo, estando com fome, tinha considerado que o melhor a fazer era deixar Marilla desabafar sua indignação à vontade: havia aprendido, por experiência própria, que ela terminava bem mais rapidamente qualquer trabalho que estivesse fazendo se não fosse interrompida por argumentos inoportunos. – Talvez você esteja julgando a menina precipitadamente, Marilla. Não diga que ela não é confiável antes de ter certeza de que ela desobedeceu. Talvez tudo possa ser explicado... Anne é muito habilidosa para dar explicações.

– O fato é que ela não está aqui, quando eu falei para estar – Marilla retrucou. – Garanto que ela vai ter dificuldade em explicar *isso* de modo que eu me dê por satisfeita. E é claro que eu já imaginava que você tomaria o partido dela, Matthew. Mas sou eu que estou criando a menina, e não você.

Estava escuro quando o jantar ficou pronto, mas, até então, não havia nenhum sinal de Anne: ela não atravessou correndo a ponte de troncos – nem a Vereda dos Apaixonados –, ofegante e arrependida de não ter cumprido seus deveres. Bastante zangada, Marilla lavou e guardou a louça. Em seguida, precisando de uma vela para ir ao porão, subiu ao sótão do leste para buscar uma que geralmente ficava sobre a mesa de Anne. Ao acendê-la, se virou e deparou com a menina deitada de bruços na cama, com o rosto escondido debaixo dos travesseiros.

– Misericórdia! – exclamou, perplexa. – Estava dormindo o tempo todo, Anne?

– Não – foi a resposta abafada que Marilla obteve.

– Está doente, então? – ela perguntou ansiosamente, enquanto se aproximava da cama.

Anne afundou a cabeça ainda mais entre os travesseiros, como se desejasse se esconder para sempre de todos os olhos mortais.

– Não. Mas, por favor, Marilla, vá embora e não olhe para mim. Estou no mais profundo desespero e não me importa mais quem fica em primeiro lugar na classe, quem escreve a melhor composição ou quem canta no coro da escola dominical. Coisas pequenas como essas não têm nenhuma importância agora, porque suponho que nunca mais vou poder ir a lugar nenhum. Minha carreira está acabada. Por favor, Marilla, vá embora e não olhe para mim.

– Alguém nesse mundo já escutou coisa parecida? – a estarrecida Marilla quis saber. – Anne Shirley, o que está acontecendo com você? O que foi que você aprontou dessa vez? Levante-se neste minuto e me conte. *Neste minuto*, eu disse. Vamos, qual é o problema?

Anne escorregou para fora da cama, em um ato desesperado de obediência.

– Veja meu cabelo, Marilla – a menina sussurrou.

Ao ouvir isso, Marilla suspendeu a vela e olhou atentamente para o cabelo de Anne, que estava solto e caía pesadamente sobre suas costas. Sem dúvida nenhuma, ele tinha uma aparência muito estranha.

– Anne Shirley, o que você fez com seu cabelo? Ora, ele está *verde*?!

O cabelo até poderia ser chamado de verde, se existisse na face da Terra alguma cor parecida com aquela. Era um tom esquisito, opaco, lembrando o bronze, e, para piorar o efeito pavoroso, aqui e ali havia faixas do ruivo original. Nunca, em toda a sua vida, Marilla tinha visto nada tão grotesco como o cabelo de Anne naquele momento.

– Sim, está verde – Anne murmurou. – Pensei que nada poderia ser tão ruim quanto ter cabelo vermelho. Mas agora sei que ter cabelo verde é dez vezes pior. Oh, Marilla, a senhora nem pode imaginar como estou totalmente arrasada.

– O que eu não posso imaginar é como você se meteu nessa enrascada, mas vou ficar sabendo logo, logo – Marilla afirmou. – Vamos descer para a cozinha... está muito quente aqui em cima... e você vai me dizer exatamente o que andou fazendo. Eu já estava esperando alguma extravagância sua há algum tempo. Não se envolveu em nenhuma encrenca por mais de dois meses... Eu sabia que havia alguma a caminho. Bem, agora me conte: o que fez com seu cabelo?

– Tingi.

– Tingiu?! Você tingiu seu cabelo?! Anne Shirley, não sabia que isso é errado?

– Sim, eu sabia que era um pouco errado – Anne admitiu –, mas pensei que valia a pena ser um pouco errada para me livrar de um cabelo ruivo. Considerei o quanto isso me custaria, Marilla. Além disso, eu tinha a intenção de ser excelente de outras maneiras, para compensar isso.

– Pois bem – Marilla falou sarcasticamente –, se eu decidisse que valia a pena tingir meu cabelo, pelo menos eu escolheria uma cor mais decente. Não tingiria meu cabelo de verde.

– Mas eu não queria que ele ficasse verde, Marilla – Anne protestou, desanimada. – Se fiz uma coisa errada, fiz isso com um bom propósito. Ele disse que meu cabelo ia ficar com uma cor linda... ia ficar negro como as asas de um corvo; me afirmou isso. Como eu poderia duvidar da palavra dele, Marilla? Sei bem como é doloroso quando duvidam de sua palavra. E a senhora Allan diz que nunca devemos suspeitar que qualquer pessoa esteja mentindo, a não ser que tenhamos provas de que essa pessoa não está mesmo dizendo a verdade. Agora, eu tenho uma prova... Um cabelo verde é prova suficiente para qualquer pessoa. Naquela hora, eu ainda não tinha nenhuma prova e, por isso, acreditei *piamente* em cada palavra que ele disse.

– Quem disse? Quem é ele? Sobre quem você está falando?

– O vendedor ambulante que esteve aqui durante a tarde. Comprei dele a tinta.

– Anne Shirley, quantas vezes eu já te falei para não receber esses italianos em casa? Acho que nem deveriam, de modo algum, ser encorajados a perambular por Avonlea.

– Oh, não recebi o mascate dentro de casa. Me lembrei do que a senhora me disse e saí; fechei a porta cuidadosamente e vi as mercadorias dele na escada. Além do mais, ele não era italiano; era um judeu alemão. Tinha uma caixa grande cheia de coisas muito interessantes, e me disse que estava trabalhando duro para trazer a esposa e os filhos da Alemanha. Falou deles com tanto amor que tocou meu coração. Então, eu quis comprar alguma coisa, para ajudá-lo em um objetivo tão digno. Foi quando vi, de repente, a garrafa de tinta para cabelo. O mascate me garantiu que ela deixava qualquer cabelo negro como as asas de um corvo, e que era um efeito permanente; não sairia, por mais que eu lavasse. No mesmo instante, me vi com um belo cabelo maravilhosamente preto, e a tentação foi irresistível. Porém, o preço da garrafa era maior do que minhas economias, mas acho que o vendedor tinha um coração muito bom, porque ele disse que me venderia a tinta pelo dinheiro que eu possuía, e que isso era como se estivesse me dando a garrafa de presente. Aí, eu fiquei com ela e, assim que ele foi embora, apliquei a tinta no cabelo com uma escova velha, como mandavam as instruções. Usei a garrafa inteira e, oh, Marilla, quando vi a cor horrorosa que ela deixou no meu cabelo, me arrependi de ter feito uma coisa errada; sinceramente, desde aquele momento, estou profundamente arrependida.

– Bem, espero que seu arrependimento lhe sirva de lição – Marilla falou severamente –, e que você tenha enxergado claramente aonde sua vaidade pode te levar, Anne. Só Deus sabe o que deve ser feito agora. Suponho que a primeira providência é lavar muito bem esse cabelo e ver se isso vai dar algum bom resultado.

Sendo assim, Anne lavou seu cabelo, esfregando-o vigorosamente com água e sabão, mas a pequena diferença que isso causou só serviu para que ela quisesse ainda mais seu tom de ruivo original. Certamente, o vendedor havia dito a verdade quando falou que a tinta não sairia, por mais que o

cabelo fosse lavado, embora isso não possa ser afirmado em relação a outras coisas que ele disse.

– Oh, Marilla, o que devo fazer? – Anne perguntou, aos prantos. Nunca mais vou me livrar disso. As pessoas praticamente esqueceram meus outros erros... o bolo de óleo de rícino que fiz, o fato de ter embriagado Diana, o dia em que perdi a cabeça com a senhora Lynde... Mas isso elas nunca vão esquecer. Vão pensar que não sou respeitável. Oh, Marilla, “que teia emaranhada tecemos, quando coisas erradas fazemos”.***** Isso é poesia, mas é também a mais pura verdade. Oh, como Josie Pye vai rir de mim! Marilla, *não* posso enfrentar Josie Pye. Sou a menina mais infeliz de Prince Edward Island!

A infelicidade de Anne continuou por uma semana. Durante esse tempo, ela não foi a lugar nenhum e lavou o cabelo todos os dias. Com exceção de Matthew e Marilla, só Diana soube do humilhante segredo, mas prometeu solenemente nunca contar, e deve ser dito, aqui e agora, que manteve sua palavra. No final da semana, Marilla falou, decidida:

– Não adianta, Anne. Essa deve ser a tinta mais permanente que já existiu. Seu cabelo vai ter de ser cortado; não tem outro jeito. Você não pode sair de casa com essa aparência.

Os lábios da menina tremeram, mas ela entendeu a amarga verdade que havia nas palavras de Marilla e, com um suspiro desolado, foi buscar a tesoura.

– Por favor, corte imediatamente, Marilla, e acabe logo com isso. Oh, sinto que meu coração está partido. E esta é uma dor nem um pouco romântica. As meninas dos livros perdem o cabelo por alguma doença, ou o cortam e vendem para conseguir dinheiro para uma boa causa. Tenho certeza de que, se fosse por um desses motivos, eu sofreria muito menos. Mas não há nada que sirva de consolo quando se tem de cortar o cabelo porque você mesma o tingiu de uma cor horrorosa, não é, Marilla? Vou chorar o tempo todo, enquanto você corta meu cabelo, se isso não interferir no seu trabalho. Parece uma coisa tão trágica!

Anne realmente chorou, mas, mais tarde, quando subiu para seu quarto e se olhou no espelho, estava mais calma. Marilla havia feito seu trabalho cuidadosamente, e tinha sido necessário deixar o cabelo tão curto quanto possível. O resultado não ficou muito bonito, para dizer de um modo mais suave. Anne prontamente virou o espelho para a parede.

– Nunca, nunca vou me olhar no espelho de novo, até meu cabelo crescer.

Em seguida, e subitamente, ela desvirou o espelho.

– Sim, vou olhar sim. Vou fazer penitência por ter errado daquela forma. Vou me olhar sempre que vier ao meu quarto; vou ver como estou feia e nem vou tentar imaginar que tenho outra aparência. Nunca pensei que eu fosse vaidosa em relação a meu cabelo, mas agora sei que era, pois embora ele fosse vermelho, era comprido, forte e anelado. Acho que logo vai acontecer alguma coisa terrível com meu nariz.

O cabelo curto de Anne causou sensação na escola na segunda-feira seguinte, mas, para seu alívio, ninguém descobriu a verdadeira causa daquilo, nem mesmo Josie Pye, que, entretanto, não deixou de informar a Anne que ela estava parecendo um perfeito espantalho.

– Não falei nada quando Josie me disse isso – Anne confidenciou naquela noite a Marilla, que estava deitada no sofá, depois de ter sofrido uma de suas dores de cabeça –, porque achei que era parte de meu castigo e que eu deveria suportar tudo pacientemente. É difícil escutar alguém dizer que você está parecida com um espantalho, e tive vontade de responder à altura. Mas não fiz isso. Apenas lhe lancei um olhar de desprezo e depois a perdoei. Perdoar alguém nos faz sentir muito virtuosos, não faz, Marilla? Depois do que aconteceu, quero dedicar todas as minhas energias a ser uma boa menina e nunca mais vou tentar ficar bonita. É claro que é melhor ser bondosa. Sei disso, mas, às vezes, é tão difícil acreditar numa coisa, mesmo sabendo que ela é verdade... Eu realmente quero ser boa, Marilla, como a senhora, a senhora Allan e a senhorita Stacy, e crescer para ser um motivo de orgulho para a senhora e Matthew. Diana falou que, quando meu cabelo começar a crescer, eu devo

prender uma fita de veludo vermelho na cabeça, com um laço de lado. Ela acha que vai ficar muito bonito. Vou chamar de “tiara”; sei que não é bem isso, mas é uma palavra tão romântica... Estou falando demais, Marilla? Isso faz sua cabeça doer?

– Minha cabeça está melhor agora, mas doeu terrivelmente durante a tarde. Essas minhas dores de cabeça estão ficando cada vez piores. Preciso ir ao médico para ver isso. Quanto a sua tagarelice, acho que não me incomoda mais... já me acostumei com ela.

Era a maneira que Marilla encontrou para dizer que gostou do que ouviu.



CAPÍTULO XXVIII

*Uma infeliz
Donzela dos Sírios*

– *A*nne, é claro que você tem de ser a Elaine – Diana falou. – Eu nunca teria coragem de flutuar lá embaixo – acrescentou.

– Nem eu – disse Ruby Gillis, com um arrepio. – Até não me importaria de flutuar lá, se fosse com mais duas ou três de vocês e, mesmo assim, todas sentadas dentro do barco. Aí, seria divertido. Mas deitada e fingindo que está morta?! Não, eu não conseguiria. Eu morreria de verdade... morreria de medo.

– É claro que seria romântico – Jane Andrews reconheceu –, mas eu não conseguiria ficar imóvel. Iria me levantar a cada minuto, ou coisa parecida, para ver onde eu estava e se eu não estava me afastando muito da margem. E você sabe, Anne, isso estragaria o efeito da cena.

– Mas é tão ridículo ter uma Elaine ruiva... – Anne lamentou. – Não tenho medo de flutuar sozinha no barco e *adoraria* ser Elaine. Porém, apesar disso, seria ridículo. Ruby deveria ser Elaine, porque ela é bonita e tem um cabelo louro e longo tão adorável! Elaine tinha “todo o seu cabelo

brilhante flutuando”; ora, vocês sabem... Além disso, Elaine era a Donzela dos Lírios; uma pessoa ruiva não pode ser uma Donzela dos Lírios.

– Você é tão bonita quanto a Ruby – Diana afirmou, séria – e seu cabelo agora é muito mais escuro do que antes de ser cortado.

– Oh, você acha mesmo?! – Anne exclamou, visivelmente ruborizada pelo contentamento. – Cheguei algumas vezes a pensar que era só minha imaginação... mas eu nunca ousaria perguntar a alguém, por medo de ouvir que ele não está mais escuro do que antes. Diana, você acha que agora podemos dizer que ele é castanho-avermelhado?

– Sim, e acho também que ele está muito bonito – disse Diana, olhando com admiração para os cachos curtos e sedosos que se aglomeravam sobre a cabeça de Anne, mantidos no lugar por uma elegante fita preta de veludo, com um delicado laço.

As meninas estavam em uma parte elevada da margem do lago, abaixo de Orchard Slope; a partir daquele ponto, se estendia uma pequena faixa de terra cercada por bétulas e em cuja extremidade tinha sido construída, para beneficiar pescadores e caçadores de patos, uma plataforma que avançava sobre o lago. Ruby e Jane estavam passando a tarde de verão com Diana, e Anne tinha vindo brincar com elas.

Naquele verão, Anne e Diana haviam permanecido perto do lago durante a maior parte de seu tempo livre. O Retiro Silvestre já era coisa do passado desde a última primavera, quando o senhor Bell cortou cruelmente o círculo de árvores que mantinha em seu pasto. Anne havia sentado entre os tocos e chorado, não sem valorizar o lado romântico da situação, claro. Contudo, ficou logo consolada, pois, afinal de contas – como ela e Diana tinham concluído –, mocinhas de 13, quase 14 anos estavam muito velhas para passatempos tão infantis como brincar de casinha; e havia diversões mais fascinantes ao redor do lago. Era esplêndido pescar trutas sobre a ponte, e, além disso, as duas tinham aprendido a remar no pequeno bote de fundo chato que o senhor Barry usava para caçar patos.

A ideia de dramatizar *Lancelot e Elaine*, do poeta inglês Alfred Tennyson, tinha sido de Anne. As meninas haviam estudado esse poema na

escola, no inverno anterior, por determinação do superintendente de Educação, válida para a disciplina de língua inglesa em todas as escolas de Prince Edward Island. Elas tinham analisado palavra por palavra, dividido os versos em partes gramaticais e identificado a relação entre essas partes, de modo que era de estranhar que ainda restasse algum significado no poema para elas. Entretanto, pelo menos a encantadora Donzela dos Lírios, Lancelot, Guinevere e o Rei Arthur haviam se tornado pessoas tão reais que Anne tinha sido atormentada por um pesar secreto de não ter nascido na cidade medieval de Camelot. Para ela, aquela época tinha sido muito mais romântica do que o presente.

A sugestão de Anne foi recebida com entusiasmo. As meninas tinham descoberto que, se o bote fosse empurrado do cais, ele seguiria com a corrente, passaria debaixo da ponte, e finalmente encalharia em uma outra faixa de terra mais adiante, que formava uma curva na margem do lago. Já tinham feito esse percurso várias vezes, e nenhum outro poderia ser mais conveniente para a dramatização de *Elaine*.

– Está bem, serei Elaine – disse Anne, ainda relutante, pois, embora sabendo que ficaria muito satisfeita por representar a personagem principal, seu senso artístico exigia uma adequação para o papel que ela sentia que, por causa de suas limitações, não possuía. – Ruby, você tem de ser o Rei Arthur; Jane vai ser Guinevere, e Diana deve ser Lancelot. Porém, antes, vocês têm de ser os irmãos e o pai. Não vai ser possível termos o velho e mudo criado, porque não há espaço para duas pessoas no bote quando uma delas está deitada. É preciso forrar todo o chão do barco com seda negra; acho que aquele velho xale preto de sua mãe seria simplesmente perfeito, Diana.

Depois que o xale foi buscado, Anne o estendeu sobre o fundo do barco e se deitou em cima dele, com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito.

– Oh, ela realmente parece morta – sussurrou Ruby Gillis nervosamente, observando o pequeno rosto branco e imóvel sob as sombras oscilantes das bétulas. – Isso me deixa com medo, meninas.

Vocês acham que é realmente certo agir assim? A senhora Lynde diz que toda representação é abominavelmente má.

– Ruby, você não deve falar sobre a senhora Lynde agora – Anne censurou severamente a amiga. – Isso estraga o efeito, porque o drama acontece centenas de anos antes de ela ter nascido. Jane, cuide de tudo. É uma tolice Elaine ficar falando, quando ela deveria estar morta.

Jane agiu melhor do que era esperado. Não havia nenhuma mortalha com fios de ouro, mas uma velha cobertura de piano, de crepe japonês amarelo, foi um excelente substituto. Também não foi possível conseguir um lírio branco naquele exato momento, mas o efeito de uma bela íris azul colocada em uma das mãos juntas de Anne foi tudo o que poderia ser desejado.

– Agora ela está pronta – Jane falou. – Chegou a hora de beijarmos sua testa tranquila. Diana, você diz: “Irmã, adeus para sempre!”. Ruby, sua fala é: “Adeus, minha doce irmã!”. Vocês duas devem se despedir dela da maneira mais dolorosa que puderem. Anne, pelo amor de Deus, abra um pequeno sorriso. Você sabe que Elaine “jazia como se estivesse sorrindo”. Ah, assim está melhor. Agora, empurrem o bote!

O barco foi devidamente empurrado e, logo depois, raspou em uma estaca velha de amarrar barcos, que estava submersa. Diana, Jane e Ruby esperaram apenas o tempo suficiente para ele entrar na correnteza e se dirigiram para a ponte, antes de correrem pelo bosque, atravessarem a estrada e descerem até o local onde, tal como Lancelot, Guinevere e o Rei, deveriam estar prontas para receber a Donzela dos Lírios.

Por alguns minutos, Anne deslizou lentamente pela água, aproveitando ao máximo o romantismo da situação. Em seguida, aconteceu algo que não teve absolutamente nada de romântico. O bote começou a se encher de água e, em seguida, Elaine teve de ficar de pé, pegar sua “mortalha com fios de ouro”, levantar o forro de “seda negra” e ver, perplexa, um rombo no fundo do barco, por onde a água entrava em grande quantidade. Aquela estaca pontiaguda perto da margem tinha feito o buraco, e Anne não demorou a perceber que estava correndo perigo. Com a quantidade de água

que entrava rapidamente no barco, ele se encheria e afundaria muito antes que pudesse chegar a seu destino. Onde estavam os remos? Oh, foram deixados para trás, na beira do lago!

Anne deu um pequeno grito abafado que ninguém nunca ouviu; estava pálida de medo, mas não perdeu seu autocontrole. Havia uma chance... apenas uma.

– Eu estava terrivelmente assustada – ela contou à senhora Allan no dia seguinte. – Pareceu que se passaram anos enquanto eu ia descendo rumo à ponte, e o nível da água dentro do barco subia a cada momento. Eu orei, senhora Allan, da maneira mais intensa e sincera, mas não fechei os olhos enquanto fazia isso, porque sabia que o único jeito de Deus me salvar era deixando o bote passar bem perto de um dos pilares da ponte, para eu poder me agarrar a ele. Como a senhora sabe, aqueles pilares são antigos troncos de árvores, cheios de nós e tocos de galhos arrancados. Era apropriado orar naquela circunstância, mas eu tinha de fazer a minha parte, que era observar atentamente, e eu sabia disso. Eu disse apenas: “Querido Deus, por favor, leve o barco para perto de um pilar e eu farei o resto”. Repeti isso várias vezes. Afinal, numa situação como aquela, a gente não pensa muito em fazer uma prece floreada. Mas a minha foi atendida, pois, no minuto seguinte, o barco bateu exatamente num dos pilares. Então, pus o xale e o crepe japonês sobre os ombros e me agarrei imediatamente a um grande e providencial toco de galho. E lá fiquei, senhora Allan, me segurando naquele tronco velho e escorregadio, sem poder subir nem descer. Era uma situação nada romântica, mas, na hora, não pensei nisso. A gente não pensa muito em romantismo, quando acaba de escapar de um tumulto aquático. Fiz uma oração de agradecimento e concentrei toda a minha atenção em me segurar firmemente ali, porque sabia que provavelmente ia ter de depender de ajuda humana para voltar para a margem do lago.

O bote passou debaixo da ponte e, segundos depois, afundou. Ruby, Jane e Diana, que já estavam esperando na margem mais abaixo, viram o barco desaparecer diante delas e não tiveram a menor dúvida de que Anne tinha

afundado junto com ele. Por um momento, as meninas ficaram imóveis, pálidas e congeladas pelo horror perante a tragédia; em seguida, gritando com todas as suas forças, atravessaram o bosque correndo freneticamente, e cruzaram a estrada principal sem sequer olhar na direção da ponte. Anne, desesperada e precariamente agarrada ao tronco, viu os vultos das amigas passarem velozmente e ouviu seus gritos aterrorizados. O socorro chegaria logo, mas, enquanto isso, sua posição era extremamente desconfortável.

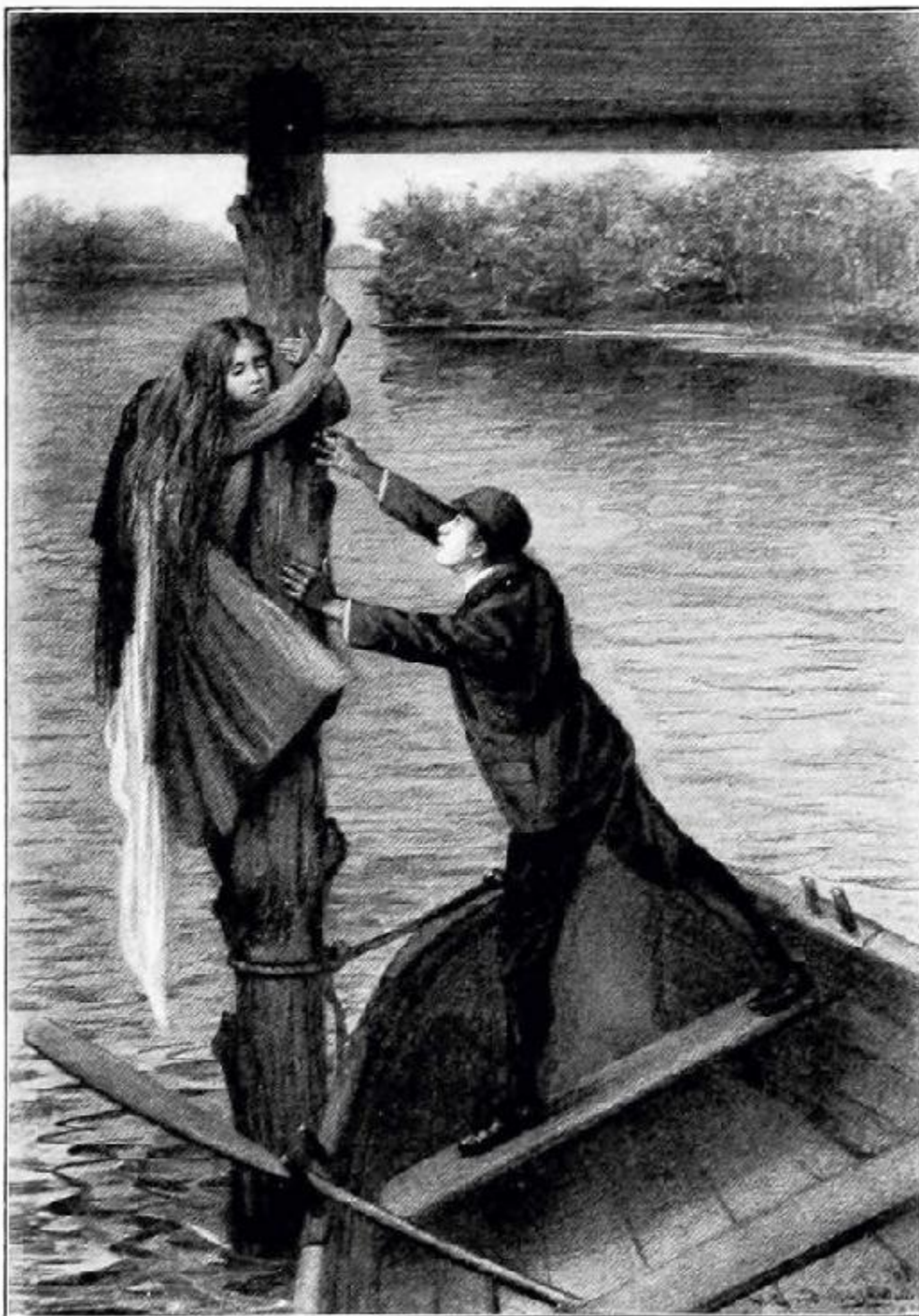
Os minutos se passaram, e cada um parecia uma hora para uma infeliz Donzela dos Lírios. Por que ninguém aparecia? Onde as meninas tinham ido? E se elas tivessem desmaiado, uma por uma? E se ninguém nunca mais aparecesse ali? E se ela ficasse tão cansada e com tantas câibras que não conseguisse mais se segurar naquele tronco? Anne olhou para as profundezas verdes e perversas debaixo dela, cheias de sombras compridas, oleosas e oscilantes, e sentiu um arrepio. Sua imaginação começou a lhe sugerir todos os tipos de possibilidades macabras.

Então, exatamente quando ela achou que realmente não suportaria a dor nos braços e pulsos, Gilbert Blythe veio remando sob a ponte, no barco de Harmon Andrews!

Gilbert olhou para cima e, para seu completo espanto, viu um rosto pequeno, pálido e desdenhoso olhando para baixo, em sua direção, com grandes olhos cinzentos, cheios de desespero, mas também de desprezo.

– Anne Shirley?! Como você foi parar aí?! – ele exclamou.

Sem esperar por uma resposta, aproximou-se da pilastra e estendeu a mão. Anne não tinha outra alternativa: segurou a mão de Gilbert Blythe, saltou com dificuldade para dentro do bote e sentou – ensopada e furiosa – na popa, com os braços cobertos pelo xale pingando água e o crepe japonês encharcado. Com certeza, era extremamente difícil demonstrar dignidade em circunstâncias como aquelas!



Aproximou-se da pilastra e estendeu a mão.

– O que aconteceu, Anne? – Gilbert perguntou, enquanto pegava os remos.

– Estávamos dramatizando *Elaine* – ela explicou friamente, sem sequer olhar para seu salvador –, e eu tinha de flutuar na barçaça... quer dizer, no bote, até Camelot. De repente, o bote começou a se encher de água, e eu me agarrei no pilar. As meninas foram buscar ajuda. Você vai ser amável o suficiente para me levar até a margem?

Gilbert remou gentilmente até a margem, e Anne, desprezando sua ajuda, saltou agilmente para fora do bote.

– Estou muito grata a você – ela falou arrogantemente, enquanto lhe virava as costas.

Entretanto, Gilbert também já tinha saído e, no mesmo instante, pôs a mão no braço de Anne, de modo a detê-la.

– Anne – ele disse apressadamente –, ouça! Não podemos ser bons amigos? Estou terrivelmente arrependido de ter zombado de seu cabelo naquela ocasião. Não tive a intenção de chatear você; era só uma brincadeira. Além disso, já faz tanto tempo... E acho que seu cabelo está muito bonito agora. Acho mesmo, honestamente. Vamos ser amigos?!

Por um momento, Anne hesitou. Por trás de sua dignidade ultrajada, havia uma estranha e recém-descoberta consciência de que aquela expressão – parcialmente tímida e parcialmente ansiosa – nos olhos castanhos de Gilbert era algo muito agradável de se ver. Ela sentiu o coração bater de forma rápida e esquisita. Entretanto, a amargura de sua antiga mágoa fortaleceu prontamente sua determinação. Aquela cena de dois anos antes ressurgiu na memória de Anne tão vividamente quanto se tivesse acontecido no dia anterior. “Ele me chamou de *cenoura*”, ela pensou, “e me humilhou diante de toda a escola”. Evidentemente, aquele ressentimento, que, para outras pessoas mais velhas, poderia parecer tão ridículo quanto sua causa, não tinha sido, de modo algum, apaziguado ou atenuado pelo tempo. Ela odiava Gilbert Blythe! E nunca o perdoaria!

– Não – Anne respondeu secamente. – Jamais vou ser sua amiga, Gilbert Blythe. Não quero ser!

– Está bem! – Gilbert voltou para dentro do bote, com as bochechas vermelhas de raiva. – Nunca mais vou te pedir para ser minha amiga, Anne Shirley. E também não me importo mais com você!

Ele se afastou, com remadas rápidas e desafiadoras, e Anne seguiu o pequeno caminho íngreme e cheio de samambaias sob os bordos. Manteve a cabeça bem erguida, mas estava ciente de um inusitado sentimento de pesar, e quase desejou ter respondido a Gilbert de uma maneira diferente. Era verdade que tinha sido horivelmente ofendida por ele, mas, ainda assim... Então, Anne pensou que seria um alívio sentar e chorar por um bom tempo. Estava realmente debilitada, pois as consequências do medo que havia sentido e da força que tinha feito para se segurar no pilar da ponte tinham começado a atormentá-la.

No meio do caminho, a menina se deparou com Jane e Diana correndo de volta para o lago, em um frenesi bem próximo da loucura total. Não tinham encontrado ninguém em Orchard Slope: tanto o pai quanto a mãe de Diana estavam fora de casa. Ruby Gillis havia sido dominada pela histeria e deixada para trás, para se recuperar da melhor maneira que pudesse, enquanto Jane e Diana atravessaram rapidamente o Bosque Assombrado e a ponte de troncos para chegar a Green Gables. Contudo, lá também não encontraram ninguém, porque Marilla tinha ido a Carmody, e Matthew estava no campo, cuidando do feno.

– Oh, Anne – Diana exclamou, ofegante, praticamente caindo sobre o pescoço da amiga e chorando de alívio e alegria. – Oh, Anne... nós pensamos que... que você tinha... se afogado... e nos sentimos como assassinas... porque tínhamos feito... você ser... Elaine. Ruby está histérica... Oh, Anne, como você escapou?

– Eu me agarrei num dos pilares da ponte – Anne explicou, exausta. – Aí, Gilbert Blythe apareceu, no barco do senhor Andrews, e me trouxe para a margem.

– Oh, Anne, que ato esplêndido da parte dele! Ora, isso é tão romântico! – falou Jane, finalmente encontrando fôlego para dizer alguma coisa. – Depois disso, é claro que você vai fazer as pazes com Gilbert.

– É claro que não vou – Anne respondeu bruscamente, reassumindo sua determinação. – E nunca mais quero ouvir a palavra “romântico” outra vez, Jane Andrews. Sinto muito por terem ficado tão amedrontadas, meninas. Foi tudo culpa minha. Tenho certeza de que nasci sob a influência de uma estrela marcada pelo azar. Tudo o que faço traz problemas para mim ou para quem eu amo. Perdemos o bote de seu pai, Diana, e tenho um pressentimento de que não vamos mais poder remar no lago.

O pressentimento de Anne se revelou muito mais confiável do que as intuições geralmente são. Quando as famílias Barry e Cuthbert ficaram sabendo dos acontecimentos daquela tarde, a consternação em suas casas foi muito grande.

– Será que *algum dia* você vai criar juízo, Anne Shirley? – Marilla se queixou.

– Oh, sim, acho que vou, Marilla – Anne afirmou, otimista, pois ter passado um bom tempo chorando na conveniente solidão do quarto do sótão do leste havia acalmado seus nervos e restaurado sua alegria habitual. – Acredito que a possibilidade de um dia eu me tornar uma pessoa sensata está agora maior do que nunca.

– Não vejo por que isso – disse Marilla.

– Bem – Anne explicou –, hoje aprendi uma nova e valiosa lição. Desde que vim para Green Gables, cometi vários erros, e cada um deles me ajudou a consertar um grande defeito meu. O caso do broche de ametista me ensinou a não mexer naquilo que não me pertence. Meu erro com relação ao Bosque Assombrado me mostrou que não posso deixar minha imaginação me dominar. Já a história do bolo com óleo de rícino me fez ficar mais atenta quando estou cozinhando. Da mesma forma, me curei de minha vaidade depois que estraguei meu cabelo com aquela tinta. Agora, não penso mais no meu cabelo, nem no nariz... pelo menos, não com tanta frequência. E o erro de hoje vai me ajudar a não ser demasiadamente romântica. Concluí que é inútil tentar ser romântica em Avonlea. É provável que isso fosse fácil em meio às torres de Camelot, centenas de

anos atrás, mas atualmente o romantismo não é mais valorizado. Sinto que em breve a senhora vai ver um grande progresso em mim nesse sentido, Marilla.

– Sinceramente, espero que sim – Marilla falou, sem muita convicção.

No entanto, Matthew, que tinha permanecido o tempo todo calado, sentado em seu canto, pôs a mão sobre o ombro de Anne, depois que Marilla tinha saído de perto, e sussurrou timidamente:

– Não desista de todo o seu romantismo, Anne... um pouco de romantismo é bom... sem exagero, claro. Mas fique com um pouco dele, Anne, fique com um pouco.



*L*ela Vereda dos Apaixonados, Anne trazia as vacas de volta do pasto dos fundos. Era um fim de tarde de setembro, e todas as clareiras e lacunas do bosque estavam preenchidas pela luz avermelhada do pôr do sol. Aqui e ali, a alameda estava manchada por esse brilho, mas a maior parte dela já se encontrava coberta pelas sombras dos bordos, e os espaços sob os abetos eram ocupados por uma penumbra que lembrava a cor do vinho. O vento agitava a copa das árvores, e não existe na Terra música mais doce do que aquela que o vento cria quando balança os galhos dos pinheiros ao entardecer.

As vacas caminhavam placidamente pela alameda, e Anne as acompanhava sonhadora, repetindo em voz alta o canto de batalha de Marmion – que tinha sido estudado no curso de inglês do inverno anterior e que a senhorita Stacy tinha feito todos os alunos decorarem – e exprimindo grande alegria nos trechos de ritmo mais rápido, que descreviam o zunido das lanças. Quando chegou aos versos

*Os obstinados lanceiros ainda lutavam
no impenetrável bosque escuro,*

Anne parou, em êxtase, para fechar os olhos, de modo que pudesse imaginar melhor que fazia parte daquele grupo heroico. Ao abrir novamente os olhos, viu Diana passar pelo portão que levava ao campo da propriedade da família Barry. Sua amiga estava com um ar tão enigmático que Anne adivinhou instantaneamente que havia alguma novidade. Porém, como não deixaria transparecer sua grande curiosidade, disse apenas:

– Este fim de tarde não está exatamente como um sonho púrpura, Diana? Ele faz com que eu me sinta tão contente por estar viva... Durante as manhãs, eu sempre acho que elas são a melhor parte do dia. Mas quando chega o fim da tarde, penso que ele é ainda mais adorável.

– É mesmo um entardecer muito bonito – Diana concordou. – Oh, Anne, você não imagina a novidade que tenho. Adivinhe! Dou três chances.

– Finalmente, Charlotte Gillis vai se casar na igreja, e a senhora Allan quer que nós façamos a decoração – Anne arriscou.

– Não. O namorado de Charlotte não concordaria com isso, porque ninguém casou nessa igreja ainda: todos preferem fazer isso em casa. Ele acha que pareceria um funeral. É uma pena, pois seria muito divertido. Tente mais uma vez.

– A mãe de Jane vai permitir que ela dê uma festa de aniversário?

Diana balançou a cabeça; seus olhos negros brilhavam de contentamento.

– Não consigo pensar em mais nada – disse Anne, aflita. – A não ser que Moody Spurgeon MacPherson tenha te acompanhado até sua casa ontem à noite, depois do encontro do grupo de oração, na igreja. Acertei?

– Claro que não! – Diana exclamou, indignada. – Com certeza, eu não iria estar empolgada assim, se ele tivesse feito isso... aquela criatura repugnante! Imaginei mesmo que você não acertaria. Mamãe recebeu uma carta de tia Josephine hoje. Nessa carta, ela convida você e eu para irmos à

cidade na próxima terça-feira, para visitar a Exposição. Disse para ficarmos na casa dela. É isso!

– Oh, Diana – Anne sussurrou, sentindo necessidade de se apoiar em um bordo –, é isso mesmo?! Mas receio que Marilla não me deixe ir. Vai dizer que não pode me encorajar a ficar viajando para lá e para cá por pura diversão. Foi o que ela falou na semana passada, quando Jane me convidou para ir com eles, de charrete, ao concerto dos americanos no hotel de White Sands. Eu queria ir, mas Marilla disse que eu estaria melhor em casa, estudando minhas lições. E que isso servia para Jane também. Fiquei amargamente desapontada, Diana. Fiquei tão triste que nem fiz minhas preces antes de me deitar. Porém, me arrependi disso e levantei, no meio da noite, para orar.

– Já sei! – Diana exclamou. – Vamos pedir a mamãe para falar com Marilla. Assim, é mais provável que ela deixe você ir. E, se ela concordar, vamos nos divertir como nunca. Tia Josephine disse que vai haver desfiles de gado e cavalos, apresentações de danças, competições e muitas outras coisas interessantes. Nunca fui a uma exposição como essa. É tão irritante escutar outras meninas falarem de suas viagens! Jane e Ruby já foram duas vezes e vão de novo este ano.

– Não vou pensar nisso, de maneira nenhuma, enquanto eu não souber se Marilla vai me deixar ir ou não – Anne falou, decidida. – Se eu me entusiasmasse e depois ficasse desapontada, seria mais do que posso suportar. Porém, se eu puder realmente ir, vou ficar muito contente, porque, até lá, meu casaco novo já estará pronto. Marilla não achou que eu precisasse de um casaco novo. Disse que o velho ainda estava bom para enfrentar mais um inverno, e que eu deveria me contentar com meu vestido novo. O vestido é lindo, Diana... é azul-marinho, e muito elegante. Agora, Marilla só faz vestidos elegantes para mim. Disse que não quer que Matthew vá pedir à senhora Lynde para fazer minhas roupas. Estou tão contente com isso! É tão mais fácil ser uma pessoa boa quando se tem roupas elegantes, não acha? Pelo menos para mim, é. Acho que, para quem é naturalmente bom, isso não deve fazer tanta diferença. Mas Matthew

disse que eu precisava de um casaco novo e, então, Marilla comprou uma lã azul adorável, e o casaco está sendo feito por uma costureira profissional lá de Carmody. Vai ficar pronto no sábado à noite. Estou evitando me imaginar andando pelo corredor da igreja no domingo, com meu vestido e meu gorro novos, porque receio que não seja correto imaginar coisas desse tipo. Mas, mesmo contra minha vontade, acabo fazendo isso. Matthew comprou o gorro para mim quando fomos a Carmody. Ele é lindo! É um daqueles pequenos, de veludo azul, que estão na moda; o cordão é dourado, e tem pompons nas extremidades. Seu chapéu novo é tão moderno, Diana! E tão bonito! Quando te vi entrar na igreja, domingo passado, meu coração se encheu de orgulho, só de pensar que você é minha amiga mais querida. Será que é errado pensarmos tanto sobre nossas roupas? Marilla diz que é muito pecaminoso. Mas é um assunto tão interessante, não é?

Marilla deu permissão para Anne ir à cidade, e ficou combinado que o senhor Barry levaria as meninas na terça-feira seguinte. Como Charlottetown ficava a pouco menos de cinquenta quilômetros de Avonlea, e o senhor Barry queria ir e voltar no mesmo dia, era necessário sair bem cedo. Entretanto, para Anne, tudo era só alegria, e, na terça-feira de manhã, ela se levantou antes do sol nascer. Uma espiada pela janela lhe garantiu que o dia seria bonito, pois o céu a leste, atrás dos abetos do Bosque Assombrado, estava prateado e sem nuvens. Em uma lacuna entre as árvores, ela viu uma luz brilhando no sótão oeste de Orchard Slope, um sinal de que Diana também já estava de pé.

Quando Matthew acendeu o fogo, Anne já havia se vestido; e, no momento em que Marilla desceu, o café da manhã já estava pronto. Contudo, a menina estava agitada demais para comer. Terminado o desjejum, o gorro e o casaco novos e elegantes foram colocados, e Anne atravessou rapidamente a ponte e o bosque de abetos rumo a Orchard Slope, onde o senhor Barry e Diana já esperavam por ela. Pouco tempo depois, os três estavam na estrada.

O percurso era longo, mas Anne e Diana apreciaram cada minuto. Era delicioso sacolejar pelas estradas úmidas sob a luz avermelhada do sol da manhã, que banhava os campos de colheita ceifados. O ar estava puro e fresco, e pequenos nevoeiros azulados flutuavam sobre os vales e as colinas. Às vezes, a estrada entrava pelos bosques, onde os bordos começavam a ficar vermelhos; outras vezes, atravessava rios, sobre pontes que faziam Anne se encolher de medo, uma sensação antiga e até parcialmente agradável. E algumas vezes ela serpenteava ao longo do litoral e passava por um pequeno aglomerado de cabanas de pesca cinzentas; depois, subia novamente por colinas, de onde era possível avistar terras mais altas e brumas no céu azul. Entretanto, em todos os lugares por onde passavam, havia coisas interessantes para serem comentadas.

Era quase meio-dia quando chegaram à cidade e tomaram o caminho de Beechwood, uma bela mansão antiga, afastada da estrada por um pequeno arvoredo. A senhorita Barry os encontrou na porta, com um brilho nos olhos negros e perspicazes.

– Então, finalmente, veio me visitar, menina Anne! – exclamou. – Misericórdia, criança, como você cresceu! Tenho de reconhecer que está mais alta do que eu. E também está muito mais bonita do que era. Mas suponho que saiba disso, sem precisar que eu lhe diga, não é?

– Na verdade, não sabia – Anne admitiu, radiante. – Sei que já não tenho mais tantas sardas como antes e, por isso, tenho motivos para ser grata, mas eu realmente não ousava esperar que tivesse havido alguma outra melhora. Estou tão contente porque pensa isso a meu respeito, senhorita Barry!

A residência de Josephine Barry era mobiliada com “grande magnificência”, como Anne a descreveu depois para Marilla, e as duas meninas do campo ficaram muito admiradas com o esplendor da sala de estar, onde a senhorita Barry as deixou, enquanto foi cuidar do almoço.

– Não parece um palácio? – Diana sussurrou. – Nunca tinha visitado tia Josephine antes, nem imaginava que sua casa era tão magnífica. Gostaria

muito que Julia Bell pudesse ver isto; ela está sempre se vangloriando da sala de visitas da mãe dela.

– Tapete de *veludo*... – Anne suspirou, encantada. – E cortinas de *seda*! Já sonhei muito com essas coisas, Diana. Mas sabe que, no final das contas, acho que não me sinto muito confortável com tudo isso? Tem tantas coisas neste cômodo, e são todas tão esplêndidas, que não sobram possibilidades para a imaginação. Este é um consolo quando se é pobre: existem tantas coisas para imaginar...

Aquela estada na cidade foi algo que Anne e Diana recordaram durante anos. Do início ao fim, ela foi repleta de momentos prazerosos.

Na quarta-feira, a senhorita Barry as levou à Exposição, onde ficaram o dia todo.

– Foi esplêndido! – Anne relatou a Marilla. – Nunca imaginei nada tão interessante. Nem sei dizer de qual parte gostei mais. Acho que foi dos cavalos, das flores e dos trabalhos de bordado, crochê, tricô... Josie Pye ganhou o primeiro prêmio em renda feita com agulhas. Fiquei verdadeiramente feliz por ela ter vencido. E fiquei feliz por ter ficado feliz com isso, pois é uma prova de que estou me tornando uma pessoa melhor, não acha, Marilla? Já consigo me alegrar com o sucesso de Josie... As maçãs do senhor Harmon Andrews lhe deram o segundo lugar no concurso, e o senhor Bell levou o primeiro prêmio por seu porco. Diana achou ridículo o superintendente da escola dominical vencer um concurso de porcos, mas eu não vi nada de mais nisso. A senhora vê? Ela falou que, a partir de agora, vai sempre se lembrar disso quando ele estiver fazendo solenemente suas preces. Clara Louise MacPherson ganhou um prêmio por sua pintura, e o queijo e a manteiga feitos em casa pela senhora Lynde também ficaram em primeiro lugar. Portanto, Avonlea estava muito bem representada, não é? A senhora Lynde estava lá nesse dia, e eu não sabia o tanto que realmente gostava dela, até ver seu rosto familiar entre todas aquelas pessoas estranhas. Tinha milhares delas lá, Marilla. Eu me senti terrivelmente insignificante no meio de tanta gente. A senhorita Barry nos levou até a arquibancada para ver as corridas de cavalos. A senhora Lynde

se recusou a ir; disse que corridas de cavalos são abomináveis, e que ela, sendo um membro da igreja, tinha o dever sagrado de dar um bom exemplo ficando longe delas. Porém, havia tantas pessoas lá que não creio que a ausência da senhora Lynde tenha sequer sido notada. Mas acho que não devo ir com muita frequência a corridas de cavalos, porque elas são *excessivamente* fascinantes. Diana ficou tão entusiasmada que quis apostar alguns centavos comigo que o cavalo vermelho ganharia. Não pensei que ele venceria, mas, assim mesmo, me recusei a apostar, pois queria contar para a senhora Allan tudo que aconteceu por lá, e tive certeza de que ela não gostaria de ouvir isso. É sempre errado fazer alguma coisa que não pode ser contada à esposa do pastor. Acho que ser amiga da esposa do pastor é tão bom quanto ter uma consciência adicional. Por fim, fiquei contente de não ter apostado, porque o cavalo vermelho *realmente* venceu, e eu teria perdido meus centavos. Isso serviu para confirmar que a virtude é sua própria recompensa. Ah, nós vimos um homem subir ao céu num balão. Eu adoraria subir ao céu num balão, Marilla... seria tão emocionante! Vimos, também, um homem que vendia pequenos cartões nos quais você lia seu destino. Era só dar um pouco de dinheiro para ele e um passarinho pegava com o bico um cartão para você. A senhorita Barry deu o dinheiro para Diana e para mim, para sabermos nosso futuro. No meu, estava escrito que vou me casar com um homem moreno muito rico e que vou atravessar o mar para viver em outras terras. Olhei atentamente para todos os homens morenos que vi depois disso, mas não me interessei por nenhum deles. De qualquer modo, suponho que ainda seja cedo demais para procurar meu futuro marido. Oh, foi um dia para nunca ser esquecido, Marilla. Fiquei tão cansada que nem consegui dormir à noite. A senhorita Barry nos acomodou no quarto de hóspedes, como tinha prometido. Era um quarto muito chique, mas, por algum motivo, dormir num quarto de hóspedes não é como eu costumava pensar. Estou começando a ver que esta é a pior parte de ficar mais velha: quando conseguimos as coisas que queríamos tanto quando éramos crianças, descobrimos que elas não são nem metade tão maravilhosas...

Na quinta-feira, as meninas passearam no parque e, à noite, a senhorita Barry as levou a uma ópera na Academia de Música, onde uma cantora famosa se apresentou. Para Anne, aquela noite foi uma verdadeira visão do paraíso.

– Oh, Marilla, é impossível descrever aquele espetáculo. Só para a senhora ter uma ideia de como foi, posso dizer que eu estava tão encantada que nem conseguia falar. Fiquei sentada, em silêncio absoluto. A cantora, Madame Selitsky, estava perfeitamente linda; ela usou cetim branco e diamantes. Porém, quando começou a cantar, não pensei em mais nada. Oh, não consigo expressar o que senti! Parecia que nunca mais eu teria qualquer dificuldade para ser bondosa. Tive o mesmo sentimento que tenho quando olho para o céu e vejo as estrelas. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas eram lágrimas tão felizes! Fiquei muito triste quando o espetáculo acabou. Falei com a senhorita Barry que não sabia como voltaria à vida normal novamente. Ela disse que se fôssemos ao restaurante, do outro lado da rua, e tomássemos um sorvete, isso poderia me ajudar. Na hora, aquilo me pareceu tão sem poesia... mas depois, para minha surpresa, descobri que era verdade. O sorvete estava delicioso, Marilla, e foi tão excêntrico e agradável ficar ali sentada, degustando aquela maravilha, às 23 horas... Diana disse que acha que nasceu para viver na cidade. A senhorita Barry perguntou se eu também pensava assim, mas falei que teria de refletir seriamente sobre isso, antes de responder. E foi o que fiz depois que me deitei para dormir. Afinal, essa é a melhor hora para pensar sobre as coisas. Cheguei à conclusão, Marilla, de que não nasci para viver na cidade. Fiquei contente com essa descoberta. É ótimo tomar sorvete às 23 horas, num restaurante muito iluminado, de vez em quando. Mas no dia a dia, prefiro estar no sótão do leste, às 23 horas, dormindo profundamente e, de certo modo, sabendo que as estrelas estão brilhando lá fora e que o vento está soprando nos abetos do outro lado do riacho. Eu disse isso à senhorita Barry, durante o desjejum, na manhã seguinte, e ela riu. Em geral, a senhorita Barry sempre ria de qualquer coisa que eu falava, mesmo das coisas mais sérias. Acho que não gostei

disso, Marilla, porque eu não estava tentando ser engraçada. Porém, ela nos recebeu muito bem e nos tratou como princesas.

Sexta-feira foi o dia de voltar para casa, e o senhor Barry foi buscar as meninas.

– Bem, espero que tenham se divertido – a senhorita Barry falou quando estavam se despedindo.

– Nos divertimos muito – disse Diana.

– E você, o que diz, menina Anne?

– Adorei cada minuto desse tempo que ficamos aqui – Anne respondeu, jogando os braços impulsivamente sobre o pescoço da velha senhora e lhe dando um beijo na bochecha enrugada.

Diana jamais se atreveria a fazer uma coisa dessas, e se espantou um pouco com a liberdade de Anne. Entretanto, a senhorita Barry ficou satisfeita e permaneceu de pé na varanda, observando a charrete até perdê-la de vista. Em seguida, suspirou e entrou novamente em sua casa enorme, que lhe pareceu muito solitária, na falta daquelas duas vidas jovens e alegres.

A senhorita Barry era uma velha bastante egoísta, verdade seja dita, e nunca tinha se importado muito com ninguém além de si mesma. Ela só valorizava as pessoas que lhe eram úteis ou que a divertiam. E, como havia se divertido com Anne, a menina tinha caído em suas graças. Contudo, a senhorita Barry se viu pensando menos nas falas surpreendentes de Anne do que em seu entusiasmo estimulante, suas emoções transparentes, sua personalidade cativante e, ainda, na doçura de seus olhos e lábios.

– Achei que Marilla Cuthbert era uma velha maluca quando ouvi dizer que ela tinha adotado uma menina que vinha de um orfanato – ela disse para si mesma –, mas, afinal de contas, vejo que ela não cometeu um grande erro, como eu havia pensado. Se tivesse nessa casa, o tempo todo, uma criança como Anne, eu seria uma pessoa melhor e mais feliz.

Anne e Diana acharam a viagem de volta tão agradável como tinha sido a de ida – na verdade, ainda mais prazerosa, pois havia a atraente

consciência de que seus lares as esperavam no final do percurso. O sol se punha quando passaram por White Sands e pegaram a estrada do litoral. Mais adiante, as colinas de Avonlea se destacavam como sombras escuras no céu alaranjado do crepúsculo. Atrás, a lua nascia no mar, e sua luz o tornava ainda mais belo e cintilante. Cada pequena enseada ao longo da estrada sinuosa era uma maravilha, com suas ondas dançantes que quebravam nas pedras, fazendo leves ruídos. O cheiro do mar era, ao mesmo tempo, forte e fresco.

– Oh, como é bom estar viva e voltando para casa – Anne suspirou.

Quando atravessou a ponte de troncos sobre o riacho, a luz da cozinha de Green Gables piscou para ela, como se estivesse lhe dando as boas-vindas. Pela porta aberta, dava para ver o fogo aceso na lareira, emitindo seu brilho avermelhado e quente, naquela noite fria de outono. Anne subiu a colina correndo alegremente e entrou na cozinha, onde um jantar quente esperava sobre a mesa.

– Então, você voltou? – disse Marilla, dobrando seu trabalho de tricô.

– Sim, e... oh!... é tão bom estar de volta! – Anne exclamou, sorridente. Eu poderia beijar cada objeto, até o relógio. Marilla, frango assado?! Não vai me dizer que preparou isso para mim?!

– Sim, fiz para você, Anne – disse Marilla. – Achei que estaria com fome, depois de uma viagem como a que fez, e que precisaria de uma coisa realmente apetitosa. Suba depressa e guarde suas coisas. Vamos jantar assim que Matthew chegar. Estou contente por você estar de volta, devo reconhecer. Esse lugar aqui, sem você, estava assustadoramente solitário. Nunca vivi quatro dias tão longos como esses últimos.

Depois do jantar, Anne se sentou diante do fogo, entre Matthew e Marilla, e fez um relato completo de tudo o que aconteceu durante a visita à tia de Diana.

– Foi tudo esplêndido – ela concluiu, radiante. – Sinto que essa viagem representou um marco na minha vida. Mas reconheço que o melhor de tudo foi voltar para casa.



CAPÍTULO XXX

*O curso preparatório
para o exame da
Queen's Academy*

*M*arilla pôs o trabalho de tricô sobre o colo e se recostou na cadeira. Seus olhos estavam cansados, e ela pensou vagamente que deveria cuidar de trocar os óculos na próxima vez em que fosse à cidade, pois ultimamente seus olhos vinham se cansando com muita frequência.

Estava quase escuro; o crepúsculo sombrio de novembro tinha pousado sobre Green Gables, e a única luz na cozinha vinha das chamas vermelhas que dançavam no fogão.

Anne estava sentada sobre o tapete da lareira, com as pernas cruzadas, contemplando as chamas alegres das toras de lenha de bordo sendo queimadas, depois que essas árvores já haviam recebido os raios do sol por uns cem verões. Ela estava lendo, mas seu livro tinha escorregado para o chão, e agora ela sonhava, com um sorriso nos lábios entreabertos. Castelos deslumbrantes na Espanha se formavam a partir das névoas e dos arcos-íris de sua animada fantasia; aventuras maravilhosas e cativantes

aconteciam com ela na terra das nuvens; aventuras que sempre acabavam triunfantemente e nunca a envolviam em encrencas como as da vida real.

Marilla olhou para ela com uma ternura que nunca teria se revelado em qualquer ambiente com uma luz mais clara do que aquela mistura suave de sombras e brilho de fogo. A lição sobre um amor que deveria aparecer facilmente na palavra falada e no olhar sincero era uma que Marilla nunca poderia aprender. Contudo, ela tinha aprendido a amar essa garota esbelta e de olhos cinzentos, com uma afeição que, por não ser demonstrada, parecia ainda mais profunda e forte. Na verdade, Marilla temia que esse amor a tornasse demasiadamente indulgente: tinha uma sensação incômoda de que era quase um pecado ter, por uma criatura humana, um sentimento tão intenso como o amor que nutria por Anne. Assim, é provável que inconscientemente se penitenciasse por isso, sendo mais severa e crítica com a menina do que seria se gostasse menos dela.

Sem dúvida nenhuma, a própria Anne não tinha a menor ideia de quanto Marilla havia se afeiçoado a ela. Às vezes achava, melancolicamente, que era muito difícil agradar a irmã de Matthew, e que certamente lhe faltavam compreensão e compaixão; porém, sempre se repreendia por isso e afastava logo esse pensamento, lembrando-se do tanto que devia a Marilla.

– Anne – Marilla chamou subitamente –, a senhorita Stacy veio aqui hoje à tarde, enquanto você estava fora com Diana.

Com um sobressalto e um suspiro, Anne retornou de seu outro mundo.

– Ela veio? Oh, que pena que eu não estava em casa. Por que não me chamou, Marilla? Diana e eu estávamos por perto, no Bosque Assombrado. O bosque está adorável nessa época. É como se todas as pequenas partes dele... as samambaias, as outras plantas macias e lustrosas como o cetim, aquelas frutinhas pequenininhas... tivessem ido dormir; como se alguém tivesse coberto tudo com um manto de folhas, para ficarem assim até a primavera. Acho que foi uma fada pequena e cinzenta, usando um xale de arco-íris, que andou por ali na ponta dos pés, na última noite de lua cheia, e fez isso. Mas Diana não quis falar sobre esse assunto. Ela nunca esqueceu a repreensão que recebeu da mãe por

conta dos fantasmas que imaginamos no Bosque Assombrado. Isso arruinou a imaginação de Diana. Marilla, a senhora Lynde falou que Myrtle Bell se tornou uma pessoa arruinada. Perguntei Ruby Gillis por que Myrtle estava arruinada, e Ruby disse que achava que era porque o namorado tinha desfeito o compromisso de se casar com ela. Ruby Gillis não pensa em nada além de rapazes, e quanto mais velha ela fica, mais isso piora. Para mim, os rapazes estão todos muito bem em seus lugares; não acho que devem ser envolvidos em tudo e todas as conversas, não é? Diana e eu estamos pensando seriamente em prometer uma à outra que nunca vamos casar: vamos ser duas velhas solteironas muito bondosas e viver juntas para sempre. Porém, Diana ainda não está totalmente decidida, porque pensa que talvez fosse mais nobre casar com um jovem rebelde, ousado e maldoso, e transformá-lo numa boa pessoa. Agora, Diana e eu temos conversado muito sobre temas sérios. A senhora sabe como é, nós concluímos que estamos bem mais velhas do que éramos, e, portanto, não está certo falarmos de assuntos infantis. Oh, Marilla, é tão solene ter quase 14 anos! A senhorita Stacy reuniu todas as meninas que já são adolescentes e nos levou até o riacho, na quarta-feira passada, para conversar conosco sobre isso. Ela disse que é na adolescência que devemos ter o máximo possível de cuidado com os hábitos que criamos e com os ideais que adquirimos, porque, quando tivermos 20 anos, nosso caráter já estará desenvolvido e os alicerces de toda a nossa vida futura já estarão definidos. E ela disse que, se esses alicerces não estiverem muito firmes, nunca poderemos construir nada realmente valioso sobre eles. Diana e eu conversamos sobre isso enquanto caminhávamos de volta para casa. Nós nos sentimos extremamente solenes, Marilla. E decidimos que vamos tentar ser realmente muito cuidadosas em cultivar hábitos respeitáveis e nos esforçar para ficarmos tão sensatas quanto possível, de modo que, quando completarmos 20 anos de idade, nosso caráter estará adequadamente desenvolvido. É perfeitamente apavorante pensar em ter 20 anos, Marilla. Parece que estarei tão assustadoramente velha e adulta... Mas por que a senhorita Stacy veio aqui hoje à tarde?

– É o que estou tentando lhe dizer, Anne, se você me der uma chance de falar alguma coisa. Ele veio conversar sobre você.

– Sobre mim? – Anne pareceu bastante surpresa, mas corou subitamente e exclamou:

– Oh, já sei o que ela disse! Eu quis te contar, Marilla; honestamente, eu quis mesmo, mas esqueci. A senhorita Stacy me flagrou lendo *Ben-Hur* na escola ontem à tarde, quando eu deveria estar estudando a história do Canadá. Foi Jane Andrews que me emprestou o livro. Eu li durante a hora do almoço, e tinha acabado de chegar ao momento da corrida de bigas,***** quando tivemos de voltar para a sala de aula. Eu estava simplesmente louca para saber como aquilo acabou, apesar de ter certeza de que Ben-Hur venceu, pois o justo, nas histórias, é a virtude ser recompensada, e a crueldade, punida, não é? Aprendi que isso se chama “justiça poética”. Então, abri o livro de história do Canadá sobre a tampa da carteira e acomodei o outro entre minhas pernas e a mesa. Assim, enquanto eu parecia estudar, estava, de fato, me divertindo com *Ben-Hur*. E me sentia tão interessada naquilo que nem percebi a senhorita Stacy se aproximar, até que, de repente, olhei para cima e me deparei com ela me observando, com ar de grande reprovação. Nem posso descrever a vergonha que senti, Marilla... sobretudo quando ouvi as risadinhas de Josie Pye. A senhorita Stacy pegou e levou o livro consigo, mas não falou uma só palavra naquele momento. Porém, me manteve na sala durante o recreio e conversou comigo. Disse que eu tinha errado muito, em dois aspectos. Em primeiro lugar, eu estava desperdiçando um tempo que deveria ser dedicado aos meus estudos; e, em segundo lugar, estava enganando minha professora, tentando fazer parecer que estudava, quando, na verdade, lia um romance. Até aquele momento, eu não tinha percebido, de jeito nenhum, Marilla, que estava sendo falsa. Fiquei chocada. Chorei amargamente, pedi à senhorita Stacy que me perdoasse e prometi que jamais faria aquilo novamente. Ofereci fazer a penitência de sequer olhar para o livro sobre Ben-Hur durante uma semana inteira, nem mesmo para saber como acabou a corrida. No entanto, a senhorita Stacy disse que não

exigiria isso de mim e me perdoou generosamente. Por isso, não acho que ela agiu bem quando veio aqui falar com a senhora sobre isso.

– Em momento nenhum a senhorita Stacy mencionou qualquer coisa a esse respeito, Anne; o problema com relação a isso é sua consciência pesada. Não está certo você levar romances para a escola. Você lê demais esse tipo de livros. Quando eu tinha sua idade, não podia nem olhar para livros como esses.

– Oh, como é que a senhora pode dizer que *Ben-Hur* é um romance, quando, na realidade, é um livro religioso? – Anne protestou. – É claro que é um pouco empolgante demais para ser lido num domingo, mas só pego nele durante a semana. E agora nunca leio nenhum livro, a não ser que a senhorita Stacy ou a senhora Allan acreditem que seja adequado para uma menina de 13 anos e 9 meses. A senhorita Stacy me fez prometer isso. Um dia, ela me viu lendo *O sinistro mistério do hall assombrado*; era um livro que Ruby Gillis tinha me emprestado e, Marilla, ele era tão fascinante e, ao mesmo tempo, tão arrepiante que fez meu sangue gelar nas veias... Mas a senhorita Stacy falou que é um livro muito tolo e nocivo, e me pediu para interromper a leitura e não ler mais nenhum que fosse do mesmo tipo. Não me importei de prometer que não ia ler mais nenhum livro parecido, mas foi *angustiante* devolver aquele, sem saber o final da história. Porém, meu amor pela senhorita Stacy passou no teste e eu resisti. É realmente maravilhoso, Marilla, o que somos capazes de fazer quando estamos verdadeiramente ansiosos para agradar uma pessoa.

– Bom, acho que vou acender a lamparina e continuar meu tricô – disse Marilla. – Estou vendo claramente que você não quer ouvir o que a senhorita Stacy tinha a dizer. Está mais interessada no som de sua própria voz do que em qualquer outra coisa.

– Oh, não, Marilla, quero muito ouvir o que ela disse! – Anne exclamou, pesarosa. – Não vou dizer mais nenhuma palavra... nenhuma! Sei que falo demais, mas estou me esforçando muito para mudar isso e, embora eu fale tanto, ainda assim, se a senhora soubesse quantas coisas

tenho vontade de dizer, mas não digo, me daria algum crédito. Por favor, fale, Marilla.

– Bem, a senhorita Stacy quer organizar um curso preparatório para os alunos mais avançados que desejam estudar para o exame de admissão da Queen’s Academy. Ela pretende dar aulas extras durante uma hora, depois das aulas regulares. Então, veio perguntar a Matthew e a mim se gostaríamos que você participasse desse curso. O que *você* acha disso, Anne? Gostaria de estudar na Queen’s e se tornar uma professora?

– Oh, Marilla! – Anne se ajoelhou e juntou as palmas das mãos. – Esse tem sido o sonho de minha vida... quer dizer, nos últimos seis meses, depois que Ruby e Jane começaram a falar em estudar para esse exame. Mas não falei nada sobre isso, porque achei que seria totalmente inútil. Eu adoraria ser professora. Mas não é terrivelmente caro? O senhor Andrews falou que pagou uma fortuna para Prissy estudar lá, e ela nem é ruim em geometria.

– Você não precisa se preocupar com isso, Anne. Quando Matthew e eu decidimos te criar, resolvemos também que faríamos o melhor que pudéssemos por você e para te dar uma boa educação. Acredito que uma menina deve se preparar para ganhar seu próprio sustento, precisando ou não. Enquanto Matthew e eu estivermos aqui, você sempre terá um lar em Green Gables, mas ninguém sabe o que vai acontecer neste mundo incerto, portanto, é melhor estar bem preparada. Assim, você pode participar do curso da senhorita Stacy, se quiser, Anne.

– Oh, Marilla, obrigada! – Anne abraçou a cintura de Marilla e olhou seriamente para seu rosto. – Sou extremamente grata à senhora e a Matthew. E vou estudar o máximo que puder, e me esforçar muito para merecer tudo isso. Só peço que não esperem muito de mim em geometria; em qualquer outra matéria, acho que posso me sair bem, se trabalhar duramente.

– Ouso dizer que vai ser suficientemente bem-sucedida. A senhorita Stacy afirmou que você é inteligente e estudiosa.

Por nada neste mundo Marilla contaria a Anne exatamente o que a senhorita Stacy tinha falado a seu respeito: seria estimular a vaidade da menina.

– E não há necessidade de chegar ao extremo de se matar de tanto estudar. Não há pressa; o exame é só daqui a um ano e meio. Mas a senhorita Stacy acha melhor começar desde já, para garantir que vocês estejam totalmente bem preparados.

– A partir de agora, vou ter mais interesse por meus estudos do que nunca – disse Anne alegremente –, porque já tenho um propósito na vida. O senhor Allan diz que todos nós precisamos ter um propósito na vida e persegui-lo fielmente. Porém, ele fala que devemos primeiro ter certeza de que é um propósito digno. Eu diria que é um propósito digno querer ser uma professora como a senhorita Stacy, não é, Marilla? Eu acho que é uma profissão muito nobre.

A classe de preparação para o exame foi organizada em seu devido tempo. Gilbert Blythe, Anne Shirley, Ruby Gillis, Jane Andrews, Josie Pye, Charlie Sloane e Moody Spurgeon MacPherson foram inscritos para participar. Diana Barry ficou fora do curso, porque seus pais não tinham a intenção de enviá-la para a Queen's Academy. Para Anne, isso não significou nada menos do que uma calamidade. Nunca, desde a noite em que Minnie May teve difteria, ela e Diana ficaram separadas em nenhum acontecimento.

Na primeira vez em que a turma de estudos para a Queen's permaneceu na escola e Anne viu Diana sair lentamente com os outros alunos – para voltar para casa sozinha, caminhando ao longo da Trilha das Bétulas e do Vale das Violetas –, ela precisou se esforçar muito para permanecer em seu assento, em vez de ceder ao impulso de sair correndo atrás da amiga. Sentiu um nó na garganta e escondeu apressadamente o rosto atrás do livro de gramática do latim, para ocultar as lágrimas. De forma nenhuma Anne permitiria que Gilbert Blythe ou Josie Pye vissem aquelas lágrimas.

– Oh, Marilla, quando vi Diana sair sem mim, senti que havia provado a amargura da morte, como o senhor Allan disse em seu sermão no último

domingo – disse Anne, tristemente, naquela noite. – Pensei em como seria esplêndido se Diana também estivesse se preparando para o exame. Mas, como a senhora Lynde costuma dizer, não podemos ter coisas perfeitas neste mundo imperfeito. Às vezes, a senhora Lynde não é exatamente uma pessoa confortadora, mas não tenho dúvida de que muitas das coisas que ela fala são realmente verdadeiras. E acho que essas aulas extras vão ser muito interessantes. Jane e Ruby só querem ser professoras. Essa é a mais alta ambição delas. Ruby diz que só vai lecionar por dois anos, após se formar pela Academia: pretende se casar depois disso. Jane fala que vai dedicar sua vida toda ao ensino, e que nunca, nunca vai se casar, porque, quando você leciona, você é paga para isso, mas um marido jamais vai pagar nada para você fazer os trabalhos domésticos, e ainda vai achar ruim se você lhe pedir parte do lucro que conseguirem com a venda de ovos e manteiga. Suponho que Jane diga isso por causa de sua triste experiência, já que a senhora Lynde afirma que o pai dela é um velho extremamente rabugento e sovina. Josie Pye explicou que só está interessada na Queen's para melhorar sua educação, pois nunca vai precisar ganhar seu próprio sustento. E disse também que é claro que isso não se aplica a órfãos que vivem de caridade; *esses*, sim, têm de trabalhar exaustivamente. Já Moody Spurgeon quer ser pastor da igreja. A senhora Lynde acha que, com um nome desses, ele não pode mesmo ser qualquer outra coisa na vida. Espero que isso não seja maldade de minha parte, Marilla, mas o mero pensamento de Moody Spurgeon como pastor me faz rir. Ele tem uma aparência tão engraçada, com aquele rosto grande e gordo, aqueles olhos pequenos e azuis, e aquelas orelhas de abano... Mas talvez ele adquira ares de intelectual quando crescer. Charlie Sloane diz que pretende atuar na política e ser um membro do Parlamento; porém, a senhora Lynde fala que ele nunca vai conseguir ser bem-sucedido nisso, porque a família Sloane é toda composta de pessoas honestas, e são somente os corruptos que se envolvem na política hoje em dia.

– E Gilbert Blythe? O que ele quer ser? – Marilla indagou, vendo que aquela era uma boa oportunidade para tocar no assunto.

– Não tenho ideia de qual seja a ambição de Gilbert Blythe na vida... se é que ele tem alguma – Anne respondeu, com ar de desprezo.

Àquela altura, já havia uma rivalidade declarada entre Gilbert e Anne. Anteriormente, essa disputa era basicamente unilateral, mas agora não havia mais nenhuma dúvida de que Gilbert, assim como Anne, estava determinado a ser o primeiro da classe em tudo. Ele era um inimigo à altura dela, e os outros alunos da turma aceitavam, silenciosa e estrategicamente, a superioridade de ambos e jamais sonhavam em competir com os dois. Desde aquele dia no lago, quando ela recusou seu pedido de perdão, Gilbert, exceto pela rivalidade obstinada mencionada aqui, não demonstrava nenhum conhecimento da existência de Anne Shirley.

Ele conversava e brincava com as outras garotas, trocava livros e quebra-cabeças com elas, discutia lições e planos; às vezes, acompanhava uma ou outra até sua casa, depois das reuniões da igreja ou do Clube de Debates. Contudo, ignorava Anne Shirley; e ela, por sua vez, acabou descobrindo que não é nada agradável ser ignorada. E era em vão que dizia a si mesma, com um movimento de cabeça, que não se importava. Lá no fundo de seu pequeno coração feminino e teimoso, Anne sabia que se importava sim, e que, se pudesse viver de novo aquele momento no Lago das Águas Brilhantes, responderia de maneira muito diferente.

De repente, ao que lhe pareceu, e para seu espanto secreto, Anne descobriu que o antigo ressentimento que nutria por Gilbert havia se dissipado; e desapareceu justamente quando ela mais precisava de seu suporte. Assim, foi em vão que ela se lembrou de todos os incidentes e emoções da ocasião inesquecível em que ele a ofendeu e tentou sentir a velha e gratificante raiva, pois aquele dia, no lago, tinha testemunhado a última manifestação de sua mágoa. Por fim, e tarde demais, Anne se deu conta de que, sem perceber, havia perdoado e esquecido o que Gilbert tinha feito no passado.

Pelo menos, nem ele, nem ninguém, nem mesmo Diana, jamais suspeitaria do quanto ela estava arrependida e do quanto desejava não ter

sido tão orgulhosa e má. Decidiu, então, cobrir seus sentimentos com o manto do esquecimento; e é possível dizer, aqui e agora, que ela fez isso tão bem que Gilbert, que provavelmente também não era tão indiferente quanto parecia, não pôde se consolar com qualquer crença de que Anne se importava com seu desprezo vingativo. O único consolo que ele tinha era que ela também esnobava Charlie Sloane, impiedosa e continuamente, sem que ele merecesse.

Com exceção disso, o inverno passou, em uma sequência de deveres e estudos agradáveis. Para Anne, os dias transcorreram como contas douradas no colar do ano. Ela estava feliz, ansiosa, interessada; havia lições a serem aprendidas e honras a serem obtidas; livros deliciosos a serem lidos; novas peças a serem praticadas para o coro da escola dominical; e tardes agradáveis de sábado, com a senhora Allan, na casa paroquial.

Então, quase antes que Anne percebesse, a primavera chegou novamente a Green Gables, e, mais uma vez, o mundo inteiro estava florido. O interesse pelos estudos arrefeceu um pouco; os alunos que se preparavam para o exame da Queen's, deixados para trás na escola – enquanto os outros se dispersavam nas veredas verdes, nos bosques com árvores cobertas de folhas, nas trilhas que cruzavam os prados –, olhavam desejosos pela janela e descobriam que os verbos do latim e os exercícios de francês tinham, de algum modo, perdido o sabor e o charme que possuíam nos meses gelados do inverno. Até mesmo Anne e Gilbert já não se dedicavam tanto quanto antes. Portanto, professora e alunos ficaram igualmente felizes quando o período letivo terminou, e os dias alegres de férias se apresentaram promissores diante deles.

– Vocês fizeram um bom trabalho este ano – a senhorita Stacy falou, na última tarde de aula. – Agora, merecem umas boas e divertidas férias. Aproveitem a vida ao ar livre o máximo que puderem e acumulem saúde, vitalidade e ambição para enfrentar o próximo ano, que, como sabem, vai ser o mais difícil, já que é o último antes do exame.

– Vai continuar conosco no ano que vem, senhorita Stacy? – Josie Pye perguntou.

Josie Pye nunca hesitava em fazer perguntas; nesse aspecto, o resto da classe era grato a ela, já que nenhum dos outros alunos ousaria indagar isso à senhorita Stacy. Entretanto, todos queriam saber sua resposta, pois correram por toda a escola, e por um bom tempo, rumores alarmantes de que ela não voltaria no ano seguinte; diziam que a senhorita Stacy havia recebido uma proposta de trabalho em uma escola nova, em seu distrito natal, e que tinha intenção de aceitar. Os alunos do curso preparatório esperaram em silêncio, e ansiosamente, pela resposta.

– Sim, acho que sim – disse a professora. – Considerei lecionar em outra escola, mas decidi voltar para Avonlea. Na verdade, fiquei tão interessada em meus alunos daqui que concluí que não poderia deixá-los. Então, vou ficar e acompanhar vocês até o final.

– Viva! – Moody Spurgeon exclamou.

Nunca antes, Moody Spurgeon havia se deixado levar tão espontaneamente por seus sentimentos, e, durante uma semana, ele corava desconfortavelmente toda vez que se lembrava daquele momento.

– Oh, estou tão contente! – Anne falou, como os olhos brilhando. – Querida senhorita Stacy, seria simplesmente horrível se a senhorita não voltasse. Acho que, de maneira nenhuma, eu teria o mesmo ânimo para continuar meus estudos, se fosse com alguma outra professora.

Quando chegou a Green Gables naquele dia, Anne colocou todos os seus livros dentro de um baú velho que ficava no sótão e, depois de trancá-lo, jogou a chave na arca onde os cobertores eram guardados.

– Não vou sequer olhar para um livro de estudos durante as férias – disse a Marilla. – Eu me dediquei o máximo que pude durante todo esse tempo, e me dediquei à geometria até saber de cor cada teorema do primeiro livro, mesmo com as letras trocadas. Estou me sentindo cansada de tudo que é sensato, e vou deixar minha imaginação solta nestas férias. Oh, a senhora não precisa ficar alarmada, Marilla. Só vou deixar isso acontecer dentro de limites razoáveis. Porém, quero me divertir bastante e

ter muitos momentos alegres neste verão, porque pode ser meu último verão como menina. A senhora Lynde falou que, se eu continuar esticando no ano que vem, na mesma proporção que cresci neste ano, logo vou ter de usar saias mais compridas. E disse, também, que estou me tornando “toda pernas e olhos”. Ora, quando eu passar a usar saias mais compridas, vou sentir que tenho de agir em conformidade com elas e ser muito digna. Receio que nem vou poder mais acreditar em fadas e, por isso, vou acreditar nelas com todo o meu coração nestas férias. Penso que elas vão ser ótimas. Ruby Gillis vai dar uma festa de aniversário daqui a pouco tempo e, além disso, vamos ter o piquenique da escola dominical e o concerto dos missionários, no próximo mês. E a senhora Barry disse que, qualquer dia desses, vai nos levar... Diana e eu... para almoçar no hotel de White Sands. Sabe, Marilla, lá eles almoçam no fim da tarde. Jane Andrews esteve nesse hotel uma vez, no verão passado, e me contou que foi deslumbrante ver as luzes elétricas acesas, as flores e todas as hóspedes usando vestidos maravilhosos. Ela disse que foi seu primeiro contato com a vida luxuosa, e que vai lembrar daquilo até o dia de sua morte.

A senhora Lynde fez uma visita na tarde seguinte, para saber por que Marilla não tinha ido à reunião da Sociedade de Ajuda na quinta-feira. Quando Marilla não comparecia a uma dessas reuniões, todos sabiam que havia algo de errado em Green Gables.

– Matthew passou mal na quinta-feira; foi o coração, de novo – Marilla explicou. – Então, eu não quis deixá-lo. Agora, já está bem, mas tem tido essas dores com mais frequência do que costumava, e estou preocupada com ele. O médico falou que ele precisa tomar muito cuidado e evitar emoções fortes. Isso não é um problema, pois Matthew definitivamente não é dado a sair por aí em busca de emoções, nem nunca foi. No entanto, ele também não deve fazer nenhum trabalho pesado, e falar com Matthew para não trabalhar é o mesmo que dizer para ele não respirar. Mas entre, deixe suas coisas ali, Rachel. Vai ficar para o chá?

– Bem, se você insiste, talvez seja melhor eu ficar – respondeu a senhora Lynde, que não tinha a menor intenção de fazer outra coisa.

Rachel e Marilla se acomodaram confortavelmente na sala de visitas, e Anne preparou o chá e fez biscoitos assados – leves, bonitos e saborosos o suficiente para desafiar até mesmo o julgamento crítico da vizinha.

– Preciso reconhecer que Anne se tornou uma ótima menina – a senhora Rachel admitiu, enquanto Marilla a acompanhava até o final da alameda durante o pôr do sol. – Deve prestar uma grande ajuda a você.

– Sim, é verdade – Marilla concordou. – Agora, ela é realmente equilibrada e confiável. Eu temia que ela nunca deixasse de ser avoada e desmiolada, mas ela mudou, e já posso confiar qualquer coisa a Anne, sem hesitar.

– Depois daquele primeiro dia em que estive com ela aqui, há três anos, nunca pensei que a menina pudesse se transformar tanto – a senhora Rachel comentou. – Misericórdia! Jamais vou esquecer aquele acesso de raiva dela. Quando voltei para casa, disse a meu marido: “Ouça bem o que vou dizer, Thomas! Marilla Cuthbert vai viver para se arrepender desse passo que deu”. Mas eu estava errada, e fico contente, de verdade, por isso. Não sou daquele tipo de pessoas, Marilla, que nunca assumem seus erros. Não, felizmente, essa jamais foi uma característica minha. Cometi um erro ao julgar Anne, mas isso não era de estranhar, considerando que se tratava daquela criança: a bruxinha mais esquisita e imprevisível que já existiu neste mundo... essa é a verdade. Não havia como lidar com ela usando as mesmas regras que funcionam com outras crianças. Não é nada menos do que maravilhoso o modo como ela se aperfeiçoou nesses três anos, especialmente na aparência. Está tão bonita quanto uma menina deve ser, embora eu não possa dizer que, pessoalmente, eu tenha preferência por seu estilo pálido e de olhos grandes. Prefiro o tipo de garotas mais encorpadas e rosadas, como Ruby Gillis ou Diana Barry. Ruby Gillis, sobretudo, é uma garota muito atraente. Porém, de alguma forma... não sei bem como, mas quando as três estão juntas, embora ela seja bem menos bonita que as outras, Anne faz com que Diana e Ruby pareçam relativamente comuns...

é mais ou menos como colocar aqueles lírios brancos de junho, que ela chama de narcisos, ao lado das peônias grandes e vermelhas... essa é a verdade.





*A*nne teve suas “ótimas” férias de verão e se divertiu animadamente. Ela e Diana passaram praticamente o tempo todo ao ar livre, aproveitando as delícias que a Vereda dos Apaixonados, a Bolha da Dríade, a Lagoa dos Salgueiros e a Ilha Vitória ofereciam. Marilla não fez nenhuma objeção a todos esses passeios. O médico de Spencervale que tinha vindo ver Minnie May na noite em que ela teve difteria encontrou Anne na casa de um paciente, em uma tarde dos primeiros dias das férias, olhou para ela atentamente, mordeu os lábios, balançou a cabeça e, por outra pessoa, mandou a seguinte mensagem a Marilla Cuthbert:

– Mantenha essa sua menina ruiva ao ar livre durante todo o verão e não permita que ela leia livros até que adquira mais saúde e energia.

Marilla ficou profundamente assustada, pois viu nessa mensagem um sinal de que Anne morreria por esgotamento, caso as recomendações médicas não fossem seguidas à risca. Consequentemente, a menina teve o

verão de ouro de sua vida, com toda a liberdade e muita diversão; caminhou, remou, colheu frutas da estação e sonhou o quanto bastasse para contentar seu coração.

Quando setembro chegou, Anne tinha os olhos brilhantes e alertas, saúde e energia que deixariam o médico de Spencervale satisfeito, e o coração, cheio de entusiasmo e ambições novamente.

– Estou com muita vontade de estudar com grande afinho e dedicação – ela declarou a Marilla, quando desceu com os livros recém-tirados do baú.

– Oh, meus velhos e bons amigos, estou contente em ver de novo suas capas alegres... sim, até você, geometria! Marilla, tive um verão perfeitamente maravilhoso, e agora estou animada e alegre, “como um herói a percorrer o seu caminho”, como disse o senhor Allan no domingo passado. O senhor Allan não faz sermões magníficos? A senhora Lynde falou que ele está cada dia melhor e que logo, logo alguma igreja da cidade vai tirá-lo de nós, e vamos ter de buscar e nos contentar com outro pastor inexperiente. Mas não vejo motivo para nos preocuparmos antes de termos o problema; a senhora vê, Marilla? É melhor aproveitarmos o senhor Allan enquanto ele está conosco. Se eu fosse homem, acho que gostaria de ser um pastor. Eles podem ter tanta influência para o bem, se sua teologia for sensata! E deve ser tão emocionante fazer sermões esplêndidos, que toquem o coração de seus ouvintes... Por que as mulheres não podem ser pastoras, Marilla? Fiz essa mesma pergunta à senhora Lynde, e ela ficou chocada. Depois, respondeu que isso seria um escândalo, embora seja provável que existam pastoras nos Estados Unidos. Ela até acredita que há mesmo, mas disse que, graças a Deus, ainda não chegamos a esse estágio aqui no Canadá, e que espera que isso nunca aconteça. Porém, não entendo por que não. Eu penso que as mulheres seriam pastoras esplêndidas. Afinal, sempre que vai haver uma reunião social, um chá da igreja, ou qualquer outro evento para arrecadar dinheiro, são as mulheres que organizam tudo. Tenho certeza de que a senhora Lynde pode fazer preces tão bem quanto o superintendente Bell, e não duvido que possa fazer bons sermões também, se praticar um pouco.

– Sim, acredito que possa mesmo – Marilla falou secamente. – Ela já faz tantos sermões extraoficialmente. Ninguém tem muita chance de fazer coisas erradas em Avonlea, sem que Rachel fique sabendo.

– Marilla – disse Anne, em um repente de coragem –, quero contar uma coisa e perguntar o que a senhora pensa sobre ela. Isso tem me preocupado terrivelmente nas tardes de domingo... quer dizer, quando eu penso especialmente sobre assuntos como esse. Eu realmente quero ser uma pessoa boa. E quando estou com a senhora, com a senhora Allan ou com a senhorita Stacy, quero isso mais do que nunca, e só tenho vontade de fazer o que agrade vocês e tenha sua aprovação. Porém, na maior parte do tempo que passo com a senhora Lynde, me sinto desesperadamente má, como se eu tivesse vontade de fazer exatamente aquilo que ela está dizendo que não devo fazer. Fico irresistivelmente tentada a fazer aquilo. Então, na opinião da senhora, por que acontece isso comigo? Acha que é por que sou realmente má e incorrigível?

Por alguns segundos, Marilla pareceu hesitar. Em seguida, riu.

– Se você é, Anne, então eu também sou, pois Rachel tem exatamente esse efeito sobre mim. Às vezes, penso que ela influenciaria mais as pessoas para o bem, como você mesma diz, se não ficasse chateando todo mundo com essa mania de nos dizer o que é ou não é correto. Devia existir um mandamento especial sobre chatear os outros. Nossa, não devo falar assim. Rachel é uma mulher cristã, generosa, e tem boas intenções. Não há outra alma mais gentil em Avonlea, e, além disso, ela nunca se esquivava de sua parte no trabalho.

– Estou muito contente em saber que a senhora sente o mesmo – Anne falou, confiante. – É tão encorajador! Depois disso, não preciso mais me preocupar tanto. Mas sei que vão aparecer outras coisas para me preocupar... coisas que nos confundem, a senhora sabe, não é? É só resolvermos uma questão e já surge outra, logo em seguida. Existem tantas coisas para pensar e decidir quando se está crescendo... Fico o tempo todo ocupada, refletindo e tomando decisões sobre o que é certo. Crescer é muito sério, não é, Marilla? Mas quando se tem bons amigos, como tenho

a senhora, Matthew, a senhora Allan e a senhorita Stacy, é preciso crescer da melhor maneira possível, e tenho certeza de que, se isso não acontecer, a culpa vai ser toda minha. Sinto que é uma grande responsabilidade, porque só possuo uma única chance. Se eu não crescer corretamente, não posso voltar atrás e começar tudo de novo. Oh, cresci cinco centímetros durante o verão, Marilla! O senhor Gillis me mediu, no dia da festa de Ruby. Ainda bem que a senhora fez meus vestidos um pouco mais compridos. Aquele verde-escuro é lindo, e foi tão encantador a senhora ter colocado babados nele. É claro que sei que não era realmente necessário, mas os babados estão muito elegantes neste outono; e Josie Pye tem babados em todos os seus vestidos. Acho que vou ser capaz de estudar melhor, por causa dos meus... vou ter uma sensação tão confortável, lá no fundo, por conta deles...

– Bem, se é assim, pelo menos, eles têm alguma utilidade.

A senhorita Stacy voltou para Avonlea e encontrou todos os seus alunos ansiosos para retomar os estudos, especialmente os da classe preparatória para a Queen's. Estavam próximos do grande combate, pois, no final do próximo ano, aconteceria a coisa fatídica conhecida como “Exame de Admissão”, cuja sombra aterrorizante já pairava sobre suas cabeças, deixando-os apavorados. E se não passassem? Esse pensamento atormentava Anne a cada momento em que estava acordada durante aquele inverno, inclusive nas tardes de domingo, quando ele praticamente tomava o lugar dos problemas morais e teológicos. Além disso, em seus pesadelos, Anne se via contemplando tristemente a lista dos aprovados no exame, em cujo topo estava o nome de Gilbert Blythe e na qual seu nome não aparecia.

Apesar disso, o inverno passou muito depressa, e foi alegre e cheio de ocupações. Os trabalhos da escola eram tão interessantes – e a rivalidade, tão sedutora – quanto anteriormente. Novos horizontes de pensamentos, sentimentos e ambições; campos fascinantes de conhecimento ainda não explorados surgiram diante dos olhos ansiosos de Anne.

*Colinas surgem atrás de colinas, e Alpes se erguem sobre Alpes.******

Grande parte disso se deveu à orientação habilidosa, cuidadosa e liberal da senhorita Stacy. Ela levava seus alunos a refletir, explorar e descobrir por si mesmos; encorajava-os a deixar seus pensamentos trilharem caminhos diferentes dos já percorridos, a tal ponto que chocou bastante a senhora Lynde e os administradores da escola, que desconfiavam de todas essas inovações nos métodos há muito tempo estabelecidos.

Além de seus estudos, Anne também ampliou horizontes socialmente, pois Marilla, sempre consciente da opinião do médico de Spencervale, não mais vetou saídas ocasionais. O Clube de Debates floresceu e promoveu vários espetáculos; houve uma ou duas festas quase iguais aos eventos de adultos; e aconteceram, ainda, passeios de trenó e patinação em abundância.

Enquanto isso, Anne crescia, e tão rapidamente que, certo dia em que estavam as duas de pé, lado a lado, Marilla se surpreendeu ao constatar que a menina estava mais alta do que ela.

– Misericórdia, Anne, como você cresceu! – exclamou, mal acreditando no que acabava de perceber.

Um suspiro se seguiu às palavras de Marilla, que sentiu uma espécie de angústia, por causa dos centímetros a mais de Anne. A criança que ela havia aprendido a amar tinha, de alguma forma, desaparecido. Agora, via à sua frente uma menina de 15 anos, alta, com um olhar sério, ar pensativo e mente equilibrada. Marilla amava essa menina tanto quanto tinha amado a criança, mas sabia da existência de uma estranha e triste sensação de perda.

Naquela noite, depois que Anne saiu para ir com Diana à reunião do grupo de oração na igreja, Marilla se sentou sozinha, durante o crepúsculo gelado do inverno, e se permitiu a fraqueza de chorar. Quando Matthew entrou em casa, segurando uma lanterna, e se deparou com a irmã daquele jeito, olhou para ela com tanta consternação que Marilla teve de rir, entre as lágrimas.

– Estava pensando em Anne – ela explicou. – Ela cresceu tanto... e provavelmente vai estar longe de nós no próximo inverno. Vou sentir uma falta horrível dela.

– Ela vai poder vir para casa com frequência – disse Matthew, para quem Anne ainda era, e sempre seria, a criança falante que ele havia trazido de Bright River naquela tarde de junho, quatro anos atrás. – Até lá, a ferrovia para Carmody já vai estar pronta.

– Não vai ser o mesmo que ter a menina aqui conosco o tempo todo – Marilla suspirou tristemente, determinada a se aproveitar da situação de tristeza e desconsolo. – Ora, esqueça... homens não entendem essas coisas!

Houve outras mudanças em Anne, não menos reais do que as transformações físicas. Por exemplo, ela ficou menos tagarela. Talvez pensasse ainda mais e sonhasse o mesmo tanto que anteriormente, mas, sem dúvida alguma, Anne falava menos. Marilla percebeu isso, e falou com ela a esse respeito também.

– Você não fica mais tagarelando como costumava fazer, Anne, nem usa mais tantas palavras complicadas. O que foi que aconteceu?

Anne enrubescou e sorriu, enquanto largava o livro e olhava sonhadoramente pela janela, para contemplar os grandes botões vermelhos que cresciam na trepadeira, em resposta ao calor do sol da primavera.

– Não sei... não tenho mais tanta vontade de falar – ela respondeu, pensativa, pressionando o dedo indicador contra o queixo. – É melhor guardar pensamentos bonitos e queridos dentro do coração, como tesouros. Não quero que ninguém ria de meus pensamentos, ou que se admire com eles. E, não sei por que, também não desejo mais usar palavras complicadas. É uma pena, não é?... Logo agora que estou ficando suficientemente grande para usar todas que eu quiser... Em alguns aspectos, é divertido ser quase adulta, mas não é o tipo de diversão que eu esperava, Marilla. Tenho tanta coisa para pensar, aprender e fazer, que não sobra tempo para me dedicar às palavras complicadas. Além disso, a senhorita Stacy sempre diz que as mais simples são muito mais fortes e

melhores. Ela nos orienta a fazer nossos textos da forma mais compreensível que pudermos. No começo, foi muito difícil. Eu estava habituada a encher minhas composições com as palavras difíceis mais bonitas que viessem à minha mente... e sempre pensava em muitas... Mas, agora, já me acostumei a nem me lembrar delas, e concluí que assim é melhor mesmo.

– O que foi feito de seu clube de histórias? Faz muito tempo que não ouço você falar dele.

– O clube de histórias não existe mais. Não tínhamos mais tempo para ele.... e, além disso, acho que nos cansamos daquilo. Compreendemos que era uma tolice ficar escrevendo sobre amores, assassinatos, fugas e mistérios. Às vezes, a senhorita Stacy nos pede para escrever uma história para treinarmos nossa habilidade, mas ela não nos deixa escrever nada além do que pode acontecer em Avonlea e em nossas próprias vidas. Em seguida, ela corrige nossas composições muito rigorosamente e nos faz analisar também nossos próprios trabalhos. Até então, eu nunca tinha achado que minhas composições tinham tantos defeitos. Fiquei tão envergonhada que quis desistir de tudo. Porém, a senhorita Stacy falou que eu poderia aprender a escrever bem se treinasse para ser minha própria e mais severa avaliadora. E é isso que estou fazendo.

– Faltam só dois meses para o exame – Marilla falou. – Você acha que vai conseguir passar?

Anne estremeceu.

– Não sei, Marilla. De vez em quando, penso que vou me sair bem... mas, logo depois, fico muito insegura. Estamos estudando bastante, e a senhorita Stacy tem nos treinado intensamente, mas, mesmo assim, não sei se vamos ser bem-sucedidos. Cada um de nós tem um ponto fraco. O meu é a geometria, claro; o de Jane é o latim; o de Ruby e Charlie é a álgebra; e o de Josie, a aritmética. Moody Spurgeon diz que sente em seus ossos que vai fracassar na história. Em junho, a senhorita Stacy vai nos aplicar exames semelhantes aos que vamos fazer na Queen's; ela disse que vai corrigir essas provas com o mesmo rigor dos examinadores da Academia.

Assim, poderemos ter alguma ideia de como vamos nos sair. Eu queria que tudo já estivesse acabado, Marilla. Isso tem me assombrado tanto... Às vezes, acordo no meio da noite e me pergunto o que vou fazer se não passar.

– Ora, voltar para a escola no ano que vem, e depois tentar de novo – disse Marilla, despreocupada.

– Oh, não acho que teria capacidade para isso. Fracassar seria muita humilhação, especialmente se Gil... se os outros passarem. E fico tão nervosa durante um exame que é bem provável que eu acabe fazendo muitas besteiras. Queria ter os nervos de Jane Andrews. Jane não se perturba por nada.

Anne suspirou e, desviando os olhos dos encantos da primavera lá fora, da brisa suave e do céu azul, de todas as belezas verdes que brotavam e cresciam no jardim, concentrou, resoluto, toda a atenção em seu livro.

Haveria muitas outras primaveras, mas Anne estava convencida de que, se não conseguisse passar no exame de admissão, nunca se recuperaria o suficiente para aproveitá-las.





CAPÍTULO XXXII

A lista de aprovados é divulgada

Juntamente com o fim do mês de junho, vieram o fechamento do período letivo e o término da permanência da senhorita Stacy em Avonlea. Anne e Diana caminharam de volta para casa naquela tarde se sentindo realmente tristes. Olhos vermelhos e lenços úmidos eram testemunhas convincentes de que as palavras de despedida da senhorita Stacy certamente foram tão comoventes quanto tinham sido as do senhor Phillips, em circunstâncias semelhantes, três anos antes. No sopé da colina de pinheiros, Diana olhou para a escola e suspirou profundamente.

– Parece que foi o fim de tudo, não é? – disse, melancólica.

– Você não deveria se sentir tão mal quanto eu – Anne respondeu, procurando, em vão, uma parte seca em seu lenço. – Você vai voltar no próximo inverno, mas suponho que eu deixei a velha e querida escola para sempre... se tiver a sorte de passar no exame, claro.

– Vai ser muito diferente, Anne. A senhorita Stacy não vai estar mais lá e, provavelmente, nem você, nem Jane, nem Ruby. Vou ter de me sentar

sozinha, pois, depois de você, eu não suportaria compartilhar minha carteira com mais ninguém. Oh, tivemos dias tão felizes, não tivemos? É horrível pensar que tudo acabou.

Duas lágrimas pesadas rolaram sobre o rosto de Diana.

– Se você parasse de chorar, acho que eu poderia me controlar também – Anne praticamente implorou. – Exatamente no momento em que guardo meu lenço, vejo suas lágrimas e começa tudo de novo. Vamos fazer como a senhora Lynde costuma aconselhar: “Se você não pode ser alegre, seja o mais alegre que puder”. Além do mais, me atrevo a dizer que vou estar de volta no ano que vem, pois esse é um daqueles momentos em que *sei* que não vou passar no exame. E eles estão ficando cada vez mais frequentes!

– Ora, seus resultados nos exames que a senhorita Stacy preparou foram esplêndidos, Anne.

– Sim, mas aquelas provas não me deixaram nervosa. Quando penso no exame real, você não pode imaginar o sentimento gelado e horripilante que toma conta de meu coração. Além disso, meu número é o treze, e Josie Pye disse que ele dá muito azar. *Não* sou supersticiosa e sei que isso não faz a menor diferença, mas, ainda assim, eu acharia melhor se meu número fosse qualquer outro.

– Sinceramente, eu gostaria de poder ir para Charlottetown com você, na época dos exames – Diana falou. – Não seria perfeitamente elegante? Mas suponho que você tenha de estudar vorazmente nas noites que antecedem as provas.

– Não. A senhorita Stacy nos fez prometer que não vamos abrir nenhum livro. Ela falou que isso só nos deixaria cansados e confusos. Devemos sair e fazer caminhadas, não pensar, de modo algum, nos exames, e ir para a cama cedo. São bons conselhos, mas difíceis de serem seguidos. Prissy Andrews me contou que ficava acordada estudando obstinadamente durante metade de cada noite da semana de provas; e eu estava decidida a fazer isso também, *pelo menos* durante o mesmo número de horas. Oh, Diana, foi muita gentileza de sua tia Josephine me convidar para ficar em Beechwood enquanto eu estiver na cidade.

– Vai escrever para mim, não vai?

– Vou escrever na terça-feira à noite e contar como foi o primeiro dia –
Anne prometeu.

– Então, vou rondar o posto do correio o tempo todo na quarta-feira –
Diana garantiu.

Anne viajou para a cidade na segunda-feira seguinte e, na quarta-feira, Diana vigiou o posto do correio, como combinado, e recebeu sua carta.

Minha queridíssima Diana,

Aqui é terça-feira à noite e estou escrevendo esta carta na biblioteca de Beechwood. Ontem à noite, eu estava terrivelmente solitária, sozinha no meu quarto, e desejei muito que você estivesse comigo. Eu não podia estudar, porque tinha prometido à senhorita Stacy que não faria isso, mas tive de fazer tanto esforço para não abrir meu livro de história quanto costumava fazer para não ler um romance antes de estudar minhas lições.

Hoje de manhã, a senhorita Stacy passou aqui e me levou até a Academia; no caminho, Jane, Ruby e Josie se juntaram a nós. Ruby me pediu para tocar em suas mãos, e elas

estavam frias como gelo. Josie falou que minha aparência era a de quem não tinha pregado o olho, e que não acreditava que eu fosse suficientemente forte para suportar o trabalho árduo do curso de magistério, mesmo que eu conseguisse ser aprovada no exame de admissão para a Queen's. Até hoje, ainda há momentos em que acho que não fiz grande progresso em meu empenho em aprender a gostar de Josie Pye!

Quando chegamos à Academia, encontramos um grande número de estudantes de todas as partes da ilha. A primeira pessoa conhecida que vimos foi Moody Spurgeon; estava sentado nos degraus, resmungando para si mesmo. Jane perguntou-lhe o que ele estava fazendo, e Moody disse que estava repetindo a tabuada várias vezes, para acalmar seus nervos. E pediu, por misericórdia, que não fosse mais interrompido, porque, se parasse de novo, ficaria apavorado e esqueceria tudo o que sabia; afirmou que a tabuada ajudava a

manter todos os conhecimentos firmes em seus devidos lugares.

Quando fomos levados para as salas, a senhorita Stacy teve de nos deixar. Jane e eu sentamos próximas uma da outra, e ela estava tão tranquila que senti inveja. Não havia necessidade de recitar a tabuada para a tranquila e sensata Jane! Fiquei me perguntando se eu estava deixando transparecer o que sentia, e se todos naquela sala podiam escutar os batimentos disparados de meu coração. Então, um homem entrou e começou a distribuir as provas de inglês. Minhas mãos gelaram, e senti o mundo girar a meu redor quando peguei aqueles papéis. Foi um momento terrível... Diana, senti exatamente a mesma coisa que há quatro anos, quando perguntei a Marilla se eu podia ficar em Green Gables. Em seguida, ficou tudo claro em minha mente, e meu coração voltou a bater – oh, esqueci de dizer que ele havia parado completamente!... Afinal, eu

sabia que, de alguma forma, era capaz de fazer alguma coisa com aquela prova.

Ao meio-dia, saímos para almoçar em casa e depois voltamos para fazer o exame de história. Ele estava bastante difícil, e fiquei horivelmente confusa a respeito das datas. Mesmo assim, acho que me saí razoavelmente bem hoje. Porém, oh, Diana, amanhã vamos fazer o teste de geometria, e, quando penso nisso, perco toda a determinação que tenho para não abrir o livro. Se eu achasse que a tabuada poderia me ajudar um pouco, ficaria recitando as operações a partir de agora até amanhã de manhã.

No fim da tarde de hoje, fui visitar as outras meninas. No caminho, encontrei Moody Spurgeon perambulando distraidamente. Ele me disse que sabia que tinha fracassado em história, que havia nascido para decepcionar seus pais, e que voltaria para casa no trem de

amanhã de manhã. Falou também que, de qualquer modo, seria mais fácil trabalhar como carpinteiro do que como pastor da igreja. Consegui animar Moody e convencê-lo a ficar até o final, pois, se desistisse agora, estaria sendo injusto com a senhorita Stacy. Já desejei algumas vezes ter nascido menino, mas, sempre que vejo Moody Spurgeon, fico contente por ser uma menina e por não ser irmã dele.

Ruby estava histérica quando cheguei à casa onde ela está hospedada; tinha acabado de descobrir um erro grave que cometeu na prova de inglês. Quando se acalmou, fomos ao centro da cidade e tomamos sorvete. Como sentimos sua falta, Diana!

Oh, se pelo menos eu já estivesse livre da prova de geometria... Porém, como a senhora Lynde gosta de dizer, se eu for bem-sucedida ou não em geometria, “o sol continuará a nascer e a se pôr”. Isso é

verdade, mas não é muito consolador. Acho que eu preferiria que ele não continuasse.

Sua amiga do peito,
Anne

A prova de geometria e todas as outras foram realizadas em seu devido tempo, e Anne voltou para casa no fim da tarde de sexta-feira, bastante cansada, mas com um modesto ar de triunfo. Diana estava em Green Gables quando ela chegou, e as duas se encontraram como se tivessem ficado separadas durante anos.

– Minha velha e querida amiga! É perfeitamente esplêndido ver você aqui de novo. Parece que passou um século desde que viajou para a cidade. Oh, Anne, como você se saiu?

– Razoavelmente bem, eu acho; em tudo, exceto geometria. Não sei se fui bem-sucedida nesse teste ou não, mas tenho um pressentimento assustador, arrepiante até, de que não passei. Oh, como é bom estar de volta! Green Gables é o lugar mais querido e encantador do mundo.

– E os outros? Foram bem nas provas?

– As meninas disseram que sabiam que não passaram, mas eu penso que se saíram muito bem. Josie falou que o teste de geometria estava tão fácil que uma criança de 10 anos poderia resolver as questões! Moody Spurgeon ainda acha que foi malsucedido em história, e Charlie disse que fracassou em álgebra. Porém, nós realmente só vamos saber a verdade quando divulgarem a lista com os nomes dos aprovados; e isso só vai acontecer daqui a quinze dias. Imagine viver duas semanas nesse suspense! Eu queria poder dormir e só acordar depois que isso tiver fim.

Diana sabia que seria inútil perguntar como Gilbert Blythe tinha se saído; portanto, disse simplesmente:

– Oh, vai dar tudo certo. Não se preocupe.

– Prefiro não passar, a não ter uma ótima posição na lista – Anne afirmou, querendo, de fato, dizer (e Diana sabia disto) que o sucesso seria incompleto e amargo se seu nome não aparecesse acima do de Gilbert Blythe.

Com tal objetivo em mente, Anne tinha esgotado todos os seus nervos durante as provas, assim como fez Gilbert também. Eles haviam se encontrado e passado um pelo outro na rua uma dúzia de vezes, sem nenhum sinal de reconhecimento. Em cada uma dessas vezes, Anne tinha erguido a cabeça – cada vez mais alto – e desejado – cada vez mais sinceramente – ter feito as pazes com Gilbert quando ele lhe pediu desculpas na margem do lago. E, em todas essas vezes, ela prometeu a si mesma – sempre com um pouco mais de determinação – que o superaria nos resultados dos exames. Ela sabia que todos os jovens de Avonlea se perguntavam qual dos dois ficaria no topo da lista; e tinha conhecimento até de que Jimmy Glover e Ned Wright haviam feito uma aposta sobre isso, e de que Josie Pye tinha dito que não restava no mundo a menor dúvida de que Gilbert ficaria em primeiro lugar. Na verdade, Anne sentia que sua humilhação seria insuportável se ela fracassasse.

Entretanto, ela tinha outro, e mais nobre, motivo para desejar se sair muito bem. Anne queria “brilhar”, por causa de Matthew e Marilla; especialmente por Matthew, que havia lhe declarado sua convicção de que ela “superaria toda a ilha”. A menina sabia que esperar por isso, mesmo nos sonhos mais inusitados, seria uma tolice. Por outro lado, tinha fortes esperanças de pelo menos ficar entre os dez primeiros lugares, de forma que pudesse ver os doces olhos castanhos de Matthew brilhar de orgulho por sua conquista. Anne sentia que isso seria realmente uma enorme recompensa por todo o seu trabalho duro e sua paciência para lidar com conjugações e equações que não ofereciam nenhuma possibilidade para a imaginação.

Ao final do prazo de duas semanas, ela começou a “rondar” o posto do correio, na companhia das também ansiosas Jane, Ruby e Josie. Com as mãos trêmulas e frias, o coração apertado e sentimentos tão ruins quanto

aqueles experimentados durante o exame de admissão, elas conferiam todos os jornais de Charlottetown. Charlie e Gilbert não deixaram de fazer o mesmo, mas Moody Spurgeon permaneceu resolutamente longe de tudo isso.

– Não tenho coragem suficiente para ir lá e olhar os jornais a sangue-frio – ele confidenciou a Anne. – Vou simplesmente esperar até que alguém chegue de repente e me diga se fui aprovado ou não.

Quando três semanas se passaram sem que o resultado do exame aparecesse, Anne começou a sentir que realmente não aguentaria a tensão por muito mais tempo. Seu apetite diminuiu e seu interesse pelos acontecimentos de Avonlea enfraqueceu. A senhora Lynde quis saber o que mais poderia ser esperado de um superintendente de ensino do Partido Conservador no controle da situação, e Matthew, percebendo a palidez e a apatia de Anne, além da lentidão dos passos que a traziam para casa todas as tardes, de volta do posto do correio, começou a se perguntar seriamente se não seria melhor votar no Partido Liberal nas próximas eleições.

Finalmente, certa tarde, a notícia chegou. Anne estava sentada perto de sua janela aberta, distraída da espera angustiante pelo resultado dos exames e esquecida dos assuntos terrenos, apenas contemplando a beleza do crepúsculo de verão docemente perfumado pelas flores do jardim e embalado pelo farfalhar dos álamos. O céu do leste, sobre os abetos, estava levemente rosado, e Anne se perguntava sonhadoramente se o espírito das cores seria parecido com aquilo, quando subitamente avistou Diana passar correndo pelos pinheiros, atravessar a ponte de troncos e subir a colina, com um jornal balançando na mão.

Anne se levantou rapidamente, pois logo imaginou o que havia naquele jornal. Finalmente, a lista dos aprovados tinha sido divulgada! Sua cabeça começou a girar e seu coração disparou de tal maneira que chegou a doer. Ela não conseguiu dar nem mesmo um passo. Pareceu ter se passado uma hora antes que Diana atravessasse o *hall* em disparada e irrompesse no quarto dela, sem sequer bater à porta, tamanho era seu entusiasmo.

– Anne, você foi aprovada! – a amiga exclamou. – Passou em *primeiríssimo* lugar... tanto você como Gilbert... vocês empataram... mas seu nome está no topo da lista! Oh, estou tão orgulhosa!

Diana jogou o jornal sobre a mesa e se atirou na cama de Anne, totalmente sem fôlego, e incapaz de continuar a falar. Tendo usado meia dúzia de fósforos antes que suas mãos trêmulas pudessem cumprir a tarefa, Anne acendeu a lamparina e pegou o jornal imediatamente. Sim... ela tinha sido aprovada... lá estava seu nome, bem no topo de uma lista de duzentos outros. Esse momento valeu a pena viver.

– Seu desempenho foi esplêndido, Anne – Diana elogiou a amiga, após ter se recuperado o suficiente para sentar e voltar a falar, pois, até então, Anne, de olhos arregalados e extasiados, não havia dito uma só palavra. – Papai chegou de Bright River há menos de dez minutos, trazendo esse jornal, que saiu de lá no trem da tarde e só vai estar no posto do correio amanhã. Quando li a lista dos aprovados, corri pra cá como uma desesperada. Todos vocês passaram, sem exceção; até mesmo Moody Spurgeon, sob a condição de progredir mais em história. Jane e Ruby se saíram bem... estão acima do meio da lista, assim como Charlie. Josie passou raspando, com apenas três pontos acima do mínimo necessário, mas aposto que vai se comportar como se tivesse entre os primeiros colocados. A senhorita Stacy não vai ficar encantada com esse resultado? Oh, Anne, qual é a sensação de ver seu nome na cabeça de uma lista de aprovados como esta? Se fosse eu, sei que ficaria louca de alegria. Nem sou eu, e já estou quase louca... Porém, você está tão calma e tranquila como uma noite de primavera...

– Estou completamente deslumbrada por dentro – Anne falou, por fim. – Quero dizer uma centena de coisas, mas não consigo encontrar as palavras certas. Nunca sonhei com isso... quer dizer, sonhei sim, uma só vez! Eu me deixei levar por este pensamento *uma vez*: “E se eu ficasse em primeiro lugar?” Mas me arrependi, pois me pareceu muita vaidade e pretensão querer superar os outros estudantes da ilha. Oh, Diana, preciso

correr até o campo para contar ao Matthew. Depois, podemos seguir a estrada e dar a boa notícia a todos.

Então, as duas se apressaram em chegar ao campo próximo ao celeiro, onde Matthew estava enrolando o feno; e, por sorte, a senhora Lynde estava conversando com Marilla na cerca da alameda.

– Oh, Matthew – Anne exclamou –, fui aprovada, e passei em primeiro lugar... embora não esteja sozinha nessa posição. Não estou vaidosa, mas, sim, muito grata!

– Bem... ah, eu sempre disse que seria assim, Anne – Matthew respondeu, contemplando a lista, fascinado. – Eu sabia que você era capaz de superar todos eles facilmente.

– Você se saiu muito bem, Anne, tenho de reconhecer isso – Marilla falou, tentando esconder, do olho crítico da senhora Rachel, o enorme orgulho que sentia de Anne.

No entanto, a bondosa criatura admitiu, com sinceridade:

– Sim, ela se saiu bem; longe de mim não reconhecer isso. Você é um motivo de alegria para todos os seus amigos, Anne. Essa é a verdade! E estamos orgulhosos de você.

Naquela noite, Anne, que havia encerrado a tarde maravilhosa com uma pequena conversa séria com a senhora Allan na casa paroquial, ajoelhou-se perto de sua janela aberta e lindamente iluminada pelo brilho da lua e murmurou uma prece vinda diretamente do fundo de seu coração, que expressava gratidão pelo passado e um pedido reverente para o futuro. E quando Anne adormeceu sobre o travesseiro branco, seus sonhos foram tão lindos e fascinantes quanto ela poderia desejar.





– *D*onha seu vestido branco de organdi, Anne. Claro! – aconselhou Diana, decidida.

As duas estavam no quarto do sótão do leste. Lá fora, anoitecia. Era um belo crepúsculo amarelo-esverdeado, com um claro céu azul, sem nuvens. Uma lua grande e redonda, que mudava lentamente de um tom amarelo-claro para um prateado brilhante, pairava sobre o Bosque Assombrado. O ar estava repleto de sons doces, característicos do verão: gorjeios de pássaros sonolentos; brisas inconstantes, vozes e risadas ao longe. Contudo, no quarto de Anne, a persiana estava fechada, e a lamparina, acesa, pois um importante processo estava em andamento ali: ela estava se arrumando.

O quarto do sótão do leste havia se tornado um lugar muito diferente do que era quatro anos antes, quando Anne, ao entrar lá pela primeira vez, sentiu a ausência de aconchego e calor humano penetrar seu espírito na forma de um arrepio gelado. Mudanças foram feitas aos poucos, com a

aceitação resignada de Marilla, até o cômodo se transformar em uma espécie de ninho tão agradável e gracioso quanto uma jovem poderia querer.

Sem dúvida, o carpete de veludo com estampa de flores cor-de-rosa e as cortinas de seda também cor-de-rosa que faziam parte das primeiras visões de Anne nunca haviam se materializado; entretanto, como os sonhos da menina acompanharam seu crescimento, é muito improvável que ela tenha lamentado por isso. O chão estava coberto com um belo tapete, e as cortinas que enfeitavam a janela alta e tremulavam com as brisas errantes eram de musselina verde-clara. As paredes não estavam adornadas com tapeçarias bordadas com fios de ouro e prata, mas eram cobertas com um delicado papel estampado com flores de macieira, além de algumas gravuras bonitas que a senhora Allan tinha dado de presente.

Uma fotografia da senhorita Stacy ocupava o lugar de honra, e, por razões sentimentais, Anne não deixava de manter sempre um vaso com flores frescas na prateleira abaixo dela. Nessa noite, em particular, um ramo de lírios brancos perfumava suavemente o cômodo com uma fragrância de sonhos. Não havia “móveis de mogno”, mas sim uma estante pintada de branco e cheia de livros; uma cadeira de balanço de vime, com almofada; uma penteadeira enfeitada com babados de musselina branca; um espelho – ligeiramente excêntrico, com moldura dourada, sobre o qual estavam pintados cupidos cor-de-rosa gorduchos e uvas roxas – trazido do quarto de hóspedes e uma cama branca e baixa.

Anne estava se aprontando para ir a um show no hotel de White Sands. Os hóspedes haviam organizado o espetáculo em benefício do hospital de Charlottetown e convidado todos os talentos amadores disponíveis, nos distritos próximos, para se apresentarem. Bertha Sampson e Pearl Clay, do coro da igreja Batista de White Sands, cantariam um dueto; Milton Clark, de Newbridge, faria um solo de violino; Winnie Adella, de Carmody, cantaria uma balada escocesa; e Laura Spencer, de Spencervale, e Anne Shirley, de Avonlea, recitariam.

Como Anne já havia dito uma vez, esse show seria mais “um marco” em sua vida, e ela estava deliciosamente aturdida com a empolgação que sentia. Matthew estava em êxtase, cheio de orgulho e gratidão pela honra conferida a sua Anne; e Marilla não ficava muito longe disso, embora preferisse morrer a admitir esses sentimentos. Além do mais, ela deixou claro que não achava apropriado um bando de jovens se dirigir ao hotel, sem a companhia de nenhuma pessoa adulta e responsável.

Anne e Diana iriam com Jane Andrews e seu irmão, Billy, na grande charrete da família Andrews, e vários outros garotos e garotas de Avonlea também estariam lá. Um grupo de visitantes da cidade era esperado, e, depois do espetáculo, um jantar seria oferecido aos talentos participantes.

– Você tem certeza de que o vestido de organdi é a melhor opção? – Anne indagou, ansiosa. – Acho que o de musselina, com flores azuis, é mais bonito; e, sem dúvida, é mais elegante também.

– Mas o de organdi fica muito melhor em você – Diana argumentou. – É mais macio, tem babados e se ajusta maravilhosamente ao seu corpo. O de musselina é mais duro e faz você parecer excessivamente enfeitada. Anne, o vestido de organdi é perfeito para essa ocasião.

Anne suspirou e cedeu. Diana estava começando a ter a reputação de possuir extremo bom gosto para se vestir, e seus conselhos sobre esse assunto eram cada vez mais procurados. Naquela noite, especificamente, ela estava muito elegante, em um vestido cor de rosas silvestres, cor que Anne havia sido para sempre proibida de usar. Contudo, Diana não participaria do espetáculo e, portanto, sua aparência não era tão importante. Assim, sua maior preocupação era com Anne, que, como tinha prometido à amiga, estaria, para o crédito de Avonlea, vestida, penteada e adornada ao gosto da rainha.

– Puxe esse babado um pouco mais para fora, Anne. Isso! Agora, vou amarrar sua faixa e você vai calçar os sapatos. Quero fazer duas tranças grossas no seu cabelo e amarrar cada uma com um laço branco... não, não tire os cachos que caem sobre a testa. Oh, Anne, não há como você se adaptar melhor a seu cabelo; a senhora Allan diz que você parece uma

madona, quando faz esse penteado. Vou prender essa rosinha branca bem atrás de sua orelha. Só tinha uma no meu jardim, e guardei para você.

– Acha que eu devo colocar um colar de contas peroladas, Diana? – Anne perguntou. – Matthew trouxe um para mim da cidade, na semana passada, e eu sei que ele gostaria de me ver com ele.

Diana franziu os lábios, colocou seu cabelo negro de lado e, finalmente, pronunciou-se a favor das contas, que foram então presas ao redor do pescoço alvo e fino de Anne.

– Existe alguma coisa tão elegante em você, Anne! – disse Diana, com muita admiração e nenhuma inveja. – Você tem um ar tão delicado... Suponho que seja sua estrutura esbelta. Já eu pareço um bolinho. Sempre tive medo de reconhecer a verdade, mas agora sei que é assim. Bem, acho que só resta eu me resignar a isso.

– Mas você tem covinhas encantadoras! – Anne falou, sorrindo carinhosamente para o rosto bonito e cheio de vida da amiga, tão próximo ao seu naquele momento. – Belas covinhas, como pequenos furinhos que se formam no creme de leite. Já perdi qualquer esperança de ter covinhas. Esse meu sonho nunca vai se realizar. Porém, tantos sonhos meus já se tornaram realidade que não posso me queixar. Estou totalmente pronta agora?



Existe alguma coisa tão elegante em você, Anne! – disse Diana.

– Totalmente pronta – Diana garantiu, enquanto Marilla (uma figura muito magra, com cabelo mais grisalho e a mesma quantidade de ângulos, porém com uma expressão bem mais suave no rosto) aparecia à porta. – Entre e veja nossa declamadora, Marilla! Ela não está linda?

Marilla emitiu um som que estava entre uma fungada e um grunhido.

– Ela está apropriadamente bem-arrumada. Gosto do cabelo penteado dessa maneira. Mas suponho que a poeira e o orvalho possam arruinar o vestido durante o trajeto até White Sands. Além disso, esse tecido me parece fino demais para ser usado nestas noites tão úmidas. Organdi é o pano menos prático do mundo; falei isso com Matthew quando ele te deu esse vestido. Mas atualmente é inútil dizer qualquer coisa a Matthew. Foi-se o tempo em que ele ouvia meus conselhos. Agora, simplesmente compra para Anne tudo o que tem vontade. E os vendedores de Carmody sabem que podem convencê-lo a comprar qualquer coisa. É só dizer que um artigo é bonito e está na moda, e pronto: Matthew entrega seu dinheiro a eles. Não deixe de manter a saia longe da roda da charrete, Anne, e vista seu casaco.

Em seguida, Marilla desceu as escadas, pensando orgulhosamente em como Anne estava encantadora, com aquele

*“raio de luar da testa à coroa”, ******

e se lamentando por não poder ir ao show para ouvir sua menina recitar.

– Será que o clima está *mesmo* úmido demais para esse vestido?

– De jeito nenhum – Diana respondeu, abrindo a persiana. – A noite está perfeita, e não vai cair orvalho nenhum. Veja que luar maravilhoso!

– Fico tão contente por minha janela mostrar o leste, o nascer do sol – Anne falou, olhando para Diana. – É tão esplêndido ver a manhã chegar aos poucos, atrás daquelas colinas altas, e o sol atravessar o topo pontiagudo daqueles pinheiros! É tudo novo a cada manhã, e me sinto como se tivesse lavado minha alma mais profunda num banho de sol nascente. Oh, Diana, eu amo tanto esse meu quartinho... Não sei como vou suportar ficar sem ele, quando me mudar para a cidade, no próximo mês.

– Não fale sobre isso hoje – Diana suplicou. – Não quero pensar na sua partida. Fico muito triste, e realmente quero me divertir esta noite. O que vai recitar, Anne? Você está nervosa?

– De modo algum. Já recitei em público tantas vezes que não me importo mais. Decidi declamar “O Voto da Donzela”. É um poema tão comovente! O recital de Laura Spencer vai ser cômico, mas prefiro fazer as pessoas chorarem, em vez de rirem.

– E o que você vai recitar, se pedirem bis?

– Que nada, nem vão sonhar em querer bis, Diana – Anne respondeu modestamente, apesar de possuir esperanças secretas de que pedissem, e de já ter se imaginado contando tudo para Matthew durante o café da manhã do dia seguinte. – Oh, Billy e Jane chegaram. Ouvi o barulho das rodas. Vamos!

Billy Andrews insistiu para que Anne se sentasse no banco da frente com ele, e ela acabou concordando, embora a contragosto, pois preferiria imensamente ir atrás com as amigas, onde poderia rir e conversar alegremente. Com Billy, não havia muitas possibilidades de rir ou conversar. Ele era um jovem de 20 anos, apático, gordo, de rosto redondo e inexpressivo, e com uma dolorosa falta de aptidão para conversar. Entretanto, o rapaz admirava Anne profundamente e estava inchado de orgulho com a perspectiva de chegar ao hotel de White Sands ao lado daquela garota especial e elegante.

Contudo, Anne fez o que pôde para aproveitar a viagem, apesar disso. Afinal, aquela era uma noite dedicada ao entretenimento. Ela olhava para trás para conversar com as outras meninas, e ocasionalmente dedicava um pouco de atenção a Billy, que dava uma risada, ou apenas sorria, mas nunca era capaz de pensar em qualquer resposta antes que fosse tarde demais. A estrada estava cheia de charretes, todas rumando para o hotel, e, ao longo dela, gargalhadas ecoavam e repercutiam clara e nitidamente.

Quando chegaram, o hotel estava totalmente iluminado, de cima a baixo. Foram recebidos pelas senhoras do comitê organizador do evento, e uma delas conduziu Anne ao camarim dos participantes, cheio de

membros do Clube Sinfônico de Charlottetown. Entre eles, Anne se sentiu repentinamente tímida, assustada e caipira. Seu vestido, que, no sótão do leste, parecia tão delicado e bonito, agora se revelava simples e sem graça; “excessivamente simples e sem graça”, ela pensou, se comparado a todas as sedas e rendas que brilhavam e farfalhavam ao seu redor. O que eram suas contas peroladas perto dos diamantes da mulher grande e deslumbrante ao seu lado? E como sua pequena rosa branca ficava pobre, em meio a tantas flores lindas que as outras usavam! Anne guardou o chapéu e o casaco e encolheu-se tristemente em um canto. Naquele momento, ela desejou estar em seu quarto branco em Green Gables.

No palco do grande salão de espetáculos do hotel, onde ela se encontrava agora, foi ainda pior. As luzes elétricas ofuscavam sua vista, o perfume e o zumbido a atordoavam. Ela quis estar sentada na plateia, com Diana e Jane, que pareciam muito felizes, lá nos fundos. Anne estava espremida entre uma senhora corpulenta, vestida de seda rosa, e uma garota alta e de olhar arrogante, com um vestido de renda branca.

De vez em quando, a mulher corpulenta virava a cabeça e examinava Anne minuciosamente, através de seus óculos, até que ela, profundamente sensível a inspeções como essa, tivesse vontade de gritar. E a moça de renda branca ficava o tempo todo falando audivelmente com sua outra vizinha sobre os “jecas” e as “beldades rústicas” na plateia, e antecipando desdenhosamente a “grande diversão” que teriam com as exposições dos talentos locais a que assistiriam. Anne achou que odiaria aquela garota de renda branca até o fim da vida.

E, para aumentar ainda mais a angústia de Anne, uma declamadora profissional estava hospedada no hotel e concordou em recitar também. Era uma mulher ágil, de olhos escuros, usando um vestido maravilhoso, com enfeites prateados cintilantes como raios de luar entrelaçados e com pedras preciosas no pescoço e no cabelo escuro. Tinha uma voz extraordinariamente flexível e um poder de expressão impressionante. A plateia ficou fascinada por seu repertório. Anne, esquecendo-se de si mesma e da situação que estava vivendo, escutou em êxtase, com os olhos

brilhando. Porém, quando a apresentação acabou, ela subitamente colocou as mãos sobre o rosto e concluiu que, depois daquilo, nunca conseguiria se levantar e recitar... jamais! Alguma vez tinha acreditado que era capaz de declamar? Oh, como queria estar de volta a Green Gables!

Exatamente nesse momento inoportuno, seu nome foi chamado. De alguma maneira, Anne – que não percebeu o pequeno sobressalto de culpa que a garota da renda branca teve e que não teria entendido o sutil elogio que estava implícito ali – se levantou e se moveu, completamente aturdida, para a frente. Estava tão pálida que Diana e Jane, na plateia, apertaram as mãos uma da outra, em um ato de nervosa solidariedade.

Então, Anne foi vítima de um incontrolável ataque de medo do palco. Em nenhuma das muitas vezes em que havia recitado em público, tinha tido de enfrentar uma audiência parecida, e a visão daquela plateia a deixou completamente paralisada. Era tudo tão estranho, tão brilhante, tão estonteante... As filas de mulheres em vestidos sofisticados, os olhares críticos, toda aquela atmosfera de riqueza e cultura... Tudo muito diferente dos bancos simples do Clube de Debates, nos quais ela via os rostos familiares e amáveis dos amigos e vizinhos.

Ora, aquelas pessoas que estavam ali, pensou, seriam “críticos impiedosos”. Talvez – assim como a garota da renda branca – estivessem antecipando uma “grande diversão” com as exposições dos talentos “rurais”. Anne se sentiu desesperadamente, desamparadamente envergonhada e infeliz. Seus joelhos tremeram, o coração disparou, uma fraqueza horrível a dominou. Era impossível pronunciar uma única palavra que fosse, e ela certamente teria fugido daquele palco no momento seguinte, apesar da humilhação que – ela sabia – a acompanharia pelo resto de sua vida.

Porém, quando seus olhos arregalados e apavorados se dirigiram para a plateia, Anne avistou Gilbert Blythe no fundo do salão, inclinando-se para a frente, com um sorriso no rosto; um sorriso que imediatamente lhe pareceu triunfante e desafiador. Na verdade, não era nada nem parecido com isso. Gilbert estava sorrindo simplesmente porque apreciava o

ambiente, em geral, e, em particular, o efeito produzido pela figura esbelta de Anne e por seu belo rosto contra o fundo enfeitado com ramos de palmeiras. Josie Pye, que havia vindo com ele, estava sentada a seu lado, e, sem dúvida nenhuma, o semblante *dela* era de triunfo e desafio. Entretanto, Anne não viu Josie, nem teria se importado, se tivesse visto. No mesmo instante, ela respirou profundamente e ergueu a cabeça com dignidade; coragem e determinação haviam estimulado repentinamente seus nervos, como se ela tivesse tomado um choque elétrico.

Anne *não* falharia diante de Gilbert Blythe... Ele *jamaiz* teria uma oportunidade para rir dela... nunca... nunca! Então, de repente, o pânico desapareceu. Ela começou a recitar, e sua voz doce e clara alcançou o mais distante canto do auditório, sem qualquer tremor ou falha. O autocontrole foi totalmente recuperado e, como reação àqueles momentos terríveis de desespero e desamparo, ela declamou como nunca antes. E, quando terminou, houve explosões de aplausos sinceros. Depois, ao voltar para seu assento, corada de timidez e deleite, Anne teve sua mão vigorosamente apertada e sacudida pela corpulenta senhora de seda rosa.

– Minha querida, você recitou esplendidamente! – ela disse. – Chorei como um bebê... sinceramente... Veja, estão pedindo bis... Querem você de volta ao palco!

– Oh, não consigo – disse Anne, atônita. – Mas, ainda assim... preciso ir, ou Matthew vai ficar decepcionado comigo. Ele me disse que pediriam bis.

– Então, não decepcione Matthew – disse, rindo, a senhora de rosa.

Com um sorriso no rosto corado e brilho nos olhos, Anne voltou ao palco e declamou um texto curto, pitoresco e engraçado, que cativou ainda mais seu público. E o resto da noite foi um verdadeiro triunfo para ela.

Após o término do show, a corpulenta senhora de cor-de-rosa – que era nada menos do que a esposa de um norte-americano milionário – puxou Anne pela mão e a apresentou a todos, que, por sua vez, foram muito gentis com ela. A declamadora profissional, a senhora Evans, se aproximou e elogiou a voz de Anne, dizendo que era realmente fascinante,

e também a cumprimentou pela esplêndida “interpretação” de seu repertório. Até mesmo a garota da renda branca lhe fez um pequeno e amável elogio.

Em seguida, houve a ceia (na grande e lindamente decorada sala de jantar do hotel), para a qual Diana e Jane também foram convidadas, já que tinham chegado junto com Anne. Quanto a Billy, este não pôde ser encontrado, pois havia escapado, justamente por um temor mortal de ser convidado para essa refeição. Mas permaneceu na charrete, esperando pelas três, que, quando o evento terminou, saíram alegremente do hotel e pararam diante dele, sob o esplendor calmo e grandioso do luar. Anne respirou profundamente e olhou para o céu limpo, acima e atrás dos ramos escuros dos abetos.

Oh, como era bom estar ao ar livre outra vez, desfrutando a pureza e o silêncio da noite! Como tudo ali era calmo e magnífico, ao som do murmúrio do mar e diante dos penhascos sombrios lá embaixo, como gigantes austeros protegendo praias encantadas.

– Não foi uma noite perfeitamente esplêndida? – Jane suspirou, enquanto seguiam de volta para casa. – Tudo o que eu queria agora era ser uma americana rica, para poder passar o verão num hotel como aquele, usar joias e vestidos decotados e comer sorvete e salada de frango todo santo dia. Tenho certeza de que seria imensamente mais divertido do que lecionar. Anne, seu recital foi simplesmente deslumbrante, embora eu tenha pensado, no início, que você nunca começaria a declamar. Depois, achei até que se saiu melhor do que a senhora Evans...

– Oh, não, não diga uma coisa dessas, Jane – Anne logo interrompeu a amiga –, pois soa como uma tolice. Eu não posso ter sido melhor do que a senhora Evans, porque ela é profissional e eu sou apenas uma estudante, com uma pequena aptidão para declamar. Já estou bastante satisfeita por saber que as pessoas gostaram de minha atuação.

– Tenho um elogio para você, Anne – Diana contou. – Pelo menos, acho que deve ser um elogio, por causa do tom com que ele falou. De qualquer modo, parte do que ele disse foi, com certeza, um elogio. Tinha um

americano sentado atrás de nós... era um homem com uma aparência tão romântica... cabelo e olhos negros como o carvão... Josie Pye afirmou que ele é um artista importante, e que a prima da mãe dela, aquela que mora em Boston, é casada com um homem que frequentou a escola com ele. Bem, nós escutamos o americano dizer... não escutamos, Jane?... “Quem é aquela garota no palco, com aquele esplêndido cabelo à Ticiano? Ela tem um rosto que eu gostaria de pintar.” Foi o que ouvimos, Anne. Mas o que significa “um cabelo à Ticiano”?

– Na minha interpretação, quer dizer simplesmente um cabelo ruivo – Anne riu. Ticiano era um artista italiano, muito famoso, que gostava de pintar mulheres ruivas.

– Vocês viram todos aqueles diamantes que as mulheres usavam? – Jane suspirou. – Deslumbrantes! Vocês não adorariam ser ricas, meninas?

– Nós somos ricas – Anne afirmou com veemência. – Ora, temos a idade, apenas 16 anos, a nosso favor, e somos felizes como as rainhas. Todas nós possuímos imaginação, mesmo que umas mais, outras menos. Olhem para esse mar, meninas! Todo prata e sombras... que imagem magnífica! Não poderíamos apreciar essa beleza de um modo diferente, se tivéssemos milhões de dólares e muitos colares de diamantes. Mesmo se pudessem, sei que vocês não desejariam se tornar uma daquelas mulheres. Gostariam de ser aquela moça do vestido de renda branca e ter aquele ar azedo a vida inteira, como se tivessem nascido torcendo o nariz para o mundo? Ou desejariam ser aquela senhora de rosa, gentil e bondosa, mas baixa e corpulenta, sem graça nenhuma? Quem sabe, talvez, prefeririam ser a senhora Evans, com aquele olhar triste, *muito* triste? Ela deve ter sido terrivelmente infeliz, em algum momento, para ter essa aparência. Você *sabe* que não gostaria, Jane Andrews!

– Não sei... exatamente – disse Jane, ainda não totalmente convencida. – Acho que diamantes confortariam imensamente qualquer pessoa.

– Bem, eu não gostaria de ser mais ninguém, exceto eu mesma, ainda que passasse toda a minha vida sem o conforto dos diamantes – Anne declarou. – Estou muito satisfeita por ser Anne de Green Gables, com meu

colar de contas peroladas. Sei que Matthew me deu o colar com muito mais amor do que aquela madame do vestido rosa jamais recebeu, mesmo possuindo tantas joias.





*A*s três semanas seguintes foram muito agitadas em Green Gables, pois Anne estava se preparando para cursar a Queen's, e havia muita costura a ser feita e muitas coisas a serem discutidas e arranjadas. O enxoval de Anne era grande e bonito, pois Matthew havia cuidado de tudo – e, pela primeira vez, Marilla não tinha feito objeções a nada que ele comprasse ou sugerisse. Além disso, certa noite, ela subiu ao quarto de Anne, carregando nos braços um delicado pano verde-claro.

– Anne, aqui está um tecido para se tornar um belo vestido leve para você. Suponho que realmente não precise disso, pois possuo muitos vestidos bonitos, mas pensei que talvez você gostasse de uma roupa mais requintada para usar se for convidada para algum evento à noite, na cidade... uma festa ou coisa parecida. Ouvi dizer que Jane, Ruby e Josie estão levando, cada uma, um “vestido de noite”, como são chamados, e não quero que você não tenha um também. Pedi à senhora Allan, na

semana passada, que me ajudasse a escolher o tecido lá na cidade, e Emily Gillis vai fazer o vestido para você. Emily tem muito bom gosto e costura como ninguém.

– Oh, Marilla, é verdadeiramente adorável! – Anne exclamou. – MUITÍSSIMO obrigada. Acho que não deveria ser tão amável comigo... assim, fica cada vez mais difícil ir embora.

O vestido verde foi confeccionado com todos os babados, franzidos e pregas que o gosto de Emily Gillis permitiu. E, para agradar Marilla e Matthew, Anne o vestiu, uma noite, e recitou “O Voto da Donzela” para eles, na cozinha. Enquanto Marilla contemplava o rosto expressivo e animado e os movimentos graciosos de Anne, seus pensamentos se voltaram para aquele fim de tarde em que a menina havia chegado a Green Gables. Imediatamente, ela viu, com perfeita nitidez, a imagem de uma criança estranha e assustada, em seu ridículo vestido de tecido barato amarelo-acinzentado, com uma expressão muito triste no rosto e lágrimas nos olhos. Então, alguma coisa nessa lembrança trouxe lágrimas aos olhos da própria Marilla.

– Posso afirmar que minha declamação fez a senhora chorar, Marilla – disse Anne alegremente, se inclinando sobre a cadeira de Marilla para lhe dar um beijinho leve na bochecha. – Ora, chamo isso de um verdadeiro triunfo!

– Não, eu não me comovi por causa de sua apresentação, Anne – disse Marilla, que jamais admitiria uma fraqueza semelhante a chorar por “bobagens como a poesia”. – Apenas não pude deixar de pensar na criança que você costumava ser, Anne. E estava desejando que tivesse permanecido uma menininha, mesmo com todas as suas esquisitices. Agora, você cresceu e vai embora. Está alta e elegante... tão... tão completamente diferente nesse vestido... como se você não pertencesse mais a Avonlea. Fiquei pensando em todas essas coisas e me senti solitária. Foi isso.

– Marilla! – Anne se sentou no colo de Marilla, pegou seu rosto entre as mãos e olhou séria e ternamente para ela. – Eu não mudei nem um

pouco... não mesmo. Apenas cresci e amadureci. Mas o meu eu real... o verdadeiro... continua o mesmo. Não faz muita diferença para onde vou, ou o quanto eu mudo por fora: no fundo, sempre vou ser sua pequena Anne, que amará a senhora, Matthew e a querida Green Gables cada vez mais e melhor, por todos os dias de sua vida.

Anne encostou a bochecha na de Marilla e estendeu o braço para acariciar o ombro de Matthew. Naquele momento, Marilla teria dado tudo o que possuía para ter o dom de Anne de expressar seus sentimentos em palavras. Entretanto, a natureza e o hábito tinham determinado outra coisa, e ela só pôde abraçar a menina e segurá-la carinhosamente perto de seu coração, desejando que ela nunca tivesse de partir.

Matthew, com uma umidade suspeita nos olhos, se levantou e saiu de casa. Sob as estrelas do céu azul de verão, ele caminhou, inquieto, pelo pátio, até o portão sob os álamos.

– Bem... ah, acho que ela não ficou muito mimada – murmurou, orgulhoso. – Suponho que, no final das contas, eu ter me intrometido ocasionalmente não foi muito prejudicial. Ela é inteligente e bonita; e amorosa, também, o que é melhor que todo o resto. Anne tem sido uma bênção para nós, e nunca houve um erro mais bem-aventurado do que aquele que a senhora Spencer cometeu... se é que aquilo foi mesmo um acaso. Eu não acredito que tenha sido isso. Foi a Providência, é lógico, porque o Todo Poderoso viu que precisávamos dela... só pode ter sido.

Finalmente, chegou o dia em que Anne deveria se mudar para a cidade. Ela e Matthew seguiram pela estrada, em uma bela manhã de setembro, depois de uma despedida chorosa com Diana e outra mais prática e sem lágrimas – pelo menos, por parte de Marilla – com a irmã de Matthew. No entanto, quando Anne já tinha partido, Diana enxugou as lágrimas e foi a um piquenique na praia de White Sands, com alguns de seus primos de Carmody, e conseguiu se divertir razoavelmente bem. Enquanto isso, Marilla mergulhou profundamente em tarefas desnecessárias e trabalhou duramente durante o dia todo, com o tipo mais amargo de dor no coração: a dor que queima e corrói e que não se lava com lágrimas. Porém, naquela

noite, quando Marilla se deitou, total e tristemente consciente de que o pequeno quarto no final do corredor não estava ocupado por nenhuma jovem agitada e cheia de vida, nem por qualquer respiração suave, ela enterrou o rosto no travesseiro e chorou por sua menina, com soluços tão intensos que a deixaram chocada, quando se acalmou o suficiente para refletir sobre como era ruim apegar-se tanto a uma criatura semelhante: um ser humano mortal e pecador.

Anne e os outros estudantes de Avonlea chegaram à cidade bem a tempo de se dirigir depressa para a Queen's. Aquele primeiro dia se passou agradavelmente para todos, em um turbilhão de acontecimentos: encontrando os novos alunos; aprendendo a conhecer, de vista, os professores; sendo agrupados e acomodados nas classes. A intenção de Anne era entrar diretamente no Nível Dois – pois esse havia sido o conselho da senhorita Stacy –, e Gilbert Blythe tinha decidido seguir o mesmo caminho. Isso significava que se tornariam professores Classe A em apenas um ano, em vez de dois, se fossem bem-sucedidos; mas significava, também, muito mais horas de dedicação e estudo.

Jane, Ruby, Josie, Charlie e Moody Spurgeon, não sendo tão movidos pela ambição, se contentaram em começar pelo Nível Um. Anne sentiu a angústia da solidão quando se viu em uma classe com cinquenta estudantes desconhecidos, com exceção de um rapaz alto, de cabelo castanho, sentado do outro lado da sala; mas conhecendo-o, como era o caso, sabia que aquilo não ajudaria em nada, como logo concluiu tristemente. Por outro lado, ela estava, sem dúvida nenhuma, contente por estarem os dois na mesma turma, já que a velha rivalidade poderia ser mantida; afinal, Anne dificilmente saberia o que fazer sem ela.

“Eu não me sentiria confortável sem isso”, ela pensou. “Gilbert parece extremamente determinado. Suponho que ele esteja decidindo, aqui e agora, que vai ganhar a medalha no final do curso. Oh, que queixo esplêndido ele tem! Nunca tinha prestado atenção nisso... Gostaria muito que Jane e Ruby também tivessem escolhido o Nível Dois. Mas acho que deixarei de me sentir assim, um peixe fora d'água, quando fizer amizade

com alguém. Fico me perguntando quais dessas garotas aqui vão ser minhas amigas. Essa é uma especulação realmente interessante. É claro que prometi a Diana que nenhuma colega da Queen's, independentemente de quanto eu gostasse dela, seria tão adorada por mim quanto ela é. Porém, tenho muitas opções de segunda melhor amiga. Gosto da aparência daquela garota de olhos castanhos e vestido vermelho; ela é tão corada e parece cheia de vida... E tem aquela outra ali, pálida e muito bonita, olhando pela janela... Tem um cabelo adorável e dá a impressão de que sabe alguma coisa sobre sonhos. Eu queria conhecer as duas... conhecer bem... o suficiente para poder andar de braços dados com elas e criar um apelido para cada uma. Mas a verdade é que, neste momento, não conheço nenhuma das duas, nem elas me conhecem; e talvez nem queiram ser minhas amigas. Oh, estou tão sozinha!”

E a solidão de Anne ficou ainda maior quando ela se viu a sós em seu quarto, durante o crepúsculo daquele primeiro dia. Ela não ficou hospedada com as outras meninas, pois todas possuíam parentes na cidade para recebê-las em suas casas. A senhorita Josephine Barry abrigaria Anne de muito bom grado, mas Beechwood era tão distante da Queen's Academy que isso estava fora de questão. Portanto, a senhorita Barry encontrou uma pensão e assegurou a Matthew e Marilla que aquele era a moradia certa para Anne.

– A senhora que mantém o lugar é uma mulher da alta sociedade que perdeu seus bens – a senhorita Barry explicou. – O marido dela era um oficial britânico, e ela é muito cuidadosa com a escolha dos pensionistas que recebe. Anne não se encontrará com nenhuma pessoa censurável debaixo de seu teto. A comida é boa e a casa fica perto da Academia, num bairro tranquilo.

Tudo isso poderia ser verdade, e realmente era, mas nada ajudou Anne na primeira agonia de saudade de casa que a atormentou naquela noite. Ela olhou melancolicamente para seu quarto pequeno e estreito, com paredes cobertas com um papel sem graça, nas quais não havia quadros ou gravuras. A cama era de ferro, e a estante de livros estava vazia.

Naquele momento, Anne sentiu um nó horrível na garganta, ao pensar em seu quarto branco em Green Gables, em cujo exterior – ela sabia – estava tudo verde e quieto, com flores perfumando o jardim, o luar pousando sobre o pomar, o riacho correndo lá embaixo, os galhos dos abetos balançando ao vento da noite. Tinha a agradável consciência de que lá havia um amplo céu estrelado e de que a luz da janela de Diana brilhava entre as árvores.

Onde Anne estava agora não havia nada disso. Ela sabia que do lado de fora de sua janela existia uma rua pavimentada, com uma rede de fios telefônicos atravessando o céu, ruídos de passos de pessoas desconhecidas e mil luzes brilhando em rostos estranhos. Sabia que ia chorar, e tentou lutar contra isso.

“*Não* vou chorar. É uma tolice... e uma fraqueza... lá vem a terceira lágrima rolando sobre minha bochecha. E outras estão chegando! Preciso pensar em alguma coisa engraçada para afastá-las. Mas não tem nada engraçado por aqui, só o que me faz lembrar Avonlea, e isso só piora as coisas... quatro... cinco... vou para casa na próxima sexta-feira, mas parece que ainda falta um século para esse dia chegar. A essa hora, Matthew já deve estar voltando do campo... Marilla está no portão, olhando para a alameda... seis... sete... oito... ah, para que ficar contando as lágrimas? Parece que vai haver uma inundação, agora. Não consigo me animar... *não quero* me animar. É melhor ficar infeliz!”

A inundação de lágrimas teria vindo, certamente, se Josie Pye não tivesse aparecido naquele momento. Na alegria de ver um rosto familiar, Anne esqueceu que nunca tinha havido muita amizade entre ela e Josie. Mas, só por fazer parte da vida em Avonlea, até uma Pye era bem-vinda.

– Estou muito contente por você ter vindo até aqui – Anne falou sinceramente.

– Você estava chorando – observou Josie, com um irritante tom de pena na voz. – Suponho que esteja com saudade de casa... sei que algumas pessoas têm muito pouco autocontrole a esse respeito. Já eu não tenho nenhuma intenção de sentir falta de casa, posso lhe garantir. A cidade é

muito animada, em comparação com a pequena e velha Avonlea. Eu me pergunto como vivi lá por tanto tempo. Você não deveria chorar, Anne, não fica bem: seu nariz e seus olhos ficam vermelhos, e aí parece que você está *toda* vermelha. Ah, tive um dia perfeitamente delicioso na Queen's hoje. Nosso professor de francês é simplesmente lindo; se você visse o bigode dele, teria palpitações no coração. Tem alguma coisa para comer por aqui, Anne? Estou realmente faminta. Ora, imaginei que provavelmente Marilla lhe daria um bolo para trazer. Por isso, vim aqui. Senão, teria ido ao parque ouvir a banda tocar junto com Frank Stockley. Ele está hospedado no mesmo lugar que eu e é muito divertido. Frank te viu hoje e me perguntou quem era aquela menina ruiva. Contei que você era uma órfã que os irmãos Cuthbert haviam adotado, e que ninguém sabe muito sobre sua vida antes disso.

Anne estava se perguntando se, afinal, a solidão e as lágrimas não seriam melhores do que a companhia de Josie Pye quando Jane e Ruby chegaram, cada uma com uma pequena fita nas cores da Queen's Academy – roxo e vermelho – presa orgulhosamente ao casaco. Como, àquela altura, Josie não “falava” com Jane, ela teve de se controlar e ficar menos ofensiva.

– Bem – Jane falou, com um suspiro –, posso dizer que me sinto como se tivesse vivido muitos dias desde hoje pela manhã. Eu deveria estar no meu quarto estudando o poeta Virgílio... aquele professor velho e desagradável nos deu vinte linhas para prepararmos para a aula de amanhã. Mas simplesmente não consegui me acalmar para ler esta noite. Anne, acho que estou vendo vestígios de lágrimas em seu rosto. Se esteve chorando, *admita*. Vai restaurar minha autoestima, pois eu mesma estava aos prantos quando Ruby chegou. Não vou me importar tanto de ser uma chorona, se alguém mais for também... Bolo? Vai me dar um pedacinho, não vai, Anne? Obrigada. Que delícia! Este é o verdadeiro sabor de Avonlea.

Ruby, tendo visto o calendário letivo da Queen's sobre a mesa, quis saber se Anne pretendia tentar obter a medalha de ouro.

Anne enrubesceu e confessou que estava pensando a respeito.

– Ah, isso me lembrou – disse Josie – que a Academia vai finalmente ter direito a uma bolsa de estudos Avery. A resposta chegou hoje. Frank Stockley me contou... o tio dele é um dos diretores, vocês sabem, não é? A notícia vai ser divulgada na Queen's amanhã.

Uma bolsa de estudos Avery! Anne sentiu seu coração bater mais depressa, e os horizontes de sua ambição mudaram e se ampliaram como em um passe de mágica. Antes de Josie ter contado a novidade, sua mais alta aspiração tinha sido a licença de professor provincial Classe A, no final do ano, e, talvez, a medalha de ouro! Mas agora, antes mesmo que o eco das palavras de Josie desaparecesse, Anne se viu ganhando a bolsa Avery, fazendo um curso superior no Redmond College e se formando em um traje de gala. Afinal, a bolsa de estudos era em inglês, e ela sentiu que isso contava muito a seu favor.

Um proprietário de indústrias muito rico, de New Brunswick, havia morrido e deixado parte de sua fortuna para financiar um grande número de bolsas de estudos a serem distribuídas entre as várias escolas e academias das Províncias Marítimas, de acordo com suas respectivas classificações de desempenho. Havia muita dúvida se alguma dessas bolsas seria destinada à Queen's, mas o assunto estava finalmente resolvido, e, no final do ano, o aluno graduado que tivesse obtido a maior nota em “inglês e literatura inglesa” ganharia a bolsa – uma quantia considerável por ano, durante quatro anos –, para custear os estudos no Redmond College. Não é de admirar que Anne foi dormir naquela noite com formigamento nas bochechas!

– Se é o trabalho duro que pode me proporcionar isso, vou ganhar essa bolsa de estudos – ela decidiu. – Matthew não ficaria orgulhoso se eu cursasse uma faculdade? Oh, é maravilhoso ter desejos! Estou tão feliz por ter tantos... e nunca parece haver um fim para eles... isso é o melhor de tudo. Assim que a gente realiza um desejo, vem outro ainda mais forte. Isso torna a vida tão interessante...



A saudade de casa que Anne sentiu no início foi diminuindo gradativamente, sobretudo graças às suas visitas a Green Gables nos fins de semana. Enquanto o clima permaneceu favorável, os estudantes de Avonlea iam até Carmody, pela nova ferrovia, todas as sextas-feiras, no fim da tarde. Geralmente, Diana e vários outros jovens do povoado estavam lá, esperando por eles, e, então, todos andavam juntos até Avonlea, formando um grupo animado e alegre. Para Anne, essas caminhadas pelas colinas, em meio ao ar frio e o céu dourado de outono, com as luzes das casas de Avonlea cintilando à distância, representavam as melhores e mais queridas horas de toda a semana.

Quase sempre, Gilbert Blythe caminhava com Ruby Gillis e carregava a mala dela. Ruby havia se tornado uma moça muito bonita, e agora se considerava quase adulta. Usava saias tão compridas quanto a mãe permitia, e prendia o cabelo no alto da cabeça quando estava na cidade, embora tivesse de soltá-lo ao voltar para casa. Tinha olhos grandes, azuis e

brilhantes, pele clara e aspecto robusto e atraente. Ria muito, era alegre e bem-humorada e apreciava intensamente as coisas boas da vida.

– Sinceramente, não acho que ela seja o tipo de garota que atrai Gilbert – Jane sussurrou para Anne.

Anne também não achava, mas não diria isso nem mesmo pela bolsa de estudos Avery. E não podia, também, deixar de pensar que seria muito bom ter um amigo como Gilbert, para conversar e trocar ideias sobre livros, estudos e sonhos. Gilbert tinha sonhos, ela sabia, e Ruby Gillis não parecia o tipo de pessoa com quem eles poderiam ser proveitosamente discutidos.

Anne não alimentava ideias sentimentais a respeito de Gilbert. Os meninos eram, para ela – quando pensava neles –, apenas possíveis bons companheiros. Se ela e Gilbert fossem amigos, não se importaria com quantos outros amigos ou amigas ele tivesse, nem com quem ele caminhasse para casa. Ela tinha um dom especial para as amizades; possuía muitas amigas, mas tinha uma vaga consciência de que amigos do sexo masculino também poderiam ser uma boa coisa para completar as concepções de companheirismo e fornecer pontos de vista mais amplos de julgamento e comparação.

Na verdade, Anne não era capaz de definir claramente seus sentimentos a esse respeito. Contudo, ela achava que, se, alguma vez, Gilbert tivesse caminhado com ela desde a estação ferroviária até Green Gables, passando pelos campos frios e atalhos repletos de samambaias, eles poderiam ter tido muitas conversas interessantes e divertidas sobre o novo mundo que se abria diante dos dois, e sobre suas esperanças e sonhos. Gilbert era um jovem inteligente, com ideias próprias sobre as coisas e uma grande determinação para tirar o máximo da vida e, também, colocar nela o melhor de si mesmo.

Ruby Gillis contou a Jane Andrews que não entendia nem metade das coisas que Gilbert Blythe dizia e que ele falava exatamente como Anne Shirley quando tinha pensamentos que se seguiam um ao outro, por um bom tempo. Ruby não achava graça nenhuma em se dar ao trabalho de conversar sobre livros e coisas afins quando isso não era uma obrigação.

E, para ela, Frank Stockley era muito mais dinâmico e ousado, mas não tinha nem metade da beleza de Gilbert; por isso, ela realmente não conseguia decidir qual dos dois preferia.

Na Academia, Anne criou aos poucos um pequeno círculo de amigas, formado por estudantes cheias de imaginação, ideias e sonhos, assim como ela. A garota “corada e cheia de vida”, Stella Maynard, e a que “sabia sobre sonhos”, Priscilla Grant, logo se tornaram suas amigas íntimas. Anne havia descoberto que esta última, a “pálida e muito bonita”, adorava brincadeiras, travessuras e diversão, enquanto a outra, a “de olhos castanhos”, tinha o coração cheio de sonhos ávidos e fantasias tão coloridas e criativas quanto as suas próprias.

Depois das férias natalinas, os estudantes de Avonlea, passaram a abrir mão de ir para casa às sextas-feiras e deram início a um ritmo de trabalho duro. A essa altura, todos os alunos da Queen’s já haviam encontrado seus lugares na escola, e cada uma das várias classes havia assumido sua individualidade definida e distinta. Certos fatos se tornaram geralmente aceitos. Admitia-se, por exemplo, que o número de concorrentes à medalha tinha sido reduzido a apenas três: Gilbert Blythe, Anne Shirley e Lewis Wilson. Quanto à bolsa de estudos Avery, havia menos certezas, pois qualquer um, de um grupo de seis, era um possível vencedor. A medalha de bronze para a matemática já era considerada ganha por um jovem baixo, gordo e com espinhas na testa, que era do norte da ilha e usava um casaco remendado.

Ruby Gillis foi eleita a moça mais bonita do ano na Academia; nas turmas do Nível Dois, Stella Maynard ficou com o primeiro lugar em beleza, embora uma pequena minoria tenha votado a favor de Anne Shirley. Ethel Marr foi apontada por todos os juízes competentes como a garota que usava os penteados mais elegantes, e Jane Andrews – a simples, esforçada e cuidadosa Jane – ficou com as honras do curso de ciências domésticas. Até mesmo Josie Pye alcançou certa notabilidade como a aluna de língua mais afiada. Portanto, pode-se dizer com tranquilidade que

os antigos alunos da senhorita Stacy se destacaram entre os tantos jovens que frequentavam os cursos acadêmicos da Queen's.

Anne trabalhava árdua e persistentemente. Sua rivalidade com Gilbert Blythe permanecia tão intensa quanto havia sido na escola de Avonlea, embora não fosse percebida por toda a classe. Entretanto, de algum modo, não havia mais ressentimento: Anne não desejava mais vencer para derrotar Gilbert, mas sim pelo orgulho de uma vitória merecida sobre um adversário à altura. Sem dúvida, seria prazeroso vencer a competição, mas ela não pensava mais que sua vida seria insuportável caso fosse derrotada por ele.

Apesar dos estudos, os jovens encontravam oportunidades para se divertir também. Anne passava grande parte de suas horas vagas em Beechwood; geralmente, almoçava lá aos domingos e ia à igreja com a senhorita Barry. Esta, como ela mesma admitia, estava envelhecendo; no entanto, seus olhos negros não perdiam o brilho, nem o vigor de sua língua diminuía o mínimo que fosse, embora ela nunca a afiasse em Anne, que continuava a ser a amiga favorita da crítica tia de Diana.

– Essa menina fica cada vez melhor – ela dizia. – Sempre acabo me cansando das outras garotas... são todas eternas e irritantemente parecidas. Já Anne tem tantas tonalidades quanto um arco-íris, e cada uma é a mais bonita de todas, até a seguinte se revelar. Não sei se ela ainda é tão interessante como quando era criança, mas ela me cativa... e gosto de gente que sabe me conquistar!

Então, quase sem ninguém perceber, a primavera chegou novamente. Em Avonlea, as flores de maio começavam a desabrochar, rosadas, sobre a terra árida, onde ainda havia resquícios de neve; e o verde ia tomando conta dos bosques e dos vales. Contudo, em Charlottetown, os angustiados alunos da Queen's Academy só pensavam nos exames, assunto de todas as conversas.

– É difícil acreditar que o período letivo esteja próximo do final – disse Anne. – Ora, no outono, parecia haver tanto tempo ainda pela frente... um inverno inteiro de estudos e aulas. E aqui estamos nós, com os exames já

na próxima semana. Meninas, às vezes, sinto que essas provas significam tudo, mas quando vejo os botões crescendo naquelas castanheiras e a neblina flutuando no ar, no final da rua, elas perdem pelo menos metade de sua importância.

Jane, Ruby e Josie, que escutaram o que Anne falou, não viam as coisas daquela maneira. Para elas, os exames que se aproximavam eram real e constantemente muito importantes... extremamente mais importantes do que botões de flor de castanheira ou névoas de maio. Anne, que tinha certeza de que, no mínimo, seria aprovada, podia ter seus momentos de contemplação, mas, para as outras, que acreditavam que seu futuro dependia daquelas provas, era impossível filosofar a respeito delas.

– Perdi três quilos nas duas últimas semanas – Jane suspirou. – É inútil me dizer para não me preocupar, Anne. Eu *estou* preocupada. Preocupar ajuda, de alguma forma... É como se estivéssemos fazendo algo em nosso benefício... Vai ser horrível se eu for reprovada, depois de ter frequentado a Queen's durante todo o inverno, e de ter gastado tanto dinheiro...

– Eu não me importo – afirmou Josie Pye. – Se, neste ano, eu não passar, volto no próximo. Meu pai pode pagar. Anne, Frank Stockley me disse que o professor Tremaine falou que é certo que Gilbert Blythe vai ganhar a medalha de ouro, e que é bastante provável que Emily Clay fique com a bolsa de estudos Avery.

– Talvez isso me entristeça amanhã, Josie – Anne riu –, mas agora eu sinto sinceramente que, enquanto eu souber que as violetas estão se abrindo, todas muito roxas, no vale abaixo de Green Gables, e que pequenas samambaias estão brotando ao longo da Vereda dos Apaixonados, não faz muita diferença ganhar ou não a bolsa Avery. Dei o melhor de mim, e agora estou começando a entender o que querem dizer quando falam que “a alegria está na luta”. Depois de lutar e vencer, a melhor coisa que vem é lutar e perder. Meninas, não vamos mais falar dos exames! Vejam aquele arco verde-claro no céu, ali, acima daquelas casas, e imaginem como deve estar esplêndido o crepúsculo nos bosques de Avonlea.

– O que você vai usar no dia da formatura, Jane? – indagou Ruby, sempre prática.

Jane e Josie responderam imediatamente, e a conversa foi desviada para as questões da moda. Entretanto, Anne, com os cotovelos no parapeito da janela, a bochecha apoiada nas mãos entrelaçadas e os olhos cheios de visões, permaneceu contemplando distraidamente os telhados da cidade emoldurados por um glorioso pôr do sol, e teceu sonhos com os fios dourados do otimismo da juventude. Todo o futuro lhe pertencia, com suas possibilidades ocultas nos anos que estavam por vir – cada ano era uma rosa de promessas a ser criada, compondo uma fascinante grinalda imortal.





*N*a manhã em que os resultados finais de todos os exames seriam afixados no quadro de avisos da Queen's Academy, Anne e Jane caminharam juntas pela rua. Jane estava feliz e sorridente; as provas tinham sido feitas e ela sentia a confortável certeza de que, no mínimo, tinha sido aprovada. Considerações mais profundas não perturbavam Jane de modo algum; ela não possuía altas ambições e, consequentemente, não era afetada pela inquietação da espera.

Temos de pagar um preço por tudo que conseguimos neste mundo; e, embora seja bom ter ambições, elas não são alcançadas facilmente e nos exigem trabalho, abnegação, ansiedade e desânimo. Anne estava pálida e quieta; dentro de dez minutos, saberia quem ganhou a medalha e quem conquistou a bolsa de estudos Avery. Além desses dez minutos, não parecia haver mais nada para Anne que valesse a pena ser chamado de “tempo”.

– É claro que, de qualquer modo, você vai ganhar uma das duas coisas, Anne – disse Jane, que achava impossível os professores serem tão injustos a ponto de tomar uma decisão diferente.

– Não tenho nenhuma esperança em relação à bolsa – Anne afirmou. – Estão todos dizendo que ela vai ser de Emily Clay. E não vou andar até aquele quadro de avisos e ver a lista antes de todo mundo. Não tenho coragem para isso. Vou direto para o vestiário feminino. Você vai ter de ler o anúncio e me contar, Jane. E eu te imploro, em nome de nossa velha amizade, que faça isso o mais depressa possível. Se eu tiver sido reprovada, apenas me diga a verdade, sem tentar amenizar a notícia. Você promete?

Jane prometeu solenemente. Contudo, pela forma que as coisas aconteceram, ela nem precisaria ter feito isso. Quando as duas chegaram aos degraus da entrada da Academia, encontraram o *hall* cheio de rapazes carregando Gilbert Blythe nos ombros e gritando com todas as forças:

– Viva Blythe, o medalhista de ouro!

Naquele momento, Anne sentiu uma dolorosa pontada de derrota e desapontamento. Ela tinha falhado, e Gilbert havia vencido! Oh, Matthew ficaria decepcionado... ele tinha tanta certeza de que ela venceria.

Mas então...

Alguém gritou:

– Três vivas para a senhorita Shirley, ganhadora da bolsa de estudos Avery!

– Oh, Anne! – Jane exclamou, emocionada, enquanto fugiam para o vestiário, passando por muitos e sinceros vivas e aplausos. – Oh, Anne! Estou tão orgulhosa! Isso não é esplêndido?

Em seguida, as outras garotas se juntaram ao redor dela, e Anne se tornou o centro das atenções de um grupo alegre e festivo. Recebeu tapinhas nos ombros e apertos de mão vigorosos, foi puxada, empurrada e abraçada. No decorrer de tudo isso, ela conseguiu sussurrar para Jane:

– Oh, Matthew e Marilla não vão ficar satisfeitos? Preciso escrever a notícia para eles imediatamente.

A formatura foi o próximo acontecimento importante. A cerimônia ocorreu no grande salão da Academia. Discursos foram proferidos, ensaios foram lidos, músicas foram cantadas e entregas de diplomas, prêmios e medalhas foram realizadas.

Matthew e Marilla estavam lá, com olhos e ouvidos atentos a uma só pessoa no palco: uma menina – alta, de vestido verde-claro, bochechas levemente coradas e olhos brilhantes como as estrelas – que leu o melhor ensaio e foi apontada, em meio a sussurros, como a ganhadora da bolsa Avery.

– Reconheça que está contente por termos ficado com ela, Marilla – Matthew murmurou, quando Anne acabou de ler seu ensaio; foi a primeira coisa que ele disse, desde que havia entrado no salão.

– Não é a primeira vez que me sinto feliz por isso – retrucou Marilla. – Você realmente gosta de repetir sempre a mesma coisa, não é, Matthew Cuthbert?

A senhorita Barry, sentada atrás deles, se inclinou para a frente e cutucou as costas de Marilla com a sombrinha.

– Não estão orgulhosos da menina Anne? Eu estou, e muito – ela disse.

No fim da tarde, Anne voltou para Avonlea com Matthew e Marilla. Ela não tinha estado lá desde abril, e achou que não poderia esperar nem mais um dia. As macieiras estavam floridas e o mundo estava belo e revigorado. Diana a esperou em Green Gables e, em seu pequeno quarto branco, em cujo parapeito da janela Marilla havia colocado um vaso com rosas silvestres, Anne olhou à sua volta e deu um longo suspiro de felicidade.

– Oh, Diana, é tão bom estar de volta! É esplêndido ver aqueles abetos pontiagudos se destacando no céu cor-de-rosa... o pomar todo branco... e a velha Rainha da Neve... não está delicioso este aroma de menta? E aquela roseira silvestre ali então?... é uma música, uma esperança, uma prece... tudo numa coisa só. E é *tão bom* ver você de novo, Diana!

– Achei que agora você gostava mais da tal Stella Maynard do que de mim – Diana falou, com tom de reprovação. – Josie Pye me afirmou isso. Disse que você está *fascinada* por ela.

Anne riu e bateu levemente em Diana com o pequeno buquê de lírios que tinha nas mãos.

– Stella Maynard é a mais querida garota do mundo, depois de outra, e você é essa outra, Diana – ela esclareceu. – Eu te amo mais do que nunca... e tenho tantas coisas para contar! Mas, agora, sinto que é alegria bastante simplesmente sentar aqui e olhar para você. Acho que estou cansada... cansada de ser estudiosa e ambiciosa. Pretendo passar pelo menos duas horas amanhã deitada na grama do pomar, pensando em absolutamente nada.

– Você se saiu esplendidamente bem, Anne. Suponho que não vai mais lecionar, agora que ganhou a bolsa Avery?!

– Não. Vou para Redmond em setembro. Isso não é maravilhoso? Depois de três gloriosos meses dourados de férias, vou ter acumulado muitas, e totalmente novas e grandes ambições. Jane e Ruby vão lecionar. Não é esplêndido pensar que todos nós fomos bem-sucedidos, até mesmo Moody Spurgeon e Josie Pye?

– Os administradores da escola de Newbridge já ofereceram emprego a Jane – Diana falou. – Gilbert Blythe vai ensinar também. Ele tem de fazer isso. O pai dele não pode financiar a faculdade no ano que vem e, portanto, ele precisa ganhar seu próprio dinheiro. Espero que consiga a escola daqui, se a senhorita Ames realmente decidir ir embora, como estão dizendo.

Ao ouvir isso, Anne teve uma estranha sensação de surpresa e pesar. Ela não sabia desse fato, e esperava que Gilbert fosse para Redmond também. O que ela faria sem a inspiradora rivalidade entre os dois? Apesar de se tratar de uma faculdade para moças e rapazes e da possibilidade de obter uma verdadeira graduação profissional, não seriam bastante monótonos os estudos sem seu amigo, isto é, seu grande adversário?

No dia seguinte, durante o café da manhã, Anne percebeu, de repente, que Matthew não parecia estar bem. E, sem dúvida, ele estava muito mais grisalho do que no ano anterior.

– Marilla – ela falou, hesitante, depois que ele saiu –, Matthew está bem?

– Não, não está – Marilla respondeu, com ar de preocupação. – Ele teve distúrbios no coração durante essa primavera, mas é teimoso e não se poupa nem um pouco. Estou realmente apreensiva com isso, mas, por outro lado, ele passou bem nos últimos dias. Contratamos um bom ajudante e, desse modo, espero que descanse um pouco e recupere suas forças. Talvez ele melhore bem, agora que você está em casa. Você sempre alegra Matthew.

Anne se inclinou sobre a mesa e pôs as mãos nas bochechas de Marilla.

– A senhora também não está tão saudável quanto eu gostaria de ver, Marilla. Parece muito cansada. Receio que esteja trabalhando demais. Agora que estou em casa, vai descansar, está bem? Vou tirar apenas um dia de folga para visitar todos os velhos e queridos lugares e relembrar meus antigos sonhos. Depois, será sua vez de ser preguiçosa, enquanto eu faço todo o trabalho.

Marilla sorriu afetuosamente para sua menina.

– Não é o trabalho, Anne... é minha cabeça. Tenho sentido uma dor tão frequente... atrás dos olhos. O doutor Spencer vem experimentado óculos diferentes, mas não tem conseguido acertar. Um oftalmologista renomado vai visitar a ilha no final de junho, e o doutor acha que devo marcar uma consulta com ele. Acho que tenho mesmo de fazer isso. Não consigo mais ler ou costurar confortavelmente. Bem, Anne, preciso dizer que você teve um excelente desempenho na Queen's; obteve a licença de professor Classe A em apenas um ano e ganhou a bolsa de estudos Avery! E, nesse caso, não concordo com a senhora Lynde, quando diz que o orgulho precede a queda, e que não acredita, de jeito nenhum, em ensino superior para mulheres. Ela acha que isso atrapalha o exercício do verdadeiro papel da mulher. Oh, por falar em Rachel, acabo de me lembrar... Você escutou recentemente alguma coisa sobre o banco Abbey, Anne?

– Ouvi dizer que está passando por dificuldades – Anne responde. – Por quê?

– Foi isso mesmo que Rachel me disse. Ela esteve aqui na semana passada e nos falou que estão comentando isso. Matthew ficou

extremamente preocupado. Todas as nossas economias estão naquele banco, Anne... cada centavo. Eu queria que Matthew deixasse o dinheiro no banco Savings, de preferência, mas o velho senhor Abbey era um grande amigo de nosso pai, que sempre lhe confiou todo o seu dinheiro. Matthew pensou que qualquer banco que ele presidisse seria suficientemente bom para qualquer pessoa.

– Suponho, Marilla, que a função do senhor Abbey no banco tem sido, já há muitos anos, apenas nominal. Ele está muito idoso. Na verdade, seus sobrinhos é que estão administrando a instituição.

– Bem, quando Rachel nos contou sobre a situação do banco, eu quis que Matthew tirasse nosso dinheiro de lá imediatamente, e ele disse que ia pensar. Entretanto, o senhor Russel falou com ele, ontem mesmo, que não era necessário se preocupar com isso.

Anne teve seu grande dia ao ar livre. E ela nunca esqueceu aquele dia tão claro, dourado e bonito, tão livre de sombras e tão repleto de flores. Anne passou algumas de suas ricas horas no pomar; depois, visitou a Bolha da Dríade, a Lagoa dos Salgueiros e o Vale das Violetas; em seguida, foi à casa paroquial e teve uma conversa muito boa com a senhora Allan. E, por fim, ao entardecer, foi com Matthew buscar as vacas no pasto dos fundos de Green Gables. O bosque estava glorioso com o pôr do sol, cujo esplendor iluminava as clareiras a oeste, e Matthew caminhava devagar, com a cabeça baixa. Anne, alta e ereta, ajustou seu passo jovem ao dele.

– O senhor tem trabalhado demais, Matthew – ela falou, em tom de reprovação. – Por que não descansa um pouco?

– Bem... ah, acho que não consigo – Matthew respondeu, enquanto abria o portão do pátio para deixar as vacas passarem. – Mas estou ficando velho, Anne, e sempre me esqueço disso. Ora, sempre trabalhei muito, e acho que prefiro morrer na labuta.

– Se eu fosse o garoto que vocês pediram no passado – disse Anne melancolicamente –, eu poderia ajudar muito agora e te poupar de tanto

trabalho, Matthew. Tenho no meu coração o desejo de ter sido esse garoto, só por essa razão.

– Pois prefiro você a uma dúzia de rapazes – ele afirmou, dando tapinhas na mão dela. – Preste atenção nisto, Anne: *uma dúzia* de rapazes. Bem... ah, suponho que não foi um rapaz que ganhou a bolsa Avery, foi? Não, foi uma garota... a minha garota... a minha garota, de quem tenho tanto orgulho!

Matthew sorriu para Anne, com seu jeito tímido, enquanto entrava no pátio.

Anne se lembrou disso quando foi para seu quarto naquela noite, e ficou sentada por um longo tempo diante da janela aberta, pensando no passado e sonhando com o futuro.

Lá fora, a Rainha da Neve estava ligeiramente branca, sob a pálida luz do luar, e os sapos cantavam no pântano, atrás de Orchard Slope. Anne recordaria para sempre a beleza prateada e tranquila e o perfume suave daquela noite. Foi a última noite antes que a tristeza tocasse sua vida. E nenhuma vida nunca mais seria a mesma depois que recebesse aquele toque frio e santificante.





– *M*atthew... Matthew... o que está acontecendo? Matthew, você está se sentindo mal?

Era Marilla quem chamava, com o pânico evidente em cada palavra trêmula. Anne atravessou o *hall*, com as mãos cheias de narcisos brancos (depois disso, muito tempo se passou até que Anne pudesse voltar a amar a beleza e o aroma de narcisos brancos), e chegou a tempo de ouvir Marilla e ver Matthew parado na porta da varanda, com um jornal dobrado na mão e o rosto estranhamente contraído e pálido. Anne largou as flores imediatamente e atravessou a cozinha correndo em direção a ele, ao mesmo tempo que Marilla fazia o mesmo. Porém, ambas chegaram tarde demais. Antes que pudessem alcançá-lo, Matthew caiu sobre a soleira.

– Ele desmaiou – Marilla murmurou, ofegante. – Anne, vá depressa buscar Martin! Rápido, rápido! Ele está no celeiro.

Martin, o ajudante contratado, tinha acabado de chegar do posto do correio, e foi logo buscar o médico, passando antes por Orchard Slope, para pedir ao senhor e à senhora Barry que viessem até Green Gables. A senhora Lynde, que, por acaso, estava lá com eles, também veio. Os três encontraram Anne e Marilla ocupadas em tentar reanimar Matthew.

A senhora Lynde as afastou delicadamente para o lado, checkou o pulso de Matthew e, em seguida, pôs seu ouvido sobre o coração dele. Então, ela olhou tristemente para o rosto ansioso das duas, e as lágrimas lhe vieram aos olhos.

– Oh, Marilla – ela disse, muito séria –, acho que não podemos fazer mais nada por ele.

– Senhora Lynde, a senhora não está dizendo que... a senhora não pode estar achando que Matthew está... está... – Anne não conseguiu pronunciar a horrível palavra; apenas ficou subitamente muito pálida e abatida.

– Sim, querida... receio que sim. Olhe para o rosto dele. No dia em que você tiver visto essa expressão com a mesma frequência que já vi, vai saber exatamente o que ela significa.

Anne olhou para o rosto imóvel de Matthew e viu a marca da Grande Presença.

Quando o médico chegou, disse que ele tinha morrido instantaneamente, quase certamente sem dor e provavelmente por causa de um choque súbito. Logo depois, o segredo desse choque foi descoberto no jornal que Matthew segurava e que Martin havia trazido do posto do correio naquela manhã. Lá estava a informação sobre a falência do banco Abbey.

A notícia da morte de Matthew se espalhou rapidamente por Avonlea, e, durante o dia todo, os amigos e vizinhos se aglomeraram em Green Gables, entrando e saindo com tarefas amáveis para o morto e as vivas. Pela primeira vez, o tímido e calado irmão de Marilla foi o centro das atenções. A morte, alva e majestosa, havia coroado Matthew Cuthbert,

honrando-o e afastando-o, para sempre, dos companheiros do mundo terreno.

Quando a noite caiu calma e suavemente sobre Green Gables, a velha casa estava silenciosa e tranquila. Matthew jazia em seu caixão, na sala de visitas; seu cabelo grisalho e longo emoldurava o rosto sereno, no qual havia um pequeno e bondoso sorriso, como se ele estivesse simplesmente dormindo e tendo sonhos agradáveis. Havia flores ao seu redor – flores perfumadas, de um jardim antigo que a mãe dele havia plantado em sua juventude, e que Matthew sempre amou secretamente, sem palavras. Com o rosto pálido e os olhos ardendo, cheios de sofrimento, mas sem uma lágrima sequer, Anne tinha colhido essas flores e arrumado ali. Era a última coisa que ela podia fazer por ele.

A família Barry e a senhora Lynde ficaram com elas naquela noite. Diana foi até o sótão do leste, onde Anne estava de pé em frente à janela, e disse, gentilmente:

– Anne, minha querida, quer que eu durma aqui com você esta noite?

– Obrigada, Diana – Anne olhou seriamente para a amiga. – Acho que você vai compreender se eu disser que quero ficar sozinha. Não estou com medo. Não fiquei a sós nem um segundo, desde que isso aconteceu... e preciso ficar sozinha. Quero ficar quieta e em silêncio, para tentar entender. Eu *não consigo* entender. Em certos momentos, me parece que Matthew simplesmente não pode estar morto. Já em outros é como se ele estivesse morto há muito tempo... como se eu viesse sentindo essa dor horrível desde então.

Diana não compreendeu muito bem. Na verdade, foi mais fácil para ela entender o luto desesperado de Marilla – jogando por terra todas as barreiras do autocontrole que havia cultivado por uma vida inteira – do que compreender a agonia sem lágrimas de Anne. Mas, mesmo assim, ela foi embora gentilmente, deixando a amiga do peito sozinha para viver sua primeira reflexão profunda sobre o sofrimento.

Anne esperou que a solidão lhe trouxesse as lágrimas. Afinal, sentia que não conseguir derramar uma só lágrima por Matthew era algo

incompreensível, inexplicável. Matthew, que tinha sido tão bom para ela, e a quem ela amava tanto... Matthew, que havia caminhado com ela durante o crepúsculo da noite anterior, e cujo corpo agora repousava lá embaixo, na penumbra da sala, com aquela paz impressionante na fisionomia... Ainda assim, pensando em tudo isso, não veio nenhuma lágrima, nem mesmo quando ela se ajoelhou e fez suas preces, na escuridão, perto da janela, olhando para as estrelas atrás das colinas. Nada de lágrimas, só a mesma dor imensa e horrível, que a atormentou até ela cair no sono, exaurida pela dor e por toda a agitação daquele dia.

Durante a noite, Anne acordou, rodeada pela paz e pela escuridão, e a lembrança do dia a invadiu como uma imensa onda de tristeza. Viu o rosto de Matthew sorrindo, como ele havia feito, quando os dois se separaram no portão, no fim da tarde do dia anterior; e ouviu sua voz dizer; “a minha garota... a minha garota, de quem tenho tanto orgulho”. Então, as lágrimas vieram, e Anne chorou. Marilla ouviu o choro descontrolado e entrou em seu quarto para consolá-la.

– Calma... calma... não chore assim, meu amor. Isso não vai trazer Matthew de volta. Não é certo chorar assim. Eu sabia disso hoje, mas não pude evitar. Ele sempre foi um ótimo irmão para mim, mas Deus sabe o que faz.

– Oh, me deixe chorar, Marilla – Anne pediu, entre soluços. – As lágrimas não me machucam tanto quanto aquela dor. Fique um pouco aqui comigo, com seu braço em volta de meus ombros... assim. Eu não podia deixar Diana ficar comigo esta noite. Ela é bondosa, doce e gentil... mas essa dor não é dela... Diana está fora disso e não conseguiria se aproximar de meu coração o suficiente para me ajudar. A dor é nossa... sua e minha. Oh, Marilla, como vamos viver sem ele?

– Temos uma à outra, Anne. Não sei o que seria de mim se você não estivesse aqui... se você nunca tivesse vindo morar em Green Gables. Oh, Anne, sei que eu talvez tenha sido sempre severa e dura demais com você... mas você não deve achar, por isso, que não te amo tanto quanto Matthew te amava. E quero te dizer isso agora, quando sinto que posso.

Falar sobre meus sentimentos sempre foi difícil para mim, mas em momentos como este fica mais fácil. Eu te amo como se você fosse minha própria filha, Anne, e você tem sido a minha alegria e o meu conforto desde que veio morar conosco.

Dois dias depois, Matthew Cuthbert foi levado embora de sua casa e para longe dos campos que tinha cultivado, das árvores que tinha plantado, dos pomares que tanto amava. E Avonlea voltou à sua serenidade habitual. Até mesmo em Green Gables tudo voltou ao velho ritmo: o trabalho foi feito, e os deveres, cumpridos com a mesma regularidade de antes, embora sempre com a dolorosa sensação de perda familiar. Anne, experimentando pela primeira vez o luto, achou triste o modo como tudo se sucedeu; ela estranhou constatar que *era possível* tudo continuar como antes, mesmo sem a presença de Matthew. E sentiu uma espécie de vergonha, ou remorso, quando descobriu que o nascer do sol, atrás dos abetos, e o desabrochar dos botões cor-de-rosa, no jardim, ainda a enchiam de alegria; que as visitas de Diana lhe agradavam, e que as palavras e os gestos alegres da amiga a faziam sorrir e gargalhar. Em resumo, Anne percebeu que o belo mundo de flores, amor e amizade não havia perdido nem um pouco do poder que sempre teve para alimentar sua imaginação e emocionar seu coração; que a vida ainda a chamava, e com muitas vozes insistentes.

– De certo modo, encontrar prazer em todas essas coisas, agora que Matthew se foi, parece uma deslealdade com ele – Anne falou melancolicamente com a senhora Allan, durante uma tarde em que estavam juntas no jardim da casa paroquial. – Sinto tanta falta dele... o tempo todo... e, ainda assim, senhora Allan, o mundo e a vida continuam muito bonitos e interessantes para mim. Hoje, Diana disse algo engraçado e eu me vi rindo. Quando perdemos Matthew, pensei que nunca mais conseguiria rir de novo; e, de alguma maneira, tenho a sensação de que não devo fazer isso.

– Quando Matthew estava entre nós, Anne, ele gostava de ouvir sua risada e de saber que você encontrava prazer nas coisas belas ao seu redor

– a senhora Allan falou carinhosamente. – Ele está longe agora, mas gostaria de saber disso da mesma forma. Tenho certeza de que não devemos fechar nossos corações para nenhuma influência curativa que a natureza nos ofereça. Porém, posso entender seu sentimento, minha querida. Acho que todos nós experimentamos a mesma coisa. Nos indignamos com o pensamento de que alguma coisa pode nos agradar, quando alguém que amamos não está mais aqui para compartilhar esse prazer conosco; e quase nos sentimos infiéis à nossa tristeza quando descobrimos que nosso interesse pela vida está voltando.

– Estive no cemitério esta tarde, para plantar uma roseira perto do túmulo de Matthew – Anne falou sonhadoramente. – Tirei uma muda da pequena roseira branca que a mãe dele trouxe da Escócia há muitos e muitos anos. Matthew sempre teve uma preferência por aquelas rosas... elas são tão pequenas e doces, em contraste com seus caules espinhosos... Fiquei contente por poder plantar a roseira junto ao túmulo; foi como se, levando as flores para perto dele, eu estivesse fazendo algo que agradaria Matthew. Espero que lá no céu haja rosas como aquelas, senhora Allan. Talvez as almas de todas as pequenas rosas brancas que ele amou durante tantos verões estejam lá, esperando por ele. Oh, tenho que ir para casa agora. Marilla está sozinha e se sente solitária no crepúsculo.

– Receio que se sinta ainda mais solitária depois que você partir de novo... dessa vez, para cursar a faculdade de Redmond – a esposa do pastor comentou.

Anne não respondeu; deu boa-noite e voltou devagar para Green Gables. Quando chegou, Marilla estava sentada nos degraus da porta da frente, e Anne sentou-se ao seu lado. A porta estava aberta atrás delas, contida por uma grande concha cor-de-rosa, com tons do pôr do sol em suas delicadas curvas internas.

Então, Anne colheu algumas madressilvas amarelas e prendeu em seu cabelo; gostava do delicioso perfume dessas flores, que se espalhava no ar, como uma bênção, toda vez que ela movia a cabeça.

– O doutor Spencer veio aqui hoje à tarde – Marilla contou. – Disse que o especialista vai estar na cidade amanhã e insistiu para que eu vá até lá e peça para ele examinar meus olhos. Acho que é melhor ir mesmo e acabar logo com isso. Vou ficar mais do que agradecida se esse médico puder me dar os óculos certos para corrigir a minha vista. Você se importa de ficar aqui sozinha enquanto eu estiver fora, Anne? Martin vai ter de me levar, e eu gostaria que você passasse a roupa e fizesse um bolo.

– Não se preocupe, Marilla. Vou ficar bem. Diana vem me fazer companhia. Vou passar a roupa e assar um lindo e delicioso bolo. Você não precisa temer que eu engome os lenços ou tempere o bolo com óleo de rícino. Prometo que isso não vai acontecer.

Marilla riu.

– Como você cometia erros naqueles dias, Anne! Estava sempre se metendo em encrencas. Algumas vezes, cheguei a pensar que estava possuída. Você se lembra do dia em que tingiu seu cabelo?

– Sim, claro, nunca vou me esquecer daquele dia, Marilla – Anne sorriu, enquanto tocava a pesada trança de cabelo enrolada ao redor de seu rosto de formas harmoniosas. – Agora acho graça, às vezes, quando penso na preocupação que meu cabelo costumava ser para mim... mas não rio *muito*, porque, na época, ele era mesmo um grande problema. Eu realmente sofria por causa de meu cabelo e minhas sardas, Marilla. Porém, elas desapareceram, e as pessoas hoje são gentis a ponto de dizer que agora meu cabelo é castanho-avermelhado; todos falam isso, exceto Josie Pye. Ontem, ela me informou que estava convencida de que ele estava mais ruivo do que nunca, ou que, pelo menos, meu vestido preto fazia com que ele parecesse ainda mais vermelho. E, em seguida, me perguntou se as pessoas ruivas conseguem, algum dia, se acostumar com seu cabelo. Marilla, estou quase desistindo de tentar gostar de Josie Pye. Já fiz o que eu teria um dia chamado de esforço heroico para conseguir isso, mas agora concluí que Josie Pye *não quer* que gostemos dela.

– Josie é uma Pye, Anne – Marilla explicou claramente –, e, portanto, não pode deixar de ser uma pessoa desagradável. Imagino que gente desse

tipo tenha alguma função na sociedade, mas desconheço essa utilidade tanto quanto ignoro a das ervas daninhas. Josie pretende lecionar?

– Não, vai voltar para a Queen's, assim como Moody Spurgeon e Charlie Sloane. Já Ruby e Jane vão dar aulas, e já têm as escolas definidas. Jane vai trabalhar na escola de Newbridge, e Ruby, em algum lugar no oeste da ilha.

– Gilbert Blythe vai lecionar também, não é?

– Sim – foi a breve resposta de Anne.

– Que jovem bonito ele se tornou... – Marilla comentou distraidamente.

– Vi Gilbert na igreja domingo passado, e ele me pareceu tão alto e másculo... Ele se parece muito com o pai, quando este tinha a mesma idade de Gilbert. John Blythe era um bom rapaz. Fomos realmente grandes amigos... ele e eu. As pessoas achavam até que éramos namorados.

Anne olhou para Marilla, com um súbito interesse.

– Oh, Marilla... o que foi que aconteceu?... Por que vocês não...

– Tivemos um desentendimento, e me recusei a perdoar John quando ele me pediu desculpas – Marilla a interrompeu. – Depois de algum tempo, me arrependi, mas eu estava magoada, zangada... queria castigá-lo. E então ele não voltou mais... Anne, a família Blythe sempre fez questão de não depender de ninguém. Mas sempre me senti... bastante pesarosa por ter agido assim. Gostaria muito de ter perdoado John quando tive a oportunidade.

– Oh, Marilla, quer dizer que a senhora teve um romance na vida?!

– Sim, suponho que você possa chamar assim. Olhando para mim, não imaginaria isso, não é? Nunca se pode falar sobre uma pessoa levando em conta apenas sua aparência. A verdade é que todos já se esqueceram de minha história com John Blythe. Até eu mesma havia me esquecido, mas tudo voltou à minha mente quando vi Gilbert no domingo passado.





*M*arilla foi à cidade no dia seguinte e voltou no fim da tarde. Anne tinha ido a Orchard Slope com Diana e, ao retornar, encontrou Marilla na cozinha, sentada à mesa, com a cabeça apoiada na mão. Algo em sua atitude desanimada gelou o coração de Anne. Ela nunca tinha visto Marilla tão inerte assim.

– Está muito cansada, Marilla?

– Sim... não... não sei – disse Marilla, abatida, olhando para cima. – Acho que estou cansada sim, mas não pensei nisso. Não é isso.

– Você consultou o oftalmologista? O que foi que ele disse? – Anne perguntou ansiosamente.

– Sim, estive lá, e ele examinou meus olhos. Disse que se eu parar completamente de ler, costurar e tudo o mais que force meus olhos, se evitar chorar e se usar os óculos que me receitou, ele acha que minha visão não vai piorar e que não vou mais ter as dores de cabeça. Porém, se eu não

fizer tudo isso que ele recomendou, é bem provável que fique cega em aproximadamente seis meses. Cega, Anne! Pense bem nisso!

Por um minuto, Anne, depois de uma breve exclamação de desânimo, ficou em silêncio. Teve a sensação de que *não* conseguiria dizer nada. Em seguida, falou com determinação, mas, também, com um leve tremor na voz:

– Marilla, não pense nisso. Você sabe que ele te deu esperança. Se for cuidadosa, não vai perder totalmente a visão; e, se seus óculos curarem suas dores de cabeça, será uma grande coisa também.

– Não considero isso uma grande esperança – disse Marilla amargamente. – Para que é que vou viver, se não posso ler, costurar ou fazer qualquer outra coisa desse tipo? É o mesmo que estar cega... ou morta. E, quanto a chorar, isso é inevitável quando me sinto solitária. Mas chega, Anne, não é nada bom ficar falando sobre isso. Se me der uma xícara de chá agora, ficarei muito grata. Estou esgotada. Por favor, não diga nada a ninguém sobre isso, por enquanto. Não vou suportar se as pessoas começarem a vir aqui para fazer perguntas e comentários e para demonstrar que sentem pena de mim.

Depois que Marilla tomou seu chá e comeu alguma coisa, Anne a convenceu a ir para a cama. Em seguida, foi para o sótão do leste e sentou perto da janela, no escuro, sozinha com suas lágrimas e seu sofrimento no coração. Quantas coisas tristes aconteceram desde que ela se sentou naquele mesmo lugar, na noite do dia em que voltou para casa, cheia de esperanças e alegria, com um futuro promissor à sua frente... Anne se sentiu como se tivesse vivido anos desde então.

Entretanto, quando ela foi para a cama, havia um sorriso em seus lábios e paz em seu coração. Ela tinha encarado bravamente seu dever, e encontrado nele um amigo – o que, na verdade, ele sempre é, quando o olhamos com coragem.

Certa tarde, alguns dias depois, Marilla voltou lentamente do pátio, onde esteve conversando com um visitante: um homem que Anne conhecia

de vista como John Sadler, de Carmody. Ela então se perguntou o que ele poderia ter dito a Marilla que a deixou com aquele olhar perdido.

– O que o senhor Sadler queria, Marilla?

Marilla sentou-se à janela e olhou para Anne. Havia lágrimas em seus olhos, desafiando a proibição do oculista, e sua voz falhou quando ela disse:

– Ele ouviu dizer que pretendo vender Green Gables e ficou interessado em comprar a propriedade.

– Comprar?! Comprar Green Gables?! – Anne não quis acreditar que tinha ouvido corretamente. – Oh, Marilla, a senhora quer mesmo vender Green Gables?!

– Anne, não sei o que mais pode ser feito. Já refleti cuidadosamente. Se meus olhos estivessem bons, eu poderia ficar aqui e cuidar de tudo, com a ajuda de um bom empregado. Porém, do jeito que eles estão, isso não é possível. Eu correria o risco de perder totalmente a visão. E, de qualquer forma, acho que eu nem saberia administrar tudo. Oh, nunca pensei que viveria para ver o dia em que teria de vender minha casa. Se eu não fizer isso agora, Anne, as coisas só vão piorar, até chegar a um ponto em que ninguém mais vai querer comprar Green Gables. Cada centavo de nosso dinheiro foi embora com a falência do banco. E ainda tenho de pagar algumas promissórias que Matthew assinou no outono passado. A senhora Lynde me aconselhou a vender a fazenda e me hospedar em algum lugar... com ela, suponho. Sei que não vou conseguir muito dinheiro... a fazenda é pequena e as construções são antigas. Mas imagino que eu possa obter o suficiente para me manter. Estou muito grata por você ter conseguido aquela bolsa de estudos, Anne. Só sinto muito por você não ter uma casa aqui para vir em suas férias, só isso; mas acho que você vai saber resolver isso.

Nesse momento, Marilla desmoronou e chorou amargamente.

– A senhora não vai vender Green Gables – disse Anne resolutamente.

– Oh, Anne, eu queria que não precisasse fazer isso. Mas você pode ver por si mesma. Não posso ficar aqui sozinha. Com tantos problemas e a

solidão, eu ficaria louca. E minha visão iria embora de vez, eu sei que iria.

– Mas não vai ter de ficar aqui sozinha, Marilla. Vou estar aqui. Eu não vou para Redmond.

– Não vai para Redmond?! – Marilla ergueu o rosto atormentado e olhou para Anne. – Ora, o que você quer dizer com isso, menina?

– Exatamente o que eu disse. Não vou aceitar a bolsa de estudos. Decidi isso naquela noite em que a senhora voltou da consulta ao oftalmologista. Com certeza, não achou que eu a deixaria sozinha, com tantos problemas, Marilla, depois de tudo o que fez por mim, achou? Tenho refletido muito e feito planos. Vou lhe contar o que pensei. O senhor Barry quer alugar a fazenda para o próximo ano. Então, a senhora não precisa se preocupar com o trabalho. E eu vou lecionar. Já me inscrevi para a escola daqui, mesmo sem ter esperança de conseguir a vaga, porque ouvi dizer que ela foi prometida a Gilbert Blythe. Mas posso trabalhar na escola de Carmody. O senhor Blair me disse isso ontem à noite na loja. É claro que não vai ser tão agradável, ou conveniente, como se eu lecionasse na escola de Avonlea, mas isso não é um problema. Posso morar aqui e ir até Carmody e voltar, todo dia, pelo menos durante o clima quente. No inverno, fico lá e volto para casa toda sexta-feira. Vamos manter um cavalo só para isso, está bem? Oh, já tenho tudo planejado, Marilla! Vou ler para a senhora e mantê-la animada. Não vai ficar triste nem solitária. E vamos ficar confortáveis e felizes aqui... juntas... a senhora e eu.

Marilla escutou tudo como se estivesse vivendo um sonho.

– Oh, Anne, eu poderia ficar tranquila se você estivesse aqui, eu sei. Mas não posso deixar você se sacrificar tanto por mim. Seria terrível.

– Bobagem! – Anne riu, alegremente. – Não é sacrifício nenhum. Nada poderia ser pior do que desistir de Green Gables... nada poderia me machucar mais. Devemos manter a velha e querida propriedade. Estou totalmente decidida, Marilla. Eu não vou para Redmond; vou ficar aqui e lecionar. Não se preocupe comigo nem um pouco.

– E suas aspirações? E...

– Ainda sou tão ambiciosa quanto antes. Só mudei o alvo de minhas aspirações. Vou ser uma boa professora e vou salvar sua visão. Além disso, pretendo estudar aqui em casa e fazer um pequeno curso superior sozinha. Eu tenho dezenas de planos, Marilla. Estive pensando neles por uma semana inteira. Vou dar à vida aqui o meu melhor, e acredito que ela vai me dar, em troca, o melhor dela. Quando saí da Queen's, meu futuro parecia se estender diante de mim como uma estrada reta. Eu pensava que poderia enxergar muitos marcos históricos ao longo dela. Só que, agora, existe uma curva nessa estrada. Não sei o que está por vir, mas vou acreditar que seja o que há de melhor. Essa curva tem um fascínio próprio, Marilla. E eu me pergunto como vai ser a estrada depois dela... o que existe por lá, em tons verdes gloriosos, luz e sombras suaves... que novas paisagens... que novas belezas... que outras curvas, colinas e vales estão mais adiante...

– Não devo permitir que você desista da bolsa de estudos – Marilla argumentou.

– Porém, não pode me proibir. Tenho 16 anos e meio, e sou teimosa como uma mula, como a senhora Lynde me disse uma vez – Anne riu. – Oh, Marilla, não tenha pena de mim. Não gosto que sintam pena de mim, e, também, não há necessidade disso. Estou muito, muito contente de ficar na nossa querida Green Gables. Ninguém poderia amar esse lugar como nós duas. Portanto, devemos, e vamos, permanecer aqui.

– Oh, criança abençoada! – disse Marilla, sem mais argumentos. – Estou me sentindo como se você tivesse me dado uma nova vida. Sei que eu deveria ser firme e te obrigar a ir para a faculdade... mas sei também que não vou conseguir e, por isso, nem vou tentar. Porém, posso afirmar que você vai ser recompensada por se sacrificar assim, Anne.

Quando a notícia de que Anne Shirley tinha desistido da ideia de ir para Redmond – e de que ela pretendia ficar em Green Gables e lecionar – se espalhou por Avonlea, houve muita discussão a esse respeito. A maioria dos vizinhos e amigos, sem saber sobre os olhos de Marilla, achou que Anne estava fazendo uma grande tolice. No entanto, com a senhora Allan

foi diferente; ela disse a Anne palavras de aprovação tão comoventes que trouxeram lágrimas de contentamento aos olhos da moça.

E a bondosa senhora Lynde também não reagiu de forma diferente. Rachel veio a Green Gables, certo fim de tarde, e encontrou Anne e Marilla sentadas na varanda da frente da casa, durante um crepúsculo quente e perfumado de verão. Elas gostavam de se sentar lá enquanto o sol se punha, as mariposas brancas voavam pelo jardim, e o cheiro de menta tomava conta do ar úmido.

A senhora Rachel acomodou o corpo pesado no banco de pedra ao lado da porta – atrás do qual crescia uma bela fileira de flores cor-de-rosa e amarelas – com um longo suspiro, que expressou uma mistura de cansaço e alívio.

– Devo dizer que estou contente em me sentar. Fiquei de pé o dia inteiro, e noventa quilos é peso demais para dois pés levarem pra lá e pra cá. É uma grande bênção não ser gorda, Marilla; espero que reconheça isso todos os dias. Bem, Anne, ouvi dizer que você desistiu da ideia de ir para a faculdade. Fiquei realmente feliz em saber disso. Você tem tanta educação agora quanto uma mulher precisa para se sentir confortável. Não concordo com garotas indo para a faculdade, junto com os rapazes, e enchendo suas cabeças de latim, grego e todos esses absurdos.

– Mas eu vou estudar latim e grego sim, senhora Lynde – Anne falou, rindo. – Vou fazer meu curso aqui, em Green Gables, e estudar tudo o que aprenderia na faculdade.

A senhora Lynde ergueu as mãos para o céu, em um ato de horror.

– Anne Shirley, você vai se matar.

– De jeito nenhum; vou prosperar nisso. Oh, não vou exagerar, não se preocupe. Vou ter muito tempo livre para estudar nas longas noites de inverno, já que não tenho vocação para trabalhos de bordado, crochê, tricô... E vou lecionar em Carmody.

– Não sei não, Anne... acho que você vai dar aulas aqui em Avonlea mesmo. Os administradores de nossa escola decidiram lhe dar a vaga.

– Senhora Lynde! – Anne exclamou, muito surpresa, ficando de pé imediatamente. – Ora, pensei que ela tinha sido prometida a Gilbert Blythe!

– E tinha mesmo. Mas assim que Gilbert ouviu dizer que você havia se candidatado para essa vaga, ele foi até lá... os administradores tinham uma reunião de negócios na escola ontem à noite, sabe? Mas, como eu dizia, Gilbert foi até lá, retirou sua candidatura e sugeriu que dessem a vaga para você. Ele explicou que vai lecionar em White Sands. É lógico que Gilbert só desistiu por sua causa, porque sabe o quanto você quer ficar com Marilla; e devo dizer que acho que isso foi uma atitude realmente gentil e altruísta; essa é a verdade! Também sei que ele está fazendo um grande sacrifício, pois terá de pagar para se hospedar em White Sands, e todo mundo sabe que Gilbert precisa economizar para financiar seu curso na faculdade futuramente. Portanto, os administradores decidiram contratar você. Fiquei muito satisfeita quando Thomas me contou.

– Sinto que não devo aceitar – murmurou Anne. – Quer dizer... não acho que devo permitir que Gilbert faça um sacrifício tão grande por... por mim.

– Suponho que você não possa mais impedir que isso aconteça, Anne. Ele já assinou os documentos com o pessoal de White Sands. Então, você não faria nenhum bem a ele agora, se recusasse o emprego. Ora, é claro que você vai aceitar. E vai se sair muito bem, agora que não há nenhum Pye frequentando nossa escola. Josie era a última deles... é mesmo uma grande pestinha aquela lá! Essa é a verdade! Tem havido um Pye ou outro na escola de Avonlea, nos últimos vinte anos, e acho que a missão deles na vida sempre foi manter os professores lembrando que aqui não é sua casa. Misericórdia! Marilla, o que significa aquela luz piscando na janela da família Barry?

– Diana está sinalizando para eu ir até lá – Anne explicou, rindo. – Nós mantivemos o velho costume! Desculpem-me, vou lá ver o que ela quer.

Anne desceu o campo de trevos correndo e desapareceu entre as árvores do Bosque Assombrado. A senhora Lynde a observou ternamente.

– Em alguns aspectos, ainda há uma boa porção de criança nela.
– Porém, em outros, há muitas características de mulher – retrucou Marilla, em um retorno momentâneo de sua antiga rispidez.

Contudo, a rispidez não era mais a característica distintiva de Marilla. Como a senhora Lynde disse a seu marido Thomas naquela noite:

– Marilla Cuthbert ficou *dócil*. Essa é a verdade!

Na tarde seguinte, Anne foi ao pequeno cemitério de Avonlea, para colocar flores frescas no túmulo de Matthew e regar a roseira escocesa. Ficou por lá até o pôr do sol, apreciando a paz e a serenidade daquele lugar, onde os álamos farfalhavam como se sussurrassem amigavelmente e a relva crescia à vontade entre as sepulturas. Quando Anne finalmente foi embora e desceu a longa colina que levava ao Lago das Águas Brilhantes, já havia anoitecido, e todo o povoado de Avonlea se apresentava diante dela, como se fosse um sonho... um refúgio de paz. Havia um frescor doce e suave no ar, trazido pelo vento que soprava sobre os campos de trevos. As luzes das casas piscavam aqui e ali, entre as árvores. Mais adiante, estava o mar, enevoadado e prateado, com seu assombroso e incessante murmúrio. O oeste era uma glória de tons suaves e misturados, e o lago refletia todos eles em nuances ainda mais suaves. A beleza de tudo isso emocionou o coração de Anne, e ela abriu, com gratidão, os portões de sua alma.

– Querido e amado mundo – sussurrou –, você é muito adorável e estou feliz por viver em você.

Quando já estava no meio da encosta, descendo a colina, Anne viu um rapaz alto atravessar assoviando o portão da propriedade da família Blythe. Era Gilbert, e o assovio morreu em seus lábios assim que ele reconheceu Anne. Então, o rapaz levantou o boné educadamente e teria seguido seu caminho em silêncio, se ela não o tivesse interrompido e estendido a mão para ele.

– Gilbert – Anne falou, com as bochechas muito vermelhas –, quero te agradecer por ter aberto mão da escola, a meu favor. Foi muita bondade de sua parte... e preciso que saiba que estou muito grata.

Gilbert pegou ansiosamente a mão que lhe havia sido oferecida.

– Não foi exatamente apenas uma bondade minha, Anne. Na verdade, fiquei feliz em poder fazer uma pequena coisa boa por você. Vamos ser amigos depois disso? Você realmente perdoou meu antigo erro?

Anne riu e tentou, sem sucesso, soltar sua mão.

– Perdoei você naquele dia, no lago, embora eu não soubesse disso, Gilbert. Como eu era teimosa! Tenho me sentido... preciso confessar isto agora... tenho me sentido arrependida desde então.

– Vamos ser melhores amigos a partir de agora! – disse Gilbert, exultante. – Nós dois nascemos para ser bons amigos, Anne. Você já desafiou o destino por tempo demais. Sei que podemos nos ajudar de muitas maneiras. Você vai continuar seus estudos, não vai? Eu também. Venha, vou acompanhar você até sua casa.



Venha, vou acompanhar você até sua casa.

– Marilla olhou com curiosidade para Anne quando a moça entrou em casa.

– Quem percorreu a alameda com você, Anne?

– Gilbert Blythe – a moça respondeu, constrangida por sentir que estava ruborizada. – Nos encontramos na colina, quando eu voltava da casa de Diana.

– Eu não sabia que você e Gilbert Blythe eram tão bons amigos assim, a ponto de ficar por meia hora conversando no portão – Marilla comentou, com um sorriso irônico.

– Não éramos... na verdade, Marilla, éramos bons inimigos. Porém, decidimos que é muito mais sensato sermos bons amigos a partir de agora. Ficamos mesmo meia hora no portão? Parece que foram apenas alguns minutos. Bem, como a senhora sabe, temos cinco anos de conversas perdidas para pôr em dia, Marilla.

Naquela noite, Anne ficou muito tempo sentada perto da janela do sótão do leste, acompanhada por um enorme contentamento. O vento soprava suavemente nos ramos da cerejeira, e o aroma de menta subia até ela. As estrelas brilhavam sobre os abetos pontiagudos, e a luz do quarto de Diana ultrapassava as frestas entre eles.

Os horizontes de Anne haviam se fechado desde aquela noite em que ela tinha se sentado ali, após retornar do curso na Queen's Academy, mas, se o caminho que se estendia agora diante de seus pés se revelava estreito, ela sabia que flores de felicidade silenciosa desabrochariam ao longo dele. As alegrias do trabalho gratificante, da aspiração digna e da amizade verdadeira seriam dela. E nada, nem ninguém, poderia lhe roubar seu direito à fantasia, nem seu mundo ideal de sonhos.

E sempre haveria uma curva na estrada.

– Deus está no céu, e tudo está bem no mundo – Anne sussurrou suavemente.



-
- * Abetos são [*árvores coníferas*](#), da família das [*Pináceas*](#), muito usadas como [*árvores de Natal*](#). (N.T.)
- ** Versos de “A visão de *Sir Launfal*”, do poeta norte-americano James Russell Lowell (1819-1891). (N.T.)
- *** Bordo (ou *Maple tree*, em inglês) é o nome comumente dado a um gênero botânico pertencente à [*família Aceraceae*](#). Pode ser um arbusto ou uma árvore, e de sua seiva doce se fabricam o açúcar e o popular xarope de bordo. A [*bandeira do Canadá*](#) apresenta uma folha vermelha estilizada de bordo, que é um importante [*símbolo nacional desse país*](#). (N.T.)
- **** Anne se refere a poemas e livros que faziam parte do currículo escolar na época. (N.T.)
- ***** “The Dog at His Master’s Grave”, da autora norte-americana Lydia Howard Huntley Sigourney (1791-1865). (N.T.)
- ***** Marilla faz referência a um versículo do Novo Testamento – “E Jesus lhe disse: ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus” –, situado em Lucas 9:62. (N.T.)
- ***** Antigamente, quando as lousas eram feitas de pedra (ardósia preta ou cinza-escuro), os alunos levavam para a escola um pequeno quadro de ardósia e giz para escrever. Só a partir de 1920, com o crescimento da produção de papel, foi que os cadernos começaram a substituir as lousas individuais. (N.E.)
- ***** Em comunidades onde o número de alunos era pequeno e havia pouca disponibilidade de professores, reuniam-se, numa mesma turma, alunos de diferentes faixas etárias e níveis de desenvolvimento e aprendizagem. (N.E.)
- ***** Anne está citando o versículo 18 do Salmo 105 do Antigo Testamento: “Cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros”. (N.T.)
- ***** Antigamente, meninas se sentavam de um lado da sala e meninos, do outro. Menina sentar com menino, ou vice-versa, era considerado um castigo e enchia de vergonha e humilhação quem passava por isso. (N.E.)
- ***** Pansy é o pseudônimo da autora norte-americana Isabella Macdonald Alden (1841-1930), que escreveu cerca de 120 livros de sucesso para crianças, sobretudo para meninas. (N.T.)
- ***** Anne se refere ao seguinte provérbio: “Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.” ([*Romanos 12:20, 21*](#)). (N.E.)
- ***** Forma abreviada de ipecacuanha, uma raiz com propriedades expectorantes e purgativas. (N.T.)
- ***** Penteadado no estilo *Pompadour*: assim chamado em homenagem a Madame de Pompadour (1721-1764), amante do rei [*Luís XV de França*](#). (N.E.)
- ***** “Bingen on the Rhine”, poema da autora inglesa Caroline Sheridan Norton (1808-1877). (N.T.)
- ***** “My home on the Hill”, canção com música e letra de W. C. Baker, composta em 1866. (N.T.)
- ***** “Mary, Queen of Scots”, poema do escocês Henry Glassford Bell (1803-1874). (N.T.)
- ***** Tradução livre de parte do romance histórico em versos *Marmion: um conto de Flodden Field*, do autor escocês Sir Walter Scott (1771-1832). (N.T.)

***** Biga é um pequeno veículo de combate puxado por dois cavalos; as *corridas* de bigas eram muito populares durante o Império Romano, *contexto em que se passa a história de Ben-Hur: uma história dos tempos de Cristo*, do norte-americano Lew Wallace (1827-1905), publicada em 1880. (N.T.)

***** Da obra *Um ensaio sobre o criticismo*, de Alexander Pope (1688-1744), um dos maiores poetas britânicos do século XVIII. (N.T.)

***** Verso extraído do livro *Aurora Leigh*, da poetisa inglesa Elizabeth Barret Browning (1806-1861). (N.T.)

Anna Göbel & Ronaldo Fraga
apresentam

UMA FESTA de CORES

Memórias de um
tecido brasileiro

autêntica



Uma festa de cores

Göbel, Anna

9788551306321

48 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Estampas falam, cores suspiram... mas só a chita canta e dança." Por meio de imagens que exploram cores e formas, padrões e texturas da chita, com figuras e cenários de festas populares, como o maracatu, as festas juninas, as danças e os folguedos, este livro apresenta e resgata, para leitores de todas as idades, a história de um tecido "democrático", com força e personalidade suficientes para sobreviver à globalização.

[Compre agora e leia](#)

25 contos de
**Machado
de Assis**



•
VERSÕES
INTEGRAIS
DES
ADAPTAÇÃO
•

Seleção e organização de
Nádia Battella Gotlib

autêntica

25 contos de Machado de Assis

de Assis, Machado

9788551304600

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicadas a partir de 1870, as histórias de Machado de Assis continuam atuais. Se os detalhes são construídos tendo por modelo a cidade e os habitantes do Rio de Janeiro do século dezenove, ou pequenos povoados da província, os comportamentos, posturas, conflitos, emoções, paixões, egoísmos e outros vícios são os nossos de cada dia: os da nossa sociedade, que ainda carrega a carga do patriarcado, do machismo, do escravismo disfarçado e da desigualdade entre gêneros. Com seleção e organização da professora Nádia Batella Gotlib, os 25 contos que compõem este livro – uns mais conhecidos, como A igreja do diabo, A cartomante, Missa do galo, Confissões de uma viúva moça, outros nem tanto, caso de A causa secreta, Curta história, O caso da vara – foram extraídos de diferentes obras e oferecem ao leitor uma importante e prazerosa experiência de descoberta ou de redescoberta do talento desse escritor, considerado um dos maiores da literatura brasileira de todos os tempos.

[Compre agora e leia](#)

Kim



TEXTO
INTEGRAL
EM
ADAPTAÇÃO

RUDYARD KIPLING

ILUSTRAÇÃO: J. LOCKWOOD KIPLING

Tradução: Maria Valéria Rezende

autêntica

Kim

Kipling, Joseph Rudyard

9788551304648

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Kim é um órfão irlandês, o "amigo de todo mundo", que vive ao deus-dará pela cidade de Lahore, na Índia dominada pelos ingleses, até que se torna o discípulo de um lama, um sábio tibetano engajado numa busca mística. Ao mesmo tempo, aproveitando seu grande talento para o disfarce e a facilidade que tem de dominar vários dialetos, torna-se agente do coronel Creighton, o sagaz chefe do Serviço Secreto que investiga os detalhes de uma conspiração na qual espiões russos estão envolvidos. Kim se entrega de corpo e alma ao que, ao longo da narrativa, é chamado de Grande Jogo. Publicado pela primeira vez em 1901, este livro vem encantando e seduzindo várias gerações de jovens e adolescentes em todo o mundo, com as aventuras e a absoluta disponibilidade de Kim, o menino que podia se mover livremente por todo o território indiano, disfarçar-se, viver ao ar livre, sem entraves, quase sem regras.

[Compre agora e leia](#)

Cuore

•
VERSÃO
EDITADA
SEM
ADAPTAÇÃO
•



EDMONDO DE AMICIS

ILUSTRAÇÃO: DANIEL HAZAN

TRADUÇÃO: MARIA VALÉRIA REZENDE

autêntica

Cuore

de Amicis, Edmondo

9788551304655

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que encantou gerações e gerações no mundo inteiro. Este clássico da literatura italiana, publicado pela primeira vez em 1886, proporciona uma viagem no tempo para conhecer um pouco da vida do povo e, especialmente, das crianças da Itália no século XIX. O livro é uma espécie de diário de um estudante, escrito ao longo de um ano letivo em uma escola primária, que permite mergulhar na cultura desse país e conhecer hábitos, valores e comportamentos das pessoas no século XIX. Uma leitura extremamente enriquecedora e comovente, que provocará no leitor reflexões sobre as semelhanças e diferenças nas relações e nos valores humanos, o que melhorou, o que ficou pior, o que deveria ser feito para alcançar "o melhor dos dois mundos"... Enfim, uma leitura que, feita de coração aberto e sem perder de vista a época em que foi escrita, certamente vai emocionar.

[Compre agora e leia](#)

O DIÁRIO DE
Gian Burrasca



VAMBA
(LUIGI BERTELLI)
TEXTO E ILUSTRAÇÃO

VERSÃO
INTÉGRA
COM
ADAPTAÇÃO

TRADUÇÃO: Reginaldo Francisco

autêntica

O diário de Gian Burrasca

Vamba

9788551304624

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Hilariante, encantador: um clássico da literatura italiana para todas as idades. Ilustrado pelo próprio autor e publicado como folhetim entre 1907 e 1908 e, posteriormente, como livro, este diário é uma sátira divertida e aguda das convenções, dos acordos na política e na religião, dos preconceitos de uma sociedade pequeno-burguesa e carola e, principalmente, de uma educação familiar e escolar equivocada. É também o protesto e a revolta de um menino de nove anos contra o mundo conformista e sufocante da "gente grande". Com suas artes e estripulias, Gian Burrasca nos mostra uma visão original do mundo e representa a independência e a originalidade de pensamento e opinião.

[Compre agora e leia](#)